

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**Trapistas no Brasil**

SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Trapistas no Brasil**

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Nanci Leonzo

São Paulo  
2014

SILVA, José Pereira da. **Trapistas no Brasil.** 2014. 223 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2014. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História Social.

**Apresentada em:** \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho:

Aos meus pais, **Percília e Aristides (in memoriam)**, e à minha irmã, **Denísia**, por terem me ensinado, em família, as maiores lições da vida.

Aos **monges Trapistas** da Abadia Nossa Senhora do Novo Mundo, por sempre buscarem o definitivo por detrás das coisas provisórias: Quaerere Deum. E pela vida de constante procura do rosto de Deus, na oração, no trabalho e na fraternidade. Vida com Deus, vida para Deus, é viver em Deus.

À Irmã **Maria Luiza do Sagrado Coração de Jesus**, carmelita, pela amizade e comunhão na oração.

Ao Prof. **Dr. Cezar Augusto C. Benevides**, pela amizade, partilha de ideias e estímulo na execução da tese.

À Profa. **Dra. Nanci Leonzo**, pelo acolhimento e orientação da tese.

## **AGRADECIMENTOS**

À comunidade do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, sempre acolhedora e fraterna, pelo interesse e colaboração na pesquisa. Aqueles que mais diretamente se relacionaram com o trabalho: Dom Bernardo Bonowitz, Pe. Francisco Dietzler, Pe. Félix Donahue, Ir. Gabriel Augusto Vecchi. Aos Padres Estêvão Leahy e Emmanuel Maria Retumba (*in memoriam*) pelo incentivo e colaboração na fase inicial da pesquisa.

Às Abadias Trapistas de Notre-Dame de Sept-Fons, Notre Dame de Orval e Curia Generalizia Cistercensi S.O.

À professora Nanci Leonzo, pela acolhida confiante e orientação.

Ao Professor César Benevides, sempre disponível, pelas importantes sugestões.

À professora Dra. Lívia Vierno, pela disponibilidade, atenção e ajuda com as fotos e os mapas.

À professora Ma. Esmeralda de Fatima Santos Silva, pela dedicação e disponibilidade na revisão gramatical e na diagramação da tese.

À professora Olga Rodrigues Nunes de Souza, que viu nascer este trabalho, pelo interesse e incentivo.

Ao Sr. Laurindo de Paula (*in memoriam*), depositário da história de Tremembé.

À professora Ma. Kátia Maria Florêncio da Costa, pela prestativa ajuda na fase das versões da tese no trabalho de diagramação.

Ao Edson Aparecido Moreira, da copiadora Campello, pela disponibilidade em ajudar.

À Marisabel pela ajuda numa etapa da diagramação da tese.

Aos amigos Carmen Vidal, Luciana Vidal e João Carlos Vidal, pela amizade e incentivo.

## **O Coro dos Monges**

**Quem são esses que habitam na montanha,  
Louvando sete vezes o Deus Trino,  
Cigarros ou formigas ou colméias,  
Nutrindo de orações o próprio céu?**

**Quem são esses de pé antes do dia,  
Que à própria eternidade se antecipam,  
A viverem na terra como os anjos,  
Que não tiram de Deus os seus olhares?**

**Deixaram pai e mãe, mulher e filhos,  
Os campos a lavrar, messes de sonhos,  
E à voz de Deus inclinam seus ouvidos.**

**Irradiam a paz dos que não lutam  
Pelas posses e glórias deste mundo,  
Pois, escolhendo a Deus, possuem tudo.**

(BARBOSA, Dom Marcos. O coro dos Monges. In: SANTOS, Diva Ruas. **Antologia da Poesia Mineira**. Belo Horizonte: Cuatiara, 1992, p.140).

**A nossa ordem é mortificação, é humildade, é pobreza voluntária, é obediência, é paz, é alegria no Espírito Santo. A nossa Ordem significa estar sob um mestre, sob um abade, sob uma regra, sob uma disciplina.**

**A nossa ordem consiste no exercício do silêncio, na prática do jejum, na vigília, na oração, no trabalho manual e, sobretudo, no seguir o caminho justo que é aquele da caridade; e depois em todas estas coisas progredir dia a dia, e perseverar nele até o último dia.**

(São Bernardo de Claraval, Carta 142).

## RESUMO

SILVA, José Pereira da. **Trapistas no Brasil.** Tese de doutorado em História Social. 2014. 223 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

Os Trapistas no Brasil é o objeto do nosso trabalho. A primeira experiência trapista no Brasil ocorreu no início do século XX no Vale do Paraíba Paulista. Monges Trapistas franceses deram início ao Mosteiro Nossa Senhora de Maristela, na cidade de Tremembé, estado de São Paulo. Passou a ser também a primeira Trapa da América do Sul. Com esse mosteiro, houve o início da vida e da tradição monástica cisterciense no Brasil. No Vale do Paraíba, revolucionaram a agricultura com modernas técnicas agrícolas, principalmente na rizicultura, e prestaram também relevantes serviços no campo socioeclesiastico. Posteriormente, com o regresso destes para Europa, houve, em 1977, a fundação do Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Mundo, no estado do Paraná. A relação entre o primeiro Mosteiro Trapista no Brasil, fundado no início do século XX, e o segundo Mosteiro, Nossa Senhora do Novo Mundo, iniciado em 1977, mostra que o passado e presente caminham nessa relação: a ponte entre história e memória. O passado e a sua relação com ele são elementos centrais da identidade da Ordem Cisterciense da Estricta Observância.

Palavras-chave: Trapista, Cisterciense, Monge, Vale do Paraíba, Mosteiro.

## **Trappist in Brazil**

### **ABSTRACT**

The Trappists in Brazil is the aim o four assignment. The first Trappist experience in Brazil happened in the beginning of the XX century in the region of Paraíba Valley. French Trappist monks started the Monastery of Our Lady Maristela, in Tremembé city state of São Paulo. It also became the first Trapa of South America. With this monastery, we had the beginning of Cistercian monastic life and tradition in Brazil. In the region of Paraíba Valley, modern agricultural techniques were revolutionized, especially in rice growing; they also provided relevant relevant services in the church social field . Later, with the return of these to Europe in 1977, we had the foundation of the Trappist Monastery of Our Lady of the New World, in the state of Paraná. The relationship between the first Trappist Monastery in Brazil, founded in the early twentieth century, and the second Trappist Monastery of Our Lady of the New World, which started in 1977, shows that the past and present walk together, the bridge between history and memory. The past and its relationship with it are core elements to the identity of the Cistercian Order of Strict Observance.

Key–words: Trappist, Cistercian, Monk, Paraíba Valley, Monastery

## **Les Trappists au Brésil**

### **Résumé**

L'objet de ce travail: les trappistes au Brésil. La première expérience trappiste au Brésil a commencé au début du XX<sup>e</sup> siècle dans La Vallée du Paraíba Pauliste. Des moines trappistes français fondent Le monastère Notre Dame de Maris Stella, dans la ville de Tremembe, dans l'Etat de São Paulo. Ce monastère est la première Trappa en Amérique du Sud. C'est avec ce monastère que début la vie et la tradition monastique cistercienne au Brésil. Dans cette Vallée du paraíba, les moines révolutionnent l'agriculture avec des techniques modernes, notamment pour la riziculture. Ils se sont investis aussi dans activités sociales ecclésiales. Plus tard regretté, les moines sont retournés en Europe. En 1977, le monastère trappiste Notre Dame du Nouveau Monde, est fondé dans l'état du Paraná. La relation entre le premier monastère trappiste du Brésil, fondé au début du XX<sup>e</sup> siècle, et le second Notre Dame du Nouveau Monde, en 1977, montre que le passé et le présent sont liés dans cette histoire, le point entre l'histoire et la mémoire. Le passé et l'actualité, est l'élément central de l'identité de l'Ordre Cistercien de Stricte Observance.

Parole clé: Trapiste, Cistercien, Moine, Val du Paraíba, Monastère.

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1. Nossa Senhora Mãe da Trapa. <i>Ícone: Cláudio Pastro</i> .....  | 14  |
| Figura 2. Trapistas Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. <i>Foto: José Pereira da Silva</i> .....  | 15  |
| Figura 3. Visita dos Trapistas ao antigo Mosteiro Nossa Senhora de Maristela no centenário da chegada dos trapistas no Brasil, em 23 de novembro de 2004. <i>Foto: José Pereira da Silva</i> .....    | 16  |
| Figura 4. Altar da Igreja do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. <i>Foto: José Pereira da Silva</i> ... 32  |     |
| Figura 5. Monges fundadores do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. <i>Foto: Arquivo Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo</i> .....  | 38  |
| Figura 6. Grupo das fundadoras do Mosteiro Nossa Senhora de Boa Vista. <i>Foto: Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo</i> .....  | 56  |
| Figura 7. Primeiros superiores do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. <i>Fonte: José Pereira da Silva</i> .....   | 61  |
| Figura 8. Trapistas do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo rezando .....   | 62  |
| Figura 9. Trapistas do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo trabalhando no campo .....  | 62  |
| Figura 10. Fundadores da Ordem Cisterciense: São Roberto, São Alberico e São Estevão. <i>Fonte: <a href="http://www.cistercian.org.au">http://www.cistercian.org.au</a></i> .....                     | 78  |
| Figura 11. Rancé: Fundador dos Trapistas. <i>Fonte: <a href="http://www.cistercian.org.au">http://www.cistercian.org.au</a></i> .....   | 96  |
| Figura 12. Mosteiro Trapista Nossa Senhora Maristela. <i>Fonte: Cartão Postal anos 1920/1930</i> .....  | 106 |
| Figura 13. Panorâmica do Mosteiro Maristela. <i>Fonte: Cartão Postal anos 1920/1930</i> .....   | 114 |
| Figura 14. Dom Jean Baptiste Chataurd. Responsável pela vinda dos Trapistas ao Brasil. <i>Fonte: Martelet, Bernard, D. Chautard, p. 108</i> .....   | 115 |
| Figura 15. Entrada original do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela. <i>Fonte: Arquivo da Ordem da Trapa</i> .....   | 124 |
| Figura 16. Trapista do Mosteiro de Nossa Senhora de Maristela com grupo de crianças da primeira comunhão. <i>Fonte: Arquivo da Ordem da Trapa</i> .....   | 131 |
| Figura 17. Padre Estevão, Monge Trapista Giguely e Padre Luiz Balmes entre paroquianos da cidade de Tremembé/SP. <i>Fonte: Arquivo José Pereira da Silva</i> .....                                    | 137 |
| Figura 18. Capela do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela. <i>Fonte: Arquivo José Periera da Silva</i> 144   |     |
| Figura 19. Reunião de despedida. <i>Fonte: Arquivo José Pereira da Silva</i> .....  | 162 |
| Figura 20. Cemitério do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo. Neste local jazem os restos mortais dos Monges do Mosteiro de Maristela e Monjas Trapistas. <i>Foto: José Pereira da Silva</i> ..... | 162 |
| Figura 21. Inscrição em azulejo no claustro do Mosteiro Maristela. <i>Foto: José Pereira da Silva</i> ....  | 171 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO : TRAPISTAS NO BRASIL .....  | 12  |
| 1. EM BUSCA DO PASSADO .....  | 14  |
| 1.1. Mosteiro sobre Rodas .....   | 15  |
| 1.2. Futuro Passado.....  | 32  |
| 1.3. Trapistas: Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo .....                          | 38  |
| 1.4. Trapistinas: a Fundação de Nossa Senhora de Boa Vista.....                     | 56  |
| 2. TRAPA – IDENTIDADE.....  | 61  |
| 2.1. Origens: Ora et Labora.....  | 62  |
| 2.2. Novidade de Cister: As origens .....   | 78  |
| 2.3. Ordem Cisterciense da Estrita Observância .....                                | 96  |
| 2.4. Expansão dos Trapistas na América Latina .....                                 | 106 |
| 3. SOLIDÃO E LIBERDADE NO VALE DO PARAÍBA.....                                      | 114 |
| 3.1. Antecedentes: Anticlericalismo na França e as perseguições aos Trapistas. .... | 115 |
| 3.2. Instalação do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela.....                         | 124 |
| 3.3. Expectativas da população local com relação à vinda dos Trapistas.....         | 131 |
| 3.4. Chegada dos Trapistas em Tremembé: Um Refúgio.....                             | 137 |
| 3.5. Mosteiro em construção: de fazenda para mosteiro .....                         | 144 |
| 4. TRAPISTAS DE MARISTELA – A SAÍDA DO BRASIL.....                                  | 162 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 173 |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA.....  | 175 |
| ANEXOS .....  | 211 |

## INTRODUÇÃO: TRAPISTAS NO BRASIL

Os monges Cistercienses da Estrita Observância – Trapistas – estabeleceram seu primeiro mosteiro no início do século XX, na cidade de Tremembé-SP. Posteriormente, com o regresso destes para a Europa, houve, em 1977, a fundação do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, no Estado do Paraná.

O percurso dos Trapistas no Brasil é o objeto do nosso trabalho. Não temos conhecimento de nenhum trabalho acadêmico e amplamente divulgado que tenha privilegiado a presença dos Trapistas neste país. Assim, esta pesquisa tentará preencher esta lacuna historiográfica. Existem muitos estudos sobre os monges beneditinos no Brasil, mas praticamente nenhum sobre os monges Cistercienses da Estrita Observância (Trapistas). Sobre eles, encontramos apenas algumas menções. Sendo assim, nosso estudo baseia-se, prioritariamente, em fontes documentais inéditas. Procuramos aliar o rigor metodológico, sem ignorar a dimensão propriamente espiritual do monasticismo Trapista.

Como se trata do primeiro mosteiro Trapista no Brasil e mesmo na América do Sul, seu estudo pode servir para a compreensão de como se deu a entrada do mosteiro e sua fixação neste país, e também para o entendimento sobre a tradição cisterciense. Houve, na história, um momento significativo com a introdução da vida monástica cisterciense, pois até o início do século XX conhecia-se apenas a tradição beneditina.

A fundação do mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo e a busca dos Trapistas atuais por seu passado no Mosteiro Nossa Senhora de Maristela, primeira fundação no Brasil e na América do Sul, é o que tratamos no primeiro capítulo. Abordamos também a recente fundação das monjas Trapistinas, isto é, o Mosteiro Nossa Senhora de Boa Vista. Tais monjas fundaram, no início do século XX, em Tremembé-SP, o Mosteiro Nossa Senhora do Sagrado coração.

No segundo capítulo, apresentamos as origens dos cistercienses, como reafirmação do monacato primitivo anterior a São Bento, seu desenvolvimento e

contribuições. Com a reforma dos cistercienses, originaram-se os Cistercienses da Estrita Observância (Trapistas). Demonstramos que os monges, desde sua fundação, têm consciência de terem uma tradição e identidade próprias. Uma identidade construída e reconstruída.

Explicar o contexto político que levou os Trapistas a saírem da Europa e a buscarem refúgio no Brasil é a intenção do terceiro capítulo. No quarto capítulo, examinamos as razões da saída dos Trapistas do Brasil, questão pouco esclarecida. O regresso dos Trapistas de Maristela para a Europa deixou marcos instigantes e desafiadores assumidos pelos monges do Mosteiro Nossa do Novo Mundo.

O passado dos Trapistas no Brasil e sua relação com a memória são elementos centrais da identidade da Ordem Cisterciense da Estrita Observância. A relação entre o primeiro mosteiro Trapista no Brasil, Maristela, fundado no início do século XX, e o segundo Mosteiro Trapista, Nossa Senhora do Novo Mundo, iniciado em 1977, mostra a ponte entre história e memória: passado e presente caminhando juntos nessa relação.

## 1. EM BUSCA DO PASSADO



Figura 1. Nossa Senhora Mãe da Trapa. Ícone: Cláudio Pastro

### 1.1. Mosteiro sobre Rodas



**Figura 2. Trapistas Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo.** Foto: José Pereira da Silva

Hoje, antes de retornar o caminho rumo ao mosteiro, queremos honrar o nosso pai – mosteiro de Maristella – primeiro mosteiro Trapista em terras brasileiras. Nós nos sentimos honrados por poder participar nas celebrações do centenário da fundação desta comunidade [...] Temos uma boa noção dos labores e sacrifícios e contribuições destes Trapistas pioneiros que vieram da França para São Paulo [...] Então, estamos aqui para acrescentar nossa homenagem e gratidão às de tantas outras pessoas este ano, à coragem e generosidade destes fundadores, cujos restos mortais temos conosco, pela graça de Deus, em nosso cemitério<sup>1</sup>.

O ponto de partida do Abade Dom Bernardo é a essência de nosso estudo, pois o passado e a sua relação com ele são elementos centrais da identidade da Ordem Trapista.

Em 23 de novembro de 2004, o Abade introduziu em sua homilia, durante uma missa na Basílica do Bom Jesus, Tremembé-SP, o significado da comemoração do centenário da fundação do Mosteiro N.Sra de Maristela, em Tremembé-SP: erigido em 1904, poucos anos antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando

---

<sup>1</sup> BONOWITZ, Dom Bernardo. **Na presença de seu povo reunido.** Juiz de Fora-MG: Edições Subiaco, 2006, p. 116.

o mundo estava em movimento, e com Europa e Américas se aproximando e se distanciando ao mesmo tempo.



**Figura 3. Visita dos Trapistas ao antigo Mosteiro Nossa Senhora de Maristela no centenário da chegada dos trapistas no Brasil, em 23 de novembro de 2004. Foto: José Pereira da Silva**

Os Trapistas de Tremembé lançaram as bases para um projeto de longa duração em solo brasileiro e a lembrança dos primeiros Trapistas permaneceu na memória da comunidade de Campo do Tenente. A memória dos monges Trapistas do Vale do Paraíba permanece viva entre seus irmãos de Campo do Tenente.

A transferência dos restos mortais dos falecidos em Tremembé, em meados do século XX, para Campo do Tenente constitui um ato memorável de enorme grandeza e significado. Sem compreender essa questão é difícil ter em conta as negociações internas e externas necessárias para colocarem o mosteiro inteiro sobre rodas.

Esta memória não teria maior influência se os restos mortais dos pioneiros não tivessem sido transferidos para o mosteiro de Campo do Tenente. Todos os padres e irmãos da comunidade Trapista têm hoje uma consciência desta memória.

Pierre Nora fala dos lugares de memória como meios de acesso a uma memória: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”<sup>2</sup>.

Ao emigrarem da França para o Brasil, os Trapistas trouxeram para o Vale do Paraíba um patrimônio valioso de tradições espirituais e também de desenvolvimento econômico<sup>3</sup>.

Segundo Pierre Nora, a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações<sup>4</sup>.

Dom Bernardo cria o elo da experiência nova de Novo Mundo com aquela do Mosteiro de Maristela. A memória não se referia apenas ao passado e ao presente, mas também ao futuro. Ela é sempre a memória de alguém (ou de um grupo) que faz projetos e visa ao devir<sup>5</sup>, uma viagem de redescobrimento das raízes dos Trapistas no Brasil e de diálogo com o presente, um momento de repensar as próprias raízes.

Essa peregrinação dos monges de Novo Mundo constituiu-se na busca de suas raízes históricas. Peregrinaram para renovar a memória e a fé. Onde existe o humano, pode-se dizer que a Memória estabelece-se, gerando os seus lugares. Jacques Le Goff, a partir de uma passagem de Pierre Nora, em seu verbete “Memória” nos diz:

---

<sup>2</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, n. 10,1993, p. 9. Cf. IDEM, O acontecimento e o historiador do presente. In: **A Nova História**. Lisboa: Edições 70. (Coleção Lugar de História).

<sup>3</sup> Sobre o patrimônio cisterciense conferir principalmente a parte II do livro: **Nada antepor ao amor de Cristo**: apresentação atual dos valores da tradição monástica Beneditina e Cistercienses/Diretório dos Monges e Monjas da Congregação Brasileira da Ordem Cisterciense. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003. 1 v.

<sup>4</sup> NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: La problematique des lieux”. In: GERON, Charles-Robert. (Org.). **Le lieux de mémoire**. Paris: Gallimard,1984. p.19. 2 v.

<sup>5</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001. (Coleção Opúsculo).

[...] há os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações<sup>6</sup>.

A comemoração do centenário constituiu num lugar da memória<sup>7</sup> “simbólica”, um momento em que se atualiza o grande evento de importância para a formação e preservação da identidade dos monges cistercienses-Trapistas no Brasil. É digno de nota que a lembrança se encontra reconfigurada nas peregrinações, que são manifestações da memória.

Por causa de tão importante significado, o Abade colocou o mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, Campo do Tenente-PR, em movimento 100 anos depois. Pela primeira vez, um mosteiro é colocado sobre rodas para percorrer milhares de quilômetros. A ligação entre o “antigo” e o “novo” é dialética e profunda. Segundo Dom Bernardo Bonowitz:

Essa peregrinação tenha sido única na história da Ordem, já que se tratou de uma peregrinação de toda uma comunidade, que vive sob uma regra rígida que inclui orações, meditações e trabalhos<sup>8</sup>.

Duas inscrições deixadas nas paredes do mosteiro de Tremembé, pelo Ir. Leonardo van Lier, na hora da partida, provavelmente em 1929, ano da crise da Bolsa de Nova York, mostra-nos que os monges Trapistas franceses não queriam que sua memória fosse apagada: “*Toujours jê me souviendrai de vous, chère N. D. de Maristella*”. “*Adieu, Maristella, j'espere de vous revoir um jour [...]*”<sup>9</sup>.

O monge documentou na parede e colocou em evidência a preocupação da comunidade que partia com a memória. E, assim, atingimos o marco cronológico da partida, fato este que liga o surgimento do primeiro mosteiro com os monges

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. **Memória in Memória e História**. Campinas-SP: Unicamp, 1990, p. 473. Cf. HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

<sup>7</sup> CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Tradução Maria Manuela Rocha; revisão técnica José Manuel Sobral. Oeiras: Celta, 1993. Cf. FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Tradução de Telam Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

<sup>8</sup> E-mail de Dom Bernardo Bonowitz a José Pereira da Silva, 17/08/ 2013.

<sup>9</sup> As inscrições foram feitas em azulejo fixados nas colunas das arcadas do claustro do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela. O mosteiro hoje foi transformado em pousada com o nome de Maristela, que conservou as inscrições. Lemos: “Eu sempre vou me lembrar de você, querida Maristela”.

Trapistas que estão hoje no sul do Brasil. A partir da chegada dos novos monges Trapistas no Brasil, iniciou-se outro calendário da Ordem Trapista no novo mundo.

Porém, antes de se dirigirem à Tremembé, peregrinaram ao santuário de Nossa Senhora Aparecida e se consagraram à Mãe da Trapa, a Virgem Maria. Nas novas Constituições da Ordem Cisterciense da Estrita Observância (1990), na CST 3, 4 falando do “espírito da Ordem”, diz-se:

Todas as igrejas da Ordem e todos os monges estão consagrados à Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Cristo e Figura da Igreja na fé, na caridade e na perfeita união com Cristo<sup>10</sup>.

Na igreja do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, está o ícone de Nossa Senhora da Trapa (“A Mãe da Trapa”), pintada por Cláudio Pastro. Uma virgem Maria morena; vestida de túnica branca, brincos e colar; mãos em louvação; e, à sua frente, o menino Jesus, segurando na mão direita um ramo e na mão esquerda um pergaminho. É a Virgem Maria Orante, a mãe com o menino Jesus na altura do ventre. Maria contém em seu ventre Aquele que o céu não pode conter. Na mão direita o menino Jesus segura um ramo (árvore da vida) e na mão esquerda segura um pergaminho (significando a Palavra de Deus) ELE é a Palavra. Maria, no ícone, tem os olhos grandes, sinal de escuta e atenção, e a boca pequena, caracterizando o silêncio.

O ícone, que mede aproximadamente dois metros e meio por um, foi posicionado sob uma perspectiva que permite a impressão de que o olhar sereno de Nossa Senhora do Novo Mundo está contemplando todos. Entronizada na capela do mosteiro Trapista, ela se tornou rainha.

Desde os tempos dos fundadores da Ordem Cisterciense, a Mãe de Deus está presente nos mosteiros da Ordem. A imagem da Mãe de Deus ocupa uma posição de destaque desde o início da organização da Ordem<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> **Constituciones y Estatutos.** Orden Cisterciense de La Estrecha Observancia: Edición Conferencia Española, 1991, p. 27.

<sup>11</sup> Os Capítulos Gerais da Ordem de 1134, 1281, 1286, 1298, 1318, 1487, 1488. Muitos Padres Cistercienses trataram da Virgem Maria, entre eles: Santo Amadeu de Lausane, em suas Oito Homilias Marianas; São Bernardo de Claraval, em seus Sermões Marianos (Louvores à Virgem Maria ou Super Missus; sermões para as festas de Nossa Senhora; discursos para a Festa da Anunciação); Santo Elredo; Beato Oglério; Beato Guerrico de Igny entre outros. Cf. também: CLARAVAL, São

Toda mensagem e toda atração do ícone estão marcados pelo sentimento de amor ao filho e ao próximo, pois ela é a mãe da Igreja peregrina. Em Novo Mundo, como em outros mosteiros, a representação de Nossa Senhora é um elemento central da esperança de salvação. Assim, a identidade Trapista se orienta pelo culto de Nossa Senhora. O interesse em destacá-la se expressa no próprio ethos da Ordem.

O mosteiro de Novo Mundo localiza-se nas proximidades de uma comunidade rural simples e seus frequentadores não anseiam por grandes edificações, mas pelo anúncio do evangelho vivo.

O grande significado é que o artista optou pela construção de um ícone<sup>12</sup> no qual a Mãe de Deus assemelha-se a uma camponesa queimada pelo sol. Sendo assim, o ícone ilustra por si mesmo a beleza singular da mãe da Igreja que acolhe as pessoas em seu interior. Desse modo, há uma relação explícita entre a simplicidade da representação da Mãe da Igreja e o reino anunciado pelo seu Filho. Por outro lado, o significado das mensagens do Abade Dom Bernardo manifesta-se, em primeiro lugar, pela afirmação da tradição identitária da Ordem a qual pertence. Embora seus textos, na forma literária atual, mostrem-se originais, eles contêm as mais puras tradições desde os fundadores<sup>13</sup>.

Dom Bernardo introduziu elementos novos ao processo de formação da identidade Trapista no Brasil, aproximando-se das pessoas. Ao mesmo tempo, ele não perdeu o foco ao colocar toda a comunidade em movimento no sentido de uma evangelização profunda e permanente.

É claro que o abade tinha muita estima pelos predecessores e atribuiu a eles lugares singulares na comunidade. Contudo, a sua atuação é um ponto de virada na

Bernardo. **Sermões para as festas de Nossa Senhora.** Introdução, tradução e notas: Frei Ary E. Pintarelli, ofm. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. De forma breve faz uma síntese sobre os sermões e discursos de São Bernardo de Claraval sobre a Virgem Maria e alguns de seus sermões. Dos Sermões de São Bernardo de Claraval cf. Obras Completas de San Bernardo, IV v. Sermones Litúrgicos(2), Edicion Bilingue, Promovida por La Conferencia Regional Española de Abades Cistercienses, Madrid,1986. Biblioteca de Autores Cristianos.

<sup>12</sup> LAURENCEAU, J. Ícones e imagens de Maria. In: CAZELLES, H. et.alii. **Dicionário Mariano**, Tradução: Dr. António Vieira. Porto: Editorial Perpétuo Socorro; Aparecida-SP: Santuário, 1988, p. 81-82.

<sup>13</sup> LAS BÁRCENAS, Alberto Gomez de. **Devoción mariana de La Orden Cisterciense**. Cistercium, XVI. 1964, p. 53-61.

história dos monges Trapistas no Brasil. Buscando verdadeiramente a Deus<sup>14</sup>, último livro de Dom Bernardo, é esteio e ao mesmo tempo a linha do horizonte da identidade Trapista. Primeiramente, chama a atenção o primoroso prefácio escrito pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, da Ordem Cisterciense da Comum Observância<sup>15</sup>.

Verificamos que o ideal Trapista não tem fronteiras nem limites, pois ele coloca Jesus ressuscitado no centro de sua vida comunitária, ao lado de sua mãe. O propósito da narrativa é levar o leitor para dentro do mosteiro Trapista onde será acolhido com generosidade e alegria natural de uma Trapa. É isso que o Abade faz e a sua comunidade também.

Em outras palavras, aproxima o leitor das verdades eternas e o convida para uma meditação permanente. Para o Abade, Jesus não é absolutamente um deus abstrato, mas manifesta-se como força concreta que movimenta o mundo real. Jesus ressuscitado é o ponteiro da bússola do espírito Trapista. Dom Bernardo se mostrou capaz de escrever com entusiasmo e alegria sobre os aspectos da vida Trapista, inclusive sobre o tema da morte e o seu outro lado.

Como expressa Thomas Kala: “O ícone revela a realidade espiritual que está além de toda expressão verbal”<sup>16</sup>.

Nas palavras de Cláudio Pastro:

A questão da “imagem” é fundamental na ética cristã, e a estética não é um simples capricho do belo pelo belo. Numa obra ou num edifício cristão existe todo um universo muito eloquente. O altar, as torres, as cúpulas, os vitrais, as pinturas não estão aí por acaso e ao acaso<sup>17</sup>.

Existe um componente simbólico ao se falar da Virgem Maria, como lembra Bruno Forte:

<sup>14</sup> BONOWITZ, Dom Bernardo. **Buscando verdadeiramente a Deus**. Santo André-SP: Mensageiro de Santo Antônio, 2013.

<sup>15</sup> Dom Orani J. Tempesta foi monge e abade do Mosteiro Cisterciense de Nossa Senhora de São Bernardo, na cidade de São José do Rio Pardo-SP. Mosteiro fundado em 22 de fevereiro de 1943 pelos monges da Abadia de Hardehausen (Alemanha) e assumido como priorado simples, em 1948, pela Congregação de São Bernardo da Itália.

<sup>16</sup> KALA, Thomas. **Meditações sobre os ícones**. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1995, p. 29.

<sup>17</sup> PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra**. São Paulo: Loyola, [s.d], p. 6. Cf. IDEM, **A arte no cristianismo: fundamento, linguagem, espaço**. São Paulo: Paulus, 2010.

A relação de Maria com o Mistério, tanto na direção das profundezas de Deus quanto na direção da história humana, pode, portanto, ser expressa de modo menos inadequado justamente por um pensamento simbólico, o qual mais bem realiza uma mediação de transcendência. Não é o conhecimento que ilumina o mistério, é o mistério que ilumina o conhecimento<sup>18</sup>.

Nesse sentido, a Virgem Maria marca, forma e determina o caráter, a vida e a identidade da espiritualidade cisterciense-Trapista. Os Capítulos Gerais da Ordem reafirmaram sua identidade mariana<sup>19</sup>.

Na identidade Trapista e na sua missão na Igreja se impõe a imagem da Virgem Maria<sup>20</sup>. Um dos textos mais importantes do Capítulo Geral de aggiornamento da Ordem, que descreve os elementos essenciais da vida cisterciense, diz:

Tratamos de buscar a Deus sob uma Regra e um abade, em uma comunidade de caridade plenamente responsável em que nos incardinamos pela estabilidade. A Comunidade vive em um clima de silêncio e separação do mundo que favorece e expressa sua abertura a Deus na contemplação, a exemplo de Maria, que guardava e considerava em seu coração os mistérios<sup>21</sup>.

A tradição diz-nos que São Roberto, já ao fundar Molesme em 1075, consagrou sua igreja a Nossa Senhora, gesto que repetirá ao fundar Cister. Em perspectiva histórica, podemos dizer que estamos diante de um fato “fundante”, que marcará como mariana a espiritualidade cisterciense e que colocará Maria no centro da vida pessoal e comunitária de monges e monjas<sup>22</sup>.

Principalmente pela devoção, os mosteiros formam, com a sociedade secular, “polos” de mútua influência. O povo cristão é profundamente mariano. A presença da

<sup>18</sup> FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do Mistério.** Tradução: Benôni Lemos; revisão H. Dalbosco, São Paulo: Paulinas, 1991, p.16.

<sup>19</sup> Entre outros, os Capítulos Gerais de 1134, 1281, 1286, 1298, 1318, 1487. É interessante a decisão do capítulo de 1298, no qual os monges são considerados como “discípulos” da Virgem, a quem devem venerar sempre e em tudo, de todo o coração; Cf. CANIVEZ, Statuta, t.III, p. 293.

<sup>20</sup> SAENZ, P. Pablo. Presencia de La Virgen en La vida monástica. In: PEIFFER, C. J. **Espiritualidade Monastica.** Traducido por M. Ballano. Zamora (Espanha): Ediciones Monte Casino, 1976, p. 598-619. Apresenta alguns pontos de contato entre a espiritualidade monástica e a Virgem Maria.

<sup>21</sup> Declaração sobre a vida cisterciense do Capítulo Geral de 1969.

<sup>22</sup> A respeito da Virgem Maria, nos autores cistercienses, como São Bernardo de Claraval, conferir Bernardo de Olivera. “Introducción” a Em alabanzas de La Virgen Madre, Padres Cistercienses 7, Azul-Argentina, 1980, p.19-48.

Virgem Maria, ontem como hoje, é um traço distintivo da religiosidade de nossos povos. Tudo isso é um desafio para monges Trapistas. Nas palavras de Dom Eduardo Gowland:

A vida cisterciense na América está cultural e eclesialmente imersa neste ‘espaço’ mariano. A ela corresponde também a tarefa de renovar sua consciência mariana, vivendo e expressando seu amor e sua fé, assumindo criativamente esse caráter mariano de nosso povo, com elementos próprios da vida monástica e de nossa melhor tradição cisterciense<sup>23</sup>.

Maria pertence à identidade mais íntima dos monges cistercienses-Trapistas. Renovar esta consciência e vida cisterciense mariana é um desafio para oferecê-la renovada e atraente às pessoas. O ícone moreno de Maria da Trapa sintetiza essa identidade e a necessidade de enraizamento na cultura brasileira. Traduz o empenho de inserção na realidade brasileira<sup>24</sup>.

A identidade Trapista passa pela aproximação e diálogo com cultura local. Não atinge os valores considerados em si mesmos, mas suas expressões em determinada cultura: “Os valores da cultura local podem e devem enriquecer e exprimir o patrimônio cisterciense<sup>25</sup>”.

A memória da presença Trapista no Brasil é viva na população da cidade de Tremembé<sup>26</sup>. Em 2004, na cidade de Tremembé, aconteceu uma série de atividades que marcaram a comemoração dos 100 anos da chegada dos monges Trapistas ao Brasil<sup>27</sup>. Em 10 de setembro do mesmo ano, chegou a Tremembé o Padre Felix Donahue, monge Trapista do Mosteiro de N. Sra do Novo Mundo, Campo do

<sup>23</sup> GOWLAND, Eduardo. A tonalidade mariana da espiritualidade cisterciense. In: **Simpósio Cister Hoje e Amanhã**, São José do Rio Pardo-SP, 25 a 30 de julho de 1999, p. 7.

<sup>24</sup> “[...] a autêntica inculturação ajudará, por sua vez, as pessoas consagradas a viverem o radicalismo evangélico, segundo o carisma do próprio Instituto e a índole do povo com que tomam contato. (n. 80)” In: **João Paulo II**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata: sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996, p.160.

<sup>25</sup> Nada antepor ao amor de Cristo, p. 64.

<sup>26</sup> SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. Trata das fontes testemunhais orais, da história oral como objeto de conservação da lembrança e reparação da identidade. Cf. MENGOLI, Federico. Tremembé guarda histórias dos Trapistas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. 5, 11 jun. 1992; Recordando os monges Trapistas de Tremembé. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 nov. 1978; Trapistas de Tremembé. **O Estado de São Paulo**, 15 mar. 1981; O Hino da cidade de Tremembé faz alusão aos Trapistas confira no anexo da tese.

<sup>27</sup> 100 anos da chegada dos monges Trapistas a Tremembé. Programa da Comemoração, set. 2004.

Tenente-PR, para participar do centenário. Padre Félix foi o primeiro monge Trapista a pisar o solo de Tremembé depois da partida dos monges de Maristela.

Tal como Dom Bernardo, Pe. Félix também vê na busca do passado Trapista, um empreendimento muito importante para a cadeia de transmissão da memória coletiva da ordem a qual estão integrados. Ambos defendem que as raízes Trapistas precisam ser cultivadas pelas novas gerações. Como observa Sarup: “A identidade não é algo que encontremos ou que tenhamos de uma vez e para sempre. Identidade é um processo<sup>28</sup>”.

Em acontecimento inédito na comunidade Trapista, em virtude da excepcionalidade do ano – no qual se comemoraram o centenário da chegada dos Trapistas ao Brasil<sup>29</sup>, o centenário da coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida e os 150 anos da proclamação do dogma da Imaculada Conceição –, todos os 25 monges do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, da cidade de campo do Tenente, Estado do Paraná, peregrinaram até o local onde, há 100 anos, estabeleceram-se os primeiros monges Trapistas no Brasil, e também até à Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Algo inédito aconteceria na história de um mosteiro Trapista: por um breve período, ficaria fechado e seus monges partiriam em viagem. O Padre Francisco Dietzler não compartilhou da opinião de fechar o mosteiro, arrumar as malas e partir em viagem. Padre Francisco é um dos fundadores do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo. No entanto, a decisão do Abade prevaleceu.

A necessidade de fortalecer a identidade da Ordem não é absolutamente um ato de demonstração de força do Abade, mas uma ação condicionada e aprovada pelo Conselho do mosteiro. Não foi um ato arbitrário, mas uma decisão necessária para a formação e consolidação da identidade da ordem no Brasil e da proclamação da historicidade de um movimento religioso em nosso país no século XX. Não tem, assim, a extensão temporal dos franciscanos, jesuítas, beneditinos<sup>30</sup> ou carmelitas

---

<sup>28</sup> SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996, p. 28.

<sup>29</sup> SILVA, José Pereira da. O centenário da chegada dos primeiros monges Trapistas no Brasil (1904-2004). In: Redes: **Revista Capixaba de Filosofia e Teologia**, n. 2, p. 197-205, jan./jun. 2004.

<sup>30</sup> LUNA, Dom Joaquim G. **Os monges beneditinos no Brasil**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.; ROCHA, Mateus Ramalho. **O mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (1590-1990)**. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1991; ENDRES, D. José Lohr. **A Odem de São Bento no Brasil quando**

que aqui aportaram no início da colonização<sup>31</sup>. Este caráter diferente dos Trapistas e sua especificidade devem ser levados em conta<sup>32</sup>.

Entre os problemas centrais desta presença recente, está a carência de uma documentação abundante sobre o tema. Este é talvez o primeiro esboço. De essencial importância, são os livros publicados por Dom Bernardo Bonowitz e também os seus退iros espirituais que colocam os pensadores cistercienses no centro da espiritualidade da Ordem no tempo presente.

Com a chegada do micro-ônibus todos ficaram animados para a viagem: agora o mosteiro estava sobre rodas. Devido à viagem constituir-se um elemento inteiramente novo, coube à comunidade monástica colocar a estabilidade monacal em movimento.

No dia 22 de setembro de 2004, chegaram à cidade de Aparecida do Norte, SP, com o propósito de consagrarem-se a Nossa Senhora Aparecida. É preciso lembrar que a chegada dos Trapistas ao Brasil coincidiu com o dia da coroação de Nossa Senhora Aparecida. No dia 8 de setembro de 1904, a imagem foi corada com uma coroa dourada pela Princesa Isabel. Portanto, o ano de 2004 era o centenário da coroação e Nossa Senhora faz parte da identidade e da espiritualidade do monge Trapista:

Desde seus começos, a Ordem se colocou sob de seu patrocínio e foram consagradas todas as igrejas de pedra. Os autores cistercienses do século XII cantaram a Virgem em textos cujos acentos de ternura filial só são comparáveis ao rigor teológico que os inspirava. Entre todos, São Bernardo mereceu o qualificativo de cantor de Maria, cytharista Mariae. Cistercienses reconheceram no

**Província** (1582-1827), Salvador-BA: Edirora Beneditina Ltda, [s.d.]; TAUNAY, Afonso de E. **História da Abadia de São Paulo**, [s.l.], 1927; JOHNSON, Dom Martinho. **Livro do Tombo do mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo**. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1977; **Congregação Beneditina do Brasil**. Constituições, 2. ed. Revista: Edições Lumen Christi, 1994.

<sup>31</sup>Os Jesuítas em 1549, em Salvador-BA; Franciscanos em 1585, em Olinda-PE; Carmelitas, em Olinda-PE; Beneditinos em 1581, na Bahia, onde fundaram uma abadia em 1584. Os franciscanos, carmelitas, beneditinos são chamadas ordens “clássicas”. Cf. HOORNAET, Eduardo. Os movimentos missionários. In: HOORNAERT, Eduardo et alii (Org.) **História da Igreja no Brasil**, Primeira Época, t.II/2, 3. ed., São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1983, p. 42-56.

<sup>32</sup> Macedo de Soares declarou que “A história da Igreja Católica está para ser feita”. Cf. SOARES, José Carlos de Macedo. Fontes da Igreja Católica no Brasil. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 220, p. 232-275, jul./set. 1953-54. Devemos acrescentar que muitos temas da história religiosa brasileira, principalmente das Ordens Religiosas e Congregações, permanecem à sombra.

mistério da Virgem Maria alguns traços de seu próprio caminho. E desde o princípio se sentiam em secreta harmonia com ela<sup>33</sup>.

Esta particular devoção à Virgem Maria era algo mais que o fruto passageiro de um movimento mariano próprio da época.

Na oração do centenário da primeira experiência Trapista no Brasil, percebemos os sentimentos que permeavam essa viagem de peregrinação e uma identidade que se configura na relação passado-presente-futuro:

Senhor nosso Deus, nós monges, irmãos de nossos primeiros irmãos Trapistas de Maristela que aqui chegaram 100 anos atrás, estamos hoje aqui em peregrinação de ação de graças pelo grande dom da vida contemplativa cisterciense Trapista em vossa Igreja no Brasil. Esta vossa nova família Trapista de Nossa Senhora do Novo Mundo deseja, como nossos primeiros irmãos que aqui viveram em Tremembé, continuar testemunhando vosso infinito amor de Pai pela nossa vida de fidelidade na oração, na caridade fraterna e no trabalho humilde e abnegado<sup>34</sup>.

Entendemos que os monges de Tremembé são precursores e iluminaram o caminho dos atuais Trapistas. Não representam apenas o passado desaparecido, mas o presente que se configura agora. Vejamos o que diz Hans-Gadamer:

O tempo não é um precipício que devemos transpor para recuperarmos o passado; é na realidade, o solo que mantém o devir e onde o presente cria raízes. A distância temporal não é uma distância no sentido de uma distância que deva ser transposta ou vencida. Portanto trata-se, na verdade, de considerar a distância temporal como fundamento de uma possibilidade positiva e produtiva de compreensão. Não é uma distância a percorrer, mas uma continuidade viva de elementos que se acumulam formando uma tradição, isto é, uma luz a qual tudo que trazemos conosco de nosso passado, tudo o que nos é transmitido faz a sua aparição<sup>35</sup>.

O testemunho dessa memória leva-nos à questão de sua significação e do lugar que ocupa na vida dos monges e monjas no Paraná e Santa Catarina.

<sup>33</sup>LOUF, André. **El camino cisterciense**; en La escuela del amor. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1981, p. 146.

<sup>34</sup>Oração do centenário da primeira experiência Trapista no Brasil. In: **Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida**. Centenário da chegada dos Trapistas em Tremembé-SP, Mosteiro Trapista N.Sra do Novo Mundo, 22 a 24 de novembro de 2004. (Folheto).

<sup>35</sup>GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**; Fruchon, Pierre. Tradução: Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 67.

A Abadia Nossa Senhora do Novo Mundo, Campo do Tenente, desenvolveu um trabalho de difusão dessa memória quando a comunidade se colocou em movimento em direção à Basílica de Nossa Senhora Aparecida e à Tremembé<sup>36</sup>. Parece que está se criando uma nova rota de peregrinação muito interessante entre São Paulo e Paraná, tendo como eixo a memória dos Trapistas.

A viagem não pode ser encarada como um acontecimento isolado ou ato voluntário do jovem Abade, mas o que está em questão é a memória coletiva de uma comunidade Trapista no Brasil. A celebração do centenário é apenas um aspecto do cultivo desta memória.

O cultivo da memória tem como objetivo estabelecer uma ponte entre o antigo e o novo, entre o presente e o passado Trapista no Brasil. A novidade está no Mosteiro de Campo do Tenente se tornar um espaço espiritual de encontro das pessoas com a espiritualidade monástica<sup>37</sup>.

Existe um esforço de conservação desta memória por parte da Ordem Trapista, especialmente dos monges de Campo do Tenente. Por outro lado, o trabalho intelectual e espiritual do atual Abade Dom Bernardo deve ser destacado pela abundância e profundidade de suas reflexões. A sua capacidade de relacionar acontecimentos históricos ocorridos em diferentes temporalidades ajuda-nos a compreender a importância da presença dos Trapistas no Brasil, tanto no século XX quanto no XXI.

Na cidade de Tremembé, todos esperavam ansiosos para finalmente virem os Trapistas que tanto ouviram falar nas muitas histórias contadas: passado e presente caminhando juntos. Os monges Trapistas visitaram o Carmelo da Sagrada Face e Pio XII nos quais foram recebidos calorosamente pelas carmelitas<sup>38</sup>. Em seguida, todos se dirigiram à Basílica do Bom Jesus de Tremembé onde foi celebrada uma missa. Vinte e três Trapistas estavam presentes: Padre Bernardo Bonowitz (prior), Padre Lázaro Pires dos Santos (subprior), Padre Francisco Dietzler, Padre Félix

<sup>36</sup> Cf. TRAPISTAS peregrinam a Aparecida. **O São Paulo**, n. 2521, p. 10, 1 dez. 2004; Monges Trapistas fazem rara peregrinação a sua primeira sede no Brasil. Agência de notícias Zenit, 24/11/2004.

<sup>37</sup> SILVA, José Pereira da. A oração que se faz vida. In: **Revista Mundo e Missão**. São Paulo, n. 92, p. 40-41, maio 2005.

<sup>38</sup> Livro do Tombo do Carmelo da Santa Face e Pio XII, T. IX, Tremembé-SP, p. 68 (verso).

Donahue, Padre Jerônimo Callaghan Burke (eremita), Padre Valdir e os irmãos Cassiano, Felipe, Mário, Samuel, Lucas, José, Rafael, Daniel, João, Teódoro, Gabriel, Luís, Davi, Geraldo, Guilherme e Marcos<sup>39</sup>. Na Praça da Basílica, puderam avistar muitas pessoas que os esperavam com uma faixa com a frase: “Tremembé dos Trapistas”: a memória permaneceu<sup>40</sup>.

Após cem anos, Trapistas pisaram o solo dos primeiros Trapistas. Celebraram a missa na mesma igreja em que, há cem anos, os Trapistas de Maristela celebraram a primeira missa quando da chegada à Tremembé. A igreja na qual foram, durante anos, seus primeiros párocos.

Na homilia, Dom Bernardo ressaltou a alegria de participar das comemorações do centenário da chegada dos primeiros monges Trapistas no Brasil. Deixou clara a ligação entre o Mosteiro de Maristela e o Mosteiro de Novo Mundo.

Os monges de Maristela deixaram em solo brasileiro uma semente que, tempos depois, germinou dando origem a Novo Mundo. Maristela exerceu uma paternidade para o nascimento de Novo Mundo.

Segundo Dom Bernardo Bonowitz:

A missa em Tremembé foi de uma imensa alegria. A impressão que permanece é da lealdade secular dos habitantes do município. Todos nós sentimos o carinho dos habitantes, que tinha sobrevivido gerações da ausência dos monges. O resultado foi um desejo de encarnar o mais fielmente possível o nosso carisma nos dias de hoje. Desde 2000, fazemos uma peregrinação anual para algum santuário. Sem dúvida aquela para Aparecida, Tremembé e Maristela foi a mais marcante de todas<sup>41</sup>.

Por mais difícil que o estudo da experiência dos Trapistas de Tremembé possa parecer ao historiador do século XXI, só podemos compreendê-la a partir da

<sup>39</sup> Ibid., p.98 (verso).

<sup>40</sup> GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha et. alii. (Orgs.). **Cultura política, historiografia e ensino de história**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 23-41.

<sup>41</sup> Entrevista com Dom Bernardo Bonowitz, Campo do Tenente-PR, 15.10.2012.

memória cultivada pelo atual monacato<sup>42</sup> Trapista sediado no Paraná e em Santa Catarina (Trapistinas).

Finalmente partiram rumo ao antigo Mosteiro Trapista de Nossa Senhora de Maristela, não muito distante do centro da cidade de Tremembé.<sup>43</sup> Depois de cem anos, monges Trapistas novamente pisaram o solo do mosteiro e, mesmo que temporariamente, voltaram a “povoá-lo<sup>44</sup>”: o presente dialogando, tornando-se passado.

Podemos tomar a ação de Dom Bernardo como ponto de partida da formação de uma nova identidade. Mas quem era Dom Bernardo? O que ele estava propondo?

Dom Bernardo Bonowitz era filho de judeus. Ficou meditando até os 19 anos sobre o fato de Jesus também ser Deus, e queria um lugar para meditar sobre o assunto. Amigos lhe recomendaram a Abadia de São José, o Mosteiro Trapista de Spencer, em Massachussets. Apaixonou-se pela vida monástica e decidiu ser monge. Fortemente influenciado por Thomas Keating, Dom Bernardo leu muitas

<sup>42</sup> “Monacato é o mesmo que monaquismo. Movimento espiritual que surgiu em diferentes religiões e que, manifestando-se sob várias formas, apresenta elementos comuns cuja finalidade é a busca de realidade que transcenda a vida presente. Os três grandes movimentos monásticos são os do cristianismo, o hinduista e o budista. Aqui abordamos especificamente o monacato cristão. A partir do momento que a mística dos monges toca as raízes mais profundas do ser humano, permanece sempre atual o pensamento de São Basílio, que considerava os valores do monaquismo válidos para todos os cristãos. Autores mais modernos veem no monaquismo um humanismo integral e sustentam que ‘descobrir-se monge’ é experiência de cada pessoa humana”. Cf. MOLINOS, Miguel de. Monaquismo. In: **Dicionário de Mística**. Tradução: Benôni Lemos et.alii; dirigido por L. Borriello et.alii. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2003, p. 759.761.

<sup>43</sup> Segundo um depoimento de um Trapista do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo: “[...] acho que vale a pena recordar-nos da presença dos Trapistas em Tremembé, mesmo sendo 100 anos atrás. As relações mútuas foram realmente cordiais. A afeição e serviços e benefícios trocados entre os monges e seus vizinhos foram preciosos. Certamente os monges diriam que receberam mais do que deram: apoio, edificação, amizade, colaboração. Sim, os últimos monges partiram de Maristela em novembro de 1931, exceto Ir. Leonard que se tornou beneditino e morreu somente em 1949, mas sentimos que algo valioso permanece. É útil, mas real e poderoso. É isso que queremos celebrar no centenário da chegada e acolhimento dos Trapistas no Brasil”. Carta, 11 de setembro de 2004.

<sup>44</sup> “Depois da visita ao Carmelo, dirigiram para a antiga Maristela, antigo Mosteiro dos Trapistas em Tremembé, hoje, transformada em Hotel-Pousada. Os proprietários Sr. Teodoro Quartim Barbosa e dona Maria Cristina receberam-nos calorosamente. A comitiva pôde conhecer todas as instalações do antigo Mosteiro Maristela e reviver o clima da primeira experiência Trapista no Brasil. Depois do jantar, dirigiram-se à pequena igreja da fazenda Berizal, onde os antigos monges também davam assistência”. Cf. Livro do Tombo do Carmelo da Sagrada Face e Pio XII, T.IX, Tremembé-SP, p. 98-99.

obras de seu diretor espiritual, inclusive *Intimidade com Deus e Frutos e Dons do Espírito*, obras que marcaram seu desenvolvimento espiritual e intelectual<sup>45</sup>.

Na manhã do dia 24 de setembro de 2004, coroando as comemorações do centenário da chegada dos Trapistas ao Brasil, celebrou-se uma missa na antiga capela do mosteiro. Novamente ela estava cheia de monges, o canto monástico ressoando entre suas paredes. Naquele momento, aquele mosteiro novamente era Trapista. Como Dom Bernardo entendeu a viagem para Maristela? Para responder a essa pergunta é melhor examinar as suas próprias palavras:

Foi um grande momento comunitário poder pernoitar no antigo mosteiro de Maristela. Um aparte de nossa história, até então conhecida, mas não vivida, foi recuperada. Sentimos fortemente o nosso laço com as origens nossas europeias e francesas. Mesmo se não somos uma casa filha de Sept-Fons e sim de Genesee, a fundação de Sept-Fons em Maristela é parte de nossa “pré-história”, e preparou o caminho para a vinda dos monges americanos no ano 1977. Os momentos mais tocantes da breve estadia em Maristela foram a experiência da beleza do claustro com a estátua de Nossa senhora e a missa celebrada de manhã na capela, onde realmente se experimentava a presença espiritual de nossos ancestrais<sup>46</sup>.

A iniciativa do Abade fortaleceu a base para uma ação como no tema presente e abriu uma perspectiva para o futuro. O Abade propôs algo novo e provocador de debates.

Podemos dizer que a memória tanto está presente em nós, quanto é, também, exterior a nós. Procurar compreender o passado através de representações, ou seja, a partir de uma abordagem que procura o sentido atribuído aos fatos passados por aqueles que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos com estes mesmos fatos. O mosteiro de Maristela é um lugar de memória. Preserva o invisível através do concreto. Pierre Nora dirá que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto<sup>47</sup>”.

---

<sup>45</sup> KEATING, Thomas. **Intimidade com Deus**. Tradução: Barbara T. Lambert. São Paulo: Paulus, 1999. IDEM, **Frutos e dons do Espírito**. Tradução: Claudete C. Chad. São Paulo: Santuário, 2010.

<sup>46</sup> Entrevista com Dom Bernardo Bonowitz, Campo do Tenente-PR, 15.10.2012.

<sup>47</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993, p. 12.

Na clausura do Mosteiro de Maristela tem dois azulejos nos quais lemos: “Toujours je me souviendrai de vous, chère N.D. de Maristela”; “Adieu, Maristella, j’espere de vous revoir um jour [...].”

Aqueles monges de Maristela nunca mais reviram aquele mosteiro, porém de certa forma prenunciaram que essas terras seriam visitadas por outros Trapistas; que Maristela apontaria para o Mosteiro de Novo Mundo: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto<sup>48</sup>”.

O desejo do monge que escreveu no claustro se realizou cem anos depois com a presença dos monges Trapistas de Nossa Senhora do Novo Mundo. Aquele monge expressou os sentimentos dos demais monges no momento triste da partida, reviu novamente Maristela através da presença, dos sentimentos e dos olhos de cada Trapista de Novo Mundo.

A memória dos feitos ajuda na descoberta da identidade, de modo que se possa viver melhor o presente e preparar o futuro. Memória como energia vital para guardar e reelaborar. A memória histórica é fundamento de identidade.

Ao introduzir a questão da memória no centro de nossa tese podemos encontrar o que pode vir a significar em objetividade o elemento essencial dessa nova rota de peregrinação. A mensagem deixada pelos Trapistas está sendo reinterpretada pelas novas gerações de Trapistas no Brasil. A única continuidade entre Tremembé e Campo do Tenente é a memória.

Não é possível limitar esta tese unicamente aos testemunhos dados pelos Trapistas no passado, pois muita coisa aconteceu no mundo desde a fundação do Mosteiro de Tremembé.

Constituíram-se fundações na África, como o Mosteiro de Monte Atlas, no qual os monges foram martirizados<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995. Evangelho de João 12, 24. p. 2018.

<sup>49</sup> Em 1996, um grupo armado entrou no mosteiro de Nossa Senhora de Atlas, em Tibhirine-Argélia, e sequestrou os monges Christian de Chergé (prior do mosteiro), os padres Christophe, Bruno e Célestin e os irmãos Luc, Michel e Paul. Os sete foram degolados em 21 de março de 1996. Cf. TEISSER, Henri. **Christophe Lebreton**: monge mártir e mestre espiritual para os nossos dias. Prefácio: José Tolentino Mendonça. Portugal: Edições Consolata, 2012. A obra centra-se no último diário do mais novo dos sete monges Trapistas do Mosteiro de Nossa Senhora de Atlas, na Argélia, assassinados em 1996. Escrito pelo Arcebispo emérito de Argel, debruça-se sobre o percurso

## 1.2. Futuro Passado



Figura 4. Altar da Igreja do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. Foto: José Pereira da Silva

A memória se refere não apenas ao passado e ao presente, mas também ao futuro. Desse modo, se Heinhart Koselleck<sup>50</sup> já edificara sua obra *Futuro Passado* em torno da percepção da mutabilidade através da história das relações entre as três instâncias da temporalidade – passado, presente e futuro – também Paul

---

espiritual de Christophe Lebreton, um dos monges mártires de Tebhirine; o filme *Hommes et dieux* (Homens e deuses), direção de Xavier Beauvois, França 2010 que conta a história do martírio dos Trapistas na Argélia; OLIVERA, Dom Bernardo. Martires cristianos, ayer e hoy. In: RESMINI, P. Guiseppe. **Orden Cisterciense**. Edicion e traducción preparada por los monasterios Cistercienses de Chile. Chile: Imprenta Salesianos, 1998, p. 85-93; ARINZE, Cardeal Francis. **Mistério de amor e de comunhão**. L'Osservatore Romano: edição em português, n. 24, 15 jun. 1996, p. 9; RICUPERO, Rubens. Se o grão não morre... **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 11 ago. 1996, p. A-2.

<sup>50</sup>KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**; contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas et.alii; revisão da tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

Ricoeur<sup>51</sup> atentara para o fato de que a Memória é sempre a memória de alguém (ou de um grupo) que faz projetos e visa o devir.

Cada presente não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade – tal como propunham os Annales e outras correntes historiográficas do século XX –, mas também ressignifica tanto o passado como o futuro. Para Koselleck, cada presente concebe também, de uma nova maneira, a relação entre futuro e passado, ou seja, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade.

Assistiu-se a dissolução da clássica expressão *Historia Magistra Vitae*, cunhada por Cícero<sup>52</sup>. Por aproximadamente 2 mil anos, este topô permaneceu ileso. A história era, antes de tudo, uma escola da vida, um arsenal de experiências pedagógicas.

Os monges Trapistas têm uma preocupação com o patrimônio histórico, ou seja, sobre a história da vida cisterciense (Cister Ontem), e olham para frente para discernir os caminhos de Cister Hoje e Amanhã. É um diálogo entre tradição e contemporaneidade, entre memória e história. O mundo monástico participa das dinâmicas mais profundas do sentir contemporâneo, é filho do seu tempo, sente-se em movimento e na transformação que lhe compete e define.

A Declaração sobre a vida cisterciense de 1969 afirma:

Como monges cistercienses, desejamos sinceramente voltar a interpretar para nosso tempo as tradições que nossos Padres nos

<sup>51</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain Françoes (et.al.), Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007. Cf. MENEZES, Upiano Bezerra de. A crise da memória, História e documentos reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória:** trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>52</sup> Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vestustatis, qua vocē alia nisi oratoris immortalitali commendatur. De oratore, de Cicero, especialmente II, c. 9,36 e 12, 51. A concepção de história, tal como exposta por Cícero na obra *De Oratore*, envolve tanto o caráter retórico do discurso quanto seu compromisso com a verdade, resultado principalmente do papel do historiador de testemunha ocular da história. Cf. TEXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da história. **Varia História**, Belo Horizonte; v. 24, n. 40, p. 551-568, jul./dez. 2008; BERNARDES, Joana Duarte. A história como sagesse. **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, ano 1, n. 3, p. 59-74, jun. 2010.

legaram, e que nos encontramos ante uma diversidade de tendências que caracteriza a presente situação da Ordem<sup>53</sup>.

Em 1971, Yves Congar, filósofo e teólogo de grande renome, falando aos religiosos, solicitava-lhes:

[...] a não ceder à propensão, hoje muito difundida, de desconfiar do passado e ter pouca consideração, para não dizer desprezo, à experiência secular daqueles que são a raiz...; deste modo, nos privaremos das certezas necessárias e de uma insubstituível seiva, se não as haurirmos da graça da nossa fundação e da nossa tradição mais profunda<sup>54</sup>.

O monge cisterciense – Trapista, através da sua entrada no mosteiro, é parte inerente da história viva da Ordem e do seu mosteiro, onde estão enraizados e onde vivem. Devem conhecer e aprofundar cada vez mais a sua história e a sua herança.

Da vida e das obras de inumeráveis monges e monjas, surgiu uma herança espiritual que tomou forma particular nos escritos, no canto, na arquitetura, na arte, na economia etc.

Na Declaratio da Ordem Cisterciense lemos: “Queremos conhecer as tradições monásticas e cistercienses, para poder tomar delas muitos elementos que nos ajudem e nos deem inspiração<sup>55</sup>”. E com maior acento ainda:

A tradição não deve ser aceita como uma coisa do passado, mas como uma realidade viva e atual, que tende de maneira dinâmica para o futuro e espera novas atuações adaptadas às novas condições de vida. Para tanto, é necessário descobrir a força interna da tradição, o que pode ser feito somente com o estudo e a comunicação vital da mesma<sup>56</sup>.

A “Declaratio” de 1968-1969 insiste no fato de que não devemos limitar o patrimônio da Ordem Cisterciense à época dos inícios. É o que relembra o parágrafo 8:

---

<sup>53</sup> Declaração do Capítulo Geral de 1969 acerca da Vida Cisterciense.

<sup>54</sup> Y. Congar, Paul VI parle aux religieux et religieuses. In: La Croix de 20/8/1971, p. 8 ; “Vie consacré 43 (1971), p. 324. O grande teólogo e filósofo destacou a importância da retomada do estudo da história dos textos antigos.

<sup>55</sup> ACG, n. 14, 17 (1968), p.12.

<sup>56</sup> ACG , n. 8, 17 (1968), p.12.

A tradição cisterciense não deve se restringir às suas próprias origens, ainda que a primeira inspiração tenha certamente uma importância capital. É preciso também considerar a evolução posterior: o enxerto de novos elementos não contribui pouco à formação de nossa vida e fixou assim novas e sadias tradições<sup>57</sup>.

Portanto existe uma continuidade viva das tradições cistercienses:

O que significa que a vida cisterciense deve ser a continuação natural e a vivência orgânica tanto da tradição monástica em geral como da tradição cisterciense em particular [...] De qualquer maneira, não queremos que estas tradições nos restrinjam ou impeçam a solução dos problemas que a vida moderna apresenta [...] <sup>58</sup>.

A vida monástica é celebração da memória histórica. Celebrar é viver, é transformar a história e a tradição numa fonte de inspiração e de estímulo para o presente, é consciência da irrepetibilidade do momento que vivemos, é sentido profético de um futuro.

É um desafio histórico e cultural da Ordem sempre beber da fonte originária e harmonizar a inspiração fundamental com as tradições posteriores e os anseios, questionamentos e interrogações do tempo presente que podem e devem interpelar e influenciar a forma de viver a vida cisterciense hoje<sup>59</sup>.

Reinhart Koselleck propôs uma reflexão historiográfica sobre o tempo. Para ele, o tempo histórico é ditado, de forma sempre diferente, pela tensão entre expectativas e experiência<sup>60</sup>. O que ele está querendo dizer é que o passado pode ser apreendido fora do mundo da experiência. Sendo assim, como é o tempo na vida monástica?

A percepção do tempo não é idêntica nas diversas situações humanas porque ela é um dado cultural que implica maneiras “vorazes” de perceber e de utilizar o tempo.

Há motivos para salientar algumas especificidades sobre a percepção do tempo tal qual é experimentada dentro da vida monástica:

<sup>57</sup> ACG 17 (1968) 9.

<sup>58</sup> A Vida Cisterciense Hodierna, 11-14

<sup>59</sup> Nada antepor ao amor ao amor de Cristo, p.62.

<sup>60</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin, Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006, p. 313.

Temos confrontado a atitude monástica a respeito do tempo com a da nossa cultura. O ritmo monástico é único, estabelecido pela sucessão das horas do Ofício Divino, pela paciência e o cuidado com que suas palavras são ditas e cantadas, pelas pausas prolongadas sobre as palavras ou os pensamentos que promovem tanto o Ofício como a lectio<sup>61</sup>.

Para muitos, pode parecer antiquado o modelo de vida dos monges. Eles vivem como se vivessem em outro mundo, fazem coisas consideradas aos olhos do mundo um desperdício de tempo.

A atitude dos monges diante do tempo – em sua lentidão, em sua medida, marcando diferenças de qualidade e nuances rítmicas – opõe-se, fortemente, ao rápido andamento do mundo, à possibilidade de vencer celeremente as grandes distâncias, de fazer muitas coisas em pouco tempo – especialmente em negócios - de ter imediato acesso a grande quantidade de informações de toda espécie e de ser impaciente diante do que exija lenta maturação.

A atitude monástica deixa visível uma organização interna e um caminho temporal diferente da agenda de compromissos ou do relógio de ponto com os quais trabalha a economia moderna. Nesta, o tempo cronológico é sempre medido pelo ritmo da vida, que precisa ser acolhido e respeitado para que o ser humano encontre o caminho de sua plena realização.

O tempo monástico tem uma orientação litúrgica. Os diversos dias festivos e comemorativos estruturam a semana e fazem viver cada dia de forma diferente. Nos mosteiros, o ano é estruturado com base no Ano Litúrgico<sup>62</sup>.

A temporalidade do sagrado na vida monástica beneditino-cisterciense tem o mosteiro como condição espacial e a liturgia como tempo<sup>63</sup>. Aqueles que ingressam no mosteiro são consagrados ao culto de Deus. O Opus Dei (Ofício Divino)<sup>64</sup> é a

<sup>61</sup> DRISCOLL, Jeremy. La formación monástica actual en diálogo con la tradición. **Cuadernos Monásticos**, Buenos Aires, 122 (1997): 261.

<sup>62</sup> Ano Litúrgico constitui a ordenação que a Igreja faz do tempo, ao longo do ano, para celebrar os mistérios do Senhor. Começa com o primeiro domingo do Advento, quatro semanas antes do Natal. Está dividido em tempos litúrgicos: Advento, Natal e Epifania, Quaresma e Tempo da Páscoa.

<sup>63</sup> GARGANO, Guido I. **Do nascer ao pôr-do-sol:** iniciação à Liturgia das Horas e à Lectio Divina. Tradução: Sérgio Raupp. São Paulo: Paulinas, 1995; GRÜN, Anselm. **No ritmo dos monges;** convivência com o tempo, um bem valioso. 3. ed. Tradução: Frederico Stein. São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>64</sup> Ofício Divino são orações corais rezadas pelos monges ao longo do dia.

obrigação monástica por excelência<sup>65</sup>. Na Regra de São Bento, existem treze capítulos (8-20) dedicados à forma e ao espírito com que deverão ser realizados o Ofício Divino, nos vários horários diários e nos diferentes períodos do ano litúrgico.

O monge está imerso numa cultura totalmente diferente<sup>66</sup>. O dia monástico é cheio de atividades: as horas de Ofício Divino,<sup>67</sup> os momentos de lectio divina e de oração privada, os períodos de trabalho manual, as aulas diárias para aqueles em formação<sup>68</sup>.

Como expressou Dom Bernardo Bonowitz, Abade Trapista:

Assim como há uma intensidade de presença de novidades, assim há uma intensidade de ausência do que é bem conhecido e familiar. Amigos e família se encontram longe e fora de alcance, assim como shopping centers e cinemas. Não há ‘fim de semana’ no mosteiro. Em vez disso, temos uma nova realidade chamada ‘domingo’: um dia sem trabalho manual, obviamente, mas não exatamente um ‘dia de folga’, para relaxar. É um dia de maior solenidade na liturgia, com momentos especiais de oração, como a ‘ Bênção do santíssimo’ ou o terço em comum, e um dia de ‘santo ócio’, com tempo para leitura, caminhadas solitárias pelo bosque ou talvez o cultivo de um hobby simples. ‘Boquinha’ é algo que não existe. Esportes são substituídos por trabalho manual. É outro mundo<sup>69</sup>.

A visita ao antigo mosteiro de Maristela aparece explicitamente apenas na Homilia de Dom Bernardo, em 2004<sup>70</sup>. Não obstante o acontecimento é a ponte entre o passado e o presente dos Trapistas no Brasil. Algumas das mensagens de Dom Bernardo estão marcadas por essa aproximação de temporalidades.

<sup>65</sup>GRAF, Dom Tomaz. **Vida Beneditina**. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Ltda, 1937.

<sup>66</sup>VALS, Robert Serrou-Pierre. **La Trapa**: lugar de silencio, de oración y de paz. Madrid: Studium, 1961.

<sup>67</sup>Liturgia das Horas é a celebração litúrgica disposta pela Igreja para santificar o tempo por meio do louvor e da súplica. Para isso, está dividida em “horas”, que correspondem aos diferentes momentos do dia e da noite.

<sup>68</sup>MERTON, Thomas. **Encontro com Cristo na Trapa**. Tradução: Mosteiro de N.Sra do Novo Mundo. Campo do Tenente-PR, 1984.

<sup>69</sup>Como se faz um monge? Parte 4 – o estagiário. **Revista O mensageiro de Santo Antônio**, jul./Ago. 2012, p. 06. Este artigo se encontra também em: BONOWITZ, Bernardo. **Buscando verdadeiramente a Deus**. Santo André-SP: Mensageiro de Santo Antônio, 2013. p. 160-161.

<sup>70</sup>BONOWITZ, Dom Bernardo. **Na presença do seu povo reunido**. Juiz de Fora-MG: Edições Subiaco, 2006. p. 115-119.

### 1.3. Trapistas: Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo



Figura 5. Monges fundadores do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. Foto: Arquivo Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo

As fontes orais precisam ser colocadas em uma relação dialética que tenha sentido e significado no tempo presente, porque o discurso histórico é sempre escrito a partir do presente. Essa mediação é o que estamos tentando fazer nesta tese. Portanto, a premissa fundamental e plasmada pelos novos atores Trapistas é muito relevante. Esse diálogo incessante permite-nos a releitura dos eventos do início da caminhada dos monges Trapistas no Brasil.

Desta forma, chegamos ao momento de examinarmos o retorno dos Trapistas ao Brasil, na década de 70, do século XX. A partir de 1926, os monges Trapistas do Mosteiro de Maristela começaram, em grupos, a regressarem para a Europa. No ano de 1958, o mosteiro de São José de Spencer, Massachusetts-EUA, fez uma fundação perto de Azul, na província de Buenos Aires. Depois se seguiram outros seis mosteiros.

No caso do Brasil, teríamos de esperar o ano de 1977, quando monges americanos da Abadia de Genesee, localizada no Estado de Nova York, fundaram o Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, no sul do Paraná:

No dia 30 de abril de 1976, Dom John Eudes, abade da Abadia de Genesee, expressou seu desejo de fazer uma fundação a Dom Agustín, então Prior do mosteiro de Azul, Argentina. Dom Agustín estimulou este projeto oferecendo um monge de sua comunidade para acompanhar a fundação. Em Genesee, iniciaram-se os diálogos comunitários sobre o estudo do plano para uma fundação que resultou em uma votação favorável ao estabelecimento de uma casa anexa no Brasil<sup>71</sup>.

Entretanto, Dom John Eudes escreveu cartas a vários Bispos do Brasil as quais eram muito favoráveis a uma fundação Trapista no país.

Segundo Dom Pedro Fedalto, então Arcebispo Metropolitano de Curitiba-PR:

A 29 de junho de 1976, o Padre Antônio Muller, sacerdote holandês, diocesano, Capelão do Sanatório São Sebastião, para tuberculosos na Lapa-PR, propôs ao Arcebispo de Curitiba Dom Pedro Fedalto a doação de uma chácara sua e de seu irmão na área de 40 alqueires na Lapa para uma escola agrícola<sup>72</sup>.

Pouco tempo depois, o Bispo Auxiliar de Jataí, Goiás, com transferência para a Diocese de Ruy Barbosa, Bahia, Dom Matthias Schmidt, escreveu a Dom Pedro Fedalto, propondo que aceitasse os Monges Trapistas que queriam vir para a Arquidiocese de Curitiba. A ideia da vinda de Trapistas para arquidiocese de Curitiba agradou Dom Pedro Fedalto. Em carta a Dom Matias Schmidt, Bispo de Rui Barbosa-BA, assim disse Dom Pedro Fedalto:

Quanto à consulta, feita sobre o mosteiro de trapistas, nos arredores de Curitiba, foi uma notícia que me agradou. Hoje mesmo, esteve comigo um sacerdote que deseja deixar uma área de 60 alqueires para uma Escola Agrícola, a 60 km de Curitiba, num local maravilhoso, alto, na cidade da Lapa, com fácil acesso a Curitiba por asfalto. Deseja ele atingir 30.000 agricultores, na bacia entre os rios Iguaçu e Rio Negro. Quer ele formar os jovens na agricultura, com

---

<sup>71</sup> DIETZLER, Pe. Francisco. **Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo**, outubro de 1991, p. 01.

<sup>72</sup> Carta de Dom de Dom Pedro Fedalto á José Pereira da Silva, Curitiba-PR, 05 de fevereiro de 1996, p. 01.

liderança cristã para constituírem comunidades eclesiais de base, cooperativas, ajuda mútua na agricultura<sup>73</sup>.

Dom Pedro Fedalto levou a carta que respondeu a Dom Matthias Schmidt para um encontro em Londrina. Na volta, houve um acidente de carro no qual se perderam todos os papéis.

Enquanto Dom Pedro Fedalto se recuperava no Seminário Menor de São José, recebeu a visita de Padre Antônio Muller que tornou a falar da herança de uma escola agrícola. O Arcebispo falou-lhe, então, da possibilidade dos monges Trapistas virem à Arquidiocese. Imediatamente, Padre Antônio Muller respondeu: "Hoje, é 20 de agosto, festa de São Bernardo. Tive um tio Trapista. Vou dar a chácara aos Trapistas. Escreva-lhes, dizendo-lhes que vou doar-lhes a chácara"<sup>74</sup>".

No mesmo dia, Dom Pedro Fedalto escreveu a Dom Matthias comunicando-lhe o diálogo entre o Arcebispo e o Padre Antônio Muller:

Hoje, mesmo, esteve comigo um sacerdote que deseja deixar uma área de 60 alqueires para uma Escola Agrícola, a 60 km de Curitiba, num local maravilhoso, alto, na cidade da Lapa, com fácil acesso a Curitiba por asfalto. Deseja ele atingir 30.000 agricultores, na bacia entre os rios Iguaçu e Rio Negro. Quer ele formar os jovens na agricultura, com liderança cristã para constituírem comunidades eclesiais de base, cooperativas, ajuda mútua na agricultura. Falei a ele que Vossa Excelência me tinha escrito. Alegrou-se e disse-me: hoje, 20 de agosto é dia de São Bernardo. Será que S. Bernardo não quer uma coisa assim na Lapa<sup>75</sup>.

É interessante observar que, tanto na época da vinda dos Trapistas franceses para Tremembé-SP, como na época da vinda de Trapistas americanos para o Paraná, esses monges associaram-se ao trabalho agrícola.

Dom Matthias Schmidt escreveu a Dom John Eudes transmitindo-lhe as informações que o Arcebispo de Curitiba passou a respeito das características do terreno e aspectos gerais da arquidiocese<sup>76</sup>. Em resposta, o Abade Trapista

<sup>73</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom Matias Schmidt, Curitiba-PR, 20 de agosto de 1976.

<sup>74</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom Matias Schmidt, 20 de agosto de 1976. Cf. também: Carta de Dom Pedro Fedalto a José Pereira da Silva, 05 de fevereiro de 1996, p. 01.

<sup>75</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom Matthias Schmidt, 20/08/1976. Prot. 507/76.

<sup>76</sup>Carta de Dom Matthias Schimdt a Dom John Eudes Bamberger, 04 de setembro de 1976.

manifestou contentamento com as informações e a possibilidade de fundar um mosteiro no local indicado<sup>77</sup>.

Na mesma direção, Dom Pedro Fedalto escreveu a Dom John Eudes destacando as vantagens do terreno para uma fundação Trapista:

Posso adiantar-lhe que a Lapa seria um lugar simpático para a Abadia. O clima é bom, saudável, o local alto, seco e o terreno amplo, com boas perspectivas para seu cultivo. O pároco Monsenhor Henrique Osvaldo Falarz está de acordo e o povo ficará contente<sup>78</sup>.

Dom Matthias salientou o fato de que Dom John Eudes pretendia fundar um mosteiro contemplativo e não poderia aceitar a ideia de uma escola agrícola<sup>79</sup>.

A 18 de abril de 1977, Dom Matthias escreveu a Dom Pedro Fedalto, dizendo-lhe que os monges Trapistas veriam o local. Em 29 de abril, Dom Pedro Fedalto escreve a Dom Matthias e diz:

O Abade Dom John Eudes Bamberg escreveu-me duas cartas sobre a experiência da fundação planejada para Curitiba. Já respondi afirmativamente e com alegria. Espero o Abade para o dia 27 de maio para uma visita ‘in loco’. Será uma graça para Curitiba poder contar com uma casa contemplativa<sup>80</sup>.

Dom Pedro Fedalto ofereceu a Dom John Eudes a residência arquiepiscopal para hospedá-lo.

A 29 de abril seguinte, escreveu ao Abade de Genesee, nos Estados Unidos, Dom John Eudes Bamberger<sup>81</sup>. A Abadia de Genesee, em Piffard, Nova York, é uma fundação de Getsêmani.

Thomas Merton<sup>82</sup> foi monge em Getsêmani<sup>83</sup>. Dom John Eudes Bamberger, fundador do Mosteiro de Novo Mundo, era amigo de Thomas Merton. No Brasil, os Trapistas ficaram conhecidos por meio dos livros de Thomas Merton aqui traduzidos.

<sup>77</sup>Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Matthias Schmidt, 25 de setembro de 1976. Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Pedro Fedalto, march 13,1977.

<sup>78</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom John Eudes Bamberger, s.d. Prot. 296/77.

<sup>79</sup>Dom Matthias Schmidt a Dom Pedro Fedalto, 04 de setembro de 1976.

<sup>80</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto à Dom Matthias Schmidt, Curitiba, 29/04/1977. Prot.177/77.

<sup>81</sup>Carta de Dom John Eudes Bamberger a José Pereira da Silva, Piffard, New York, April 04,1996, p. 1-2.

Dom Matthias recomendou a Dom Eudes uma fundação em Curitiba ou Nova Friburgo<sup>84</sup>.

De 27 a 28 de maio de 1997, Dom John Eudes Bamberg e Dom Pedro Fedalto foram à Lapa para conhecer a chácara. Em 30 de maio, visitou Nova Friburgo. Dom Pedro Fedalto visualizava uma fundação Trapista em sua arquidiocese com muita alegria e esperança: “Espero que a Lapa seja o local, onde os Monges possam dar um testemunho de oração, de vida interior e onde homens possam encontrar um recanto silencioso para退iros<sup>85</sup>”.

No mês de agosto, esteve em Curitiba, o superior da futura comunidade, Padre Francisco Dietzler, indo à Lapa. O mesmo escreve, em outubro, a Dom John Eudes e apresenta um relato da situação inicial do mosteiro no qual se percebe os projetos e dificuldades<sup>86</sup>.

Em 14 de novembro de 1977, ele chega a Lapa com mais três monges: Padre Jerônimo Burke (57 anos, ex-abade de Genesee); os irmãos Cipriano Gruber (57 anos) e Barnabé Jaksa (60 anos); Pe. Francisco Dietzler (55 anos, o superior do novo mosteiro)<sup>87</sup>.

O irmão Cipriano Gruber (William Gruber) nasceu em 1921, Cincinnati, Ohio, Estados Unidos da América, e, na vida civil, era engenheiro elétrico. Entrou na Abadia de Gethsemani em 1948 e foi um dos fundadores dos mosteiros de Genesee e do Novo Mundo. Seria responsável por toda a instalação elétrica do mosteiro em campo do Tenente. Morreu no Sábado Santo, dia 25 de março de 1989. Foi o primeiro monge a falecer na nova fundação.

Padre Jerônimo (Callaghan) Burke era o eremita do mosteiro de N.Sra do Novo Mundo. Padre Jerônimo sempre sonhou em ser missionário redentorista no

<sup>82</sup>ISMAEL, J. C. **Thomas Merton**; o apóstolo da compaixão. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1984; MERTON, Thomas. **Merton na intimidade**: sua vida em seus diários. Tradução: Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Fisus, 2001.

<sup>83</sup>O escritor Henri Nouwen (1957-1996), conhecido teólogo e psicólogo holandês, autor de mais de 40 obras traduzidas em mais de 20 idiomas, ficou por sete meses, na década de 70, vivendo e trabalhando em Genesee. Cf. NOUWEN, Henri J. M. **The Genesee Diary**: report from a Trappist Monastery. New York: Imago Books, 1981.

<sup>84</sup>Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Pedro Fedalto, April 4, 1977.

<sup>85</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom John Eudes Bamberger, 20/10/1977. Prot. 559/77

<sup>86</sup>Carta do Pe. Francisco a Dom John Eudes Bamberger, Lapa-PR, 25 de outubro de 1977.

<sup>87</sup>DIETZLER, Pe. Francisco. Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo, outubro de 1991, p. 01.

Brasil como muitos de seus amigos. Porém, seu sonho seria realizado e viria para o Brasil não como missionário redentorista, mas como monge Trapista e um dos fundadores de um novo mosteiro. Descobriu que tinha a vocação de monge eremita, assim vivendo na propriedade do mosteiro.

Qual não foi sua surpresa quando seu abade Dom John Eudes Bamberger o convidou para ser um dos fundadores de um mosteiro no Brasil. O sonho, que na juventude acalentou, de ser missionário em outras terras, realizou-se. Em 03 de novembro de 1977, chegou ao Brasil com outros monges.

Em 19 de novembro de 1978, foi feita uma votação deliberativa com o objetivo de saber se o mosteiro da Lapa deveria continuar uma casa anexa ou passar ao status de fundação. Por unanimidade, decidiram pela fundação<sup>88</sup>.

Entre 1978-1980, chegaram mais quatro monges, totalizando 8 na comunidade. Em 25 de fevereiro de 1980, o Conselho Geral aprovou o mosteiro Trapista no Brasil como fundação. Anteriormente, era uma casa anexa de Genesee, a casa-mãe. A partir desse momento, teriam mais independência e o direito de receber noviços<sup>89</sup>.

Em 18 de outubro de 1979, a comunidade reuniu-se para uma votação deliberativa e secreta sobre a possibilidade de se comprar uma nova propriedade. Por vinte e dois votos e apenas uma abstenção a compra foi aprovada<sup>90</sup>.

Pela aridez do terreno da Lapa/PR e por não haver água, o terreno foi devolvido pelos monges ao Padre Antônio Muller. Diante da situação, a comunidade Trapista da Lapa teve de votar a decisão de mudar para uma nova propriedade. Em 15 de julho de 1980, em uma votação secreta, todos os sete monges professos solenes votaram pela compra de um terreno. A procura por uma propriedade adequada durou mais de um ano<sup>91</sup>.

---

<sup>88</sup>Ata da votação deliberativa e secreta, 19 de novembro de 1978, p. 1. Cf.também: Resumen of some of the points mentioned in the dialogue Lapa, about the purchase of the property, march 6, 1978.

<sup>89</sup>Ir. Roberto Kerns, **Trappist in Brazil**, 1995, p. 07; DIETZER, Pe. Francisco. Crónica do Monasterio Trapense, Lapa-PR, 1980, p.01 (datilografada).

<sup>90</sup>Ata da votação consultiva e secreta, 18 de outubro de 1979, p. 1.

<sup>91</sup>Pe. Francisco Dietzler, Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo, out. 1991, p. 01.

No Capítulo Conventual do mosteiro da Lapa, de 28 de dezembro de 1980, presidido por Dom John Eudes Bamberger, foram discutidos os detalhes da compra do novo terreno<sup>92</sup>.

Finalmente adquiriram um terreno de 325 hectares, em Campo do Tenente, com uma população de 2.000 habitantes, a 6 km da cidade de mesmo nome e a 86 km de Curitiba, quase na divisa com Santa Catarina. Aproximadamente a 18 km da Lapa<sup>93</sup>. Um lugar tranquilo e solitário, ao mesmo tempo acessível pela rota principal (PR-427). Avaliaram que a terra era propícia para trabalhos de granja e exploração frutífera. Plantaram inicialmente dois hectares com soja. Fizeram um trabalho árduo de limpeza do terreno que lembrou muito os inícios de Cister<sup>94</sup>.

No início, o Mosteiro de Novo mundo não possuía instalação elétrica. Os monges entendiam que, com ela, os trabalhos seriam facilitados. O Padre Francisco foi participar do Capítulo Geral em Roma. Neste Capítulo, foi aprovada a criação de uma região monástica na América Latina.

Durante os primeiros quatro anos e meio, a comunidade Trapista da Lapa vivia numa casa de campo que ficara abandonada por mais de quatro anos. Sem luz elétrica por quinze meses e com pouca água, era uma vivência que lembrava à dos Padres do Deserto. Começaram a fazer algumas modificações na casa para facilitar a observância monástica regular: um estábulo foi transformado em quatro celas para os monges e para dois hóspedes que foram fazer um retiro no mosteiro. Compraram tratores e arados para semear e cultivar trigo, soja, milho e feijão.

Desde o inicio, a comunidade Trapista da Lapa realizou os Ofícios em português. Esse trabalho foi feito pelo Irmão Justino que, durante vários anos, enriqueceu o Ofício com muitos hinos e antífonas.

---

<sup>92</sup>Conventual Chapter, dec. 28, 1980, Lapa-PR.

<sup>93</sup>Ibid., p. 01 ; Cf. KERNS, Ir. Roberts. Trappist in Brazil, 1991, p. 6-7. (texto digitado).

<sup>94</sup>"Abriram então uma clareira entre as árvores e os espinheiros e começaram a construir ali mesmo um mosteiro, com o beneplácito do bispo de Chalon e com o consentimento do proprietário do terreno". Exordium Parvum III, 5. O Exordio Parvum (O Pequeno Exórdio) é o documento cisterciense mais conhecido e mais difundido. Durante muitos séculos, o Pequeno Exórdio representou a única fonte cisterciense que descrevia as origens da Ordem. Cf. **Os Cistercienses:** documentos primitivos. Introdução e bibliografia Irmão François de Place; Tradução brasileira Irineu Guimarães. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1997. Cf. **Cîteaux:** documents primitives, texte latin et traduction française. Introduction et bibliographie Frère François de Place, Traduction Frère Gabriel Ghislain e Frère Jean-Christophe Christophe, Cîteaux, Commentarii citsercienses, 1988.

Seguindo uma tradição da Ordem Cisterciense, os mosteiros receberam o nome de Nossa Senhora. A comunidade Trapista da Lapa, em votação e com aprovação do Padre Imediato Dom John Eudes, escolheu o nome do mosteiro: Nossa Senhora de Cister Lapeano<sup>95</sup>.

Em 25 de outubro de 1980, o mosteiro recebeu como postulante a primeira vocação brasileira, um jovem de 23 anos chamado Ydecy, que recebeu o nome de Irmão Elredo<sup>96</sup>. Era oriundo do Estado de Minas Gerais. É interessante notar que, nessa primeira fase do mosteiro, a maioria dos candidatos à vida Trapista eram provenientes de Minas Gerais.

É preciso destacar que, desde a chegada dos fundadores para iniciar a segunda experiência Trapista no Brasil, houve uma relação fraternal com o Mosteiro do Encontro, das monjas beneditinas. Em 2 de fevereiro de 1980, o Padre Francisco fez uma visita ao Mosteiro<sup>97</sup>.

Neste mesmo ano, receberam a visita de Dom John Eudes Bamberger, Padre Imediato da nova fundação, que realizou conferências para a comunidade nascente. Na festividade de Nossa Senhora de Guadalupe, todos foram para a nova propriedade “Novo Mundo” para benzê-la numa breve cerimônia e erigir a cruz tradicional.

No dia 17 de outubro de 1980, tiveram a primeira missa no Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. Dom John Eudes foi o celebrante principal<sup>98</sup>.

No último dia da visita de Dom John Eudes, o Padre José foi recebido canonicamente como noviço. Em fevereiro de 1980, o Padre José, um sacerdote italiano que atuou como missionário no norte do Brasil e que pertencia a Congregação Consolata, ingressou definitivamente como postulante, depois de quase um ano como observador.

---

<sup>95</sup> History of foundation de Nossa Senhora de Cister Lapeana. Caderno de anotações referentes a fundação do Mosteiro Trapista na Lapa-PR, s.d. (manuscrito).

<sup>96</sup> Crónica. Monasterio Trapense, Lapa-PR, 1980, p.02.

<sup>97</sup> Idid, p. 01.

<sup>98</sup> Crónica. Monasterio Trapense, Lapa-PR, 1980, p. 02.

Naquele momento, o mosteiro Trapista, ainda na Lapa, contava com sete monges professos solenes<sup>99</sup> e esperavam pela chegada do Padre Estêvão Leahy, de um noviço e de um postulante<sup>100</sup>.

Em 17 de março, a comunidade Trapista recebeu a visita de Dom Timothy Kelly, Abade de Gethsemani, Padre Imediato de Genesee, que é a casa-mãe do mosteiro Trapista do Brasil. Comunicou o interesse dos Trapistas de Gethsemani na fundação brasileira.

Durante a visita canônica de Dom John Eudes, foram discutidos e aprovados os planos para a construção do mosteiro na nova propriedade, que deveria responder às tradições da Ordem e à cultura local. Segundo os planos, a construção começaria em abril e se mudariam para o novo mosteiro em fins de 1981 ou princípio de 1982. Num primeiro momento, seriam construídos os edifícios preliminares.

Em abril de 1981, a construção do novo mosteiro teve início em 3 etapas: 1) construção de 14 celas; uma biblioteca que também serviu como capela; um refeitório e uma cozinha; uma sala do Capítulo e portaria; 2) noviciado e hospedaria; 3) Igreja.

Quando começou a construção do Novo Mosteiro, em Campo do Tenente-PR, quase toda a comunidade de 11 monges viajava todos os dias aproximadamente 18 km numa caminhonete para ajudar na construção do mosteiro.

Os Irmãos Cipriano e Gregório fizeram a instalação elétrica e hidráulica. Irmão Gregório chegou ao Brasil vindo dos EUA em 14 de agosto de 1979 e retornou a Genesee em 10 de fevereiro de 1986.

O Irmão Barnabé cuidou das plantações. Decidiram plantar 5.000 macieiras que constituiriam a fonte principal de rendimentos. Irmão Barnabé (Peter) Jaksa foi um dos quatro fundadores do mosteiro. Ele nasceu em 25 de janeiro de 1917, nos EUA e seus primeiros passos religiosos deu-se na casa-mãe Trapista, a Genesee,

<sup>99</sup>ENOUT, Dom João Evangelista. **São Bento e a profissão de monge**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990; BRASÓ, Dom Gabriel. O monge na Regra. In: **O humilde e nobre serviço do monge**. Tradução: Alceu Amoroso Lima e suas filhas. Rio de Janeiro: Lumen Christi, [s.d], p. 69-85; SILVA, Francisco F. da. A vida monástica beneditina. In: **A Profissão dos Conselhos Evangélicos**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 36-38.

<sup>100</sup>SILVA, Francisco F. da. **A Profissão dos Conselhos Evangélicos**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 2.

localizada em Nova York. Em seu íntimo, ele sentia que um dia seria membro de alguma Ordem e direcionava sua vida para esse destino. Quando foi atraído para a vida monástica, deixou tudo, até mesmo um curso universitário no Canadá. Por imposição das autoridades, integrou-se aos compatriotas na Segunda Guerra Mundial. O irmão Barnabé era aviador e combateu, no ar, os alemães. Fez sua profissão monástica em 19 de março de 1943.

Padre Jerônimo, ajudado por outros monges, cuidava muito bem das macieiras, porém o resultado das colheitas não justificava os investimentos porque o clima não era suficientemente frio.

Na área para o cultivo, todas as árvores foram arrancadas. Compraram colmeias e iniciaram um apiário com farta produção de mel, que, naquele momento, correspondia a 15% dos rendimentos. Produziam mel com própolis e mel medicinal<sup>101</sup>.

Lentamente, o mosteiro de Novo Mundo adquiria forma com a construção de novas dependências. Em março de 1982, estava finalizada a primeira etapa da construção, quando, então, a comunidade mudou-se para Nossa Senhora do Novo Mundo. Aproveitou-se o nome da fazenda comprada (Novo Mundo).

Em 1987, no Vale do Paraíba, o Padre Estêvão Leahy transportava os restos mortais de 17 monges do Mosteiro Maristela<sup>102</sup> que foram sepultados, primeiramente, no cemitério do mosteiro. Os restos mortais foram depois transladados para o cemitério da Ordem Terceira dos Frades Capuchinhos Conventuais, no Convento de Santa Clara, em Taubaté<sup>103</sup>. Isso ocorreu o fechamento do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela e o regresso dos monges para a Europa, principalmente para a Abadia de Orval, Bélgica. No Convento de Santa Clara, numa capela, estavam os restos mortais de seis sacerdotes, nove irmãos e um oblato<sup>104</sup>.

---

<sup>101</sup>Pe. Francisco Dietzler. Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo, out. 1991, p. 03.

<sup>102</sup>Carta do Pe. Estêvão Leahy ao Cônego Manoel Azeredo de Brito, 12 de julho de 1991.

<sup>103</sup>Carta do Pe. Francisco Dietzler ao Frei César de O. Bastos, Campo do Tenente-PR, 24 de julho de 1986; Carta do Pe. Fr. César de O. Bastos ao Pe. Francisco Dietzler, Taubaté-SP, 18 de agosto de 1986; Requerimento do Pe. Fr. César de O. Bastos ao delegado de Polícia de Taubaté, 12 de fevereiro de 1987; Relação dos Irmãos falecidos em Tremembé-SP, [s.d].

<sup>104</sup>Carta do Pe. Fr. César de O. Bastos ao Pe. Francisco Dietzler, Taubaté-SP, 18 de agosto de 1986.

Para os Trapistas de Novo Mundo significava a continuação da vida cisterciense-Trapista iniciada pelos monges de Maristela. Um sinal profético e uma promessa de um futuro fecundo. No dia 21 de fevereiro de 1987, os restos mortais dos 17 monges foram sepultados no cemitério do mosteiro de N. Senhora do Novo Mundo<sup>105</sup>.

Padre Estêvão (Frederick) Leahy chegou ao Brasil em 19 de janeiro de 1981 quando o mosteiro ainda era na Lapa/PR. Um ano após sua chegada, os Trapistas mudaram para o novo mosteiro em Campo do Tenente/PR (cerca de 20 km mais ao sul) e devido ao nome da propriedade “Novo Mundo”, foi nomeado Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo.

Depois de fazer sua Profissão Monástica, Ir. Estêvão foi enviado para dar apoio ao novo mosteiro de Genesee, no Estado de New York. Lá, ele fez voto monástico de estabilidade e foi ordenado sacerdote em 18 de agosto de 1957. Concluiu seus estudos em Roma, passando dois anos em Santo Anselmo. De volta a Genesee, trabalhou como professor de teologia sacramental e, ao longo dos anos, usou seus talentos como secretário, prior e mestre de noviços.

Padre Abraão Ojefua funda, em 1970, em Awhum, na Nigéria, um mosteiro que foi posteriormente, em 2/07/1978, incorporado à Ordem Cisterciense da Estrita Observância. Foi elevada à categoria de priorado em 21/11/1981 e à Abadia em 15/02/2006. A Abadia de Genesee era a casa-mãe. Pe. Estevão ficou dois anos em Awhum, de lá ele veio para o Brasil. Aqui chegou em 19 de janeiro de 1981. Em 27 de janeiro de 2004, após duas semanas gravemente enfermo, veio a falecer.

A 21 de fevereiro de 1984, às 10 horas, Dom Pedro Fedalto consagrou a igreja e o altar do mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, em uma celebração com 20 concelebrantes, entre os quais: Abade da Abadia Trapista de Genesee, Dom John Eudes Bamberg, e do Abade da Abadia Beneditina Nossa Senhora do Montserrat, do Rio de Janeiro, Dom Inácio Barbosa Accioly. Estavam presentes

---

<sup>105</sup>Alvará de Licença para a Associação Mosteiro Trapista para a implantação de cemitério, Prefeitura Municipal de Campo do Tenente-PR, 29 de Dezembro de 1986. Reg. Livro 001, Fls.021, n. 145/86.; LEAHY, Pe. Stephen. Brief History of Novo Mundo (Brazil), 1994, p. 2 (datilografado)..

também cerca de cem hóspedes. Com a sagradação da capela, foi oficialmente inaugurada a única Trapa do Brasil<sup>106</sup>.

Um mosteiro precisa de vocações e para a alegria de Novo Mundo, em 13 de março de 1985, ocorreu a primeira profissão solene monástica do Padre Emmanuel Maria Retumba Carneiro, primeira vocação brasileira Trapista, que era sacerdote dominicano antes de entrar no mosteiro<sup>107</sup>. Posteriormente transferiu-se para a Abadia de Notre-Dame de Port-du-Salut, França, onde faleceu em 29 de janeiro de 2014.

Em 1986, faleceu o último monge Trapista do Mosteiro de Maristela. Ele nasceu em Portugal, em 1897, e ingressou em 1926 no Mosteiro de Maristela. Com o fechamento deste mosteiro, retornou à Europa passando para a Abadia de Orval em 29 de fevereiro de 1928. Antes de falecer, soube que, no Mosteiro de Novo Mundo, havia a primeira vocação Trapista brasileira – O Padre Emmanuel Retumba – e, a este, dedicou espiritualmente seus últimos dias. Irmão Manu, como era conhecido, desempenhou durante muitos anos a função de hospedeiro do mosteiro.

Na festa de Santa Rosa de Lima, patrona da América Latina, no dia 28 de agosto de 1988, o Abade de Genesee, Dom John Eudes, leu, durante a missa, a autorização dada pelo Abade Geral e seu Conselho de Novo Mundo ser um Mosteiro semiautônomo<sup>108</sup>.

Diante da autorização, a comunidade procedeu à eleição do primeiro prior de Novo Mundo. Foi escolhido Dom Eduardo Gowland, até então celeiro do mosteiro Trapista de Azul, Argentina. Eleito primeiro prior de Novo Mundo, em 23 de agosto de 1988, foi instalado em 02 de setembro de 1988<sup>109</sup>.

---

<sup>106</sup> KERNS, Robert. **Trappists in Brazil**. 1995, p. 9.

<sup>107</sup> VILLAÇA, Antônio Carlos. **O livro dos fragmentos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 123.

<sup>108</sup> KERNS, Robert. **Trappists in Brazil**, 1995, p. 10; DIETZLER, Pe. Francisco. Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo, out.1991, p. 2 (datilografado).

<sup>109</sup> KERNS, Robert, op. cit., p.10.

Padre Francisco Dietzler<sup>110</sup>, uns dos fundadores e primeiro superior do Mosteiro de Novo Mundo foi o terceiro superior de Azul/Argentina (1963-1967). Em Azul, recebeu a incumbência de realizar uma nova fundação no Brasil.

Em setembro de 1990, Bom Bernardo Oliveira<sup>111</sup> foi eleito como Abade Geral da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância; em outubro, Dom Eduardo Gowland, então prior de Novo Mundo, foi eleito Abade de Azul, retornando à Argentina em 20 de outubro de 1990. Para Novo Mundo, foi escolhido Padre Felix Donahue, que havia sido prior de Getsemani, EUA<sup>112</sup>.

O fortalecimento da identidade dos Trapistas no Brasil depende das narrativas que estamos examinando e que transmitem a memória da Ordem. As palavras do Padre Félix sobre sua transferência para o mosteiro de Novo Mundo são significativas:

Passei 38 anos na comunidade de Gethsemani quando chegou o pedido de vir a Novo Mundo como prior. Foi durante a celebração de Finados que Dom John Eudes me ligou do Brasil. Isso foi no ano 1990. O prior de Novo Mundo, Dom Eduardo, foi chamado a voltar a sua comunidade de Azul na Argentina para servir como Abade. E Novo Mundo me elegeu. Cheguei antes do fim de novembro. Havia 10 ou 12 na comunidade, inclusive uma meia dúzia de brasileiros [...] Quando cheguei, Novo Mundo já tinha sua atual lindíssima propriedade, os prédios estavam construídos e muito progresso já havia sido feito na direção de uma economia autossuficiente [...] Os problemas principais talvez fossem a formação e vocações estáveis. Com a experiência, cheguei a perceber que me faltavam umas capacidades para ajudar os irmãos. servi como prior cinco anos e meio, quando Pe. Bernardo Bonowitz foi eleito. Escolhi ficar em Novo Mundo e Pe. Bernardo e a comunidade me acolheram. Tenho 79 anos e estou me tornando mais jovem a cada dia<sup>113</sup>.

Em 1991, o Mosteiro de Novo Mundo contava com cinco monges brasileiros; sendo quatro professos simples. Seguindo as diretrizes do Capítulo Geral da Ordem, tentavam melhorar a observância contemplativa, favorecendo a *lectio divina* e

<sup>110</sup>Pe. Francisco é originário da Abadia de São José, nos Estados Unidos. Cf. Saint Joseph's Abbey a brief History, [s.l.: s.d].

<sup>111</sup>Temos, em português, três livros publicados por Dom Bernardo Olivera: Amizades Transfiguradas. Tradução: Maria Zuleika T. Bezerra. Juiz de Fora-MG: Edições Subiaco, 2006; Em Maria: catecismo mariano contemplativo. Tradução: Ruperto Antônio Jaeger. São Paulo: Loyola, 1990; À semelhança de Maria: catecismo mariano contemplativo II. Tradução: Ruperto Antônio Jaeger. São Paulo: Loyola, 1990.

<sup>112</sup>Pe. Stephen Leahy. Brief History of Novo Mundo, 1994, p. 2.

<sup>113</sup>Carta do Pe. Félix Donahue a José Pereira da Silva, 21/11/2012.

criando um ambiente de maior silêncio que facilita a oração constante<sup>114</sup>. Procuraram enriquecer a biblioteca do mosteiro, que contava com seis mil volumes, graças ao trabalho paciente e criterioso do Padre Estêvão Leahy. No ano de 1989, começaram a fabricar um bolo (tipo torta da natividade) que depois seria conhecida como “Monks’Cake”. Da produção inicial de 35 bolos por semana, passou-se para 680, o que exigiu que fosse construída uma padaria, que foi inaugurada e benzida em 1990. Iniciaram a venda, na portaria do mosteiro, de biscoitos feitos pelo Irmão Bento. A fabricação de bolos e biscoitos, a produção do mel e as colheitas permitiram aos monges o sustento e investimentos na agricultura: maquinaria e uma represa para irrigação.

O mosteiro Trapista manteve constantes contatos com mosteiros beneditinos e cistercienses do Brasil. Participaram de reuniões e cursos organizados por monges e monjas e que visavam ao desenvolvimento da vida monástica no Brasil.

A hospedaria do mosteiro possuía quartos para sete pessoas, e chegavam a hospedar, aproximadamente, 360 hóspedes por ano.<sup>115</sup> Aos domingos, a igreja ficava quase cheia. E a portaria ficava sempre movimentada com a venda dos produtos do mosteiro.

Mais da metade da propriedade do mosteiro constituía-se de mata e cerca de 70 hectares eram utilizados para a agricultura. O mosteiro de Novo Mundo foi construído sobre uma colina, em lugar solitário, a 2 km da entrada do mosteiro.

A fundação do mosteiro Trapista no Paraná, primeiro na Lapa e depois em Campo do Tenente, coincidiu com o período pós Concílio Vaticano II (1962-1965)<sup>116</sup>, quando aqui, na América Latina, as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, Medellín<sup>117</sup> (1968) e Puebla<sup>118</sup> (1979), acolheram as propostas do

<sup>114</sup>Para uma compreensão dos elementos básicos da vida monástica Cf. ROBERTS, Augustin. **Vida Monástica;** elementos básicos. Tradução: monjas Beneditinas do Mosteiro da Virgem. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.

<sup>115</sup>Os monges do Campo. Folha de Londrina, Londrina-PR, 1/07/1990, p. 32.

<sup>116</sup>Compêndio do Vaticano II; constituições, decretos, declarações, 27. ed. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenbug. Petrópolis: Vozes, 1998. Para os Trapistas, o Vaticano II significou também uma volta às fontes e uma atualização para o nosso tempo. Refletiram com amadurecimento sobre a necessidade de se buscar as expressões adequadas que traduzissem de manira coerente sua própria identidade, em vista do presente e do futuro da Ordem. Cf. também: ALBERIGO, Giuseppe (Coord.). **História do Concílio Vaticano II.** Tradução de João Rezende Costa. Petrópolis: Vozes, 1995.1 v.

<sup>117</sup>II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio** (Conclusões de Medellín). 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

<sup>118</sup>III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina** (Puebla – documento final). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. Não se pode falar adequadamente dos cistercienses na América Latina sem fazer referência ao Documento de

Concílio visando à renovação cristã da América Latina<sup>119</sup>. Isto exigiu dos Trapistas uma nova leitura de sua presença e missão contemplativa na América Latina. Cada mosteiro foi adquirindo um caráter próprio<sup>120</sup>.

Uma nova etapa da vida do mosteiro se iniciou com o novo prior Dom Bernardo Bonowitz. Este incutiu novo dinamismo na comunidade e abriu perspectivas de diálogo entre a tradição cisterciense-Trapista e a realidade atual. Desenvolveu um ethos monástico<sup>121</sup>. Por meio da formação que promovia no mosteiro ou fora dele transmitia uma cultura monástica que contribuiu para a identidade Trapista no Brasil. Realizou uma tensão criativa entre a cultura monástica e a cultura geral. Nasceu no bairro Queens, em Nova York, EUA, aos 30 de abril de 1949. Veio de uma família judaica de ascendência russa.

Em 1982, ingressou no Mosteiro Trapista de Saint Joseph, em Spencer (Massachusetts, Estados Unidos), recebendo a Consagração monacal em 14 de setembro de 1986. No dia 17 de setembro, foi nomeado Mestre de Noviços e, em 1992, Prior do mesmo Mosteiro.

Foi Dom Thomas Keating, quando era Abade de Spencer, que deu a Dom Bernardo permissão para que fosse batizado. Durante alguns anos, Dom Bernardo e Dom Thomas Keating conversaram mensalmente por telefone ou em退iros no mosteiro. Dom Thomas Keating o iniciou na oração contemplativa. Quando Dom Bernardo foi ordenado sacerdote, em agosto de 1979, foi Dom Thomas quem o vestiu com a casula e estola.

Dom Bernardo Bonowitz mudou-se em 13 de junho de 1996 para o Brasil após ter sido eleito Prior do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo. Em seus primeiros anos, passou por uma fase de adaptação. Seus objetivos para Novo Mundo consistiam em:

Puebla. Há uma menção explícita aos monges beneditinos no número 272, o que indica a importância para o continente da vida monástica. Outras referências à vida contemplativa no documento: n. 529, n. 738, 760, 895, 904-958. Foi criado posteriormente a União Monástica Latino-Americana (UMLA).

<sup>119</sup> CELAM. Documentos para a presença da Igreja pós-conciliar na América Latina. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, 28 (1968), p. 431-461; CELAM – Departamento das Missões. Problemas pastorais das missões na América latina (Crônica). In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, 28 (1968), p. 461-464.

<sup>120</sup> MERTON, Thomas. **Vida Contemplativa em La Trapa**. Adaptado por las comunidades trapenses de América Latina. Argentina: Monasterio Ntra Sra de Los Angeles, [s.d.]

<sup>121</sup> Desenvolve aquilo que é único na cultura monástica, porém, dialeticamente, em relação à cultura contemporânea.

a) Uma vida contemplativa profundamente fiel à sua finalidade – a busca de Deus – e ao mesmo tempo alegre e caracterizada por uma liberdade de espírito;

b) Uma identidade brasileira, embora se respeitando as raízes europeias da Ordem;

c) A necessidade da comunidade Trapista se estender um pouco mais para o povo ao redor do mosteiro. As necessidades atuais falam alto: necessidades para formação religiosa, para melhoramento da situação dos pobres. Algumas iniciativas foram tomadas: um curso em espiritualidade monástica para a gente dos arredores e uma ajuda financeira para os pobres<sup>122</sup>.

Como podemos perceber, Dom Bernardo procura engendrar uma identidade brasileira para a comunidade Trapista em diálogo com o passado da Ordem e com os desafios do presente visando ao futuro. Ele tem, através de seus escritos, palestras,退ros, e entrevistas, atraído vocações para o Mosteiro<sup>123</sup>. Tem tornado pública a riqueza do pensamento e da mística cisterciense<sup>124</sup> desenvolvida no século XII<sup>125</sup> e colocando em diálogo a tradição monástica com problemas de nossa época:

Seriam os Padres cistercienses meramente ‘história’ - aspecto mais ou menos interessante da espiritualidade medieval? Os temas que eles tratam, a beleza e a criatividade com as quais eles os tratam, nos dizem que são muito mais que isto. Encontrar o caminho de volta

---

<sup>122</sup>Revista Jesus Vive. Entrevista com Dom Bernardo Bonowitz, [s.d.], p. 9.

<sup>123</sup>Escreveu quatro coleções de homilias: **A Alegria que vem da Trapa**. Juiz de Fora-MG: Edições Subiaco, 2001; **Senhor, abri meus lábios**. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2004; **Na presença de seu povo reunido**. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2006; **Eu vou para o Pai**. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2010. Também escreveu: **Apto a ganhar almas**. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2004; **O monge e o dízimo**, 2008; **St. Bernard's three course Banquet**, 2013. Organizou a obra **Místicos Cistercienses do século XII**. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2005. Escreve regularmente na Revista O Mensageiro de Santo Antônio.

<sup>124</sup>Os cistercienses produziram grandes teólogos e místicos (as) que escreveram importantes obras no campo da espiritualidade: São Bernardo de Claraval (+1153); Guilherme de Saint-Thierry (+ 1148); Elredo de Rievaulx (+ 1167); Guerrico de Igny (+ 1157); são chamados os quatro evangelistas de Cister. Temos também Amadeu de Lausanne (+ 1159); Odão de Morimond (+ 1161); Isaac da Estrela (+ Ca. 1169); Odão de Ourscamp (+1171); Gilberto de Hoyland (+ 1172); Godofredo d'Auxerre (+1188) entre outros. Tiveram também grandes místicas: Lutgarda de Aywières (+ 1246); Beatriz de Nazareth (+ 1268); Mectildes de Magdebourg (+ 1282/94); Mectildes de Hackborn (+ 1299); Gertrudes de Helfta ou a Grande (+ 1302).

<sup>125</sup>Para uma visão geral da espiritualidade e autores cistercienses Cf. BOUYER, Louis. **La Spiritualité de Citeaux**. Paris: AU Portulan, 1955. FRACHEBOUD, André. **Espiritualidade Cisterciense**. Viaceli: Cobreces, 1970. Spiritualité Cisterciennse; Histoire et doctrine. Paris: Beauchesne Éditeur, 1998. Bibliothéque de Spiritualité, 15.

para mim mesmo, para meu irmão e minha irmã, e para meu Deus, é a grande aventura humana, é a redenção<sup>126</sup>.

São significativas as palavras do Cardeal Dom Orani J. Tempesta, ele mesmo monge cisterciense, sobre o trabalho de Dom Bernardo de apresentar a tradição monástica para a atualidade:

[...] Dom Bernardo adquiriu uma riqueza de experiências que contribuem para o olhar perspicaz com o qual contempla a natureza e a vida humanas, e que ele traduz em palavras nas suas conferências e escritos e, sobretudo, no exercício de sua missão como Abade. Assim é que nosso amigo tem formado a espiritualidade de um grande rebanho, que de longe ultrapassa os claustros dos mosteiros e o estado de vida consagrada, para atingir todos os tipos de pessoas, unidas pelo requisito comum de buscar o sentido para suas vidas, que só se encontra em Deus, revelado a nós em Jesus Cristo<sup>127</sup>.

O ano de 2000 marcou para Novo Mundo uma etapa importante com a presença de mais vocacionados para a vida monástica Trapista. O que exigiu a ampliação dos prédios do mosteiro, principalmente com a construção de novos dormitórios. Uma atenção especial à formação intelectual e espiritual dos noviços. Tais esforços permitiram a elevação do mosteiro ao estado de Priorado Maior.

O Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo foi elevado à condição de Abadia, por ocasião do Capítulo Geral da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, celebrado em Assis (Itália), em setembro de 2008. Na festa de São Martinho de Tours, considerado o fundador do primeiro mosteiro do Ocidente, em 11 de novembro de 2008, Dom Bernardo Bonowitz recebe a bênção abacial através das mãos de Dom Ladislau Biernaski, Bispo de São José dos Pinhais/PR<sup>128</sup>.

O Mosteiro de Novo Mundo deu uma demonstração de muita maturidade ao conseguir estabelecer uma relação com a história de Maristela, em Tremembé. Não

<sup>126</sup>BONOWITZ, Bernardo. **Os místicos cistercienses do século XII.** Traduzido do original latino por Leonardo Fróes; revisão de Aída B. do Val. Juiz de Fora: Ed. Subiaco, 2005, p. 10-11; THOMAS, Robert. **Mystiques Cisterciens.** Paris: Edt. O.E.I.C. (Col. Pain de Citeaux, nouvelle série); DRISCOLL, J. "La formación monástica hoy em diálogo com La tradición". In: **Cuadernos Monásticos** 122 (1997) 253-271.

<sup>127</sup>Prefácio de Dom Orani J. Tempesta. In: BONOWITZ, Dom Bernardo. **Buscando verdadeiramente a Deus.** Santo André-SP: Mensageiro de Sto Antônio, 2013, p. 14-15.

<sup>128</sup> Bênção Abacial de D. Bernardo Bonowitz: Primeiro Abade do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, presidida por D. Ladislau Biernaski, Campo do Tenente-PR, 11 de novembro de 2008. (Livreto).

é fácil fazê-lo nos dias atuais. O que está caracterizado é que os Trapistas de Campo do Tenente e das Trapistinas de Santa Catarina estão completando a obra iniciada pelos Trapistas de Tremembé. A novidade é justamente o elemento de continuidade representado pela memória. É com ela que se descobre a identidade, entendendo melhor o presente e se preparando o futuro.

#### 1.4. Trapistinas: a Fundação de Nossa Senhora de Boa Vista



**Figura 6.** Grupo das fundadoras do Mosteiro Nossa Senhora de Boa Vista. *Foto: Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo*

Logo no início da fundação Trapista no Brasil, na década de 70, que resultou no Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, cogitou-se a fundação de um Mosteiro de Monjas Trapistinas em solo brasileiro. As Trapistinas<sup>129</sup> se estabeleceram, primeiramente, na Argentina, fundando o Monastério de La Madre de Cristo, em 1973: uma fundação da comunidade italiana de Vitorchiano. Erigido mosteiro em 1977 e Abadia em janeiro de 1989. Em 1981, Vitorchiano realizou uma fundação no Chile: o Monastério de Nossa Senhora de Quilvo. Convento simples, em 25 de março de 1988; priorado, em 25 de março de 1994; Abadia, em 1988.

---

<sup>129</sup>Sobre as origens históricas das Trapistinas conferir: KERVINGANT, M.T. **Des moniales face à La Révolution Française**; aux origines des Cisterciennes-Trappistines. Paris: Beauchesne, 1989.

A Abadia de Vitorchiano, cujo nome é San Giuseppe Nostra Signora, perto de Viterbo, Itália, foi fundada em 1875 por Trapistinas de Lyon – Voise; transferido para Grottaferrata, em 1898 e, em 1957, para Vitorchiano.

No início do século XX, precisamente em 23 de janeiro de 1908, as Trapistinas chegaram a Tremembé/SP. A autorização foi concedida por Dom Duarte Leopoldo e Silva, Bispo de São Paulo<sup>130</sup>. Erigido canonicamente em 14 de junho de 1910<sup>131</sup>. Eram monjas do priorato autônomo de São Clemente de Maçón, França. Aqui, fundaram o Mosteiro de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus e permaneceram até 1921 em Tremembé<sup>132</sup>. O estado de saúde de muitas monjas, a falta de espaço, a pobreza e outras razões levaram Madre Leon a procurar outro local. Transferiram-se para Nova Friburgo-RJ<sup>133</sup>. Ganharam uma chácara da Dona Josephine Serpa de Figueiredo<sup>134</sup>.

A partir de 1925, retornaram para Europa, primeiro para Fély, Bélgica, e, posteriormente, uniram-se às monjas de Maubec e repovoaram Chambarand, França<sup>135</sup>.

---

<sup>130</sup> Copie de l'autorisation de Mgr. L'Eveque de S. Paulo pour l'Etablissement dês Trappistines au Sanctuaire de Tremembé, 27 de agosto de 1907.

<sup>131</sup> Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva. Decreto de ereção canônica do Mosteiro de N. Sra do Sagrado Coração de Jesus, 14 de junho de 1910.

<sup>132</sup> Mosteiro das Cistercienses de N.Sra. do Sagrado Coração. Procés verbal de La session capitulaire, Tremembé-SP, Du 19 Aout 1919.

<sup>133</sup> Autorização de Dom Agostinho Benassi, Bispo de Niterói, para que as Trapistinas aceitassem a doação de uma chácara e construísse o mosteiro, Niterói, 13 de outubro de 1921.

<sup>134</sup> Cláusulas da doação feita a Associação de S. Bernardo por Josephina Serpa de Figueiredo, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1921.; LEÓN, M.S Ponce de. Na paz de um silêncio profundo. **Revista Social**, [s.l.: s.d.], p.50.

<sup>135</sup> Nonciature Apostolique au Bresil. Mons. Egidio Lara a Madre Jean Baptiste. Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1926. Nunziatura Apostolica Del Brasile. Mons. Egidio Lara a Madre Jean Baptiste, Rio de Janeiro, 9 de Dezembro de 1926. Licença para vender o terreno do mosteiro. Révotion de La donation faite à l'Association S. Bernard de Nova Friburgo, Nova Friburgo, 1e 9 Décembre 1928. Fr. M. Clement a Dom José Pereira, Bispo de Niterói, set. de 1928. Na petição pede ao bispo de Niterói permissão para a transferência das Trapistinas de Nova Friburgo-RJ para Fély (Bélgica), conforme o direito canônico. Carta do burgomestre de Fély (Bélgica) ao Pe. Clement (Econômo das Trapistinas), Fély, Le 2 décembre 1929.

Na década de 90, os restos mortais das Trapistinas que morreram no Brasil foram transladados para o Mosteiro Trapista de Nossa Senhora do Novo mundo<sup>136</sup>.

Padre Francisco Dietzler e Dom Bernardo Bonowitz, em diversos momentos, haviam pedido ao Mosteiro de Nossa Senhora de Quilvo, Chile, para que fundassem um mosteiro de Trapistinas no Brasil. No entanto, apenas na REMILA (Região Mista Latino Americana), de novembro de 2007, que tratou do tema, a madre do mosteiro de Quilvo percebeu que era o momento de se pensar sobre o assunto. O apoio dos monges reunidos na REMILA foi um sinal para uma atenção especial para aquela proposta.

No período de 12 de fevereiro a 4 de março de 2008, houve um processo de discernimento e amadurecimento da proposta de uma fundação no Brasil. Esse discernimento se deu por meio de diálogos comunitários que revelou a união da comunidade em torno da decisão de empenharem-se em uma nova fundação.

Em 4 de março de 2008, a comunidade de Quilvo deu seu primeiro voto canônico para a fundação brasileira. O mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo se prontificou a colocar as Trapistinas de Quilvo em contato com algum Bispo que quisesse recebê-las em sua diocese.

Em 12 de maio de 2008, o Mosteiro de Novo Mundo aceitou a paternidade da futura fundação. As monjas do Mosteiro de Nossa Senhora de Quilvo viriam ao Brasil.

O próximo desafio foi encontrar um terreno adequado para a fundação de um mosteiro. Esse terreno deveria ser relativamente afastado da cidade, mas, ao mesmo tempo, acessível e próximo do Mosteiro de Novo Mundo. Esse trabalho contou com a ajuda de monges de Novo Mundo. Eles selecionaram os terrenos que foram visitados pelo Padre Jesus de Santa Maria Miraflores.

---

<sup>136</sup>Carta do Pe. Estevão Leary a Dom Clemente José C. Isnard, 22 de abril de 1991. Carta da Ir. Ercília ao Pe. Estevão Leary, Nova Friburgo-RJ, 24 de maio de 1991. Carta da Ir. Ercília ao Pe. Estevão Leary, Nova Friburgo-RJ, 26 de julho de 1991. Carta do Pe. Estevão a Dom Clemente José C. Isnard, 9 de junho de 1991. Carta de Dom Clemente José C. Isnard ao Delegado de Polícia de Nova Friburgo, Nova Friburgo-RJ, 7 de junho de 1991. Carta do Pe. Estevão Leary ao Prefeito de Tremembé-SP, Campo do Tenente-PR, 12 de março de 1992. Carta da Ir. Ercília de Jesus Bendine ao Pe. Estevão Leary, Nova Friburgo-RJ, 10 de junho de 1991. Carta da Ir. Marie Claire ao Pe. Félix Donahue, Trappe de Chambarand, Le 17 juin 1991. Carta do Pe. Estevão Leahy ao Prefeito de Tremembé-SP, 12 de março de 1992. Carta do Prefeito de Campo do Tenente ao Prefeito de Tremembé, Campo do Tenente-PR, 12 de maio de 1992. Ofício n. 090/92.

Em 15 de junho de 2008, Madre Lodovica, Madre Anna e Padre Jesus visitaram o Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo e o Bispo de Joinville/SC, Dom Irineu Scherer. Percorreram alguns terrenos próximos de Mafra, Joinville, Jaraquá, Campo Alegre, entre outros.

Em novembro de 2008, Madre Lodovica, Madre Liliana, irmã Sandra e Padre Jesus, depois de percorrerem alguns terrenos em companhia de monges de Novo Mundo: Padre Lázaro Pires, Irmão Sebastião e irmão Gerardo, escolheram um terreno em Boa Vista.

O terreno escolhido situava-se no altiplano do estado de Santa Catarina, a 10 km da cidade de Rio Negrinho, 840 metros sobre o nível do mar, rodeado pelo Rio Negro.

Inicialmente, houve dificuldades de legalização do terreno. Em 4 de junho de 2009, aconteceu o segundo voto canônico da comunidade de Nossa Senhora de Quilvo. Foi a aprovação definitiva da nova fundação: o Mosteiro de Nossa Senhora de Bela Vista, em Rio Negrinho, SC.

No período de 15 a 22 de junho de 2009, as Madres Lodovica e Liliana e a Irmã Jacqueline visitam o bairro Boa Vista e escolhem o lugar da construção do mosteiro. O projeto do Mosteiro ficou a cargo do arquiteto Ubiratan Silva. No dia do Sagrado Coração, foi celebrada a primeira missa em Boa Vista.

Em 3 de julho de 2009, o Conselho do Abade Geral da Ordem Cisterciense da Estrita Observância aprovou a nova fundação. No período de 10 a 16 de setembro de 2009, as Madres Lodovica e Liliana e Irmã Lucila visitam Boa Vista. Neste momento, foi aprovada a construção da hospedaria, na qual as Trapistinas morariam até a construção das celas. A construção do Mosteiro tem início em março de 2010. Decidiu-se que as fontes de trabalho do mosteiro seriam a fabricação de cartões e chocolates. O Estatuto da Associação Civil foi aprovado.

Enquanto se construía o mosteiro, as Trapistinas alugaram uma casa no bairro de Bela Vista onde viveriam durante o primeiro ano para acompanhar a construção. Em 08 de janeiro de 2010, saíram as oito fundadoras.

Uma primeira missa foi celebrada por Dom Bernardo Bonowitz e concelebrada pelos Padres Lázaro, Félix e Plácido. Contava com a presença das Trapistinas, dos monges da Abadia de Nossa Senhora do Novo Mundo e de pessoas amigas. Foi fixada a cruz fundacional. Portanto, a 11 de fevereiro de 2010, festa de Nossa Senhora de Lourdes, tem início oficialmente a vida das Trapistinas no Brasil. Uma missa foi celebrada pelo Bispo de Joinville Dom Irineu Scherer e pelo Padre Imediato do Mosteiro da Boa Vista Dom Bernardo Bonowitz. As oito irmãs fundadoras, vindas do Mosteiro de Nossa Senhora de Quilvo, uma de Vitorchiano, fundadora de Quilvo, Madre Liliana, quatro chilenas e três brasileiras. Com a fundação do Mosteiro de Nossa Senhora de Boa Vista, temos a segunda experiência das Trapistinas no Brasil<sup>137</sup>.

---

<sup>137</sup>Sobre a evolução das Trapistinas na atualidade conferir: PINI, Mère Virginia. La Branche Féminine. In: **Collectanea Cisterciensia**, 1981, p. 401-406. 43 v.

## 2. TRAPA – IDENTIDADE



Figura 7. Primeiros superiores do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. *Fonte: José Pereira da Silva*

## 2.1. Origens: Ora et Labora



Figura 8. Trapistas do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo rezando



Figura 9. Trapistas do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo trabalhando no campo

De acordo com a história dos efeitos do monaquismo, podemos dizer que, na grande viragem cultural produzida pela migração de povos e pelos novos ordenamentos estatais que vinham formando, os mosteiros eram lugares onde sobreviriam os tesouros da velha cultura e onde, a partir dos mesmos, vinham-se formando gradualmente uma nova cultura<sup>138</sup>.

A Ordem Cisterciense serviu largamente à cultura nascida em Citeaux e atingiu grande desenvolvimento com São Bernardo de Claraval<sup>139</sup>. Por ser um projeto cultural<sup>140</sup>, engaja-se no momento histórico em que nasce e influí no espírito, na cultura e na história da Europa nascente.

A motivação para tudo isso é o “*quaerere Deum*”, buscar Deus. Por trás das coisas provisórias buscavam o definitivo<sup>141</sup>. O mesmo Deus tinha estabelecido sinais de percurso, mas tinha aberto um caminho, e a tarefa consistia em achá-lo e segui-lo. Este caminho era a Palavra que, nos livros das Sagradas Escrituras, abria-se diante dos homens. Na realidade do mundo está o desejo de Deus, os monges conciliaram o desejo de Deus com as realidades do mundo.

Consequentemente, a procura de Deus requer, por exigência intrínseca, uma cultura da palavra. Como exprime Jean Leclercq: no monaquismo ocidental, escatologia e gramática estão intimamente conexas uma com a outra. Como diz Jean Leclercq:

Mas dois elementos constantes, cuja dosagem pouco variou, asseguram a continuidade, a homogeneidade da cultura monástica. São eles, de um lado, o caráter ‘literário’ dos escritos mais do que falados, mas bem escritos, conforme à arte das letras e à gramática, tende para uma união pessoal com o Senhor aqui e, depois, na beatitude; ele é marcado por um intenso desejo, uma contínua

<sup>138</sup> GOUREVITCH, A. J. **Les Catégories de La Culture Médievale**. Paris: Gallimard, 1983.

<sup>139</sup> “Não é mesmo sem surpresa que vemos esses monges, que pretendem ter adquirido toda a sua ciência à sombra das florestas, conhecer tão completamente os autores profanos. Guilherme de S. Thierry (falecido em 1148), amigo e confidente de S. Bernardo, sonha com a Arte de amar de Ovídio ao descrever a Natureza e a dignidade do amor. Aelredo de Rielvaulx (morto em 166), no seu tratado da Amizade Espiritual, inspira-se em Cícero. Outros dois cistercienses, Isaac Stella (morto em 1169) e Alcer de Clairvaux aplicam-se a classificar e a descrever as faculdades da alma em pequenos tratados que tiveram um sucesso perdurable”. Édouard Jeauneau. **A Filosofia Medieval**. Tradução: João Afonso dos Santos. Lisboa-Portugal: Edições 70, [s.d.], p. 60-61.

<sup>140</sup> La Torre, Juan Maria de. **El proyecto de La Orden Cisterciense en su supervivencia Histórica**. Simpósio Cister Ontem, São José do Rio Pardo-SP, 13-18 de julho de 1997, p. 1.

<sup>141</sup> BARSOTTI, Divo. **Monaquismo e Mística**. Tradução Mosteiro da Santa Cruz. Juiz de Fora-MG: Ed. Subiaco, 2009. Escreve: “Nossa vida é uma procura de Deus, é vontade irresistível de tender para Ele. A procura de Deus torna-se o conteúdo mais verdadeiro da vida humana”. p. 22.

tensão escatológica [...] Eis por que é difícil caracterizar com uma única palavra tal literatura e o estudo que constitui seu objeto: teologia, espiritualidade, história cultural, três realidades que não se separavam na vida real dos monges, e que não podemos dissociar<sup>142</sup>.

O desejo de Deus inclui o amor às letras, o amor pela palavra, o penetrar em todas as suas dimensões. A cultura da palavra no monaquismo ocidental se desenvolveu a partir da busca de Deus. Essa cultura da palavra realizada no monaquismo vai plasmar a cultura ocidental.

O monaquismo ocidental havia preparado a reforma carolíngia, na qual temos a constituição da língua e da cultura monástica<sup>143</sup>. Uma língua religiosa que exprime, na religião, o culto. Os monges missionários e reformadores foram gramáticos. A renovação dos estudos clássicos. A aliança da literatura antiga com a tradição bíblica e patrística<sup>144</sup>.

O conhecimento das letras (capacidade de ler e escrever), e a formação na gramática (capacidade de compreender) conduzem o monge na sua identidade mais profunda que é a da busca de Deus (*quaerere Deum*), mas conduzem também a uma tensão escatológica que é o desejo de possuir Deus<sup>145</sup>. Os monges devem ser capazes de ler para se dedicarem à *lectio divina*, uma de suas principais ocupações, para as quais são reservadas as melhores horas do dia.

Se os monges devem ler e escrever, ou eram já letrados, antes de ingressarem no mosteiro, ou devem aprender ali<sup>146</sup>. Além disso, o mosteiro deve

<sup>142</sup>LECLERCQ, Jean. *O amor às letras e o desejo de Deus*. Tradução: Maurício Pagotto Marsola. São Paulo: Paulus, 2012, p. 15.

<sup>143</sup>PRADO, Dom Lourenço de Almeida. *São Bento, o trabalho e a construção da cidade medieval*. In: **São Bento**; o eterno no tempo. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1994, p. 127-144.; JEANNEAU, Édouard. Renascimento Carolíngio. In: **Filosofia Medieval**. Tradução: João Afonso dos Santos. Lisboa: Edições 70, [s.d.], p. 25-44.

<sup>144</sup>MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina II/1**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2000; CURTIUS, Ernest-Robert. **La littérature européenne et Le moyen age latin**. Tradução: Jean Bréjoux. Parigi, 1957; EBERT, A. **Histoire générale de la literature du moyen age Occident**. Tradução: J. Aymerc e J. Condamin, 3 v., Parigi, 1883-9.

<sup>145</sup>Pe. Luis Alberto Ruas Santos. O. Cist. Vacare Deo, soli Deo, o que significam para nós hoje? Simpósio Cister Hoje e Amanhã, São José do rio Pardo-SP, 25 a 30 de julho de 1999. É interessante a abordagem que faz do Vacare Deo, Soli Deo e os primeiros cistercienses.

<sup>146</sup>WOODS JR., Thomas E. *A Palavra Escrita*. In: **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**, 3. ed. Tradução: Élcio Carillo, Revisão de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2010, p. 39-42.

possuir livros, uma biblioteca, que forneça o necessário para a leitura da Sagrada Escritura, de São Basílio, de Cassiano e dos Pais da Igreja (RB 73, 2-6).

São Bento quer que os livros sejam lidos “per ordinem ex integra” (pela ordem e por inteiro). O quarto capítulo aponta que um dos instrumentos das boas obras é “ouvir de boa vontade as santas leituras”, isto significa que, além da frequência à leitura, o monge deve ter “prazer”, “boa vontade” em ouvir. Recorda-nos o fato de que a leitura, na Idade Média e na Antiguidade, consiste em ler não somente com os olhos, mas com os lábios, pronunciando cada palavra, ouvindo a própria voz atento às palavras pronunciadas.

Embora a RB não mencione tal trabalho, sabemos, através de outras regras contemporâneas à Regra de São Bento, que a fabricação de livros foi uma das principais ocupações dos monges da Idade Média.

Ler e meditar. A exegese monástica, orientada para a vida e não para o abstrato, tem sua base na leitura meditada da Palavra de Deus<sup>147</sup>.

Nos mosteiros, além dos escritores clássicos e dos gramáticos, estudavam-se os autores cristãos, como Juvenco e Sedulio, mas, sobretudo, a Sagrada Escritura, em especial o saltério<sup>148</sup>.

A arte de ler, escrever e recitar era sempre orientada à ciência divina, uma vez que a literatura pode contribuir para a busca de Deus, se usada adequadamente. A lectio consistia também em compreender as palavras. Ler com um mestre em gramática, ouvindo dele a leitura e a explicação dos textos.

Esse método de estudo imprimiu na memória dos monges a letra dos textos estudados, a arte de bem escrever, um gosto e uma formação clássica que levará os monges a reproduzir, nos seus escritos, muito dos autores antigos.

---

<sup>147</sup>LUBAC, Henri de. **Esegesi Medievale, sezione quinta Scriptura ed Eucaristia**, v. 17 (Opera Omnia). Traduzione G. Auletta. Milano-Itália: Editoriale Jaca Book SPA; Roma: Edizioni Paoline, 1979. p. 39-123.

<sup>148</sup>“Os monges estudavam os poemas dos poetas pagãos e os escritos dos historiadores e dos filósofos. Os mosteiros e as escolas monásticas tornaram-se, não apenas centros florescentes de vida religiosa, mas também de ensino. Os Monges não apenas fundaram escolas e foram professores, mas também lançaram as bases das futuras universidades. Eram os pensadores e filósofos da época, e moldaram o pensamento político e religioso. A eles se deveu, tanto coletivamente como individualmente, que o pensamento e a civilização do mundo antigo passasse para a Idade Média e para o período moderno”. Thomas E. Woods Jr. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**, p. 42-43.

Na Idade Média, são vários os gêneros literários<sup>149</sup>. Os monges que não demonstravam interesse à *quaestio* e à *disputatio* dos escolásticos preferiam os gêneros concretos, nos quais se falavam de fatos, de experiência, de onde se podia tirar um ensinamento de algum mestre, dirigido a um público ou a uma pessoa determinada. Usavam estilos como a carta, o diálogo, a história, crônicas, e também os de caráter pastoral como os sermões e os comentários, que continham muito mais uma exortação do que uma explicação.

Os escritos monásticos se diferem dos escolásticos também pelo fato de serem fruto de uma “école du silence”. A literatura monástica privilegiava o escrito, para a conservação do silêncio: “São amadurecidos na escola do silêncio: silentium loquendi magister, sendo destinados a favorecê-lo. Tal literatura do silêncio é, portanto, de estilo escrito muito mais do que oral<sup>150</sup>”.

A *lectio divina*<sup>151</sup> está na base da literatura monástica, escola dos monges, o que contribuirá também para conservação da sancta simplicitas dos gêneros literários monásticos – do VIII ao XII século.

Os monges se interessaram muito pela história. A história não é somente conhecimento do passado, mas empregando um vocabulário bíblico, litúrgico e patrístico, aproxima-se do caráter pastoral de edificação, instrução e vivência cristã<sup>152</sup>.

---

<sup>149</sup>CURTIUS, E. R. **Literatura Europea y Edad Media Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1955. 2 v.

<sup>150</sup>LECLERCQ, Jean. **O amor às letras e o desejo de Deus**, p.186. Cf. CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada**, Da Renascença ao Século das Luzes. 2. ed. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 3 v. Onde lemos: “Uma prática lenta, penosa, exteriorizada, é substituída por uma leitura mais rápida, mais fácil, que toca o leitor diretamente em seu íntimo. Parece que essa maneira de ler apenas com os olhos conquistou progressivamente todos os leitores durante a Idade Média. A princípio reservada aos copistas dos scriptoria monásticos, a partir de meados do século XII transforma os hábitos universitários e dois séculos depois conquista as aristocracias leigas” p. 126.

<sup>151</sup>MUNDÓ, A.. Las reglas monásticas latinas Del siglo VI y la Lectio Divino. In: **Studia Monastica** 9 (1967); STANLEY, D., Sugerencias para um enfoque de la lectio divina. In: **Cuadernos Monásticos** 38 (1976).

<sup>152</sup>DRISCOL, Jeremy. La formación monástica actual em diálogo com La tradición. In: **Cuadernos monásticos** (1997): 260-261. Driscol diz: “El monje descubre que el sentido de la existencia personal suya y de La comunidad, no puede ser entendida fuera de las grandes líneas del texto sagrado. Y de este modo, La cultura monástica se vuelve La cultura de los monasterios que saben que están em continuidad con la historia particular y su relación com La creación que proclaman lás Escrituras”.

O gênero literário mais utilizado no meio monástico é o sermão<sup>153</sup>, que se distingue por ser patrístico e monástico, isto é, de caráter pastoral. O sermão torna-se um elemento da observância monástica e reveste-se da forma de conferência espiritual.

O monaquismo usou muito o Florilégio, porém de caráter ascético e místico. Os monges puderam aproveitar melhor esses textos graças à *lectio* e à *meditatio*<sup>154</sup>.

O mesmo Deus tinha estabelecido sinais de percurso, mais, tinha aberto um caminho, e a tarefa consistia em achá-lo e segui-lo. Este caminho era a sua Palavra que, nos livros das Sagradas Escrituras, abria-se diante dos homens<sup>155</sup>. Consequentemente, a procura de Deus requer por exigência intrínseca, uma cultura da palavra ou, como se exprime Jean Leclercq<sup>156</sup>, no monaquismo ocidental, escatologia e gramática estão intimamente conexas uma com a outra.

O desejo de Deus, *le désir de dieu*, inclui *l'amour des lettres*, o amor pela palavra, o penetrar em todas as suas dimensões. Visto que, na Palavra bíblica, Deus caminha para nós e nós para Ele. É preciso aprender a penetrar no segredo da língua, compreendê-la na sua estrutura e no seu modo de se exprimir<sup>157</sup>.

Uma vez que a procura de Deus exigia a cultura da palavra, faz parte do mosteiro a biblioteca que indica as vias rumo à palavra. Pelo mesmo motivo, dele faz parte também a escola. São Bento chama o mosteiro um *dominici servitii schola*<sup>158</sup>.

---

<sup>153</sup> Jacques Le Goff comenta que na Idade Média a oralidade tinha um papel essencial no mundo intelectual, no qual sermões eram tão importantes quanto exercícios universitários. Jornal O Globo, sábado, 05.04.2014. Cf. LECLERCQ, Jean. **Predicare nel Medioevo**. Milano: Jaca Book, 2001.

<sup>154</sup> VANDENBROUCKE, F. La lectio divina del siglo XI AL XIX. In: **Cuadernos Monásticos** 73 (1985); GUIGO II, o cartuxo et. al., Lectio Divina: ontem e hoje, 2. ed. Juiz de Fora-MG: Mosteiro da Santa Cruz-MG, 1999.

<sup>155</sup> LUBAC, Henri de. Exégèse Mediéval; lês quatre sens de l'Ecriture, Aubier, 1959 (cf. 1 Parte, vol. II, cap. IX). Intuiu uma perspectiva exegética na Teologia Monástica em Histoire et sprit. L'intelligence de l'Ecriture d'après Origène, Paris, 1950; L'Écriture dans La tradition, Paris, 1966, 11-47. Esta obra recebeu várias recensões do ambiente monástico que enriqueceu suas perspectivas: 1) CALATI, Benedetto. Sapienza monástica, Roma, 1994, 102-140; 2) LOUF, Andre. Exégèse scientifique ou "Lectio" monastique, In: **Collectanea Cisterciensia** 22 (1960), 225-247; 3) STUDER, B., "Liturgia e Padri", In: **Scientia Liturgica**, a.c. de Anscar, J. Chupungco, Casele Monferrato, 1999, 78-84.

<sup>156</sup> Jean Leclercq está entre os mais significativos autores do século XX, ao lado de nomes como Chenu, Gilson, Bouyer, Jungmann ou Rahner.

<sup>157</sup> Discurso do Papa Bento XVI ao mundo da cultura, Collège des Bernardins, Paris, 12/09/2008.

<sup>158</sup> CALATI, Benedetto. Spienza Monastica; saggi di storia, spiritualità e problemi monastici, Roma, Centro Studi S. Anselmo, 1994 (Studia Anselmiana, 117). Especialmente o capítulo XII: Monachesimo Benedettino.

O mosteiro serve para a eruditio, a formação e a erudição do homem – uma formação cujo objetivo último é fazer com que o homem aprenda a servir a Deus<sup>159</sup>.

Mas isto supõe precisamente também a formação da razão, a erudição, baseado no qual o homem aprende a perceber por entre as palavras, a Palavra<sup>160</sup>.

São Bento de Núrsia<sup>161</sup> chamava o mosteiro e a vida monástica de uma “escola do serviço divino”. Nesta escola do serviço divino, a vida se orienta para a palavra, para o “ora”<sup>162</sup>. É a partir disto que se determina a direção do conjunto da vida monástica<sup>163</sup>.

Além do “ora” há também um segundo elemento fundamental da vida monástica beneditina: o “labora”<sup>164</sup>. O monaquismo ocidental acolheu esta tradição. O trabalho manual é parte constitutiva do monaquismo cristão<sup>165</sup>. Anselm Grün e Fidelis Rupert lembram-nos que:

Ora et labora. Isto não é simplesmente uma marca quantitativa da vida beneditina, para incluir na oração todos os tipos de trabalho. É antes um programa espiritual, um caminho para deixar que Deus penetre em minha vida, e que eu lhe vá ao encontro no dia a dia<sup>166</sup>.

Para São Bento, o serviço mútuo é uma coisa natural e evidente. Ninguém há de ser dispensado dele sem uma razão importante. Justamente nos trabalhos simples de cozinha, refeitório e trabalhos comuns de limpeza, todos precisam

<sup>159</sup> IDEM, *Mistero della vita monástica*. In: **Il Primato dell'Amore**. Camaldoli: Edizioni Camaldoli, 1989, p. 7-18.

<sup>160</sup> Falando aos homens, Deus expressa-se com palavras humanas. Portanto, é necessário aperfeiçoar os instrumentos intelectuais e culturais para compreender, por detrás e dentro das palavras humanas, a Palavra de Deus. O que exige também a formação da razão, a erudição.

<sup>161</sup> GRÜN, Anselm. **Bento de Núrsia**: sua mensagem hoje. Tradução: Inês Antônia Lohbauer. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2006.

<sup>162</sup> CALATI, Benedetto. Spiritualità monástica. In: **Vita Monastica** 13 (1959).

<sup>163</sup> BUTLER, Cuthbert. **Síntese doutrinal da Regra de São Bento**. Tradução: monjas beneditinas do Mosteiro da Santa Cruz. Juiz de Fora-MG, 1998. Cf. também: ENOUT, Dom Evangelista Enout. **São Bento e a profissão de monge**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.

<sup>164</sup> ANASTACIO, A. Vida monástica y trabajo. In: **Cuadernos Monásticos** 23 (1972). Na vida monástica e de modo especial em São Bento, as categorias Opus dei e Operarius Dei tem uma especial consideração. Se trata de um fator que unifica as diversas dimensões da vida do monge: desde o trabalho manual ao canto do ofício, como a atenção aos irmãos enfermos, aos hóspedes, entre outros.

<sup>165</sup> Ver: GRÜN, Anselm; RUPPERT, Fidelis. **Orar e Trabalhar**. 6. ed. Tradução: Carlos A. Pereira, Petrópolis: Vozes, 2012.; PASCUAL, Augusto. **O compromisso cristão do monge**. Tradução: Mosteiro da Virgem. Petrópolis: CIMPRA, 1994; COLLART, Dom Cristiano. **A sabedoria de São Bento para o nosso tempo**. São Paulo: Palavra & Prece, 2007.

<sup>166</sup> GRÜN, Anselm; RUPPERT, Fidelis. **Orar e trabalhar**, p. 92.

mostrar disposição para o serviço mútuo<sup>167</sup>. O trabalho manual e o intelectual formam uma unidade orgânica no mosteiro, e assim a comunidade age como um todo<sup>168</sup>. O capítulo 48, da Regra de São Bento, trata do trabalho manual cotidiano: “A ociosidade é inimiga da alma; por isso em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual” (RB 48, 1)<sup>169</sup>.

Na Regra de São Bento, o trabalho é considerado como um valor autônomo e digno de verdadeira estima<sup>170</sup>, separando-se da sensibilidade romana e da tradição oriental. É por isso que o lema da vida beneditina é “Ora et Labora”.<sup>171</sup> A identidade monástica específica e a unicidade da cultura do mosteiro estão presentes nas duas práticas beneditinas fundamentais: Opus Dei e lectio divina.<sup>172</sup>

O trabalho monástico apresenta um diferencial em relação ao da sociedade:

Enfim, também o conceito de trabalho assinala diferenças importantes entre ambas as culturas. Em uma delas, o trabalho se orienta para o dinheiro, o prazer, a ganância excessiva; na outra, o trabalho é uma empreendimento sagrado, uma cooperação privilegiada e real com Deus para levar a cabo seus desígnios sobre o mundo<sup>173</sup>.

---

<sup>167</sup> PADRÓN, Héctor Jorge. El sentido de lo cotidiano em La experiência Del monacato medieval. Cuadernos Monásticos, Buenos Aires, 165 (2008): 181-202.

<sup>168</sup> Orazione e lavoro. In: CALATI, Benedetto. Spienza Monastica; saggi di storia, spiritualità e problemi monastici, Roma, Centro Studi S. Anselmo, 1994, p. 435-448.

<sup>169</sup> A Regra de São Bento, Latim/Português. 2. ed. Tradução e notas: Dom João Evangelista Enout, Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.

<sup>170</sup> O componente essencial do monaquismo cristão está encerrado no princípio do ora et labora, que une a orientação à palavra, que pertence à essência da busca, das verdades penúltimas à verdade última, com a orientação para o trabalho, ou seja, para aquela peculiaridade da condição humana dada pelo seu envolvimento na obra de Deus na criação do mundo.

<sup>171</sup> GRÜN, Anselm. Ora et labora – Oração e trabalho. In: **Bento de Núrsia**: sua mensagem hoje. Tradução: Inês Antonia Lohbauer. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2006, p. 31-38.

<sup>172</sup> “Los monjes qe son fieles a La Regla de San Benito no tienen dudas sobre cuáles son los valores y las prácticas centrales de su modo de vida. [...] el Opus dei, la lectio divina, las prácticas y costumbres monásticas ya probadas – sino más bien mostrar cómo, em esas mismas cosas, se encuentra nuestra identidad monástica específica, uma específica identidad monástica que puede resistir tanto en contraste como en relación com la cultura general; una específica identidad monástica que se va a encontrar a la vez em contraste y en relación com uma comunidad teológica más amplia. Quiero hablar, como lo anticipé, acerca del Opus Dei, lectio divina, y las prácticas monásticas y las costumbres; al hacerlo, las voy a describir em sus dimensiones ‘ideales’, consciente de que son ideales nunca realizados plenamente, pero convencido también de que articular los ideales es una práctica muy fructuosa em nuestra vida”. Jeremy Driscoll. La formación monástica actual en diálogo con la tradición. Cuadernos Monásticos 122 (1997): 258-259.

<sup>173</sup> DRISCOLL, J. **La formación monástica actual em diálogo com la**. Tradición, op. cit., p. 257. O texto fala de duas culturas, ou seja, a monástica e a da sociedade em geral. .

Na mesma medida, a leitura e o trabalho manual exigem que o monge empregue com esforço e dedicação, ora suas energias corporais, ora as espirituais. Ambas estão orientadas para o Opus Dei, especialmente a lectio divina que se estendendo até o *Officium divinum* é, essencialmente, um dos elementos portadores da vida sobrenatural no estado monástico.<sup>174</sup> Portanto: “Do monaquismo faz parte, junto com a cultura da palavra, uma cultura do trabalho, sem a qual o progresso da Europa, o seu ethos e a própria concepção do mundo são impensáveis”<sup>175</sup>.

Essa procura de Deus, “Quaerere Deum”, do monasticismo fundamentou a cultura da Europa<sup>176</sup> e mantém sua atualidade nos dias de hoje:

Quaerere Deum – buscar a Deus e deixar-se encontrar por Ele: isto, hoje, não é menos necessário do que em tempos passados. Uma cultura meramente positivista que relegasse para o âmbito subjetivo, como não científica, a pergunta acerca de Deus, seria a capitulação da razão, a renúncia às suas possibilidades mais elevadas e, portanto, o descalabro do humanismo, cujas consequências não deixariam de ser graves. O que fundamentou a cultura da Europa, a procura de Deus e a disponibilidade para o escutar, permanece também hoje o fundamento de toda a verdadeira cultura<sup>177</sup>.

Thomas Merton assume uma antiga posição que diz que o mosteiro e a universidade têm a mesma função. O mosteiro e a universidade são um microcosmo e um paraíso. Segundo Thomas Merton:

Ambos, mosteiro e universidade, nasceram numa civilização aberta para o sagrado, isto é, numa civilização que prestava muita atenção ao que considerava ser suas próprias raízes primordiais em um solo sagrado mítico e arquetípico, uma criação espiritual. Assim, o logos ou ratio de ambos, mosteiro e universidade, é quase o mesmo. Ambos são ‘escolas’ e ensinam, não tanto transmitindo informações

<sup>174</sup> HERWEGEN, Dom Ildefonso. **Sentido e Espírito da Regra de São Bento**. Tradução: Monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1953, p. 292.

<sup>175</sup> Discurso de Bento XVI no encontro com o mundo da Cultura no Collège des Bernardis de Paris, 12/09/2008.

<sup>176</sup> Papa Paulo VI. Carta Apóstolica “Pacis Nuntius”, 24 de outubro de 1964. Designa São Bento patrono da Europa. Cf. também a Homília do Papa João Paulo II em Núrsia, em 21 de março de 1980, festa de São Bento. Nela o Papa destaca São Bento e os beneditinos como pioneiros de nova civilização.

<sup>177</sup> Discurso de Bento XVI, no encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardis de Paris, 12/09/2008. Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). O Papa Bento XVI evocou um grandioso modelo que o cristianismo introduziu na cultura europeia, no gesto de a forjar, ou seja, o monaquismo. Refere-se ao novo monaquismo, que, na escolha de uma condição de vida não ordinária, de resto, não evita o mundo, mas entra nele para transformá-lo profundamente.

como levando o erudito (universidade) ou o monge (no mosteiro) ao contato direto com ‘o princípio’, o mundo arquetípico do paraíso<sup>178</sup>.

No século XII<sup>179</sup>, a partir dos mosteiros e das escolas junto das catedrais, desenvolveram-se dois modelos diferentes de teologia: a teologia monástica<sup>180</sup> e a teologia escolástica<sup>181</sup>.

Dois ambientes em que se desenvolveram a atividade teológica: os mosteiros e as escolas cidadãs, as Scholae, algumas das quais logo dariam vida às universidades, que constituem um dos típicos inventos do medievo cristão<sup>182</sup>.

Diante do aparecimento das primeiras Universidades<sup>183</sup>, os monges perceberam que possuíam uma tradição e uma identidade próprias<sup>184</sup>:

J. Leclercq, estudando o movimento intelectual do século XII, constata que ante a aparição das primeiras Universidades da cidade os monges tomam uma distância que significa reconhecer que tem uma tradição própria que, ante o novo modelo, sofreria um corte em algo que é essencial da vida monástica mesma e a sua forma de apresentar a teologia. Deste modo os monges tomam consciência de ser portadores de uma tradição e de uma identidade própria, que na

<sup>178</sup>MERTON, Thomas. **Amor e vida**. Tradução: Margarida Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 7.Cf. também: VERGER, J. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo: Unesp, 1990; VERGER, J. Homens e saber na Idade Média, Bauru-SP, EDUSC, 1999.

<sup>179</sup>CHENU, M. D. *La théologie au XII siècle*, Paris, 1957.

<sup>180</sup>RIVAS, Fernando. *La ratio studiorum y La teología monástica*. Cuadernos Monásticos, Buenos Aires (Argentina), 164 (2008): 11-32.; SIMON, A. *Teología Monástica: La recepción y el debate em torno a um concepto innovador (I) y (II)*. In: *Studia Monastic* 44 (2002), 313-371 y 45 (2003), 189-233; BOEHNER, B. e GILSON Etiennne. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970. .

<sup>181</sup>GILSON, Etiennne. **A filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.; FRANCA, Pe. Leonel. *Filosofia Escolástica*. In: **Noções de História da Filosofia**. 22 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1978, p. 94-99.

<sup>182</sup>DUBY, Georges. *O tempo das Catedrais*. Lisboa: Estampa, 1979; DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. In: **História da Igreja de Cristo**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1993. 3 v.

<sup>183</sup>Universidades: Bolonha, séc. XI (Diretório Canônico); Paris, séc. XI (Teologia, Abelardo); Toulouse, contra Cátaros; Colônia; Praga, séc. XIV; em cada Catedral se instala uma.

<sup>184</sup>A tese de Dom Jean Leclercq recebeu um grande apoio de autoridades dentro do movimento teológico que cercou o Concílio Vaticano II(1962-65), tanto no mundo monástico como fora, por exemplo Chenu, Henri de Lubac, Vagaggini, G.Penco. Jean Leclercq introduziu uma nova categoria hermenêutica denominada “teologia monástica”, com a intenção de facilitar uma adequada interpretação da literatura monástica medieval. A teologia monástica é uma apropriada designação para um “tipo de pensamento teológico realizado por monges para os fins, com os métodos e no ambiente da vida monástica” como expressou Congar. Cf. CONGAR, Y. Henri de Marcabbé de Clairvaux, cardinal-évêque d’ Albano e légat pontifical. In: **Analecta Monástica** 5, Studia Anselmiana 43, Roma, 1958, p. 69.

realidade prolonga a grande tradição existente frente à novidade da Universidade e seus métodos<sup>185</sup>.

Os representantes da teologia monástica<sup>186</sup> eram monges, em abades dotados de sabedoria e de fervor evangélico, dedicados essencialmente a suscitar e alimentar o desejo amoroso de Deus. Desenvolveram uma teologia monástica sapiencial<sup>187</sup>.

Nos mosteiros do século XII, o método teológico estava ligado principalmente à explicação da Sagrada Escritura, da sacra pagina, usando uma expressão dos autores daquele período, praticava-se especialmente a teologia bíblica. Os monges, portanto, eram ouvintes e leitores devotos das Sagradas Escrituras, e uma das suas principais ocupações consistia na lectio divina, isto é, na leitura orante da Bíblia. À preparação literária, a teologia monástica unia, portanto, a espiritual. Era consciente de que uma leitura puramente teórica e profana não era suficiente: para entrar no coração da Sagrada Escritura, é preciso lê-la no espírito em que foi escrita e criada<sup>188</sup>.

A contribuição monástica para a civilização ocidental foi imensa e importante<sup>189</sup>.

Quando falamos em monaquismo devemos destacar os Cistercienses que formaram uma verdadeira escola, cuja maior influência deu-se na espiritualidade<sup>190</sup>. Essa espiritualidade originou diversas manifestações em diferentes campos da atividade humana. Daí sua abrangência, talvez sem paralelo na história da Igreja. Ainda que nem todas suas realizações sejam completamente originais, fazem parte de uma síntese em que valores e elementos tradicionais ganham novo relevo ao se combinarem com as novas motivações da espiritualidade cisterciense.

<sup>185</sup>RIVAS, Fernando. La ratio studiorum y la teología monástica. Cuadernos Monásticos, Buenos Aires, 164 (2008): 12.

<sup>186</sup>GILBERT, Paul. Introdução à Teologia Medieval. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999; DALMAU, Bernabé. Teología monástica. In: **Léxico de Espiritualidad Benedictina**. Zamora: Ediciones Monte Casino, 1995, p. 288-289.

<sup>187</sup>CANTALAMESSA, Frei Raniero. Escuta! O diz o Espírito à Igreja? In: **Boletim da AIM**, edição em português. Rio de Janeiro: Mosteiro de São Bento, n. 93,2008, p. 49-57. Cf. o item n. 5: Uma nova teologia monástica sapiencial. Trata da leitura espiritual e de fé da Escritura.

<sup>188</sup>Papa Bento XVI. A teologia monástica e a teologia escolástica, Catequese de 28/10/2009.

<sup>189</sup>WOODS JR.; Thomas E. Como os monges salvaram a civilização. In: **Como a Igreja católica construiu a Civilização Ocidental**, p. 25-45.; O'CONNOR, John B. Monasticism and Civilisation, New York, PJ Kennedy & Sons, 1921; BETTENCOURT, Estevão. A Idade Média, os monges e o progresso. **Revista Pergunte e Responderemos**, n. 347, 1991, p.177.

<sup>190</sup>Spiritualité Cistercienne: **Histoire et Doctrine**. Paris: Beauchesne Éditeur, 1998. 556 p.; THOMAS, Robert. **La jorana monastic**. Burgos: Las Huelgas, 1997.

O fenômeno ou a revolução cisterciense e sua evolução posterior não é um fato de interesse exclusivo da história da Igreja, muito ao contrário. A influência da Ordem foi tão grande e seu impacto na sociedade contemporânea tão marcante, que seria impossível entender boa parte da história, da sociedade e da cultura medievais se fosse ignorada a presença, a vida e o desenvolvimento dos mosteiros cistercienses<sup>191</sup>.

A historiografia da Idade Média destaca o papel dos cistercienses no surgimento das cidades e na economia, como diz Henri Pirenne:

A partir do século XI, o movimento aparece já em plena intensidade. Mosteiros, príncipes territoriais, transformam, a partir de então, as partes estéreis dos seus domínios em terras de rendimento. A superfície do solo cultivada, que, a partir do fim do Império romano, não aumentou, vai-se incessantemente alargando. Os bosques clareiam. A Ordem de Cister entra logo de princípio na nova via. Em vez de conservar para as suas terras a velha organização senhorial, adapta-se inteligentemente ao novo estado de coisas. Adota o princípio da grande cultura e, consoante às regiões, dedica-se à produção remuneradora<sup>192</sup>.

Onde se estabeleceram, os monges introduziram plantações, indústrias ou métodos de produção desconhecidos da população.<sup>193</sup> Atingiram elevado nível na tecnologia agrícola<sup>194</sup>.

Os cistercienses eram conhecidos por sua sofisticação tecnológica: “Esses mosteiros – escreve um historiador – eram verdadeiramente as unidades fabris mais produtivas de todas as que haviam existido até então na Europa e talvez no mundo”<sup>195</sup>.

---

<sup>191</sup>SANTOS, Pe. Luís Alberto Ruas. **Os Cistercienses**; uma espiritualidade abrangente e criativa, Itatinga-SP, Abadia de Nossa Senhora da Assunção de Hardehausen, 1998, p. 3-4.

<sup>192</sup>PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. Tradução: Carlos Montenegro Miguel. Portugal: Publicações Europa-América, [s.d.], p.170.

<sup>193</sup>GOODELL, Henry H. “The influence of the monks in Agriculture”, discurso pronunciado diante do Massachusetts State Board of Agriculture, 23.08.1901, em The Goodell Papers, University of Massachusetts, p. 8-9. Cf. também: Alexander Clarence Flick. The Rise of the Medieval Church, Burt Franklin, New York, 1909, p. 233.

<sup>194</sup>GOODELL, Henry H. The influence of the monks in agriculture, University of Massachusetts, State Board of Agriculture, August 23, 1901, 22.

<sup>195</sup>COLLINS, Randall. Weberian Sociological Theory, Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 53-54 Apud WOODS JR., Thomas. **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental**, 3. ed. Tradução: Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2010, p. 33.

Os mosteiros cistercienses utilizavam energia hidráulica utilizada para moer o trigo, peneirar a farinha, lavar roupa e tratar o couro<sup>196</sup> e também se dedicavam à fabricação de relógios<sup>197</sup>. Eram peritos em metalurgia, da metade do século XIII até o século XVII, os cistercienses lideraram a produção de ferro na região francesa da Champagne. Usavam a escória das fornalhas como fertilizantes devido ao fosfato<sup>198</sup>.

Na Abadia Cisterciense de Rievaulx, foi encontrado um forno para extrair ferro do minério. Estiveram perto de produzir ferro fundido em larga escala<sup>199</sup>.

Os mosteiros eram centros de hospitalidade e caridade para estrangeiros, pobres e peregrinos. Preocupavam-se com as pessoas que viviam nas redondezas dos mosteiros. Muitas vezes construíam ou repararam pontes e estradas.

Os cistercienses realizaram trabalhos de teologia, filosofia, direito, liturgia, hagiografia, história, poesia, ciências exatas, música. Suas bibliotecas eram ricas em livros e manuscritos<sup>200</sup>.

Podemos falar de uma arte cisterciense inspirada em São Bernardo de Claraval. Como nos diz G.Duby:

São Bernardo é o patrono deste vasto canteiro de obras e o mestre de obras, como se diz. Sua palavra governou a arte de Cister, como todo o resto. Porque esta arte é inseparável de uma moral que ele encarnava, que ele queria impor de qualquer maneira ao universo, e em primeiro lugar aos monges de sua ordem<sup>201</sup>.

---

<sup>196</sup>GIMPEL, Jean. *The Medieval Machine: The Industrial Revolution of the Middle Ages*. New York: Holt; Rinehart, and Winston, 1976.

<sup>197</sup>O Abade Richard de Wallingford, da Abadia beneditina de Saint Albans, no séc. XIV, fabricou um relógio astronômico. Também foi um dos precursores da trigonometria no Ocidente.

<sup>198</sup>GIMPEL, Jean. **The Medieval Machine**, p. 68.

<sup>199</sup>Sobre a economia dos mosteiros cistercienses cf. LEKAI, Louis J. I Cistercensi; ideali e realità, traduzione dal texto inglese: Suor Emanuel Strola dell'Abbazia Trappista di Vitorchiano, revisione: Curran Laurene Michael e Goffredo Viti, aggiornamenti bibliografici: Goffredo Viti. Firenze-Itália: Emmesse Grafica,1989, p. 341-403.

<sup>200</sup>HERRERA, P. Lorenzo. La Cultura de los monjes cistercienses. In: **Historia de La Orden de Cister**, T. IV, Burgos-Espanha: Monasterio de Las Huegas,1991, p.175-186.

<sup>201</sup>DUBY, George. **São Bernardo e a arte cisterciense**. Tradução: Roberto Lea. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 07.

Não negligenciaram as artes plásticas. Eles contribuíram para o desenvolvimento e propagação do românico e gótico da arquitetura encontrada na Europa<sup>202</sup>, e cultivaram as artes da pintura e gravura<sup>203</sup>.

Os Cistercienses conferiram um traço específico à pobreza: a rusticidade. Inauguraram um peculiar humanismo livre e rústico em um despojamento do supérfluo, da fachada, que desfiguram a simplicidade natural do homem.<sup>204</sup> A rusticidade facilitava uma particular solidão, tanto na clausura do mosteiro como nas granjas, permitindo assim o exercício da oração e o controle sossegado de si mesmo. Esse humanismo rústico e simples cultivara e arrastara a Guilherme de Saint Thierry<sup>205</sup>.

Esta simplicidade corresponde à decisão de retitude e de observância na segunda geração cisterciense. Aplica-se à disciplina do despojamento dos sentidos e à humildade, que criam uma legislação ascética nas disposições do Capítulo Geral de 1134, ano da morte de Estêvão Harding (1059-1134), terceiro Abade de Cister, autor da Carta da Caridade.

O tratado de *Apologia* contém os princípios de edificação dos novos mosteiros cistercienses. Em certo modo, mantém-se na mesma linha de pobreza, simplicidade e despojamento das mais antigas referências litúrgicas<sup>206</sup>.

Alguém escreveu que se São Bernardo de Claraval tivesse feito uma suposta ameaça de paralisar os moinhos hidráulicos nos seus mosteiros filiais, tinha podido frear gravemente o desenvolvimento econômico da Europa de então. No medievo, a energia hidráulica tinha uma importância comparável com o petróleo no século

<sup>202</sup>FRANCE, James. *The Cistercians in Medieval Art*, Kalamazoo, Cistercian Publications, 1988.; CALI, François. *La plus grande aventure du monde. L'architecture mystique de Citeaux*, Paris, Arthaude, 1954; DIMIER, Anselme e PORCHER, Jean. *L'Art Cistercien*, 3. ed., Ed. Zodiague, 1983; GLANCEY, Jonathan. "Mosteiros: vida de reclusão". In: **A História da Arquitetura**. Tradução: Luís Carlos Borges e Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2001, p. 42-43.

<sup>203</sup>HERRERA,P. Lorenzo. *Historia de La Orden de Cister*, p. 211-221; LEKAI, Louis J. *Via e cultura*. In: **I Cistercensi**; ideali e realtà. Traduzione dal testo inglese Suor Emanuela Strola dell'Abbazia Trappista di Vitorchiano, revisione Curran Laurence Michael, aggiornamenti bibliografici Goffredo Viti, Firenze- Itália, Emmesse Grafica, 1989, p. 277-340.

<sup>204</sup>MORGADO, Duarte Nuno. **Arquitetura Cisterciense**: espiritualidade, estética, teologia. Portugal: Paulus, 2013. Patindo da arquitetura do Mosteiro de Alcobaça, o autor analisa como a arquitetura cisterciense reflete e influência a espiritualidade dos monges cistercienses.

<sup>205</sup>Cf. DUMONT, Charles. **Humanisme et rusticité**; *L'intention et la pratique des premiers cisterciens*. *Citeaux* 31(1980): 21-34

<sup>206</sup>Elredo, In Fest.OO.SS, PL.195, 337; Spec II, 24, 70; Bern. Epif 2.

XX.<sup>207</sup> A constituição Cisterciense foi um instrumento para se reestruturar a então nascente sociedade europeia<sup>208</sup>.

Exploraram racionalmente as terras e desenvolveram uma administração centralizada<sup>209</sup>.

Forma-se a *Schola* Cisterciense e uma cultura Cisterciense. São Bento quer que seus monges sirvam ao senhor em uma *Schola* (RB.prólogo). Os medievais se servem com frequência desta passagem para denominar assim o mosteiro.

Tomam a *Schola* em um duplo sentido: como um lugar de aprendizado e como um lugar por excelência do compromisso supremo do monge na procura da experiência de Deus e da liberdade suprema. Na *Schola* ensina-se e aprende-se a ler. Uma leitura vital, existencial e comprometida. Leem não tanto em livros quanto na vida, e vida concreta.

Na literatura medieval e, sobretudo cisterciense<sup>210</sup>, com incontáveis qualificações do termo: *Schola Verbi*, lugar de escuta da Palavra divina, que se expressa no silêncio e requer vivência.<sup>211</sup> *Schola Caritatis*<sup>212</sup>, como morada que desce de cima como dom; o amor de Deus baixa no homem para que o amor do homem suba para Deus. Esta expressão tem uma função essencial na vida efetiva da espiritualidade monástica e cisterciense.

Todas as qualificações de *Schola*<sup>213</sup> podem englobar-se na expressão *Schola Claustral*, o *Paradisus Claustral*.<sup>214</sup> Todas essas expressões incluem um

<sup>207</sup>Cf. GIMPEL, J. **A revolução industrial na Idade Média**, Madrid, 1978, p. 12.

<sup>208</sup>Cf.A.C. Breychia-Vauthier. Citeaux précurseur de l'organisation internationale, em *Mélanges Saint Bernard*, Dijon, 1953, p.194-211.

<sup>209</sup>VAN BATH, B.H. Slecher. **História agrária da Europa Ocidental** (500-1850). Tradução: original neerlandês por L. Crespo Fabião. Lisboa: Ed. Presença, 1984, p.157.

<sup>210</sup>Os principais escritores cistercienses dos primeiros séculos da Ordem: São Bernardo (1090-1153), Guilherme de Saint-Thierry (1090-1148), Beato Guerrie d'Igny ([1077-1157]), Beato Elredo de Rielvaux (1110-1167), Isaac da Estrela (cerca de 1110-1160), Adão de Perseigne ([1221]).

<sup>211</sup>Guerrico, Vig. Nav 2.

<sup>212</sup>Guilherme de Saint Thierry, Nat. do Amor 26; John de Ford 56,3.

<sup>213</sup>“Escola é o conceito central que designa o mosteiro do Mestre. O monge não vem para aí, a fim de viver em comunhão fraterna, mas unicamente sob a direção do abade como mestre da arte da guerra espiritual, para combater contra a própria vontade e contra o demônio. Tem mais importância as relações entre o abade e os discípulos, do eu as relações entre os irmãos. Tal como numa escola de estilo antigo, há uma pedagogia da emulação”. Cf. BÖCKMANN, Aquinata. **Perspectivas da Regra de São Bento**: comentários sobre o prólogo e os capítulos 53, 58, 72, 73. Traduzido do alemão por Dom Mateus Rocha. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990, p. 9-10.

<sup>214</sup>S.Bernardo, Div 42,4.

programa de vida para o monge que supõe uma nova arte, uma arte espiritual concreta que só se pode aprender na disciplina do claustro. A *Schola Cisterciensis* é visto como lugar de aprendizado.

No contexto agostiniano, deve ser destacado o que é chamado o fim da cultura antiga e o início de uma revolução cultural. A cultura cisterciense está sustentada por uma cultura agostiniana<sup>215</sup> renovada, mediante uma volta às fontes de profunda inspiração bíblica. Da religiosidade do velho mundo clássico, nasce uma concepção e visão do mundo e da história que, através de uma nova leitura bíblica, reclama uma nova ordem das coisas no âmbito político, social e religioso, procurando recuperar de certa forma todo o acervo cultural de vários séculos de civilização. Os mosteiros cistercienses, scholas, conforme as diferentes denominações, contribuíram para um renascimento social.

O significado histórico dos irmãos conversos em Cister não tem precedente, sobretudo a raiz de suas frequentes iniciativas abertas na agricultura, no comércio ou na indústria. Desenvolveram uma economia autárquica criando um sistema de exploração agrícola e pastoril original. Tornaram-se pioneiros de técnicas produtivas inovadoras.

Da *Schola Cisterciense*, cria-se uma nova arte em três ramificações fundamentais: a arquitetura<sup>216</sup>; a música; e a miniatura e iluminação de manuscritos.

Os Cistercienses se inseriam em situações culturais concretas o que redundava em realizações em vários campos:

A grande realização cisterciense foi sua espiritualidade. Sem buscar resultados específicos em outros campos, mas em dependência de sua espiritualidade e das exigências de seu ideal monástico-contemplativo, os cistercienses mostraram-se criativos em vários campos<sup>217</sup>.

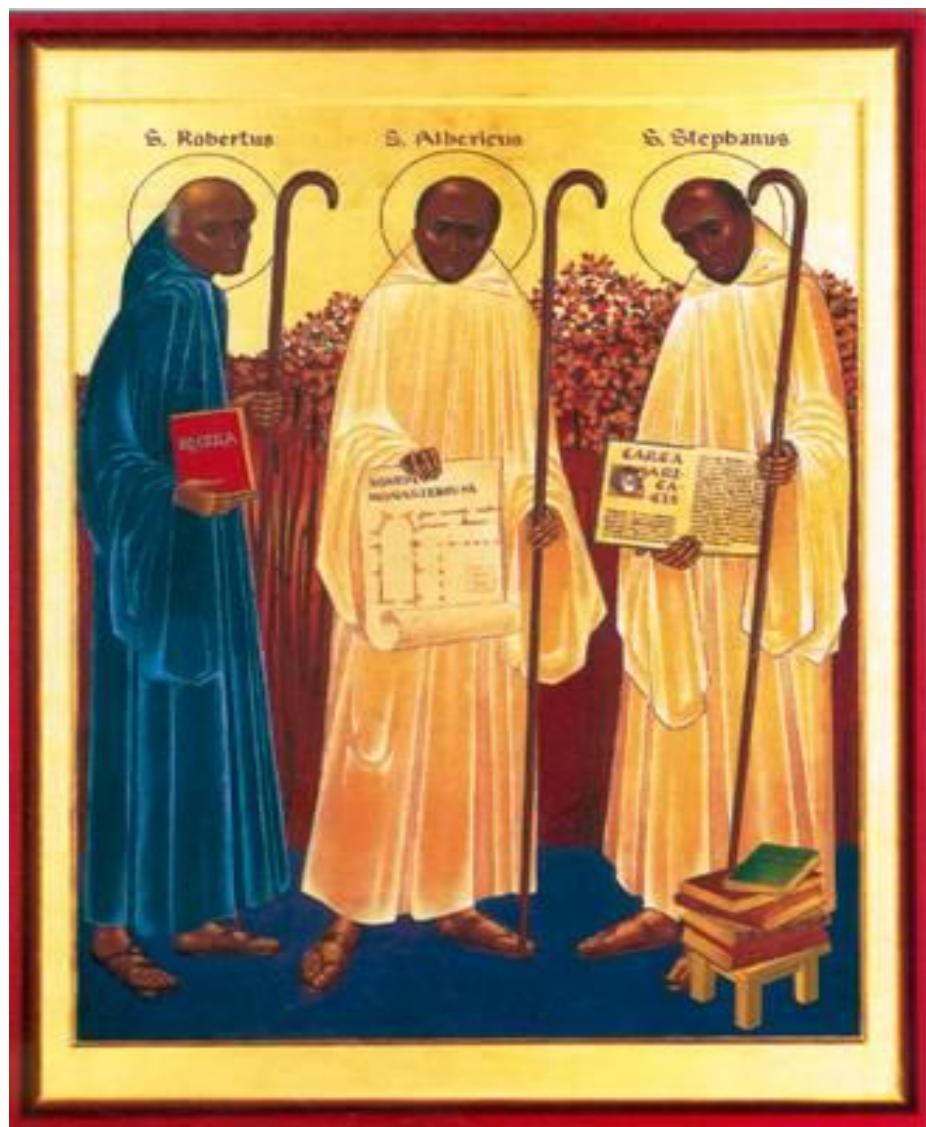
---

<sup>215</sup>LA TORRE, Juan María de. Um común denominador: La cultura medieval y La herencia agustiniana. In: **Guilhermo de Saint-Thierry**: um formador de creyentes. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1993, p. 18-23.

<sup>216</sup>VICENTE, Lampérez y Romca. Historia de La arquitectura Cristiniana Española em La Edad Media, según El estudio de los elements y los monuments, 2 v. Madrid, 1909. Este livro traz planos, fotografias, mapas dos principais mosteiros cistercienses medievais, com plantas arquitetônicas especialmente de suas igrejas.

<sup>217</sup>SANTOS, Pe. Alberto Ruas. Os Cistercienses; uma espiritualidade abrangente e criativa, p. 25.

## 2.2. Novidade de Cister: As origens



**Figura 10. Fundadores da Ordem Cisterciense: São Roberto, São Alberico e São Estevão.** Fonte: <http://www.cistercian.org.au>

O monaquismo, que teve grande desenvolvimento no Oriente, logo alcança o Ocidente nos séculos IV e V<sup>218</sup>. Aparentemente, teve início com a vida eremítica, devido, em especial, à influência de Santo Atanásio. Este escreveu a vida de Santo Antão<sup>219</sup>. Mais que a biografia do célebre eremita, ele apresenta o protótipo e o ideal

<sup>218</sup> COLOMBÁS, G.M., *El monacato primitivo I*, Madrid, BAC, 1974; FESTUGIÉRE, A. J. *Les moines d'Orient*, Paris, Cerf, 1961; ROPS, Henri-Daniel. **A Igreja dos tempos bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991. 2 v.

<sup>219</sup> Santo Atanásio. **Vida e conduta de Santo Antão**. Tradução: Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

da vida monástica<sup>220</sup>. A obra teve grande repercussão e acabou atraindo vocações para o monasticismo.

Há registros da existência da vida eremítica ou anacorética de tempos remotos no Ocidente, em ilhas do mar Mediterrâneo e em algumas localidades da Itália<sup>221</sup>. Assim, como no Oriente, houve no Ocidente uma preferência maior para a vida cenobítica<sup>222</sup>. O que hoje chamamos de Vida Religiosa começou com a eclosão do monaquismo no século IV<sup>223</sup>.

A configuração do monaquismo ocidental seria feita por Bento de Núrcia (480-547), o verdadeiro pai do monaquismo ocidental<sup>224</sup> que elabora uma Regra monástica conhecida como Regra de São Bento com setenta e três capítulos.<sup>225</sup> Nela podemos distinguir o sentido de equilíbrio, medida e descrição. Bento de Núrcia soube utilizar a tradição de Cassiano<sup>226</sup>, Agostinho<sup>227</sup>, Pacônio<sup>228</sup>, Basílio Magno<sup>229</sup> entre outros<sup>230</sup>; e apresenta harmonizados ensinamentos espirituais e organização

<sup>220</sup>PANIKKAR, Raimon. **Elogio de La sencillez**; El arquétipo universal del monje. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993. Esta obra apresenta a vida monástica com originalidade, beleza literária, e profundo conteúdo espiritual.

<sup>221</sup>MASOLIVER, Alejandro. **Historia Del monacato Cristiano**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1994. 3 v.

<sup>222</sup>BUENO, Dom Justino de Almeida. **Cadernos de História Monástica**. Juiz de Fora-MG: Mosteiro da Santa Cruz, 2003. 1 v.

<sup>223</sup>ROCHA, Fr. Mateus. **Projeto de Vida Radical**. Petrópolis: Vozes, 1977; CODINA, Víctor e ZEVALLOS, Noé. **Vida Religiosa: História e Teologia**. 2. ed. Tradução: Jaime A. Clasen, T.IX, Petrópolis, 1990.

<sup>224</sup>COLOMBÁS, G. M. **La tradición benedictina**, T.I: Las Raíces, Zamora: Ediciones Monte Casino, 1989; PRADO, Dom Lourenço de. **São Bento**; o eterno no tempo. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1994; SCHUSTER, Cardeal A. Ildefonso. **História de São Bento e de seu tempo**. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1956.

<sup>225</sup>A Regra de São Bento (Latim-Português). Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout, OSB, Reimpressão da 2 edição, revista, Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990. Três importantes comentários da Regra de São Bento: HERWEGEN, Dom Ildefonso. **Sentido e espírito da regra de São Bento**. Tradução: monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1953; BOCKMANN, Aquinata. **Perspectivas da Regra de São Bento**. Tradução do alemão por Dom Mateus Rocha. Rio de Janeiro: Lunem Christi, 1990; COLLART, Dom Cristiano. **A sabedoria de São Bento para o nosso tempo**. São Paulo: Palavra & Prece, 2007.

<sup>226</sup>CASSIANO, João. Conferências (I – VII). Tradução do latim por Aida Batista do Val. Juiz de Fora-MG: Subiaco, 2011. 3 v.

<sup>227</sup>PAPINI, Giovanni. **A vida de Santo Agostinho**. Tradução: Godofredo Rangel. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

<sup>228</sup>**A vida de São Pacônio**. Traduzida do francês por Ainda Batista do Val. Juiz de Fora-MG: Mosteiro Santa Cruz, [s.d.].

<sup>229</sup>São Basílio Magno. **As Regras Monásticas**. Tradução Ir. Hildegardis Pasch e Ir. Helena Nagem Assad. Petrópolis: Vozes, 1983.

<sup>230</sup>“Por certo, a Regra não foi escrita de uma só vez, mas cresceu, foi corrigida e completada ao longo dos anos”. Cf. BOCKMANN, Aquinata. **Perspectivas da regra de São Bento**: comentário sobre o prólogo e os capítulos 53, 58, 72, 73. Tradução do alemão por Dom Mateus Rocha. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990, p. 8.

prática da vida monástica. Paulatinamente, a Regra de São Bento vai suplantando as demais existentes<sup>231</sup>.

A Regra de São Bento conservou-se como a única normativa de todo o monaquismo ocidental até o surgimento das ordens mendicantes<sup>232</sup>.

Os monges beneditinos seriam os grandes formadores da Europa<sup>233</sup>. Evangelizaram, conservaram e transmitiram a cultura da antiguidade, criaram as escolas monasteriais entre outras iniciativas. O mosteiro de Monte Cassino será um polo de atração até os dias de hoje para aqueles que buscam a paz<sup>234</sup>. Durante um período de turbulência, a tradição beneditina manteve-se intacta e seus mosteiros lugares de paz<sup>235</sup>. Local imortalizado nos versos de Dante Alighieri<sup>236</sup>.

Nos séculos IV, V e VI, ocorre a estruturação da vida monástica levando-a ao seu pleno desenvolvimento. O monaquismo marcou profundamente a vida da Igreja que foi, sob muitos aspectos, uma Igreja monástica<sup>237</sup>.

---

<sup>231</sup> Existe uma Regra Monástica considerada anterior a Regra de São Bento e sua fonte principal, denominada “Regra do Mestre”. Cf. **Regra do Mestre**. Tradução do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças. Impresso em off-set pelas Monjas Beneditinas do Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora-MG, [s.d.] Cf.também: **Regras dos Monges**. Tradução de Maria Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1993.

<sup>232</sup> STEIDLE, P. Basilius. **La Regla de San Benito**; comentada a la luz del antiguo monacato. Traducida al español por María Pilar D. Palacio y Juan María de la Torre, ocsio, Burgos-España, Monasterio de Las Huelgas, 1998.

<sup>233</sup> AMARAL, Dom Emanuel d'Able do. Os monges e a civilização Européia. In: **Introdução à História Monástica**. Salvador-BA: Edições São Bento, 2006, p. 119-125.

<sup>234</sup> GRÜN, Anselm. Pax beneditina – A paz beneditina. In: **Bento de Núrsia**: sua mensagem hoje. Tradução: Inês Antonia Lohbauer. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2006, p. 48-56.

<sup>235</sup> “Pode-se dizer de Monte Cassino, a casa-mãe dos beneditinos, que a sua própria história refletiu essa permanência. Saqueada pelos bárbaros lombardos em 589, destruída pelos sarracenos em 884, arrasada por um terremoto em 1349, pilhada pelas tropas francesas, em 1779, e arrasada pelas bombas da Segunda Guerra Mundial em 1944, Monte Cassino recusou-se a desaparecer, pois de cada uma dessas vezes os seus monges tornaram a reconstruí-lo”. Thomas E. Woods Jr., **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. 3. ed.. Tradução: Élcio Carillo, Revisão de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2010, p. 28.

<sup>236</sup> “O monte que Cassino tem na encosta já fora frequentadona sua cima pela gente enganada e mal disposta; E aquele eu sou que lá levei, por prima vez, o nome de quem vos transmitiu a Verdade que tanto vos sublima; e tanta Graça sobre mim luziu, que eu afastei as vilas circunstantes do ímpio culto que o mundo seduziu. E, estes fogos, homens contemplantes foram, do ardor acesos necessário a nutrit flor e fruto edificantes”. Paraíso, XXII – 37-46. In: **Dante Alighieri**. A Divina Comédia. Tradução, comentários e notas de Italo Eugenio Mauro, Prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Ed. 34, 2009.

<sup>237</sup> Para uma visão histórica e teológica da vida religiosa e contemplativa. Cf. LECLERCQ, Jean. **Vie Religieuse et vie contemplative**. Paris: Editions J. Duculot, 1969.; GRINGS, Dom Dadeus. **Dialética da Vida Consagrada**. Aparecida-SP: Santuário, 1994.

Tanto que o período que se estende da morte de São Bento (c.+ 547) até São Bernardo de Claraval (+1153)<sup>238</sup> é chamado de “a era monástica, ou os séculos monásticos”. O monaquismo tem uma forte presença na Igreja, na sociedade e torna-se um dos pilares da cristandade medieval<sup>239</sup>.

Aproximadamente do século VII ao XII, o monaquismo tornou-se um modo de vida que despertou interesse não somente de vocacionados, mas também de setores importantes e influentes da sociedade, devido ao monopólio que os monges tinham do saber religioso e profano<sup>240</sup>.

Os mosteiros tornaram-se alvo de interesse socioeconômico, pois se transformaram em centros do poder socioeclesiastical e objeto de ambição de príncipes e bispos. A própria Igreja sofre interferências do imperador em seus assuntos internos.

Vincula-se o monaquismo à sociedade. Assim, aquela sofrerá as crises desta. Já no século VII, os conflitos políticos chegam à Igreja e os mosteiros são arrastados nessa decadência.

Essa situação é agravada, principalmente na Igreja da França pelo chamado direito de apropriação ou de proprietário - quem funda o mosteiro tem o direito de eleger o abade do respectivo mosteiro; este pode dispor dos bens monásticos concedendo-os a um rei, príncipe ou bispo<sup>241</sup>.

A isso, devemos acrescentar a política de secularização dos bens da Igreja e a apropriação de abadias. Apesar destas limitações, o monaquismo procurou, na medida do possível, responder com sinceridade aos desafios dos novos tempos, apesar de tê-los levado a uma situação difícil e ambígua. A vida monástica foi perdendo seu radicalismo evangélico e se convertendo em lugar de conflitos e ambições sociopolíticas.

<sup>238</sup>PENCO, G. San Bernardo, El último de los Padres Monásticos, In: **Cuadernos Monásticos** 94 (1990). Todo esse número dos Cuadernos é muito importante para esse tema; LECLERCQ, Jean. **Bernard de Clairvaux**. Paris: Desclée, 1989.

<sup>239</sup>PEIFFER, C. J. **Espiritualidade monástica**. Traduzido por M. Ballano. Zamora-Espanha: Ediciones Monte Cassino, 1976. Traz uma caracterização da vida monástica em seus principais elementos.; DESEILLE, Placide. **Principios de espiritualidad monástica**. Burgos-Espanha: Monasterio de la Huelgas, 1978.

<sup>240</sup>VAUCHEZ, A. **La Spiritualité du Moyen Age Occidental**. Paris: PUF, 1975.

<sup>241</sup>DUÉ, Andrea. **Atlas histórico do cristianismo**. Texto de Juan María Laboa. Tradução: Ivo Montanhese et.al., Aparecida-SP; Santuário; Petrópolis-RJ: Vozes, 1999, p. 150-151.

O poder dos senhores feudais é reforçado, a feudalização da sociedade avança atingindo bispos e abades. Estes passam a serem nomeados pelo poder civil – é a investidura leiga<sup>242</sup>.

Para por fim às intervenções do poder civil nos assuntos internos da Igreja, são feitas reformas no século X, tendo continuidade nos séculos seguintes<sup>243</sup>. Na vida interna da Igreja, a reforma significou uma reorientação para o espiritual. Contra toda essa situação surgiram pessoas e grupos que protestaram pedindo uma volta ao evangelho.

Nesse contexto surge também a reforma monástica, que buscou a radicalidade evangélica e o carisma primitivo da vida monástica. Começa no século X e se estende ao século XII a mais importante reforma da ordem beneditina – a Cluny<sup>244</sup>, na Borgonha meridional, que buscava um retorno à Regra de São Bento. Nos séculos XI e XII, a reforma cluniacense se estende a toda a Igreja.

Devemos destacar, no século IX, a reforma de Bento de Aniane (+821)<sup>245</sup> cujos pontos ressurgiram em Cluny.

No século XI<sup>246</sup>, sob o influxo do ideal eremítico-contemplativo bizantino, surgiram os Camaldolenses, fundados por São Romualdo (950-1027) <sup>247</sup>; os Valombrosianos, fundados por São João Gualberto (c.950-1023) <sup>248</sup>; os Cartuxos, fundados por São Bruno de Colônia (c.1027-1101) <sup>249</sup>.

---

<sup>242</sup> LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1983. 2 v.; DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

<sup>243</sup> BIHILMEYER, K. e H. Tuechle. **História da Igreja**. Idade Média. São Paulo: Paulinas, 1964.

<sup>244</sup> A reforma monástica de Cluny. In: AMARAL, Dom Emanuel d'Able do. **Introdução à História Monástica**. Revisão de Dom Gregório Paixão. Salvador-BA: Edições São Bento, 2006; LA TORRE, Juan Maria de. Cluny. In: Guilhermo de Saint-Thierry; **un formador de creyentes**. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1993, p. 70-73.

<sup>245</sup> São Bento de Aniane e a Reforma do Monaquismo. In: AMARAL, Emanuel d'Able do. **Introdução à História Monástica**. Revisão de Dom Gregório Paixão. Salvador-BA: Edições São Bento, 2006, p. 127-131.

<sup>246</sup> Existe uma necessidade de conhecermos melhor o século XI para compreendermos os inícios da vida cisterciense.

<sup>247</sup> MATUS, T. Alle origini di Camaldoli; San Romualdo e I cinque fratelli, Camaldoli: Ed. Camaldoli, 1996; São Pedro Damião. A vida de São Romualdo, Tradução: Dom Estevão Pierantoni. Edições Camaldoli, 1988.

<sup>248</sup> MURRAY, Bruno. **As ordens monásticas e religiosas**. Tradução: Pilar Delvaulx. Portugal: Publicações Europa-América, 1986.

<sup>249</sup> POR UM CARTUJO. **Maestro Bruno; Padre de monjes**. Madrid: Editorial Católica, 1980. Biblioteca de Autores Cristianos.

Surgiu, nesse mesmo século, uma ordem que deu uma resposta exata às necessidades do tempo – os Cistercienses<sup>250</sup>, fundada por Roberto Molesme (1029-1111) em 1098. Teve grande expansão e projeção na Igreja e na sociedade com São Bernardo de Claraval (1091-1153)<sup>251</sup>. Nas palavras de Jean Leclercq: “Bernardo de Claraval é um mundo que nunca se acaba de explorar”<sup>252</sup>.

O historiógrafo normando Orderico Vital, contemporâneo de São Bernardo, escreveu, a propósito de sua personalidade, que “um dia o mundo inteiro acordará cisterciense”<sup>253</sup>.

Os Cistercienses, fundados no século XII, sofreram uma reforma no século XVII que deu origem aos Cistercienses da Estricta Observância, conhecidos como Trapistas<sup>254</sup>.

O espírito de renovação monástica que suscitara, por toda a Europa, um grande número de comunidades ao longo do século XI, encontrou o seu apogeu na fundação de um mosteiro que, ao expandir-se, constituiria, em breve, uma das maiores ordens contemplativas da Igreja<sup>255</sup>.

---

<sup>250</sup> LEKAI, J. Lekai. *I Cisterensi*; Ideali e Realtà. Traduzione dal texto inglese: Suor Emanuela Strola dell'Abbazia Trappista di Vitorchianno. Firenze: Emmesse Grafica, 1989. A primeira parte trata da história institucional cisterciense; HERRERA, P. Lorenzo. História de La Orden de Cister (1494-1789), t. IV, Sexta Parte: Decadencia, Congregaciones, reformas, Burgos (Espanha), Monasterio de las Huelgas, 1991; BOUTON, Jean de La Croix. Histoire de l'Ordre de Citeaux, Tirage à-part des Fiches-Cisterciennes, III, Westmalle, 1968; Mosteiro da Virgem. Cister – a volta à observância literal. In: **Iniciação à História Monástica**, 2 de uma série, Impresso em off-set pelas monjas Beneditinas do Mosteiro da Santa Cruz. Juiz de Fora-MG, 1984, p. 105-120; AMARAL, Emanuel d'Able. Os Cistercienses. In: **Introdução à História Monástica**. Revisão Dom Gregório Paixão. Salvador-BA: Edições São Bento, 2006, p. 163-171. Muitas pessoas ouviram falar de Cister através das novelas históricas do Pe. M. Raymond, monge trapista, que escreveu: Três monges rebeldes, A família que alcançou a Cristo, Incenso Queimado, e de Thomas Merton principalmente em Águas de Siloé.

<sup>251</sup> LUDDY, A. San Bernardo, El siglo XII de La Europa Cristiana. Madrid, 1963; MASOLIVER, Alejandro. San Bernardo, ele hombre de La Iglesia Del siglo XII, Madrid, 1990.

<sup>252</sup> LECLERCQ, Jean. Introduction à quelques études sur St. Bernard. Collectanea Cisterciensia, XXXVI, 1974, p. 139.

<sup>253</sup> A obra *Histoire Ecclésiastique* deste monge, datada de 1142, é fundamental para o conhecimento da vida pública e religiosa dos séculos XI e XII na Europa e, particularmente, da Ordem Cisterciense. Cf. SOVERAL, Carlos Eduardo. Prólogo da Tradução do *Elogio da Nova Milícia*, Porto, 1990, p. 7.

<sup>254</sup> UN TRAPPISTE DE SEPT-FONS. La Trappe; origine, esprit, organisation actuelle de La r' forme de l'Abbé de Rancé, Paris, Librairie Ambroise Bray, 1870; *Histoire des Trappistes du Val-Sainte-Marie*, Namur, F.J. Douxfils, Imprimeur-Libraire, 1841; CHAUTARD, Dom Jean Baptiste. *Les Cisterciens Trappistes; L'ame Cistercienne*, Dompierre-sur-Besbre (Allier), Abbaye de Sept-Fons, 1931. .

<sup>255</sup> ALTERMATT, Albéric. *El patrimonio cisterciense*; documentos históricos, jurídicos y espirituais. Cistercium XLIV (1992): 17-73.

Antes de tratar da fundação de Cister<sup>256</sup>, é necessária uma breve menção a outra fundação feita por São Roberto, em 1075 – o mosteiro de Molesme<sup>257</sup>. A partir desta experiência, surgiu a ideia que deu origem a Cister<sup>258</sup>.

Para tanto, devemos destacar a figura de Roberto, nascido em Champagne, no ano de 1028. Com aproximadamente 15 anos, ingressou no Mosteiro de Moutier-la Celle, onde, posteriormente, tornou-se prior (c. 1033). Com sua reputação, tornou-se abade em saint-Michel-de-Tonner de observância cluniacense, na diocese de Langres, entre os anos de 1069 e 1072<sup>259</sup>. Deixou o abaciado de Saint-Michel-de-Tonner, regressando a abadia de Montier-la-Celle. Pouco tempo depois, é eleito prior de Saint-Aroul-de-Provins, priorado dependente de Montier-la-Celle, na diocese de sens, em 1071. Deixou esse priorado devido a desentendimentos. Em 1074, passou a viver com ermitões nos bosques de Collan, próximo da abadia de Saint Michel-de-Tonnerre. A pedido do Papa, passou a dirigir aquele grupo de ermitões, iniciando-os na vida monástica. Para realizar o ideal de vida cenobítica na solidão e pobreza, deixou Collan devido às condições topográficas. Conseguiu terrenos adequados doados por Hugo de Maligny, onde fundou em 20 de dezembro de 1075, o Mosteiro de Molesme, na diocese de Langres.

Roberto (1028-1111) não foi um reformador austero e intransigente, mas soube organizar o Mosteiro de Molesme de maneira sincera e firme, implementando o ascetismo do deserto na vida cenobítica<sup>260</sup>.

Aos poucos, a abadia de Molesme tornou-se, no quadro da reforma, uma das mais importantes do final do século XI.

A pobreza da abadia de Molesme logo atrai a ajuda da nobreza local que passa a fazer doações, o que inclusive possibilitou a fundação do priorado de Varennes, em 1084.

<sup>256</sup> CÎTEAUX, édaction Abbaye de Cîteaux. Strasbourg: Editions du Signe, [s. d.]

<sup>257</sup> VAN DAMME, Jean-Baptiste. **Os três fundadores de Císter.** Tradução pro-manuscripto do Mosteiro Trapista de Santa Maria de Marana-tha. Portugal: Abadia de N. Sra. da Assunção de Hardehausen; Itatinga-SP, 1998.

<sup>258</sup> IDEM, **A la recherche de l'unique vérité sur Citeaux et ses origines.** Citeaux 32 (1982): 304-332.

<sup>259</sup> DE PLACE, François. **Pour une meilleure connaissance des origines de Citeaux: à L' école de nos premiers Pères.** Collectanea OCR (1986): 181-199.

<sup>260</sup> LECLERCQ, Jean. **Objetivo de los fundadores de la Orden de Cister.** Cistercium XXII (1970): 164-195, 284-298.

Aquilo que, a princípio, era uma ajuda por parte dos nobres foi constituindo-se em obstáculo às observâncias monásticas pretendidas por Roberto quando fundou o Mosteiro de Molesme, com a colaboração dos seus companheiros ermitões.

O mosteiro de Molesme, devido à prosperidade, foi se assemelhando a mosteiros prósperos como o de Cluny, de cujo exemplo tanto queria se distanciar, pois foi onde a vida regular monástica arrefeceu.

O número crescente de monges sob a orientação, na vida monástica, de um grupo reduzido fez com que lentamente se perdesse o controle da disciplina. O mosteiro passou a ser um local de encontro da nobreza da região que tinham parentes em Molesme. Então, a abadia de Molesme foi se ligando a sociedade feudal e aos negócios seculares. Havia também falta de unidade na comunidade de Molesme.

Roberto tentou renovar a disciplina regular. No entanto, não conseguiu. Então, retirou-se para Aux, onde viveu com alguns ermitões. Os monges de Molesme, arrependidos, recorreram a Santa Sé e conseguiram o regresso de Roberto. Em 1095, tanto Roberto quanto o prior Alberico, não encontraram uma adequada disciplina em Molesme, nem um desejo de mudar os costumes reprováveis.

Diante de tal situação, alguns monges, entre os quais Alberico e Estêvão, abandonaram Molesme para viver num lugar solitário onde pudessem seguir de maneira mais estrita a Regra de São Bento. Então, fundaram, em Aulps, uma cela, na diocese de Genebra, erigida em Abadia em 1097<sup>261</sup>.

Em 1098, Roberto, juntamente com alguns monges, entre os quais Alberico e Estêvão, dirigiram-se a Hugo de Die, Arcebispo de Lion e legado papal e apresentaram o projeto da nova fundação, que seria organizada conforme a Regra de São Bento. Sob a autoridade apostólica de Hugo de Die, teriam maior liberdade para colocar o projeto em prática<sup>262</sup>.

---

<sup>261</sup> RAYMOND, Fray M. **Três monges rebeldes**. 3. ed. Barcelona: Ed. Heder, 1988.

<sup>262</sup>f. Exordium Parvum, cap. I: Inícios do Mosteiro de Cister. In: **Os Cistercienses**; documentos primitivos. Introdução e bibliografia irmão François de Place, texto latino e tradução brasileira Irineu Guimarães. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi – Mosteiro de São Bento, 1997, p. 37.

Na carta do legado Hugo, encontramos a razão para a escolha desta fundação: em Molesme, havia tibieza e negligência e a nova fundação se propunha uma observância mais estrita e perfeita da Regra de São Bento:

Queremos comunicar a todos aqueles que se regozijam com os progressos de nossa Mãe, a santa Igreja, que vós e alguns de vossos filhos, irmãos do mosteiro de Molesme apresentastes-vos diante de nós em Lyon, e declarastes querer vos apegar de agora em diante mais estreitamente e mais perfeitamente à Regra do bem-aventurado Bento, que até aqui havíeis praticado com tibieza e negligência naquele mosteiro<sup>263</sup>.

O arcebispo Hugo de Die aprovou o projeto pedindo que o abade Roberto e os irmãos Alberico, Odon, Jean, Estêvão, Letaldo, Pedro e todos aqueles que se associassem a eles, que conservassem e perseverassem o propósito motivador da nova fundação.

Com a autorização do legado papal, Roberto e seus companheiros regressaram a Molesme, juntamente com vinte e um monges, para darem início à nova fundação. Ao deixarem a abadia de Molesme dirigiram-se para o lugar (em latim Cistercium, em francês Citeaux, em espanhol Cister), na diocese de Chalon-sur-Saône<sup>264</sup>.

Foi a 21 de março de 1098, na festa de São Bento, data que coincidiu com o Domingo de Ramos, que vinte e um monges procedentes da abadia beneditina de Molesme, em Champagne (França), com o abade Roberto à frente, estabeleceram-se oficialmente num lugar inóspito e solitário, de bosques e pântanos, denominado Citeaux, ao sul de Dijon (diocese de Châlon). O lugar pertencia ao duque de Borgonha, Eudes I, que o cedeu, voluntariamente, aos austeros monges, pois acreditava que apenas um grupo de monges penitentes poderia tirar dali algum proveito. No entanto, o deserto floresceu!

Cister era um lugar deserto e pantanoso, mas ideal para os propósitos de Roberto e seus companheiros desejosos de fecunda solidão, afastamento do mundo, pobreza, trabalho manual e fiel observância da regra de São Bento.

---

<sup>263</sup>Exordium parvum. In: **Os Cistercienses**, documentos primitivos, p. 39.

<sup>264</sup>Cf. Exordium parvum In: **Os Cistercienses**; documentos primitivos, p. 39-40. O Novo Mosteiro recebeu o nome de Cister, do nome da localidade, Cistercium em latim.

O nome de Cister seria adotado tempos depois. A princípio, o lugar ficou conhecido simplesmente como o “Novo Mosteiro” (*Novum Monasterium*)<sup>265</sup>.

Molesme tinha sido, de fato, uma reforma beneditina, mas Roberto, Alberico e Estêvão Harding – os três fundadores de Cister<sup>266</sup> –, juntamente com seus companheiros, insatisfeitos com o enriquecimento progressivo da abadia e o teor de vida já um tanto afastado do primitivo rigor, desejavam procurar a Deus num lugar mais deserto, em pobreza efetiva, com total independência face aos grandes do mundo, e fidelidade absoluta à regra de São Bento que eles tinham prometido observar.

Nascia, assim, o Novo Mosteiro de Cister. O sonho de São Roberto de Molesme, num perfeito equilíbrio entre o duro trabalho de cada dia e a intensa vida de oração<sup>267</sup>. Ao longo dos séculos, este ritmo de ora et labora tem-se mantido inquebrantável através de gerações.

No ano de 1098, Roberto foi instalado canonicamente na cidade de chalon e sua fundação erigida em abadia pelo bispo Gualatero, de Chalon-sur-Saône. Na ocasião, os monges do novo mosteiro renovaram sua profissão religiosa e fizeram novos votos de estabilidade. A igreja da abadia é consagrada a Ssma. Virgem. Nesse período, é redigida a escritura do novo mosteiro.

Enquanto o novo mosteiro organizava-se sob o abaciado de Roberto, o mesmo não se dava no Mosteiro de Molesme, que estava passando por uma fase turbulenta. Nesta situação, desejaram a volta de Roberto. Molesme decaiu na disciplina, fazendo com que os nobres que tinham feito doações à abadia e contribuído na fundação de priorados – e que, inclusive, tinham familiares naqueles claustros – temessem pelo fim da abadia.

---

<sup>265</sup> LA TORRE, Juan María de. Cîteaux. In: **Guilhermos de Saint-Thierry**; um formador de creyentes. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1993, p. 73-78.

<sup>266</sup> MASOLIVER, A. Roberto, Alberico y Estevan Harding: les Orígenes de Cister. In: **Studia Monastica**, t. 26 (1984), p. 275-307; VAN DAMME, J.B. Les trois fondateurs de Citeaux, Chambarand, 1966. (Pain de Citeaux 29).

<sup>267</sup> RESMINI, P. Guiseppe. **Orden Cisterciense**. Edicion y Traducción por los monasteries Cistercienses de Chile: Imprenta salesianos S. A., 1998; LECLERCQ, Jean. Les intentions des fondateurs de l'Ordre Cistercien. In: **Collectanea Cisterciensia**, t.30 (1968), p. 233-271.

Como seria difícil conseguir o regresso de Roberto, Godofredo, o abade sucessor, resolveu enviar uma delegação ao Papa Urbano II (1088-1099) para conseguir deste uma ordem de retorno de Roberto para Molesme.

Urbano II, diante da questão, resolveu confiá-la ao seu legado na França Hugo, arcebispo de Lion. Este, por sua vez, convocou um sínodo que se reuniu em Port-d'Anselle, perto de Pont-de-Velle, cerca do ano de 1099. Participaram vários bispos e três monges de Molesme com seu abade Godofredo que portavam uma carta do bispo de Langre a favor destes.

As resoluções do sínodo foram as seguintes: Roberto voltaria à abadia de Molesme; os monges que desejassesem poderiam regressar também; nenhum dos dois mosteiros receberia monges sem à autorização do próprio abade; se Roberto porventura abandonasse novamente aquele mosteiro, nenhuma sucessão deveria ocorrer sem o consentimento do legado Hugo; todos os objetos sagrados e demais coisas que Roberto levou para o Novo Mosteiro deveria retornar, com exceção do breviário, que ficaria no Novo Mosteiro até a festa de São João Batista, período em que podiam copiá-lo.

Roberto cumpriu as decisões do sínodo e retornou ao Mosteiro de Molesme. Lá, encontrou uma comunidade diminuída, mas pacificada. Garantiu sua prosperidade material e espiritual até sua morte em 1111.

Todo o processo em torno do regresso de Roberto a abadia de Molesme levantou questionamentos sobre a legalidade da fundação de Cister (1098), sobre a sobrevivência do Novo Mosteiro com a saída de Roberto e dos outros fundadores e sobre o próprio acatamento de Roberto acerca da ordem de retorno a Molesme.

Apesar dos percalços, Cister continuaria seu desenvolvimento com os abades Alberico (1099-1109) e Estêvão Harding (1109-1133). Os primeiros anos da existência de Cister foram difíceis<sup>268</sup>.

No lugar de Roberto, sucedeu Alberico, antigo prior de Molesme, “homem de letras, versado nas ciências divinas e humanas, que amava a regra e os irmãos” –

---

<sup>268</sup> CITEAUX: **Documents Primitifs**, Texte latin et Traduction Française. Introduction et Bibliographie Frère François de Place, Traduction Frère Gabriel Ghilain e Frère Jean-Christophe. Citeaux: Commentarii cistercienses, 1988.

como descreve um dos mais antigos documentos de Cister. A ele se deve a consolidação do Novo Mosteiro, ao obter a aprovação pontifícia e as primeiras Constituições ou Instituta.

Nestes primeiros anos de Cister, não havia a preocupação de fundar uma nova Ordem, porém de desenvolver o Novo Mosteiro (Cister). Para esse trabalho de desenvolvimento e consolidação do Novo Mosteiro, foi importante a atividade de Alberico. Esse prior conseguiu do papa Pascal II(1100-1102) a primeira bula pontifícia em favor de Cister intitulada “*Disiderium quod*”, de 19 de outubro de 1100. Por essa bula, a abadia de Cister recebeu aprovação canônica e estatuto jurídico, ficando independente de qualquer ingerência do mosteiro de Molesme e sob a proteção da Sé Apostólica. Porém, a Bula não restringia os direitos canônicos sobre o mosteiro, do bispo da diocese de Chalon, onde se localizava Cister.

Para conseguir uma maior independência do mosteiro de Cister, Alberico conseguiu que a doação do dízimo da vinha de Meursault, feita pelo duque de Eudes a Roberto, em 1098, fosse realmente entregue ao mosteiro. Talvez tenha sido a única doação recebida por Alberico durante o seu abaciado.

Outro trabalho importante de Alberico está relacionado à observância monástica de Cister – mandou redigir as primeiras Constituições ou Instituta, ou seja, os Estatutos primitivos de Cisterno qual se regulava a hospitalidade, fundações de novos mosteiros, pobreza, entre outros. As *Instituta* foram fundamentais para a reforma cisterciense.

Na liturgia, conseguiu diminuir a extensão do Ofício Divino<sup>269</sup>. Deve-se também a iniciativa de Alberico na transferência do Novo Mosteiro para um quilômetro mais ao norte do local da fundação, devido à falta de água. O que teria ocorrido uns dois ou três anos depois do estabelecimento em Cister, entre março de 1100 ou 1101.

Teria sido durante o abaciado de Alberico que os cistercienses passaram a usar o hábito branco e sobre ele um escapulário preto. Devido a esse hábito, passaram a ser conhecidos como monges brancos.

---

<sup>269</sup>Sobre a liturgia cisterciense nos inícios da Ordem cf. Documentos Litúrgicos. In: **Os Cistercienses:** documentos primitivos. Introdução e bibliografia Ir. François de Place, tradução brasileira Irineu Guimarães. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1997, p. 169-191.

O futuro da nova comunidade viu-se ameaçado pela falta de vocações: muito raramente aparecia alguém que quisesse imitá-los. A chama corria o perigo de extinguir-se. É nesta incerteza que Alberico deixa seus monges ao morrer, em 26 de janeiro de 1108. Como diz Jean Baptiste Van Damme:

A irradiação do talento e santidade, coragem e paciência dum superior como ele, enchia-os de admiração e reconhecimento. Mas estas qualidades aumentavam igualmente neles o temor de uma sucessão difícil, o sentimento de impotência, a tristeza de saber-se órfãos<sup>270</sup>.

O antigo secretário do abade Roberto, o monge inglês Estêvão Harding, foi eleito seu sucessor e se tornou o terceiro prior de Cister. Nasceu na Inglaterra, onde foi monge de Sherhorn. Deixou este mosteiro para estudar na Escócia e França e, posteriormente, entra no Mosteiro de Molesme.

Estêvão Harding completa a obra de organização iniciada pelo seu predecessor Alberico. Mostrou-se competente na solução de problemas práticos de um mosteiro que crescia<sup>271</sup>.

O princípio do abaciado de Estêvão é marcado por uma expansão do patrimônio do mosteiro de Cister. São estabelecidas as primeiras granjas: lugares de exploração agrícola, mantidos por irmãos-leigos, nos quais existiam edifícios de fazenda, uma capela e casas de moradia. Sendo Etêvão um erudito, promoveu e fez estudos em Cister, como a restauração da vulgata original de São Jerônimo.

Em seu abaciado, foi proibido, a qualquer nobre, ter sua corte no mosteiro, como era comum na época. Ele também completou a reforma litúrgica, iniciada por Alberico.

Os documentos descrevem-no como amante da Regra e daquele lugar solitário: um verdadeiro apaixonado de Cister, como Roberto e Alberico. Os monges nunca quiseram reduzir a austeridade da sua vida e empenharam-se mais na observância da regra que é, para todo o cisterciense, uma fiel interpretação do Evangelho.

---

<sup>270</sup>VAN DAMME, Jean Baptiste. **Os três fundadores de Cister**, p. 53. Cf. também VAN DAMME, Jean Baptiste. **Vir dei Albericus**, Anal.SOC, 20, 1964, pp.153-164.

<sup>271</sup>MASOLIVER, Alejandro. Roberto, Alberico y Esteban Hrading: Las Orígenes de Cister. **Studia Monastica** 26 (1984): 275-307.

Aqueles monges, quase em vias de extinção, viviam a vida monástica sob o mesmo ideal e fervor com que a primitiva Igreja de Jerusalém abraçara os ensinamentos de Jesus. De fato, todo monge se tem como sucessor e intérprete daqueles que viveram na intimidade imediata do senhor, dos Apóstolos e dos mártires que deram o sangue por Ele.

A vida monástica nascera da nostalgia desse ideal primitivo que se tinha perdido, de certa maneira, ao acabarem as perseguições à Igreja. Cister era consciente de guardar essa chama.

Com Estêvão Harding, o Novo Mosteiro reforçou a separação em relação ao mundo circundante. Isto, com a proibição do duque e de outros príncipes de invadirem o Mosteiro por ocasião das grandes festas. Decidiu, também, suprimir tudo o que fosse ostentação e supérfluo ou que pudesse corromper, de qualquer modo, a pobreza que eles tinham espontaneamente abraçado.

Perante a falta de vocações, os irmãos não cessavam de orar instantemente dia e noite, ao longo de vários anos, chegando quase às portas da desesperança por não haver quem viesse juntar a eles e dar-lhes continuidade. A resposta chegou-lhes na pessoa de Bernardo de Fontaines – o futuro abade de Claraval – à cabeça de um grupo decidido de trinta companheiros, entre eles os seus próprios irmãos<sup>272</sup>.

A chama de Cister ateou novamente no coração dos velhos monges do Novo Mosteiro. Com a entrada de Bernardo, em 1112, conheceu rapidamente uma expansão assombrosa. Sua influência foi grande no século XII, envolvendo-se em muitas questões da época<sup>273</sup>. Influenciou a teologia monástica<sup>274</sup>. As fundações

<sup>272</sup>Cf. LECLERCQ, Dom Jean. **São Bernardo e o Espírito Cisterciense**. Tradução da edição italiana por Tarcisio do Nascimento Teixeira, Composição e impressão Gráfica A cidade de São João. São João da Boa Vista-SP, [s.d.]; RICHÉ, Pierre. **Vida de São Bernardo**. Tradução de Attilio Cancian. São Paulo: Loyola, 1991; MERTON, Thomas. **Bernardo de Claraval**. Tradução pelas irmãs da Companhia da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1958; SANTOS, Pe. Luiz Alberto Ruas. **Um monge que se impôs a seu tempo**; pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2001; São Bernardo de Claraval e os Cistercienses: Homenagem dos Mosteiros Cistercienses do Brasil no Nono Centenário de São Bernardo (1090-1990), [s.l.:s.d.] .

<sup>273</sup>Le GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média** 3. ed. Tradução de Maria Julia Goldwasser, Revisão técnica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Brasiliense, 1993.

<sup>274</sup>DESEILLE, E. Théologie de la vie monastique selon saint Bernard. In: Théologie de la Vie Monastique, Aubier, 1961, 519; GILBERT, Paul. São Bernardo. In: **Introdução à teologia medieval**. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999, p.99-102.

multiplicaram-se a um ritmo acelerado: de 1113 a 1140 não houve menos de uma fundação por ano, e, dez anos mais tarde, este número ultrapassou a vintena<sup>275</sup>.

As primeiras fundações de Cister foram: La Ferté, fundada em 1113 ao sul de Cister; Pontigny em 1114, na diocese de Auxerre, cujo primeiro abade foi Hugo de Vitry, amigo e companheiro de São Bernardo no noviciado; Claraval, em 1115, fundada por São Bernardo, que se tornou seu primeiro abade; nesse mesmo ano foi fundada Morimond, na diocese de Langres.

Após estas fundações, houve uma pausa e novas fundações recomeçaram em 1118, com o mosteiro de Preuilly e, em 1119, com quatro fundações – Cour-Dieu, Bouras, Cadouin e Fontenay. A partir de 1120, os cistercienses começam sua expansão para outros países.

Tornou-se a primeira Ordem monástica de caráter internacional na história da Igreja, pois as reformas monásticas anteriores à de Cister se circunscreveram à sua região de origem.

À morte de São Bernardo, em 1153, a Ordem contava com 339 mosteiros. Estêvão Harding foi um organizador de gênio, capaz de conservar a comunhão e a unidade numa família que incessantemente se estendia não só no interior da França, mas desde Portugal à Suécia e da Irlanda à Polônia.

Com essas fundações, surgiram problemas de organização, pois como poderiam determinar as relações dos mosteiros fundados com a abadia-mãe Cister? Portanto, o problema ultrapassava a observância apenas de usos e costumes e que a regra não sofresse alterações.

Um primeiro passo dado por Estêvão Harding foi dirigir-se ao Papa Calixto (1119-1124) pedindo, diante da expansão de Cister, uma Bula em benefício de Cister e suas novas fundações. A Bula em resposta ao pedido de Estêvão é emanada em 23 de dezembro de 1119: um documento redigido por Estêvão Harding e aprovado pelos abades da Ordem – Carta de Caridade – que consolidava a união entre todos os membros da Ordem. Menos centralizada que a organização de Cluny,

---

<sup>275</sup>KRUGER, Kristina. The New Ordens of the 12<sup>th</sup> century. The Cistercians. In: **Monasteries and Monastic Orders**: 2000 years of Christian Art and culture. Edited by Rolf Toman, H.F.Ullmann, 2008, p. 164-229.

baseava-se na manutenção de laços afetuosos e exigentes entre casas-mães e casas-filhas, e os seus representantes: abades-pais e abades-filhos.

A Carta de Caridade<sup>276</sup> é o documento jurídico cisterciense por excelência, ela é a constituição da Ordem Cisterciense. Esse documento sofreu, durante o século XII, toda uma evolução, cujos detalhes, ainda hoje, são objetos de controvérsias (são documentos que pertencem ao primeiro século cisterciense, são agrupados em três categorias: documentos legislativos, documentos litúrgicos e documentos literários)<sup>277</sup>.

Os deveres e direitos de ambas as partes só tinham em vista a ajuda mútua e o objetivo de melhorar o fervor das comunidades. Além disso, inovava o encontro anual – o chamado Capítulo – dentro todos os abades em Cister, a Mãe comum, para se ajudarem mutuamente na correção fraterna e na prática da Regra de São Bento. No sucessivo, muitas Ordens se inspirariam nesta instituição até generalizar-se dentro da Igreja.

A importância da carta de Caridade reside no fato de estabelecer um equilíbrio entre a autoridade central e a autoridade local e no fato de unir os diversos mosteiros por laços sólidos e flexíveis. Evitou-se, desta forma, uma centralização rígida como a de Cluny e também uma falta de coesão, responsável pela ruína de muitas congregações religiosas. Devido a esse trabalho, Estêvão Harding é considerado o verdadeiro organizador do monaquismo cisterciense. A idade avançada e a doença obrigaram-no a demitir-se do seu cargo de abade. Faleceu em 28 de março de 1134.

---

<sup>276</sup>Carta da Caridade redigida em 1114, aprovada em 1119, pelo Papa Calixto II. É ela a constituição fundamental que organiza a Ordem Cisterciense, unindo suas casas por elos, ao mesmo tempo, sólidos e flexíveis. Foi para manter a unidade de observância em todos os mosteiros que foi composta a Carta Caritatis. Cf. também: J.A. Lefèvre. La véritable Carta Caritatis. In: **Collectanea Ordinis Cisterciensium Reformatorum**, t.16 (1954), p. 5-29; Charte de Charité. In: Citeaux: **documents primitifs**, texte latin et traduction française, traduction Frère Gabriel Ghislain e Frère Jean-Christophe Christophe, Citeaux: Commentarii Cisterciennes, 1988, p. 55-105.

<sup>277</sup>Cf. **Os Cistercienses**: documentos primitivos. Introdução e bibliografia Irmão François de Place. Tradução brasileira Irineu Guimarães. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi – Mosteiro de São Bento, 1997. As principais obras do patrimônio cisterciense são: Documentos Legislativos: Exordium Cisterci (Exórdio de Cister), Exordium Parvum (Exórdio Parvo), Charta Caritatis (Carta de Caridade, com suas diferentes edições), Regulamento da Visita. Documentos Litúrgicos: Carta Prefácio de Sto. Estêvão Hrading ao Hinárius Cisterciense; Prólogo ao Antifonário Cisterciense; Tratado do canto; Carta de São Bernardo a Guy, abade de Montéramey. Documentos Literários: Guilherme de Malmesbury, Gesta dos Reis da Inglaterra; Carta de Santo Estêvão Hrading aos Monges de Sherborne; Orderic Vital.

A Carta de Caridade é fruto de uma evolução e exerceu grande importância não só na organização cisterciense, como também na estruturação de constituições de outras ordens religiosas, como a dos Cônegos Premonstratenses (1119).

O século XII foi, para a Ordem de Cister, sobretudo na França, a sua “idade de ouro”<sup>278</sup>. Surgiram nela, santos e escritores de grande vulto, entre eles Bernardo de Claraval que alguns, ainda hoje, consideram fundador da Ordem<sup>279</sup>.

Em fins do século XIII, o manto branco de Cister cobria já toda a Europa de forma verdadeiramente ímpar na história monástica: em fins desta centúria, eram já cerca de 700 os mosteiros da Ordem na Europa<sup>280</sup>. Muitos Papas foram cistercienses<sup>281</sup>.

São Bernardo não foi o fundador da Ordem, mas, como escreve um autor cisterciense dos nossos dias: “Ao longo da história, muitos foram os olhos que ficaram ofuscados pela glória do filho ao ponto de não se aperceberem do ideal dos Pais”.

Esta “idade de ouro” foi sentida ainda ao longo dos séculos seguintes nos restantes países da Europa. Ao mesmo tempo, porém, apareciam, aqui e ali, sinais de algum declínio. Não propriamente decadência, embora tenha acontecido em casos isolados de pessoas e mosteiros.

Ao falarmos da crise da Ordem Cisterciense<sup>282</sup>, lembramos, naturalmente, da questão da duração da chamada “idade de ouro” de Cister, na qual os mosteiros procuravam viver concretamente os ideais dos seus fundadores: resguardavam os valores da solidão, equilíbrio de jornada, simplicidade, austeridade e vida

<sup>278</sup>BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Tradução de Maria da Luz Veloso. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1983. O fermento espiritual do séc. XII foi tão grande e alterou-se de tal modo a concepção dos homens quanto à vida cristã, que alguns historiadores medievais consideraram ter havido uma mudança tão fundamental, profunda e duradoura como a operada pela Reforma no séc. XVI. É interessante o tópico “Os cistercienses – a primeira ordem nova”, p. 54-58.

<sup>279</sup>Cf. SANTOS, Pe. Alberto Ruas. **O papel de São Bernardo na Reforma Cisterciense**, Simpósio Cister Ontem, São José do Rio Pardo-SP, de 13 a 18 de julho de 1997. Cf. também La Patrnité de S.Bernard et les débuts de l'Ordre Cistercien. Revue Bénédictine 103(1993), 445.

<sup>280</sup>FRANCO, José Eduardo (Dir.). **O esplendor da austeridade**; mil anos de empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: arte, cultura e solidariedade. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2011.

<sup>281</sup>Papas Cistercienses: Beato Eugênio III (1145-1153), Papa Lúcio III (1181-1185), Papa Celestino IV (1241-1241), Beato Gregório X (1271-1276), Papa Bento XII (1334-1342).

<sup>282</sup>Para uma visão geral da história dos cistercienses cf. LEKAI, Louis J. **Los Cistercienses**; ideales y realidad. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

contemplativa. Diante da questão, dividem-se as opiniões: para alguns essa idade de ouro estaria limitada aos anos de São Bernardo, portanto teria terminado com sua morte em 1153; outros entendem que o limite é o fim do século XII; outros ainda dão como limite o século XIV.

Os germes da decadência estavam presentes desde o fim do século XII. Sua expansão trouxe, em seu bojo, o poderio material que juntos foram paulatinamente soçobrando o espírito original de Cister. Causas alheias à vida monástica vieram comprometer o antigo fervor de Cister: as guerras de religião e, sobretudo, a comenda. Consistia esta prática em nomear um abade não monge que, sem governar a comunidade, usufruía dos recursos da abadia. Em princípio, devia assegurar, aos monges, o necessário, o que, na prática, colocava a comunidade em suas mãos. Não é difícil imaginar os resultados desastrosos de semelhante sistema.

### 2.3. Ordem Cisterciense da Estrita Observância



Figura 11. Rancé: Fundador dos Trapistas. Fonte: <http://www.cistercian.org.au>

Na Ordem Cisterciense, a crise fez logo surgir a ideia de reforma. Talvez possamos distinguir dois tipos de reformas:

- 1) reformas pequenas e parciais, que foram sendo feitas para solucionar problemas que foram surgindo no decorrer da crise;
- 2) reformas de caráter radical e geral, visando devolver à Ordem Cisterciense o dinamismo e fervor dos seus primórdios.

Com relação ao primeiro tipo, temos as primeiras reformas da Ordem. Com relação ao segundo tipo, temos os movimentos que deram origem a Estrita Observância. Apesar das diferenças, em termos de profundidade e eficácia, o

movimento da Estrita Observância está inserido no quadro geral das reformas da Ordem Cisterciense<sup>283</sup>.

Com a Reforma Protestante, no século XVI, houve a secularização e fechamento da maioria dos mosteiros, no centro e norte da Europa. Depois surgiram as tendências congregacionistas em Cister – como sucedeu em Portugal, com a congregação de Alcobaça (1567) – mais ou menos independentes. A existência de querelas internas em Cister, entre rigoristas, observantes e os que defendiam um modo de vida mais mitigado, acentuaram-se a partir de Seicentos, criando duas observâncias dentro da Ordem.

Os movimentos reformistas deram origem à divisão da Ordem em Congregações nacionais ou menos independentes. Na França, a Estrita Observância ganhou 69 abadias, mas este esforço de renovação, aliás, bastante tímido, degenerou rapidamente numa oposição entre mosteiros “reformados” e “antigos”. No entanto, houve reformas exemplares, como a do Abade Eustache de Beaufort, em Sept-Fons, e a de Jean de Montgaillard, em Orval. Entretanto, uma única acabou por se impor e continua até os nossos dias: deve-se a um antigo abade comendatário, Armand de B. Rancé<sup>284</sup>, no século XVII, na Abadia normanda de Notre-Dame de La trappe (daí o nome de Trapa aplicado à Ordem de Cister da Estrita Observância).

Os primórdios do movimento da estrita observância não são fáceis de serem estabelecidos<sup>285</sup>. Esse movimento surge espontaneamente dentro dos esforços de reforma da Ordem Cisterciense e não de iniciativas oficiais. Os historiadores se dividem quanto à questão das origens da Estrita Observância: para alguns, as origens estariam na reforma de Claraval, empreendida por seu Abade Denis Largentier, em 1615; para outros, nas iniciativas de Octave Arnolfini, nos anos de 1598 ou 1599. Porém, pode-se distinguir, no movimento da Estrita Observância,

<sup>283</sup>BOUTON, Jean de la Croix. **Histoire de L'Ordre de Citeaux**. Tirage à-part dès Fiches-Cisterciennes, Westmalle, 1968.

<sup>284</sup>Jean-Armand Bouthillier de Rancé (1626-1700) foi abade do Mosteiro de La Trappe e grande nome na reforma cisterciense que levou o nome de seu mosteiro: Trapista, em 1664. Cf. KRAILSHEIMER, A. J. Arman – **Jean de Rancé**; Abbot of la Trappe. His influence in the cloister ad the word, Oxford, Clarendon Press, 1974. É um estudo sério e moderno sobre o Abade francês e apresenta boa bibliografia. O mesmo autor publicou as cartas do Abade De Rancé.

<sup>285</sup>LEKAI, Luis J. **The rise of the Citercian Strict Observance in Seventeenth Century France**. Washington: The Catholic University of America Press, 1968.

uma fase mais local e outra, em que o movimento generalizou-se, principalmente quando a abstinência passou a ser observada em diversos mosteiros.

No seio da Ordem Cisterciense, desenvolveu-se um movimento de reforma desejoso de maior fidelidade à tradição monástica cisterciense e de revalorização de valores ascéticos do monaquismo primitivo. Esse movimento adquiriu características próprias que darão origem a Estrita Observância.

A Ordem Cisterciense, apesar dos muitos percalços, procurou com empenho e, na medida das suas possibilidades, reformar seus mosteiros<sup>286</sup>. Uma série de fatos se fazem presentes na história da Ordem e vão indicando a necessidade de uma reforma mais ampla e profunda.

A reforma da Estrita Observância era feita lentamente nos mosteiros em que foi introduzida, mas, na medida em que outros mosteiros aderiram à Estrita Observância, foi se impondo a necessidade de um reconhecimento oficial por parte do governo central da Ordem. Conviviam na mesma abadia, monges reformados e não reformados, o que deu origem a um conflito entre as duas observâncias: a comum e a estrita.

Em 1664, o Conselho de Estado Francês dispõe, de acordo com O Breve Papal de 1662, que ambas as observâncias enviassem representantes a Roma para buscarem uma solução para os conflitos. O prior da Estrita Observância, Jean Jouaud, planejava boicotar as negociações da comissão Papal. Porém, no Colégio de São Bernardo de Paris, os abades abstinentes ou da Estrita Observância resolveram enviar dois representantes para Comissão Papal. A escolha recaiu sobre o Abade de La Trapa, abadia recém-reformada, Armand-Jean Le Bouthillier de Rancé (1626-1700)<sup>287</sup> e o abade de Val-Richer Dominique Georges. Ambos teriam que defender as ideias de reforma da Estrita Observância. O Abade de Rancé<sup>288</sup> com sua influência junto às pessoas importantes da esfera eclesiástica conseguiu apoio para a reforma.

---

<sup>286</sup> GAILLARDIN, G. *Les Trappistes ou l'ordre de Citeaux au XIX siècle, Histoire de La Trappe*. Paris, 1844.

<sup>287</sup> ABBÉ DE RANCÉ. *Correspondance, édition originale par A. J. Krailsheimer*. Citeaux, 1993; ABBÉ DUBOIS. *Histoire de l'abbé De Rancé et de ses réformes*. Paris, 1869.

<sup>288</sup> CHEREL, Albert. *Rancé*. Paris: Ed. Flammarion, 1930.

A Bula de reforma esperada para 1665 só foi promulgada em 19 de abril de 1666 sob a forma de Constituição Apostólica pelo Papa Alexandre VII (1655-1667)<sup>289</sup>. Recebeu o nome de “In Suprema”<sup>290</sup>: documento de grande importância para Ordem Cisterciense, pois lhe serviu de código de disciplina até a Revolução Francesa.

A “In Suprema”<sup>291</sup> era um comentário detalhado da regra de São Bento. Através dela, o Papa reconhecia a reforma da Estrita Observância considerando-a como legal dentro da Ordem de Cister.

No Capítulo Geral de 1667, a constituição apostólica “In suprema” foi proclamada solenemente. O Abade Rancé protestou contra o documento lido e foi seguido por outros abades da Estrita Observância. Ele considerou que a “In Suprema” queria suprimir a Estrita Observância e se opor à Regra de São Bento e às tradições cistercienses.

Depois de décadas de disputas e conflitos, a estrita observância e a Comum Observância puderam conviver pacificamente dentro da mesma Ordem até a revolução Francesa. Durante o século XVIII, surgiram novos conflitos.

O renascimento, após a supressão de mosteiros, desencadeado pela Revolução Francesa, registrou a corporização das duas tendências. Uma das quais, a mais estrita observância, materializando na Abadia de Nossa Senhora da Trapa (La Trappe), em 1791, por 26 monges. Aqui nasceram os Trapistas, organizados em 1892, por determinações da Santa Sé, distinguindo-se da Ordem Cisterciense da Comum Observância.

<sup>289</sup> Para uma análise do papel do Papa Alexandre VII, na disputa das observâncias cf.: P. Lorenzo Herrera. **História de La Orden de Cister**, T. IV. Burgos-Espanha: Monasterio de Las Huegas, 1991, p. 106-107.

<sup>290</sup> A Constituição Apostólica In Suprema (1666). Reforçou a unidade e restabeleceu a paz e compreensão mútua na Ordem. É uma explicação mais detalhada da Regra de São Bento que vai seguindo, passo a passo, todas as questões que se referem à disciplina comum. A vida cisterciense das duas observâncias foram regulamentadas por esta Constituição até a Revolução Francesa. A principal fim da Bula era manter a unidade na Ordem. Recomendava que as visitas fossem feitas regularmente e rigorosamente, que os monges ficassem nos mosteiros e que os Capítulos Gerais deveriam ser realizados a cada três anos. Estabeleceu o silêncio da noite no mosteiro, a pobreza, a tonsura monástica, entre outros. A Estrita Observância permaneceu sob a jurisdição do Abade de Cister. Esta Constituição foi aceita pelo Capítulo Geral de 1667, que foi realizado em Cister, apesar dos protestos dos adversários. Cf. P. Lorenzo Herrera. Historia de La Orden de Cister, p. 108-109.

<sup>291</sup> A Constituição Apostólica “In Suprema” juntamente com as bulas “Parvus fons” e “Fulgens sicut Stella” pertencem aos documentos importantes do patrimônio cisterciense.

Se as polêmicas entre as observâncias tivessem seguido outro rumo, a concórdia entre ambas provavelmente teria ocorrido mais cedo. Neste sentido, o próprio sucesso da Estricta Observância poderia ter sido mais sólido, se as disputas tivessem se encaminhando para uma aceitação lenta da reforma ao contrário do caminho, então seguido, de impô-la por meio de autoridades civis e eclesiásticas.

O Abade Armand-Jean Le Bouthillier de Rancé (1626-1700)<sup>292</sup>, defensor da estrita Observância, a introduziu na Abadia de N.D. de La Trappe da qual era abade comendatário. Esta abadia se tornou célebre não pela Estricta Observância aí introduzida, mas pela reforma pessoal empreendida pelo abade Rancé que fez uma reforma em que procurou voltar aos valores essenciais do monacato e dos primeiros cistercienses. Sua reforma foi o resultado da sua vida interior conjugada com a necessidade de reforma na Ordem de Cister. A reforma feita na abadia da Trapa será, portanto, distinta da Estricta Observância e da comum Observância<sup>293</sup>.

A Abadia de Notre Dame de La Trappe, a princípio, pertencia a Congregação beneditina de Savigny, mas, a partir de 1147, Serlon de Savigny incorpora sua Congregação à Ordem Cisterciense, passando a abadia de La Trappe a ser cisterciense<sup>294</sup>.

Quando da decadência da Ordem de Cister, a abadia de La Trappe foi considerada uma exceção por ter mantido sua vida monástica regular. Em 1527, assim como os demais mosteiros cistercienses, também a abadia de La Trappe passou a ser comendatária. Ela teve como primeiro abade comendatário o cardeal e bispo de Paris Jean de Bellay, a partir do qual se seguiram outros.

A comenda chegou até a família do abade Rancé. O primeiro a ser comendatário foi o seu tio e bispo de Boulogne, Víctor Le Bouthillier, que transferiu a comenda para seu sobrinho François Le Bouthillier. Com a morte de François, a comenda da abadia de La Trappe passou para o seu irmão Armand-Jean Le

<sup>292</sup>HERRERA, P. Lorenzo. Armando Juan Le Bouthillier de Rancé. In: **Historia de La Orden de Cister**, p.118-143.

<sup>293</sup>KRAILSHEIMER, A. J. La reforme de Rancé: La Trappe comme modèle, In: **Naissance et fonctionnement des réseaux monastique et canoniaux**. Actes Du premier colloque internacional Du C.E.R.C.O.M. Saint Etienne 16-18 septembre 1985. Publications Université Jean Monnet, Saint Etienne, 1991, 780-790.

<sup>294</sup> **Histoire des Trappistes Du Val-sainte-Marie**, Namur, F.j. Douxfils, Imprimeur-Libraire, 1841.

Bouthillier de Rancé<sup>295</sup>. Em 1662, vinte e cinco anos após recebê-la como comenda, é que realmente vem assumi-la dando início à reforma em sua abadia<sup>296</sup>. O abade Rancé faleceu em 27 de outubro de 1700. Até essa data, a reforma da Trapa tinha atingido poucos mosteiros.

A reforma da Rancé pretendia uma volta aos valores essenciais do monaquismo<sup>297</sup>. A reforma da Trapa trouxe algo que faltou na Estrita Observância: um ideal monástico mais profundo. A Santa Sé, através de dois Breves, datados de 2 de agosto de 1677 e 23 de maio de 1678, aprovou a Reforma de Rancé.

A Trapa foi fruto desta reforma da Ordem de Cister, feita pelo Abade Rancé no século XVII<sup>298</sup>. Essa reforma, apesar de estar em continuidade com os esforços renovadores da Ordem Cister, foi, ao mesmo tempo, distinta em relação à Estrita Observância e à Comum Observância. O abade Rancé não pretendia criar algo de novo com sua reforma, apenas empreender esforços para uma vivência maior e mais profunda dos valores dos fundadores de Cister. Queria estabelecer, na abadia de N.D de La Trappe, as observâncias do primitivo Cister.

Essa reforma, porém, deve também ser entendida em estreita relação com a personalidade e a vida interior do abade Rancé<sup>299</sup>. Talvez em função deste fato, a reforma empreendida pelo abade da trapa tenha adquirido características que constituíram novidades na Ordem de Cister. A sua forte personalidade e cultura monástica, bebida nas melhores fontes orientais e ocidentais, e a sua atividade literária garantiram o sucesso da Estrita Observância Cisterciense, que acabou por se expandir arrastada pelo exemplo assombroso da Trapa. A sua reforma deu destaque à Regra de São Bento. Também devem ser mencionadas as Constituições da Trapa, de 1671, e os regulamentos da abadia de Notre Dame de La Trappe, ambas relacionadas com a Regra de São Bento.

<sup>295</sup> El monasterio de la Trapa y la Reforma de Rance. In: HERRERA, P. Lorenzo. **Historia de La Orden de Cister**, T. IV. Burgos (Espanha): Monasterio de Las Huelgas, 1991, p.113-157.

<sup>296</sup> Cf. LEKAI, Louis J. **The rise of the cistercian Strict Observance in seventeenth century France**. Washington: The catholic University of America Press, 1968; F.B.P. (Un trappiste de Sept-Fons). La Trappe, Origine, Esprit, Organisation actuelle de la réforme de l'Abbé de Rancé, Paris, 1870.

<sup>297</sup> KRAILSHEIMER, A. J. **Rancé and the trappist legacy**. Michigan (USA): Kalamazoo, 1985.

<sup>298</sup> CHAUTARD, Dom. **Les Cisterciens Trappistes**: L'ame Cistercienne, Bompierre-sur-Besbre (Alier). França: Abbaye de Sept-Fons, 1931.

<sup>299</sup> LECLERCQ, Jean. La joie dans De Rancé, In: **Collectanea Cisterciensia**, III (1963), 206-215.

Teve influência sobre Rancé, a vida dos Padres do deserto. E isso refletiu em sua reforma. A abadia da Trapa, com a reforma, aproximou-se mais do que foi a Ordem em sua origem do que os demais mosteiros cistercienses do século XVII. Com firme propósito de restaurar as primitivas observâncias de Cister, deu realce à penitência. Sua reforma teve, como um dos pontos de partida, o lado penitencial da vida monástica. Uma das formas de penitência externa característica da Trapa é o silêncio absoluto. Apesar de todo esse silêncio, o abade Rancé reintroduziu a tradição da conferência, cujos temas giravam em torno da vida monástica.

Essa reforma da Trapa ajudou a preparar outras ordens monásticas da França para os tempos difíceis da revolução Francesa. Sua reforma destacou a solidão, a abstinência perpétua de carne, as vigílias, a pobreza, o trabalho manual entre outros aspectos.

Costuma-se afirmar que, se o abade Rancé tivesse sido como São Bernardo, um contemplativo, sua influência teria sido, na época, muito maior. Porém, conseguiu reviver, na abadia da Trapa, o heroísmo dos primeiros cistercienses<sup>300</sup>.

Em vida, o abade Rancé não fundou nenhum mosteiro de sua reforma. Mas, paulatinamente, sua reforma foi se tornando exemplar e passou a ser acolhida em outros mosteiros cistercienses. A ajuda de Rancé era solicitada por mosteiros desejosos de empreenderem ou efetivarem a reforma.

O primeiro mosteiro a ser influenciado pela reforma da Trapa foi Sept-Fons, depois se seguiram a de Tamié e de Orval.

Suprimidas na França, em 1789, todas as comunidades religiosas, os Trapistas, com o seu Abade Dom Augustin de Lestrange, refugiaram-se na Suíça, na antiga Cartuxa de La Valsante. Continuaram a vida monástica em condições incrivelmente duras até que se viram obrigados a iniciar uma odisseia através da Áustria, Polônia, Rússia e Alemanha. Ao mesmo tempo em que deixavam, enviavam alguns monges para diversos países com o fim de estabelecer novas fundações: Alemanha, Bélgica e até a América.

---

<sup>300</sup>Cf. CHAUTARD, Jean Baptiste. **Les Cisterciens Trappistes**; L'ame cistercienne, Dompierre-sur-Besbre (Allier). França: Abbaye de Sept-Fons, 1931.

As vocações afluíam de toda parte às abadias Trapistas. Também um mosteiro de Trapistinas, que se tinha formado perto de La Valsainte, passou pelas mesmas vicissitudes e conheceu o mesmo incremento de vocações.

Quando, em 1815, a Trapa regressou à França, foi possível reocupar muitas das antigas abadias. Uma nova explosão da vida cisterciense manteve acesa a chama do passado.

As comunidades saídas de La Valsainte foram regressando pouco a pouco às fontes da espiritualidade beneditina-cisterciense: a liturgia e os costumes da Ordem conservaram (e, em alguns casos, reencontraram) uma nota de simplicidade e autenticidade.

Um conjunto de situações foi convencendo os Trapistas da necessidade de formarem uma congregação independente. E diversas medidas foram implementadas neste sentido. Porém, questionava-se a conveniência da união das observâncias, pois se temia a uniformidade. A decisão final coube à congregação dos Bispos e Regulares, que nomeou, como consultor para análise da petição feita pelos Trapistas, o Padre Raymond Bianchi. Raymond Bianchi foi contra o projeto de união apresentado que propôs outro projeto a partir de novas bases. Deste projeto, destacamos o seguinte ponto: “Os Trapistas das três Congregações de Sept-Fons, a Grande Trapa e Westmalle formariam desde agora uma só Congregação abaixo do mesmo e único Vigário Geral”<sup>301</sup>.

O Papa Leão XIII (1878-1903)<sup>302</sup> tinha interesse na unificação das congregações Trapistas, na qual via uma força de resistência contra o anticlericalismo francês. O abade de Sept-Fons, Dom Sébastien Wyart (1839-1904), durante muito tempo desejou a união das congregações. Dom Sébastien Wyart foi vigário da antiga Reforma e gozava da amizade do Papa Leão XIII. Essas condições ajudariam no projeto de uma congregação Trapista unificada.

---

<sup>301</sup>BOUTON, Jean de La Croix. **Historia de La Orden, Palência, Imp.** Merino-Palência, [s.d.], Ficha: 111.

<sup>302</sup>DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores**; história dos Papas Tradução de Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify Edições Ltda, 1998, p. 235-244; CLEMENTE, Manuel. **Os Papas do século XX**. São Paulo: Paulus, 2004, p.13-20.

Leão XIII fez mudanças no governo das duas congregações francesas. Determinou: que os vigários gerais fossem eleitos a cada seis anos; que não seriam vitalícios; e que o vigário geral da Nova Reforma não precisaria ser necessariamente o abade da Grande Trapa.

Com relação à unificação, a única congregação que estava indecisa era a da Bélgica (Westmalle), pois a Grande Trapa e Sept-Fons estavam dispostas a se unificarem.

O Papa Leão XIII, por meio do decreto de 20 de julho de 1892, convocou para um Capítulo Plenário os abades, priores das quatro observâncias Trapistas: Grande Trapa, Westmalle, Sept-Fons e Casamari. A grande pauta do Capítulo seria a unificação das congregações tendo como base a Regra de São Bento, a carta de caridade e os usos de Cister. Em 1 de outubro de 1892, cinquenta e quatro superiores Trapistas, sendo trinta e dois abades, reuniram-se sob a presidência do cardeal Mazella. Apenas os três mosteiros pertencentes à congregação de Casamari absteram-se da votação; portanto, ficaram fora da união. As outras três congregações procedentes de La Valsainte votaram pela união. Apenas cinco abades votaram contra. Assim, as três congregações que se uniram foram: a Grande Trapa, Sept-Fons e Westmalle.

Os que votaram pela unificação das três congregações escolheram com unanimidade o nome da nova congregação autônoma – Ordem dos Cistercienses Reformados de Nossa Senhora da Trapa – hoje chamada de Ordem Cisterciense da Estrita Observância. Passaram a, popularmente, serem denominados de Trapistas, em virtude da famosa Abadia francesa reformada pelo Abade Rancé no século XVII - La Trappe. Como uma congregação independente, escolheram seu próprio Abade Geral: Dom Sébastien Wyart, que se tornou o primeiro Abade Geral da Ordem Cisterciense da Estrita Observância<sup>303</sup>. A partir de então, os Cistercienses constituíram duas Ordens diferentes: a Ordem Cisterciense (O.Cist.), conhecida

---

<sup>303</sup>Dom Sébastien Wyart nasceu em 12 de outubro de 1839 e faleceu em 10 de agosto de 1904. Ingressou no Mosteiro Trapista de S. Marie Du Mont. Ordenado sacerdote em 31 de março de 1877. Eleito Abade do mosteiro de St. Marie Du Mont. Em 1887, tornou-se Abade de Sept-Fons e Vigário-Geral da congregação de Rancé. Desejou ver as três congregações unidas em uma Ordem, e foi principalmente devido a ele que esta foi realizada em 1892. Em reconhecimento ao seu trabalho, foi eleito o primeiro Abade-Geral da Ordem dos Cistercienses Reformados de Nossa Senhora de La Trappe. Depois de incansáveis esforços, conseguiu recuperar a posse de Cister, o berço da Ordem, e tornando-a a casa-mãe, e ele o seu abade, depois de renunciar a Sept-Fons, em 1899.

como Comum Observância, cujos mosteiros permaneceram na Ordem de Cister; e a Ordem Cisterciense da Estrita Observância (O.C.S. O).

O decreto de unificação das três congregações tornou-se público em 08 de dezembro de 1892. Portanto, a Ordem Cisterciense da Estrita Observância se constituiu juridicamente pela união de 1892. Formou-se um Definitório de seis membros nos quais o sexto era Procurador Geral da Ordem.

A Ordem dos Cistercienses Reformados teve seu primeiro Capítulo Geral celebrado de 12 a 21 de setembro de 1893, na Abadia de Sept-Fons. No dia 22 de setembro foram elaboradas as primeiras Constituições da nova Ordem. A nova Ordem foi consagrada ao Sagrado Coração de Jesus.

Em 1894, um decreto pontifício aprovou as constituições da Ordem dos Cistercienses Reformados. Neste mesmo ano, reuniu-se o segundo Capítulo Geral da Ordem para redigir os Usos.

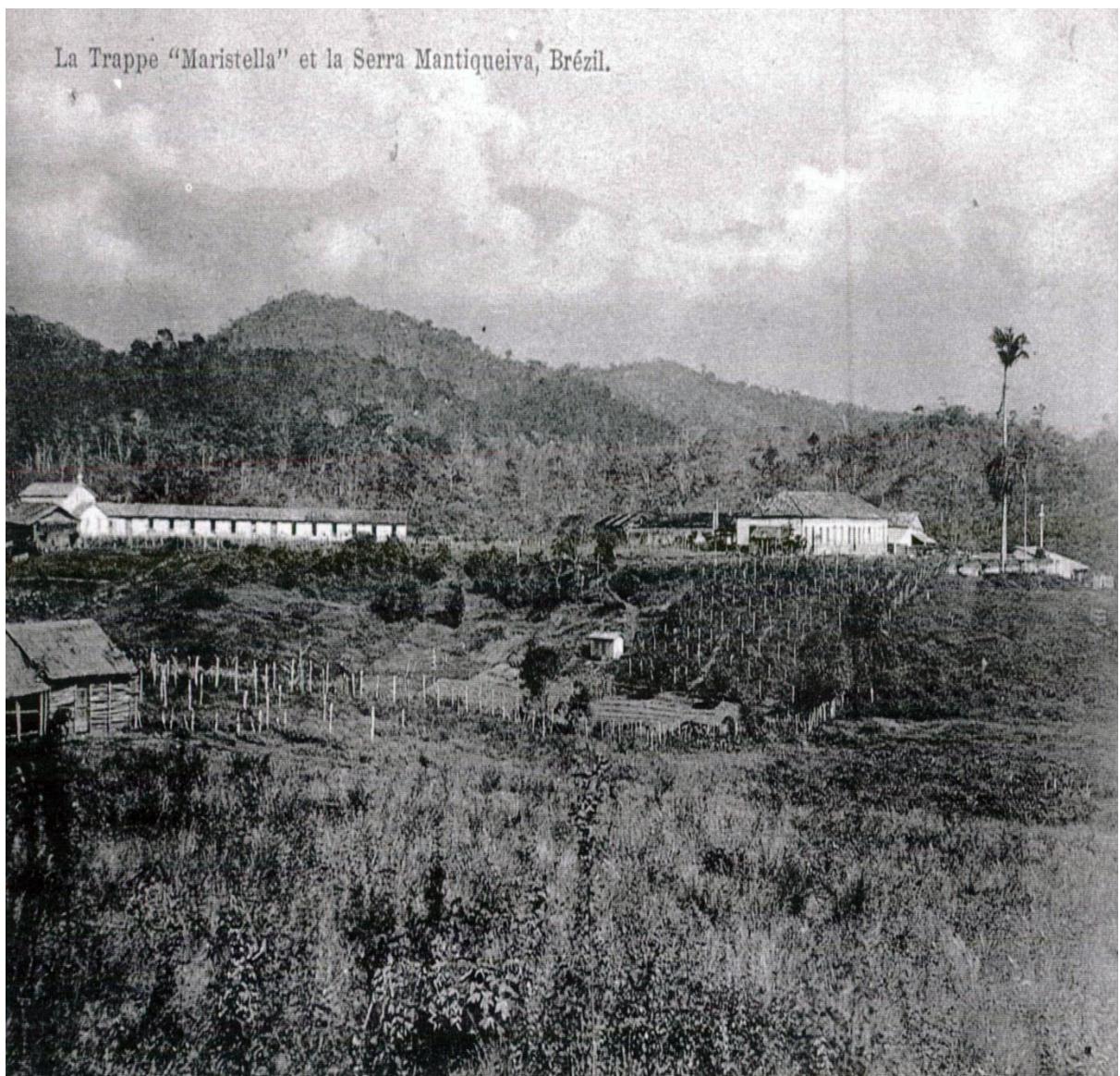
Surgiu para Dom Sébastien Wyart a possibilidade de adquirir a Abadia de Cister, que estava sendo vendida. No Capítulo Geral de 1896, surgiu a ideia da Ordem dos Cistercienses Reformados unirem-se à Comum Observância. Esta ideia não se efetivou, mas a aquisição da Abadia de Cister deu certo, o que motivou uma alteração no nome da Ordem como consta da Constituição Apostólica “*Haud mediocri sane*”, datada de 30 de julho de 1902: Ordem Cisterciense Reformada ou da Estrita Observância.

Em 1898, uma Constituição Apostólica reconheceu e declarou os Trapistas verdadeiros cistercienses, permitindo-os gozar dos privilégios da primeira Ordem de Cister<sup>304</sup>.

---

<sup>304</sup>DUBOIS, Marie-Gérard. La Branche Masculine. In: **Collectanea Cisterciensia**, 1981, p. 390-400. 43 v. Apresenta as grandes etapas da evolução da Ordem Cisterciense da Estrita Observância (Trapistas).

## 2.4. Expansão dos Trapistas na América Latina



**Figura 12. Mosteiro Trapista Nossa Senhora Maristela. Fonte:** Cartão Postal anos 1920/1930

Antes de tratar especificamente dos Trapistas no Brasil, devemos destacar brevemente a presença cisterciense na América Latina<sup>305</sup>. Acredita-se, sem dados conclusivos, que a primeira fundação cisterciense na América Latina aconteceu no Brasil do século XVI, pouco antes de 1558, ano em que foram expulsos, dos Brasil, os Huguenotes. A Ordem de São Bernardo foi citada em uma carta que o Padre

<sup>305</sup> ROBERT, Agustin. Presencia Cisterciense em América Latina. In: **Cuadernos Monásticos**, Florida-Argentina, v. 52-53, 1980, p. 11-19.

José de Anchieta escreveu, em janeiro de 1565, ao Geral da Companhia de Jesus, Padre Laínez:

Este francês ficou conversando conosco em língua brasileira, e por ele sabemos que todos os seus, que estão no Rio, não são os papistas, senão fiéis e não dizem a missa, antes perseguem e até matam o que rezam. Eles creem só em Deus [...] Por esta mesma pessoa e pelos índios vieram dali, sabemos que da França enviaram 12 frades; segundo parece pertenciam a Ordem de São Bernardo, os quais durante o ano que estiveram, se proveram de casa e comida e viveram separados dos seus, que os perseguiram e maltrataram por ser papistas e dizer a missa<sup>306</sup>.

Padre José de Anchieta teria usado a expressão “Ordem de São Bernardo” muito comum na Europa da época. Em 1567, a congregação de Portugal foi erigida como Congregação de Santa Maria de Alcobaça da Ordem de São Bernardo.

O Brasil nasceu quando os cistercienses se expandiam pela Europa. Estes ocuparam sedes episcopais no Brasil Colônia. Dom Frei Antônio Barreiros, cavaleiro da Ordem de Aviz, foi Bispo de São Salvador na Bahia, na qualidade de primaz, e governou de 1575 até 1596. Durante sua administração, foi fundado o primeiro Mosteiro Beneditino de toda a América: São Sebastião da Bahia (1581)<sup>307</sup>. Os Beneditinos estabeleceram-se definitivamente no Brasil em 1581. O primeiro Mosteiro Beneditino feminino da América foi fundado em São Paulo: a Abadia de Santa Maria. Mosteiro fundado em 24 de novembro de 1911 e elevado à Abadia em 25 de janeiro de 1918<sup>308</sup>. Em outras regiões da América, encontravam-se cistercienses em sedes episcopais.

Em 1580, formou-se uma comunidade de monjas bernardinas na Cidade de los Reys, antigo nome da cidade de Lima, no Peru. O Mosteiro de La Sanctíssima

<sup>306</sup> ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermones (1554-1594). Cartas Jesuíticas III, Rio de Janeiro, 1933, p. 208 Apud STIEGER, Reinaldo; ROBERTS, Augustín. Los Cistercienses em América Latina In: LEKAI, Louis J. **Los Cistercienses**; ideales e realidad. Barcelona: Editorial Herder, 1987, p. 577.

<sup>307</sup> ROCHA, Dom Paulo et.alii. **400 anos do Mosteiro de São Bento da Bahia**. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1982.

<sup>308</sup> Cf. LUNA, Dom Joaquim G. de. Os monges Beneditinos no Brasil, esboço histórico. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947; JONGMANS, J. A reforma da congregação beneditina do Brasil (1890-1910). In: **A vida religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983; JONGMANS, J. **A restauração da congregação beneditina do Brasil**: o papel de Dom Gerard Von caloen (1895-1907), Tradução de Nadyr Salles penteado. Memória apresentada para obtenção de grau de licenciado em História da Igreja dos Tempos Modernos na Universidade católica de Louvain em 1972.

Trinidad, da Ordem Cisterciense, foi erigido canonicamente pelo Papa Gregório XIII (1572-1585) através da Bula *Apostolici munera sollicitudo*, em 27 de junho de 1584.

No século XVII, tivemos uma tentativa de fundação de um mosteiro feminino cisterciense no México, que após algumas dificuldades, foi fechado juntamente com outros conventos mexicanos pelo governo laicista em 1860. No século XVIII, ocorreu outra tentativa de fundação de um mosteiro cisterciense feminino na Argentina, na atual Província de Salta.

Em 1802, a comunidade Trapista de Santa Susana, Espanha, recebeu um pedido da América para que estabelecessem uma fundação. Porém, tal pedido não foi aceito provavelmente devido às condições precárias do Mosteiro de Santa Susana. É importante destacar que vários monges deste primeiro mosteiro Trapista espanhol eram da América Espanhola. Um dos fundadores do mosteiro Dom Juan de La Bodega y Cuadra, natural de Havana, Cuba, foi o primeiro Trapista hispanoamericano. Recebeu o nome de Frei Dositeo.

Devemos recordar os cistercienses franceses e belgas mortos em 1798, no deserto de Conanama, na Guiana Francesa.

Os Cistercienses, tanto da Estrita Observância como da Comum Observância, teriam de esperar o século XX para realizarem fundações oficiais. A primeira tentativa Trapista na América Latina aconteceu no início do século XX, no Brasil. Em 1903, o Abade de Sept-Fons, Dom Jean Baptiste Chautard, tomou a decisão de fechar provisoriamente Chambarand, para evitar uma expulsão violenta. A França vivia naquele momento um clima de perseguição religiosa.

Os monges de Chambarand se incorporaram à casa mãe Sept-Fons e, em 1904, foram transferidos para o Brasil. O Mosteiro recebeu o nome de Nossa Senhora de Maristela, localizado na cidade de Tremembé/SP.

Alguns anos depois, as monjas Trapistas do priorato autônomo de São Clemente de Maçón, França, vivendo um clima de apreensão, devido à perseguição religiosa, são transferidas para o Brasil em 1908<sup>309</sup>. O Mosteiro recebe o nome de

---

<sup>309</sup>Actes Du Chapitre Général De L'Ordre Des Cisterciens Réformés, X Chapitre Général, 1903 (Du 12 au 18 Septembre), Sixième Séance.

Nossa Senhora do Sagrado Coração, localizado em Tremembé/SP. Posteriormente, foram transferidas para Nova Friburgo/RJ.

Ambos os mosteiros foram fechados, Maristela foi encerrada por etapas a partir de 1925, finalizando em 1936. Nossa Senhora do Sagrado Coração foi fechada em 1921. Os monges Trapistas retornaram para as Abadias de Sept-Fons e Orval e as Trapistinas para Fély, Bélgica. Três anos mais tarde, uniram-se às monjas de Maubec, que repovoariam o mosteiro de Chambarand, França.

Nos Estados Unidos, a expansão dos Trapistas adquiriu características espetaculares<sup>310</sup>. Dom Augustín Lestrange, quando iniciou sua Odisseia monástica para salvar seus monges, tinha o plano de um estabelecimento nos Estados Unidos. Porém, a queda de Napoleão Bonaparte (1814) mudou seus planos. Ele resolveu retornar a França e restaurar a Trapa.

Nos Estados Unidos, somente entre 1844 e 1956, o número de mosteiros Trapistas cresceu de três para doze<sup>311</sup>. Os primeiros mosteiros Trapistas fundados nos Estados Unidos, Gethsemani<sup>312</sup> e Newmelierry, tiveram de lutar muito durante todo um século para sobreviver. Em 1900, próximo do povoado de Lonsdale, no Estado de Rhode Island, foi construído o Mosteiro de Our Lady of the Valley. Essa comunidade monástica se transladou a Spencer, Massachusetts, dando origem a Abadia de São José.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos viveram uma efervescência de vocações Trapistas, o que resultou na fundação de muitos mosteiros. Devemos destacar a influência que Thomas Merton exerceu através dos

<sup>310</sup>Cf. BOUTON, Jean de la Croix. **Histoire de L'Ordre de Citeaux**, Tirage à-part des Fiches-Cisterciennes. Westmalle, 1968, p. 116-117; MERTON, Thomás. **A vida silenciosa**. Tradução: religiosas da Companhia da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1960, p.136-137; LEKAI, Louis J. **Los Cistercienses**, ideales y realidad. Barcelona: Herder, 1987, p. 244. MERTON, Thomas. **Águas de Siloé**. Tradução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, [ s.d.].

<sup>311</sup>Cf. MERTON, Thomas. **As águas de Siloé**. Tradução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, [s.d.]; LEKAI, Louis J. **Los Cistercienses**, ideales y realidad. Barcelona: Herder, 1987, p. 277.

<sup>312</sup>RAYMOND, M. **Incienso Quemado**; La saga de Citeaux (Epoca Americana). 2. ed. Traducción AL Español por Felipe Ximenez de Sandoval. Madrid: STVDIVM, [s.d.]. O livro *Incenso Queimado* é um romance que conta a história da fundação do mosteiro Trapista de Gethsemani, o primeiro mosteiro Trapista das Américas. Foi fundado em 1848, por monges de Melleray, na França. O autor, Pe. Raymond, foi monge de Gethsemani e escreveu muitos livros, de caráter mais histórico. Faleceu em Gethsemani, em 1990, quando Pe. Félix Donahue (monge do mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, prior do mesmo de 1990-1996) estava lá. Pe. Félix entrou em Gethsemani em 1952 (*Incenso Queimado* foi publicado em 1949; Thomas Merton entrou em Gethsemani em 1941).

livros que escreveu, principalmente com o seu best-seller *A Montanha dos sete patamares*<sup>313</sup>.

Em 1942, foi fundado Holy-Grost, na Geórgia; em 1947, o mosteiro de Holy Trienty; Guadalupe Oregón, em 1948; Mepkin, na Carolina do Sul, em 1949; o mosteiro de Holy-Cross, na Virgínia, em 1950; o mosteiro de Genesee, no Estado de New York, em 1951; New Claraval, na Califórnia, em 1955; o mosteiro de São Bento, no Estado do Colorado, em 1956; Nossa Senhora do Vale (Rode-Island) onde o Petit-Clairvaux se instalou em Spencer depois do incêndio de 21 de março de 1949.

A Abadia de Spencer fundou, na América Latina do Sul, os seguintes mosteiros: Nuestra Señora de los Angeles, em 1944, na Argentina. Nuestra Señora de los Andes, no Chile, em 1960. Em 1971, foi fundado pela Abadia francesa de Ubexy, o Mosteiro de La Madre de Dios, conhecido como El Encontro, no México. Tornou-se abadia em 20 de setembro de 1994. Em 1977, foi fundado, no Brasil, o Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo, fundação da Abadia de Genesee.

Em 1973, teve início o Mosteiro de Trapistinas Madre de Cristo, na Argentina, fundação de Vitorchiano, Itália. Tornou-se Abadia em 1989.

No Chile, foram fundados o Mosteiro de Santa Maria de Miraflores e o Mosteiro de Nossa Senhora de Quilvo. O Mosteiro de Miraflores foi fundado pela Abadia de Spencer (USA), em 1960, e elevado a mosteiro semiautônomo, em 1969, com o nome de Nova La Dehesa. Elevado a priorado autônomo em 08 de março de 1981. Em 15 de setembro de 2012, foi elevado à Abadia.

O Mosteiro de Nossa Senhora de Quilvo foi fundado pela Abadia de Vitorchianao, Itália, em 1981. Erigido em mosteiro simples em 25 de março de 1988 e priorado em 25 de março de 1994.

Na República Dominicana, foi fundado o Mosteiro de Santa Maria Del Evangelho, em 1989, pelo Mosteiro Viaceli. A fundação foi iniciada pelo Padre Abade José Maria Prada (1983 a 1989). O Bispo de La Veja, Juan Antonio Flores Santana, passou vários anos em contato com a comunidade de Viaceli solicitando uma fundação para sua diocese. Os fundadores chegaram a julho de 1987, ficaram

---

<sup>313</sup>MERTON, Thomas. **A Montanha dos Sete Patamares**. Tradução: José Geraldo Vieira. São Paulo: Mérito, 1952.

dois anos em uma casa, em Guaigru, perto da cidade de La Veja. Devido à escassez de água, em 1989, foram para Jarabacoa e moraram em uma casa na fazenda, de propriedade da comunidade, enquanto o mosteiro estava sendo construído. Em 1996, a comunidade se estabeleceu no mosteiro.

No Equador, foram fundados dois mosteiros da Estrita Observância: o Mosteiro de Santa Maria de La Esperanza, na Diocese de Esmeralda. Fundado em 1992 pelo mosteiro de Tulebras. Erigido em priorado maior em 26 de janeiro de 2000. O Mosteiro de Santa Maria Del Paraiso foi fundado, em 1999, na Diocese de Latacunga (Cotopaxi). Fundação de San Isidro. A pré-fundação começou em 1997. O Capítulo Geral aprovou a fundação em 1999.

No México, foi erigida a Abadia Mãe de Deus em 9 de outubro de 1971 e o Mosteiro Cisterciense Virgem Curutarón, em Jacona, Michoacan, fundado por San Isidro, em 1981.

Na Nicarágua, foi fundado o mosteiro de Trapistinas chamado Santa Maria de La Paz, em 2001.

Na Venezuela, foi fundado o Mosteiro N. Sra. Coronato, iniciado em 1978, por Vitorchiano. Erigido como mosteiro em 1997. E o Mosteiro de N. Senhora dos Andes fundado em 1987.

As religiosas de Nazareth, Bélgica, fundaram Redwoods no Chile, em 1963. A Abadia de Wrenthan, filha de Glencairn, nos Estados Unidos, fundou em Dubuque (Iowa), em 1964.

No século XIX, muitas fundações realizadas deveram-se às perseguições da Ordem Cisterciense na França. Bellefontaine fundou, em 1892, N. Sra des Prairies, no Canadá, e Bonecombe, fundada em 1902. Em 1881, temos a fundação do mosteiro de Notre-Dame Du Lac na província de Québec. Em 1903, fundou-se São Romualdo, por monjas. Outras 10 monjas de Vaise se estabeleceram próximo de Rogesville e de Nossa Senhora do Calvário. Esta fundação passaria a se chamar Nossa Senhora da Assunção, em 1904.

Com a saída dos Trapistas e Trapistinas do Brasil, entram em cena os Cistercienses da Comum Observância<sup>314</sup>. Em 1936, chegaram ao Brasil os primeiros monges Cistercienses da Comum Observância, provenientes da Abadia de Himmerod, Alemanha. Efetivamente, o fundador, Dom Atanásio, pertenceu ao grupo de monges Trapistas que empreenderam, a partir de 1919, o restabelecimento daquele antigo mosteiro, cuja criação se deveu a São Bernardo, em 1134<sup>315</sup>.

O Mosteiro foi estabelecido na cidade de Itaporanga/SP, em 05 de agosto de 1936, por Dom Atanásio Merkle, como dependência da Abadia de Himmerod. Recebeu o nome de Mosteiro de Nossa Senhora de Santa Cruz.

Em 27 de agosto de 1939, os monges de Schlierbach, na Áustria, por meio de Dom Aloysio Wiesinger fundaram o Mosteiro de Nossa Senhora Divina Pastora, na fazenda de Jequitibá, Município de Mundo Novo, Bahia<sup>316</sup>. Erigido em Abadia a 18 de setembro de 1950. No testamento da doadora da fazenda, constava como segunda opção os monges Trapistas<sup>317</sup>.

O Mosteiro de Nossa Senhora de São Bernardo foi fundado em 22 de fevereiro de 1943, na cidade São José do Rio Pardo-SP, pelos monges da Abadia de Hardehausen, Alemanha, e assumido como Priorado Simples, em 1949, pela Congregação de São Bernardo da Itália.

Em 29 de abril de 1950, os monges da Congregação de Casamari fundaram o Mosteiro de N. Sra do Divino Espírito Santo, em Minas Gerais. Construído Priorado Simples a 19 de dezembro de 1960. Foi erigido em Abadia Nullius a 11 de maio de 1968.

Em 1952, o Abade de Hardehausen, na Westfalia, atual República Federal da Alemanha, Dom Afonso Heun, residindo na cidade de Mairinque-SP, iniciou a fundação da Abadia de Nossa Senhora da Assunção, na cidade de Itatinga-SP. No dia 3 de abril de 1952, pela autoridade da Santa Sé, foi suprimida a Abadia de

<sup>314</sup>FELIPE NETO, Fr. Antônio. **A Sagrada Ordem de Cister ou Cistercienses no Brasil**. Itaporanga-SP, 1959. (Datilografado).

<sup>315</sup>STORK, Dom Estevam. **Sermões Cistercienses**. Millennium, 2004, p.196.

<sup>316</sup>ANÔNIMO. Jequitibá. **Mosteiro Nossa Senhora Divina Pastora**. Jequitiba (Mundo Novo): Bahia, [s.d.]; ANÔNIMO. **50 anos: padres Cistercienses no sertão da Bahia**. Jequitibá-BA: Mosteiro Nossa Senhora Divina Pastora, [s.d.]; ANÔNIMO. 25 anos: **Paróquia Santa Luzia**. Macajuba-Bahia, [s.l., s.d.].

<sup>317</sup>Testamento de Plínio Tude de Souza, Bahia, 15 de Fevereiro de 1936.

Hardehausen, transferida para a Abadia de Itatinga, que recebeu todos os direitos e privilégios que até então, canonicamente, possuía a Abadia de Hardehausen.

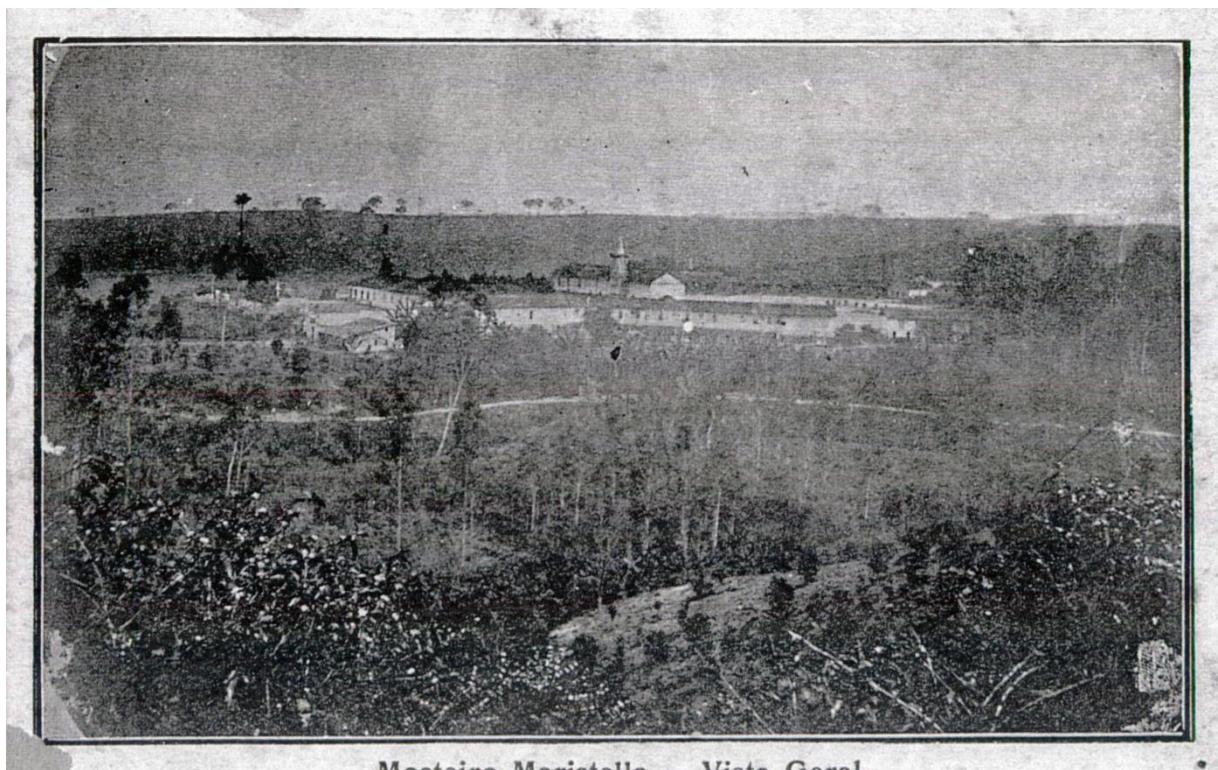
Em 6 de maio de 1961, foi constituída a Congregação Cisterciense Brasileira.

Mosteiros de monjas cistercienses também foram fundados no Brasil. O Mosteiro de Nossa Senhora de Fátima foi fundado em 21 de outubro de 1951, em Ribeirão Vermelho do Sul (hoje Riversul), São Paulo, originário da Abadia de Oberschonfenfeld, Alemanha. Transferiu-se para Itararé em 1964 e foi erigido em Abadia a 21 de março de 1968.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Santa Cruz foi fundado em 13 de julho de 1973 como Priorado Simples dependente da Abadia de N.Sra de Fátima, em Santa Cruz do Monte Castelo-PR.

Em 1973, as monjas de Itararé aceitaram a petição de fundação em Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul. O Mosteiro de Nossa Senhora Aparecida foi fundado em 13 de fevereiro de 1976 pela Abadia de N. Senhora de Fátima como Priorado Simples, erigido em Abadia a 06 de outubro de 1989.

### 3. SOLIDÃO E LIBERDADE NO VALE DO PARAÍBA



Mosteiro Maristella — Vista Geral

Figura 13. Panorâmica do Mosteiro Maristela. *Fonte: Cartão Postal anos 1920/1930*

### 3.1. Antecedentes: Anticlericalismo na França e as perseguições aos Trapistas.



**Figura 14. Dom Jean Baptiste Chataud. Responsável pela vinda dos Trapistas ao Brasil.** *Fonte: Martelet, Bernard, D. Chautard, p. 108.*

No século XVIII, a Igreja viveu um processo de enfraquecimento interno diante de governos absolutistas. A vida religiosa foi vista como algo ultrapassado para uma sociedade cada vez mais laicizada<sup>318</sup>. Surgem novas Congregações apostólicas que, como as antigas, sofreram forte abalo no final do século XVIII. Os movimentos revolucionários afetaram as Ordens Religiosas levando-as à crise.

<sup>318</sup> LATREILLE, A. *L'Eglise catholique et La Révolution*, t.I: 1775-1799, et t.II: 1800-1815, Paris, 1970.

A Revolução Francesa afetou profundamente a Igreja e a vida religiosa:

No destino do catolicismo francês, e sem esquecer suas repercussões no mundo e na Igreja universal, a Revolução Francesa é um acontecimento fundamental. Em poucos anos viu a Igreja suas estruturas ruírem por terra, seus padres dispersados, divididos e proscritos, seus fiéis perseguidos<sup>319</sup>.

As antigas Ordens Religiosas sofreram sérias restrições em consequência da Revolução Francesa. Para a Ilustração, a Vida Religiosa é obscurantismo e havia ainda o interesse dos monarcas ilustrados de apossarem-se dos bens das Ordens Religiosas.

Na França, a Comissão de Regulares em 1766 fez desaparecer nove Congregações e uma terça parte dos regulares. Essa mesma Comissão estimulou os bispos franceses a informarem sobre a condição moral das abadias em suas respectivas dioceses.

Na avaliação dos críticos “ilustrados”, o monasticismo era uma instituição medieval que não se encaixava numa sociedade que passava por mudanças radicais. Em 4 de agosto de 1789, ocorreu a abolição dos privilégios das Ordens Religiosas; em 2 de novembro de 1789, os bens do rei e da Igreja passaram à disposição da Nação; em 13 de fevereiro de 1790 vieram a supressão das Ordens Religiosas; em 12 de julho de 1790, a Constituição Civil do Clero; 26 de maio de 1791, a primeira lei de proscrição.

Teve início o processo de secularização dos religiosos, no qual monges e monjas podiam abandonar livremente seus mosteiros.

A partir de 1792, a situação se complicava, monges e monjas deveriam abandonar seus mosteiros ou entrarem numa espécie de asilos comuns. Muitos religiosos resistiam a essa determinação e, fiéis aos seus votos, chegavam inclusive ao cidadafalso.

---

<sup>319</sup> CONCILIO/221: **Igreja e Revolução Francesa**. Petrópolis: Vozes, 1989. Também, ROGIER, L. J.; BERTIER, G. de Sauvigny. Século das Luzes, Revoluções, Restaurações (1715-1848). In: **Nova História da Igreja**. Tradução: Leonardo P. Smeele. Petrópolis: Vozes, 1971, 4 v. p.126-151.

Os monges Cistercienses sofreram os efeitos destas leis emanadas a partir da Revolução Francesa<sup>320</sup>. Diante da decisão da Assembleia Nacional que condenou a Trapa a extinção, Dom Augustin Lestrange (1754-1827), em 1791, deu início a chamada “Odisseia Monástica”<sup>321</sup>, na qual buscou refúgio para os monges da Grande Trapa na Suíça no mosteiro de Val-Sainte e depois em outros países.

Napoleão Bonaparte<sup>322</sup> considerava o monasticismo retrógado, cheio de privilégios absurdos, desumanizador e destruidor de toda energia. Nos seus objetivos políticos e comerciais permitiu a existência de algumas Congregações, entre as quais a dos Trapistas, mas logo desautoriza sua existência. Pelo decreto de 28 de julho de 1811, Napoleão suprimiu a Trapa.

Os Trapistas só puderam regressar à França após a abdicação de Napoleão, em Fontainebleau, em 11 de abril de 1814. Portanto, a reentrada dos Trapistas e a restauração da Ordem de Cister na França foram feitas nos anos de 1814-1815. A Ordem teria, em fins de 1815, três mosteiros na França: Port-du-salut, La Trapa e Aiguebelle.

Em 1877, tivemos mudanças na política religiosa do governo francês:

Em 1877, o fracasso da política de defesa religiosa e social preconizada por Dupanloup resultou na substituição da ‘República dos Duques’ – tão favorável à influência social da religião pela – ‘República dos Republicanos’, que de imediato deu ênfase a uma política de secularização sistemática. Foi o começo de um período difícil que, com alternância de conflitos agudos e paz relativa, se prolongou até a Primeira Guerra Mundial<sup>323</sup>.

Teve início uma série de medidas que visavam laicizar a escola como caminho para a laicização de toda a sociedade. Tal processo reabriu um conflito

<sup>320</sup>KERVINGANT, M.T. Des moniales face à la Révolution Française aux origines des Cisterciens – Trappistines, Paris, Beauchesme, 1989 (Bibliotheque Beaucheme Religions société politique n.14). UN TRAPPISTE DE SEPT-FONS. “La Trappe pendant la Révolution (1790-1798)”. In: **La Trappe: origine, esprit, organisation actuelle de la Réforme de L'Abbe de Rancé**. Paris: Librairie Ambroise Bray, 1870, p. 178-201.

<sup>321</sup>LEKAI, Louis J. La rinascita del diciannovesimo secolo: I Trappisti. In: **I Cistercensi; ideali e realtà**. Traduzione Del texto inglese Suor Emanuela Strola dell'Abbazia Trappista di Vitorchiano, revisione Curran Laurence Michael, aggiornamenti bibliografici Goffredo Viti. Firenze-Itália: Emmesse Grafica, 1989, p. 221-237.

<sup>322</sup>BURNAT, J., DUMONT, G. H. Want. **Le dossier Napoléon**. Paris: Marabout U, 1962.

<sup>323</sup>AUBERT, Roger. As Igrejas locais no Continente Europeu. In: **Nova História da Igreja**, v. V/1 – A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno. Tradução de Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio Castaño Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 74-75.

entre Estado e Igreja. As medidas foram: a proibição das escolas católicas de estudos superiores de conceberem graus acadêmicos (1879); o fechamento de 261 conventos masculinos (1880); a abolição do ensino religioso obrigatório nas escolas públicas (1882); o incentivo da exclusão de religiosos das escolas públicas (1886); a facilitação do divórcio; a obrigaçāo do serviço militar para os clérigos.

A essas medidas, seguiram-se outras procurando a secularização dos serviços do Estado. O caso Dreyfus (1898-99) uniu os partidos de esquerda, anticlericais, num bloco republicano que governou de 1899 a 1905, separando a Igreja do Estado, levando ao rompimento com o Vaticano, abrogando a concordata e suprimindo os bens da Igreja Católica.

Teve início um novo período de ofensivas anticlericais. A Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância sofreria toda a comoção deste período e buscaria com árduo trabalho superar os reveses mantendo viva a Ordem na França.

Eventos do passado europeu tornaram-se relevantes para a construção de um capítulo da Igreja no Brasil. Vamos nos apropriar de um exemplo envolvendo uma pessoa que ocupou papel central na instalação do Mosteiro Trapista de Maristela – Dom Jean Baptista Chautard. Em defesa da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância destacou-se Dom Jean-Baptiste Chautard (1858-1935)<sup>324</sup>. Estava no Abaciado de Chambarand para o qual foi eleito em 1 de junho de 1897, quando em 16 de junho de 1899 foi eleito abade de Sept-Fons. O ministério Waldeck-Rousseau, com o objetivo de controlar a influência dos 200.000 religiosos sobre a sociedade francesa, votou uma lei em 1 de julho de 1901 estabelecendo o estatuto das Congregações religiosas. Uma lei que limitava a ação das congregações e dava início a uma série de leis e decretos que visavam as Ordens Religiosas. Estipulavam que, nos dois anos seguintes, as Ordens poderiam ser dissolvidas a qualquer momento<sup>325</sup>.

---

<sup>324</sup>MARTELET, Bernard. **Dom Chautard**; abbé de Sept-Fons, nouvelle édition. Paris: Médiaspaul, 1994. \_\_\_\_\_. **Itinéraire spirituel de Dom Chautard**; Abbé de Sept-Fons. Paris: Éditions Saint-Paul, 1967; Un Moine. Dom Jean-Baptiste Chautard; abbé de Sept-Fons, Dompierre-sur-Besbre, Abbaye de Sept-Fons, 1938.

<sup>325</sup>CHOLVY, G., HILAIRE, Y. M. **Histoire religieuse de la France contemporaine** (1800-1880), Toulouse: Privat, 1985.

Diante da grave situação, os Abades Cistercienses, reunidos em Paris, a 28 de junho de 1901, delegaram a Dom Chautard poderes para representar e defender a Ordem diante das Câmaras.

Dom Chautard penetrou no campo do governo e procurou mostrar o sentido da vida monástica, agindo com prudência e temporizando o máximo possível<sup>326</sup>.

A partir de 1901, o Ministério Waldeck-Rousseau determinou que os Bispos expulsassem de seus seminários membros de Congregações Religiosas. Uma lei sobre as associações excluía os religiosos do direito de associarem-se, e para esse fim necessitavam de uma autorização especial. A postura de Waldeck-Rousseau causou inquietações porque deu a entender que a lei seria aplicada com flexibilidade e que as Congregações Religiosas seriam autorizadas, salvo raras exceções.

Mais de cento e seis Congregações depositaram, junto ao escritório do ministro dos cultos, uma petição para obter autorização de funcionamento. Além disso, reivindicavam o direito de associarem-se livremente.

A lei é promulgada em 3 de julho de 1901. Diante desta lei, as Congregações Religiosas que não depositassem uma petição para funcionamento no prazo de três meses seriam fechadas. Tal situação causou profundas hesitações nas Congregações que têm como opções: o exílio, a espoliação de seus bens, a clandestinidade ou a sujeição às leis e ditames do Estado. Alguns superiores de Ordens Religiosas preferiram o exílio, outros, a clandestinidade. Havia também muitos superiores religiosos que, ao contrário, defendiam a necessidade de preservar a vida religiosa a qualquer custo. Havia, diante de toda essa situação, perplexidade e pânico nos claustros e, no meio do povo cristão, a indiferença.

Como agiriam os Trapistas diante desta grave situação? Evidentemente, também foram assaltados de temor pelo destino de sua Ordem na França, porém resolveram empreender esforços para evitarem o fechamento de seus mosteiros.

---

<sup>326</sup>Cf. CHAUTARD, Dom Jean Baptiste. **Les Cisterciens Trappistes**; l'ame cistercienne, Abbaye de sept-Fons par Dompierre-sur-Besbre (Allier), 1931.

Em 1900, durante o Sétimo Capítulo Geral da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância, o presidente do Capítulo, Dom Sébastien Wyart, transmitiu, aos presentes, os conselhos do Papa Leão XIII(1878-1903) para os Trapistas franceses:

*Étan données les difficultés de la situation politique actuelle em France, le Saint Père veut que, sans nous départir de notre dignité, nous montrions et réservés, et évitions tout ce qui pourrait être une occasion de conflit. Le Pape veut même que nous soumettions à la loi d'abonnement, sinous somme condamnés par les tribunaux<sup>327</sup>.*

Em 1901, com a lei de 3 de julho, o conflito, que o Papa Leão XIII temia e exortava que se evitasse, aconteceu.

A política preconizada pelo Papa Leão XIII foi a conciliação: pelas vias legais, emendar a legislação anticlerical. Dom Chautard, em meio aos embates, buscou a conciliação por meio do diálogo com os governantes. Questionou parlamentares, realizou visitas, apresentou relatórios procurando esclarecer aos perseguidores a necessidade de se conservar a liberdade das Ordens Religiosas.

O governo pesquisou acerca dos bens, das pessoas, das atividades entre outros aspectos das Ordens Religiosas. Assim, ocorreu uma ingerência cada vez maior do estado na vida da igreja. O governo demora a responder as petições de autorização de funcionamento das Ordens Religiosas. Apenas no final do mês de janeiro de 1902 é que foram anunciadas respostas favoráveis. Os Cistercienses foram poupados, porém quatro de seus mosteiros foram condenados ao fechamento: Chambarand, Igny, Mont-des-Cats e Fontgombault. Dom Chautard, em Paris, procurou, junto ao diretor dos cultos, salvar os mosteiros.

A questão das autorizações legislativas agravou-se, pois, após a rejeição de uma petição, poderia sobrevir a expulsão e o confisco dos bens de um mosteiro<sup>328</sup>.

Em junho de 1902, Waldeck-Rousseau foi substituído por Justin Louis Émile Combes (1835-1921). Eleito senador radical em 1885, tornou-se um dos chefes desse partido. Eleito Vice-presidente do senado (1894-1895) e presidente do

---

<sup>327</sup>Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés, VIIe Chapitre Général (Du 12 au 17 Septembre), Quatrième Séance (14 Septembre), 1900.

<sup>328</sup>LEKAI, Louis J. Al limite dell'estinzione. In: I Cistercensi; ideali e realtà, p. 207-219.

Conselho em 1902. Com a formação do Ministério Combes (abril de 1902 – janeiro de 1905), nitidamente anticlerical, estabeleceu-se um conflito aberto com a Igreja.

Dom Chautard procurou evitar que religiosos fossem condenados sem serem compreendidos. Em dezembro de 1902, seis petições foram confiadas ao Senado para exame. Entre essas, estava a dos Cistercienses de Sénanque e de Citeaux.

O Governo impõe uma série de condições para o funcionamento desses mosteiros. Ficou determinado que os mosteiros de Chambarand, Igny e Sainte-Marie-du-Mont seriam fechados e seus bens confiscados.

Combes aplicou de maneira malévola a lei de 1 de julho de 1903, provocando a brutal dispersão de 30.000 religiosos. Neste mesmo ano, o ensino foi proibido em todas as Ordens Religiosas. As escolas que lhes pertenciam deveriam ser suprimidas no período de dez anos.

Em 6 de fevereiro de 1903, Dom Chautard redigiu um relatório que foi entregue à Comissão Senatorial, responsável pelo exame das petições de autorização para o funcionamento dos mosteiros. O presidente desta Comissão era Georges Clemenceau (1881-1929), cognominado “o tigre”. A Comissão Senatorial, sob a presidência de Clemenceau, era importante, pois decidiria a sorte dos religiosos que restaram após as expulsões. Consequentemente, os dossiês a respeito dos monges Cistercienses seriam avaliados.

Dom Chautard solicitou e conseguiu uma audiência com Clemenceau na qual reclamou o direito de defender os Cistercienses diante da Comissão Senatorial. Clemenceau recusou o pedido de Dom Chautard que argumentou e conseguiu que Clemenceau lesse um relatório no qual indicava os pontos que apresentaria diante da comissão Senatorial. Em um novo encontro, Clemenceau questionou o ideal monástico. Dom Chautard esclareceu seu ideal monástico caracterizando sua paixão por Deus, ser guarda de honra da Eucaristia, entre outros. Clemenceau passou a compreender a vida monástica e permitiu a Dom Chautard defendê-la diante da Comissão senatorial.

Dom Chautard reclamou para os monges a liberdade e a igualdade de que gozava todo cidadão francês. Não conseguiu deter as perseguições e expulsões de

religiosos, apenas retardou a decisão da Comissão senatorial. Obteve também o direito de estar presente à Comissão Senatorial quando tratassem dos destinos dos Cistercienses, a fim de defendê-los.

O empenho de Dom Chautard, em defesa dos Cistercienses, durou cerca de 12 anos e foi marcado pela alternância de momentos de profundas crises e de relativa tranquilidade. As expulsões de religiosos continuaram sob o ministério Combes.

A Grande Chartreuse foi fechada em 29 de abril de 1903 e seus monges expulsos. O que causou apreensão a Dom Chautard, pois ficava próxima da Abadia Trapista de Chambarand. Depois de hesitar, resolveu fechar Chambarand, para evitar uma expulsão violenta e transferiu seus monges para Abadia de Sept-Fons, em 30 de maio.

Outras abadias seguiram o mesmo caminho: foram fechadas e seus monges transferidos para outras abadias: Fontgombault foi transferida para o Canadá. Espira-de-l'Agly foi transferida para Espanha, Saint-Paul-aux-Bois, para a abadia de Chimay, na Bélgica. Outros mosteiros, apesar de terem sido preservados, viveram em estado de inquietação e medo.

Com a morte do Papa Leão XIII, em julho de 1903, Dom Chautard teve que esperar novas diretrizes do Papa Pio X(1903-1914) sobre a situação da Igreja na França.

Dom Chautard, durante o capítulo Geral da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância de 1903, na décima sessão, esclareceu ao Capítulo Geral a situação dos mosteiros na França, os acontecimentos políticos que estavam transcorrendo, e a linha de conduta que adotaria naquele momento.

Este mesmo Capítulo Geral, durante a Sexta Sessão, tratou de refúgios para monjas Trapistas fora da França, em caso de expulsão: “*Le Révérendissime engage les Révérends Pères de nos monastères hors de France à faire leur possible pour trouver des asiles à toutes nos Soeurs*<sup>329</sup>.

---

<sup>329</sup>Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés VIIe Chapitre Général (du 12 au 17 Septembre), sixième Séance, 1903.

O ano de 1904 não trouxe melhora na política anticlerical do Governo francês. As medidas do Ministério Combes constituíram-se em etapas no caminho da ruptura definitiva entre a França e o Vaticano. Em 10 de novembro de 1904, Combes apresentou um rigorosíssimo projeto de separação da Igreja e do Estado, projeto votado após sua saída do governo (1905), tornando-se lei em 9 de dezembro de 1905. Esta lei foi aplicada por Clemenceau, que compôs um Ministério radical de outubro de 1906 a julho de 1909.

A lei de separação foi condenada pelo Papa Pio X(1903-1914) na Encíclica "Vehementer nos" de 11 de fevereiro de 1906. No entanto, dois anos antes, a gravidade da situação preocupou Dom Chautard. Isto porque assistir uma missa numa igreja monástica era considerado um delito. A Dom Chautard coube apenas tentar adiar, ao máximo, o fechamento de mais mosteiros e a consequente expulsão de seus monges e preparar, fora da França, refúgios caso os monges fossem expulsos devido à rejeição da petição de autorização para funcionamento dos mosteiros.

Em 30 de maio de 1903, os monges de Chambarand foram transferidos para a Abadia de Sept-Fons. A preocupação, neste momento, era encontrar abrigo para essas comunidades monásticas. Com esse intuito, Dom Chautard percorreu diversos países da Europa informando-se sobre as possibilidades de vida material e espiritual que poderiam oferecer a uma comunidade monástica. Foram oferecidos refúgios na Polônia, na Escócia e no Brasil. A escolha recaiu, depois de muita hesitação, sobre um país da América do Sul: o Brasil<sup>330</sup>.

As maiores organizações monacais nasceram e se fortaleceram com as migrações: a mudança de São Bernardo e seus familiares para Claraval é que tornou forte a comunidade. Os mosteiros de Tremembé, Campo do Tenente e Santa Catarina não fugiram à regra.

---

<sup>330</sup> O primeiro "projeto" visando o estabelecimento dos Trapistas no Brasil data das décadas finais do séc. XIX. O bispo de São Paulo Dom Lino Deodato Rodrigues (1873-1894) desejou oferecer instrução profissional aos pobres, visando principalmente filhos de escravos. Concebeu a ideia de uma escola agrícola sob a direção dos Trapistas. Tal projeto não se concretizou: "O Bispo Dom Lino, preocupado com a profissionalização de jovens, buscou ainda instituir em sua diocese uma escola agrícola, sob a direção dos padres trapistas europeus. A ideia era recolher os menores pobres que viviam abandonados pela cidade e proporcionar-lhes um ensino com elementos de agricultura". São Paulo. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Ofício de D. Lino Deodato criando a caixa Auxiliadora de Redenção dos cativos, 17 de jan. 1887. Cf. também: LEITE, Aureliano. **Subsídios para a História da Civilização Paulista**. São Paulo: Saraiva, 1954, p. 213.

### 3.2. Instalação do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela



**Figura 15.** Entrada original do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela. *Fonte: Arquivo da Ordem da Trapa*

Não temos indício algum da valorização do Mosteiro Senhora de Maristela pela historiografia eclesiástica, talvez pela ausência de pesquisa. Há, inclusive, quem ignora completamente o assunto. Faz-se necessário, portanto, resgatar a memória e a história desse mosteiro.

Hoje, são os filhos de Campo do Tenente que tentam se reconhecer nas lembranças deixadas pelos fundadores. Sentem necessidade de aprender através de experiências pretéritas. Começando o trabalho a partir do que lhes fora deixado pelos antepassados.

Faz-se necessário mostrar a importância do mosteiro de Tremembé no sistema de pensamento da comunidade Trapista do Brasil. Como lembra Maurice Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. A

memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva<sup>331</sup>.

Dom Jean Baptiste Chautard<sup>332</sup>, depois de muitas pesquisas e de hesitações, resolveu que o refúgio para sua comunidade Trapista seria o Brasil. Ele previa que um possível agravamento da política antirreligiosa forçaria os Trapistas a saírem às pressas da França. Tal situação exigia um refúgio, condição esta que marcaria o estabelecimento dos Trapistas no Brasil. A maioria dos documentos refere-se ao mosteiro como “refúgio do Brasil”<sup>333</sup>.

Desde a aplicação violenta das leis francesas de perseguição, em 1901, a Abadia de Sept-fons, teve de assegurar um abrigo no estrangeiro à sua numerosa comunidade. Estabeleceu, então, para o caso de exílio, seu refúgio em Maristela, Diocese de Taubaté<sup>334</sup>.

Os anos de 1903-1905 contaram entre os mais dramáticos da história da Europa. O Capítulo Geral dos Trapistas, em 1900, na sua quarta sessão, havia alertado sobre a situação política da França e suas consequências sobre a Ordem Trapista<sup>335</sup>. Essa situação fez com que Dom Chautard tivesse dificuldade em encontrar, na Europa, um refúgio adequado para as comunidades Trapistas<sup>336</sup>. Na Polônia, uma casa foi oferecida para acolher os Trapistas de Chambarand<sup>337</sup>, mas Dom Chautard constatou que não apresentava condições adequadas para uma comunidade monástica. Enfim, Dom Chautard percorreu a Europa e não encontrou

<sup>331</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004, p. 51-55.

<sup>332</sup> Dom Chautard escreveu um livro que fez muito sucesso em vários países, foi traduzido para o português e contou na edição com uma carta do primeiro bispo de Taubaté, Dom Epaminondas Nunes de Ávila. Cf. CHAUTARD, Jean-Baptiste. **A alma de todo o apostolado**. Anápolis-GO: Serviço de Animação Eucarística Mariana, 2003.

<sup>333</sup> Os documentos oficiais da Ordem Trapista referem-se ao Mosteiro de N.Sra de Maristela como: “refugio”, “anexo de Sept-Fons”, “asilo do Brasil” e “mosteiro provisório”, pois jamais este mosteiro foi erigido canonicamente, o que traz consequências práticas na vida do mosteiro, como não ter noviciado. Maristela pode ter postulantedo através de um indulto (permissão especial). Entre os documentos podemos citar as Actes des Chapitres Généraux de L'Ordre des Cisterciens da La Stricte Observance; Notice historique et autres données extraites d'un registre de La Maison Généralice, Roma.

<sup>334</sup> Carta de Sept-Fons, 16 de janeiro de 1927. p. 1.

<sup>335</sup> Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés ou de La Stricte Observance, VII Chapitre Général, 1900 (Du 12 au 17 Septembre) Quatrième Séance.

<sup>336</sup> As intervenções de Dom Chautard junto a Clemenceau foi coroado de sucesso, pois somente dois mosteiros foram fechados: Chambarand e Fontgombault.

<sup>337</sup> Actes du Chapitre Général de L' Ordre de Cisterciens Réformés ou de La Stricte Observance, VII Chapitre Général, 1900 (Du 12 au 17 Septembre) Quatrième Séance.

um refúgio adequado e seguro. Queria um refúgio não muito distante da Abadia de Sept-Fons inclusive para diminuir a inquietação de seu sucessor<sup>338</sup>.

O Capítulo Geral da Ordem Cisterciense da Estrita Observância de 1900, diz a respeito da política de fundação de mosteiros da Ordem: “Só podemos aceitar propostas de fundação em países longínquos, quanto estes sejam refúgios indispensáveis em casos de expulsão”<sup>339</sup>.

É preciso entender que, do ponto de vista da legislação da Ordem, o Mosteiro de Maristela não é, oficialmente, uma fundação<sup>340</sup>, ou seja, não foi erigido canonicamente. A comunidade de Maristela não tinha autonomia, por ser um anexo da Abadia de Sept-Fons. Não obstante, obtiveram um indulto (permissão especial) para os postulantes, permitindo-os fazer o seu noviciado no Brasil em lugar de Sept-Fons. Indulto obtido por Dom Chautard, junto a Sagrada Congregação dos Religiosos<sup>341</sup>. Também os noviços foram admitidos à profissão monacal depois da votação dos únicos professos solenes de Maristela.

A este quadro de mudanças políticas e medidas antirreligiosas na Europa, uniu-se um elemento de grande coincidência nesse afã de Dom Chautard em encontrar um refúgio adequado para sua comunidade religiosa. Em 1903, aconteceu um encontro casual entre Dom Chautard com o Abade Moreau, sacerdote de origem belga. O Abade Moreau<sup>342</sup> possuía uma pequena propriedade no Brasil, numa cidade do Estado de São Paulo, chamada Cananeia e ofereceu-a a Dom Chautard

---

<sup>338</sup>MARTELET, Bernard. **Dom Chautard abbé de Sept-Fons**. Paris: Médiaspaul, 1994, p. 134-136-137; MARTELET, Bernard. **Itinéraire Spirituel de Dom Chautard**. Paris: Editions Saint-Paul, 1967, p.122-124.

<sup>339</sup>Actes Du Chapitre Général de L'Ordre Des Cisterciens Réformés ou De La Stricte Observance, VII Chapitre Général, 1900 (Du 12 au 17 Septembre), Huitième Séance.

<sup>340</sup>Às vezes, em algum documento, o Mosteiro Maristela é referido como “fundação”, porém, mais como força de expressão do que com teor jurídico que comporta o termo. Jamais foi erigido. Sobre fundação, ver: Actes Du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés, VII Chapitre Général (Du 12 au 17 Septembre), Septième Séance.

<sup>341</sup>Sagrada Congregação dos Religiosos. Autorização para erigir um noviciado à Maristela, 9 de dezembro de 1904.

<sup>342</sup>Pe. Moreau era belga, foi vigário em Porto Alegre, na Paróquia de N.Sra dos Navegantes. Tentou realizar a primeira fundação Cisterciense da Comum Observância, em Cananéia-SP. Cf. CANTEUIL, Henri de. **Primeira Fundação Cisterciense no Brasil** (1916), São Paulo, 1965. (Datilografado). A primeira fundação efetiva da Comum Observância aconteceu em 1936 com monges da Abadia de Himmerod, Alemanha.

para que ali instalasse sua comunidade. O Abade Moreau reservaria para si apenas um pequeno canto do mosteiro onde pudesse terminar seus dias<sup>343</sup>.

Inicialmente, Dom Chautard hesitou: pela distância que separava o Brasil da França; pela dificuldade de fazer as visitas da Ordem; pela diferença de clima; e pelas grandes despesas de transporte para toda a comunidade. Porém, o Abade Moreau não cessava de demonstrar as vantagens que ele havia de encontrar nesta nova terra.

Dom Chautard decidiu estudar “*in loco*” a propriedade oferecida, para ver a possibilidade de ali instalar o mosteiro. Em 1903, partem da França para o Brasil, Dom Chautard, Abade de Sept-Fons e procurador geral da Ordem, e o Pe. Alexis Ducrey<sup>344</sup>. Inicia-se a procura, no Brasil, de um lugar adequado para o estabelecimento da comunidade Trapista.

Depois da inspeção da propriedade, Dom Chautard e Pe. Alexis concluíram que o lugar não era conveniente. Padre Alexis Ducrey foi o primeiro Trapista, com exceção de Dom Chautard, a chegar ao Brasil. Quando houve a instalação do Mosteiro de Maristela, foi encarregado de averiguar a excelência das terras. Fundou, com outros Trapistas, a fazenda Berisal, também pertencente aos Trapistas.

Dom Chautard, reconhecendo que as terras do Brasil apresentavam numerosas e apreciáveis vantagens, orientou o Pe. Alexis que procurasse um lugar adequado para estabelecer a comunidade. Durante cerca de cinco ou seis meses, o Pe. Alexis Ducrey percorreu o Estado de São Paulo a procura de uma região adequada para o estabelecimento do Mosteiro Trapista. Nesta procura, deu preferência ao Estado de São Paulo, por vários motivos: a policultura era feita em larga escala; a religião cristã era mais desenvolvida; possuía um clima mais salubre e mais temperado; e caracterizava-se por costumes de vida mais adaptáveis.

Sobre a procura de um local adequado, são expressivas as palavras de J.Papaterra Limongi:

<sup>343</sup>CANTEUIL, Henri de. **Primeira fundação Cisterciense no Brasil**. São Paulo: 1965. Datilografado. Esse texto trata da primeira fundação dos Cistercienses da Comum Observância no Brasil.

<sup>344</sup>O Pe. Alexis Ducrey foi muito importante no estabelecimento do mosteiro Trapista no Brasil. Faleceu na Abadia de N.D. de Sept-Fons, França, em 1 de junho de 1929. Cf. Santuário de Santa Terezinha, 07/07/1929, p. 3.

O Sr. Alexis chegou ao nosso país há cerca de dez anos sendo portador de recomendações especiais ao Governo brasileiro, por parte do Governo francês, poupado os Trapistas a perseguição religiosa [...]. Bem recebido, como era de esperar, pelo Senhor Presidente da República colocou-se a viajar pelo Estado. Futuramente, completou as suas viagens, sendo hoje conchedor de quase todo o território paulista. Visitou primeiramente Cunha, lugar afamado por produzir algumas frutas européias, e percorreu demoradamente os seus arredores. Também lhe foi solicitado a atenção para os campos da lombada da Mantiqueira, onde esteve. Em nenhum desses lugares, porém, quis fixar-se<sup>345</sup>.

Apesar dessa nítida preferência pelo Estado de São Paulo, o Padre Alexis Ducrey, encarregado de encontrar um local adequado para instalar o mosteiro Trapista foi, a princípio, desaconselhado a adquirir terras nessa região:

Atraio-o de preferência esse extensíssimo varzedo que se desta por mais de uma dezena de léguas de Quiririm a Roseira. Expôs a sua preferência a algumas pessoas. Segundo os próprios dizeres do Sr. Alexis, Dom Chautard foi desaconselhado insistentemente de se fixar no chamado Norte, por três razões: em primeiro lugar, a terra era estéril; em segundo lugar, a gente era preguiçosa; em terceiro lugar, o clima era insalubre<sup>346</sup>.

Dom Chautard encarregou o Padre Alexis Ducrey de comprar uma propriedade com três condições: 1) perto de um centro; 2) gente simpática; 3) e, sobretudo, não muito cara<sup>347</sup>.

---

<sup>345</sup>LIMONGI, J. Papaterra. Relatório de uma visita ao estabelecimento agrícola dos Trapistas em Tremembé. **Jornal O Norte**, Taubaté-SP, 23-25-28 fev. 1917; 2-4-7-9-11 mar. 1917. Cf. também LIMONGI, J. Papaterra. **O Trabalhador Nacional**; relatório de uma visita ao estabelecimento agrícola dos Trappistas em Tremembé, Departamento Estadual do Trabalho (secção de informações). São Paulo: Typ. Brasil de Rothschild & C, 1916. Avulso n. 5, p. 12.

<sup>346</sup>LIMONGI, J. Papaterra. Relatório de uma visita ao estabelecimento agrícola dos Trapistas em Tremembé. **Jornal O Norte**, Taubaté-SP, 23-25-28 fev. 1917.

<sup>347</sup>DUCREY, Pe. Alexis. **Notas e lembranças de Maristela**, [s.d.] (Datilografado)

Durante o período em que o Pe. Alexis Ducrey procurava no Brasil um local adequado para o mosteiro Trapista, Dom Chautard, viajando para o Oriente em visita as casas da Ordem, teve uma informação acerca da existência de uma excelente propriedade na cidade de Tremembé/SP, na região do Vale do Paraíba Paulista<sup>348</sup>.

O Dr. Gabriel Dias da Silva informou que em Tremembé havia uma propriedade esplendida e que estava para vender a preço convidativo. Parecia-lhe terreno muito apropriado para a instalação de um mosteiro cisterciense, situado em lugar calmo, afastado da vila de Tremembé, tendo de superfície 2.500 hectares aproximados, terras servindo para a cultura do arroz e criação de gado, irrigados pelo ribeirão do chaveco que desemboca no Paraíba, sendo o Paraíba uma de suas divisas. Padre Alexis, depois de minuciosa visita às terras referidas, hesitou antes de entrar em negociações. Requisitou, entretanto, da comunidade de Sept-Fons que lhe mandasse o irmão leigo F.Theodule, entendido em terras, visto que fora diretor do trabalho agrícola em diferentes mosteiros, chegando a Tremembé, poucos dias depois foram as terras compradas em 1904<sup>349</sup>.

Eram terras da Fazenda Palmeira<sup>350</sup>, no Bairro do poço Grande, com uma área de aproximadamente 3.500 hectares, que fora próspera durante os anos de escravidão. Com a falta de braços para a lavoura, a partir de 1888, caiu no abandono, com suas construções, seus 400 mil pés de café, pastos diversos e outros tipos de lavoura.

Padre Alexis, provavelmente de posse dessa informação do Dr. Ismael Dias da Silva, dirigiu-se à Tremembé na qual lhe chamou atenção certo conjunto de terras, as várzeas do Paraíba. Vendo possibilidades naquelas terras, procurou estabelecer negociações com o Barão de Lessa para aquisição da fazenda que se

<sup>348</sup>Tremembé, In: **Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, 1912; CARVALHO, Vitorino C. **Tremembé**. São José dos Campos-SP: Gráfica São Dimas, [s.d.]; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse Estatística do Município de Tremembé, subsídios para o estudo da evolução política. Alguns resultados estatísticos – 1945. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s.d.].

<sup>349</sup>AUDRÁ, Arthur. **Maristela**; o convento da Trapa. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951, p. 37-38.

<sup>350</sup>Cartório de Registro de Imóveis e Anexos de Taubaté. Certidão de compra e venda da Fazenda Maristella antiga Palmeira, Livro 3-C (1 série) de transcrição das transmissões, às fls. 35 feita em 05.02.1907, transcrição n. 3.768. Cf. também : Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Cartório do 3 Ofício, Embargos n. 11.533 (período 1913-1922). Este processo envolvendo os Trapistas traz informações sobre a propriedade que adquiriram.

chamava Palmeira. A compra da fazenda deu-se entre os meses de junho a agosto de 1904.

As negociações que se iniciaram nos primeiros meses de 1904 se prolongaram até os meses de junho a agosto, quando finalmente a fazenda Palmeira foi adquirida. No processo das negociações de compra da fazenda Palmeira, ficou evidenciado o envolvimento de personalidades de Tremembé, que demonstraram interesse pela fixação dos Trapistas na região<sup>351</sup>.

Ao que parece, Padre Alexis Ducrey, depois de minuciosa visita a fazenda Palmeira, hesitou, antes de entrar em negociação, pelas notícias que o desaconselhavam a estabelecer-se na região: a terra ser estéril; a gente preguiçosa; o clima insalubre; e intrigas de pessoas da localidade vizinha. Isto exigiu que a Ordem em Paris enviasse a Tremembé uma comissão de religiosos para analisar a verdade sobre as terras, visto que eles pretendiam o cultivo do arroz<sup>352</sup>.

Sair da Europa e vir para o Brasil significou uma nova condição e identidade de “refugiados”<sup>353</sup>. O refugiado está no passado e no futuro, mas o presente é sempre obscuro, está por vir em algum momento. A provisoriação, segundo Sayad<sup>354</sup>, é o movimento que o imigrante faz, ele vive no trânsito contínuo, ele segue fluxos.

---

<sup>351</sup>Les Trappistes français au Brésil. In: BURNICHON, Joseph. **Le Brésil d'aujourd'hui**. Paris: Librairie Académique; Perrin et Cie: Libraires-Éditeurs, 1910, p. 274-286. O Capítulo XIV traz as observações que o autor fez a partir de uma visita ao Mosteiro de Maristela em 9 de abril de 1908. Descreve a geografia da cidade de Tremembé-SP, principalmente do local do Mosteiro, a vegetação, topografia e as plantações desenvolvidas pelos Trapistas.

<sup>352</sup>A Federação, Taubaté-SP, 23 de agosto de 1911.

<sup>353</sup>Uso o termo refugiado no sentido de os Trapistas, devido a situação de tensão religiosa e leis anticlericais na França, procuraram um refúgio no Brasil. Somente pela Convenção de 1951, cria-se o Estatuto dos Refugiados. Esse aplica-se a qualquer pessoa que, devido à ocorrência de determinados fatos anteriores a 1 de janeiro de 1951, mediante um grande temor de ser perseguido por razões de raça, religião, nacionalidade, por ser membro de um grupo social particular ou por opinião política, está fora do país, ou quem, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país de sua residência habitual, não deseja retornar. Cf. para uma visão histórica dos refugiados: ANDRADE, José H. Fishell de. **Direito internacional dos refugiados**: evolução histórica. São Paulo: Renovar, 1995.

<sup>354</sup>SAYAD, A. **A imigração ou o paradoxo das alteridades**. São Paulo: EDUSP, 1998.

### 3.3. Expectativas da população local com relação à vinda dos Trapistas



**Figura 16.** Trapista do Mosteiro de Nossa Senhora de Maristela com grupo de crianças da primeira comunhão. *Fonte: Arquivo da Ordem da Trapa*

As notícias de um possível estabelecimento da Ordem Trapista em Tremembé criou, na população local, expectativas, principalmente por se tratar de uma Ordem Religiosa desconhecida na América do Sul. Na alimentação destas expectativas tiveram papel determinante os jornais locais que traziam notícias sobre os Trapistas. Essas notícias refletiam as expectativas principalmente dos agricultores mais bem situados da região. Os Trapistas foram representados através de um imaginário<sup>355</sup>.

Estes agricultores esperavam dos Trapistas grandes contribuições na agricultura que desenvolviam na região, trazendo o progresso agrícola. Na segunda

<sup>355</sup>No prefácio a *L'Imaginaire Médiéval*, Jacques Le Goff precisa o conceito de imaginário como parte do campo da representação que, no entanto, vai além dele: “Mais s'il n'occupe qu'une fraction Du territoire de la représentation, l'imaginaire Le déborde. La fantaisie, au sens fort Du mot, entraîne l'imaginaire au-delà de l'intellectuelle représentation”. O autor procura mostrar as fronteiras, ainda que difíceis de traçar, entre o imaginário e conceitos vizinhos, como o simbólico e o ideológico. Paris: Gallimard, 1985, p. II.

fundação Trapista, na Lapa/PR, em dezembro de 1977, houve também a expectativa de que os Trapistas formassem jovens para a agricultura e liderança nas cooperativas agrícolas<sup>356</sup>.

Havia uma preocupação dos jornais da época em esclarecer à população qual seriam a natureza e a finalidade da Ordem Trapista, algo importante por se tratar de uma ordem pouco conhecida:

A notável Ordem Religiosa da trapa ocupa-se da agricultura, da ciência e da caridade. [...] Cabe-nos a felicidade de brevemente possuir esta ordem religiosa, admirável pela austerdade de sua vida, pelo seu devotamente ao trabalho e amor á pobreza. O devoto do Santuário de Tremembé vai se tornar o centro de suas benéficas irradiações. Bem-vindos sejam esses denodados operários do trabalho pela fé e da fé pelo trabalho<sup>357</sup>.

Existe um fio condutor que liga as três ocupações da Ordem Trapista acima citadas: o trabalho. Era o trabalho, especialmente agrícola, que marcaram a natureza e a finalidade da Ordem Trapista segundo as expectativas daquele momento. Portanto, a primeira expectativa foi a de uma Ordem que se dedicaria ao desenvolvimento da agricultura, assim como faziam na França.

A ciência e a caridade apresentadas com outras duas ocupações dos Trapistas estariam ligadas a essa base comum que seria o trabalho. A ciência estaria a serviço do melhoramento da agricultura e da pecuária. A caridade seria resultado do trabalho que desenvolviam: o que dariam, assim como o que consumiriam, seria o resultado de seu trabalho.

Num primeiro momento, essa seria a principal expectativa: uma ordem que se dedicasse com afinco à agricultura. O mosteiro Trapista se constituiria numa célula de progresso agronômico e pecuário: “Homens do seu tempo, evoluindo com a sua época, os Trapistas vão ser no Brasil fatores do mais sólido e brilhante progresso para a nossa agricultura”<sup>358</sup>.

---

<sup>356</sup>Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom Mattias Schmidt, Curitiba-PR, 20 de agosto de 1976. Prot. 507/76. Eis o trecho: “Quer ele formar jovens na agricultura, com liderança cristã para constituírem comunidades eclesiais de base, cooperativas, ajuda mútua na agricultura”.

<sup>357</sup>A Verdade, Taubaté-SP, 5/04/1904.

<sup>358</sup>Jornal dos Agricultores, out. 1904, p.01.

Progresso esse que se daria não só com as técnicas de trabalho do solo, mas com a incorporação de mecânica agrícola que trariam da Europa.

Outra expectativa seria que os Trapistas construiriam um asilo para meninos pobres e uma escola agrícola que dariam instrução agronômica prática a seus trabalhadores:

Mais tarde esta benemérita ordem estabelecer junto ao Santuário do Bom Jesus um asilo para meninos pobres, ao cuidado das irmãs Trapistinas, que deles se ocupam até a idade de doze anos, instruindo-os e educando-os, sendo, desta idade em diante, entregues aos trabalhos da escola agrícola, donde possam sair convenientemente preparados para o serviço da lavoura e da indústria<sup>359</sup>.

Resulta que a Trapa seria uma grande escola do trabalho e o Trapista um grande trabalhador:

O Trapista não é um recluso, contentando-se com o que se lhe dá; é um trabalhador ativo, um grande cooperador da produção agrícola e mesmo industrial: cada Trapista consagra seus labores, sua atividade e suas orações ao benefício do trabalho comum. Consomem muito menos do que produzem, e os lucros produtivos são aplicados à amortização do capital agrícola ou industrial, e, sobretudo, às suas amplas benefícias<sup>360</sup>.

Os Trapistas se constituíram em paradigma do trabalhador, numa região em que os trabalhadores locais eram considerados indolentes<sup>361</sup>, não tendo outras aspirações além do fumo, do café e pouco mais. Sobre esse aspecto, Monteiro Lobato era mais incisivo:

Parasitas do rio e da leziria, olhavam as fazendas com horror, e daí, na boca dos fazendeiros, a sua má fama de indolentes. Indolentes e ruins, incapazes, restolho de gente, lesmões humanos. Era unanime

---

<sup>359</sup>A Verdade, Taubaté, 7/7/1904.

<sup>360</sup>A Verdade, Taubaté, 5/04/1904.

<sup>361</sup>A respeito do conceito negativo de “caipira” e a crítica aos estereótipos difundidos do “caipira” como a negação da civilização, Cf. Carlos Rodrigues Brandão. Os caipiras de São Paulo, SP, Brasiliense, 1983. Ainda sobre o modo de vida do “caipira” e sua relação com a terra e a agricultura, o importante trabalho de Antônio Cândido Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 3. ed., SP, Duas Cidades, 1975.

esta opinião na lavoura circunjacente, caída em modorra por falta de braços<sup>362</sup>.

Monteiro Lobato, em artigo publicado originalmente sob o título de “A Trappa de Tremembé”<sup>363</sup>, influenciado pelo pensamento sanitário, entendeu que a solução do Brasil e da situação da população rural era o saneamento e higiene, Lobato recuperou a experiência dos Trapistas de Maristela como exemplar:

Mas vieram os frades. Instalados ali procuraram solver a premente questão. Sem campo para a escolha, resolveram pegar no homem que havia, a título de experiência [...] Em vez, porém, de como o encontravam, alquebrado pela má alimentação, pela má habitação, roído pelo ancilóstomo exaustivo, e pô-lo na enxada como o feitor atrás, tiveram a luminosa ideia de proceder às avessas: primeiro atucharam-lhe a fibra com alimentação abundante; depois o abrigaram em casas higiênicas construídas em lugares secos e os curaram nos limites do possível. Resultado uma ressurreição<sup>364</sup>.

Monteiro Lobato visitou o Mosteiro de Maristela<sup>365</sup>. É interessante destacar que Lobato, crítico em relação à religião e à Igreja, tece ainda elogios e demonstra admiração pelos Trapistas. Rompendo, de certa forma nesse ponto, com a visão que tradicionalmente se tem dele quando o assunto é religião. Evidentemente, Lobato associa o trabalho dos Trapistas com a população rural com o projeto de repensar a figura do trabalhador nacional. A construção do trabalhador disciplinado e moralizado, na possibilidade de recuperação do trabalhador nacional<sup>366</sup>.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo (1907-1938), em entrevista ao Diário de Pernambuco depois reproduzida pelo Correio Paulistano,

<sup>362</sup>LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital.** São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 282-283.

<sup>363</sup>IDE. A Trappa de Tremembé. In: **Revista do Brasil**, n. 28, abril 1918.

<sup>364</sup>IDE. “Um fato”. In: **Problema Vital**, São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 283.

<sup>365</sup>“Parti em Taubaté, e com o Eugênio de Azevedo fui de bicicleta ver o negócio na fazenda dos Trapistas – futura Abadia da Maristela, e retornamos com 30 quilômetros marcados nos ciclometros”. Cf. LOBATO, Monteiro. **A barca de Glyre**, 1. t. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 172.

<sup>366</sup>CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo**: uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986; LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**; história de uma ideologia, 4 ed. definitiva. São Paulo: Pioneira, 1983; LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 29 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983; LAJOLO, Marisa. “Jeca Tatú em três tempos”. In: Roberto Schawartz (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983; KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987; confira também sobre o trabalhador nacional: jornal O Norte, 23-25-28/02/1917; O Norte, 2-4-7-9-11/03/1917.

traça um paralelo entre o Jeca-Tatu de Monteiro Lobato e a situação precária da população de Tremembé. Condições que foram transformadas pela ação salutar dos Trapistas:

Em Tremembé instalou-se, pouco depois uma casa de Trapistas. O primeiro cuidado foi curar aquele gente, que mais parecia espectros que outra coisa. Depois foram construídas habitações, e em seguida os Trapistas iniciaram a cultura do arroz. Em 15 anos Tremembé mudou por completo. De choldra de mendigos transformou-se em um campo de cultura, magnífica. Hoje vale a pena ver aquilo, não há um só trabalhador estrangeiro. Como há muitos exemplos. O grande problema nacional é o saneamento do povo; se o povo gozasse saúde não precisávamos de imigração<sup>367</sup>.

Essa seria outra expectativa acalentada, que os Trapistas dessem exemplo de uma vida de trabalho. A austerdade da vida Trapista é relacionada também com o trabalho. Esperavam homens de uma vida austera e disciplinada, que dariam à população de Tremembé um exemplo de vida disciplinada.

Tinha-se a expectativa que a Ordem Trapista trouxesse o amparo religioso para a população de Tremembé: “A região estava desamparada, tanto material quanto espiritualmente. Se as terras fossem efetivamente estéreis, ainda assim muito haveria que fazer, pelo bem das almas”<sup>368</sup>.

Diante da possibilidade da instalação da Ordem Trapista em Tremembé e da criação da paróquia dessa localidade, logo se pensou em entregar uma circunscrição da Paróquia aos Trapistas:

Revelando todo o interesse por este inavaliable benefício de que vai ser dotada esta paróquia, o Revdmo Vigário Cônego Castro entregará a jurisdição da referida Ordem certa circunscrição da

<sup>367</sup>O sertão brasileiro. Jeca-Tatu e Mané chique-chique. Um interessante contributo do Arcebispo de São Paulo. Correio Paulistano, 4/10/1919, p. 6. Foi durante o bispado e arcebispado de Dom Duarte Leopoldo e Silva que os Trapistas e Trapistinas estabeleceram-se em Tremembé-SP. Cf. RODRIGUES, Júlio. **D. Duarte Leopoldo e Silva**, Arcebispo de São paulo. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1929; O bispado de Dom Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938). In: SOUZA, Ney (Org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**, São Paulo: Paulinas, 2004. p. 416-436.

<sup>368</sup>Boletim do Departamento Estadual do Trabalho. LIMONGI, J. Papaterra. "O trabalhador nacional". Ano V, n. 20, 3 trimestre de 1916. Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, São Paulo, Tipografia Brasil de Rothschild & Cia, 1916, p.13. Cf. também: **O Norte**, Taubaté-SP, 23/25/28 de fevereiro de 1917.

paróquia, formando o curato do Tremembé, com aprovação prévia da autoridade diocesana<sup>369</sup>.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, diante da notícia do estabelecimento das monjas Trapistas em Tremembé, resolveu elevar a igreja do Bom Jesus de Tremembé à categoria de Santuário Episcopal. E confiou aos Trapistas de Maristela<sup>370</sup> a direção espiritual.

---

<sup>369</sup>A verdade, Taubaté-SP, 21 abril 1904, p.1. O Lábaro, n. 58,16/05/1937, p. 2.

<sup>370</sup>Carta de Dom Duarte Leopoldo e Silva ao Monsenhor Antônio Nascimento Castro, São Paulo, 29/07/1907, p. 1.

### 3.4. Chegada dos Trapistas em Tremembé: Um Refúgio



**Figura 17.** Padre Estevão, Monge Trapista Giguelay e Padre Luiz Balmes entre paroquianos da cidade de Tremembé/SP. **Fonte:** Arquivo José Pereira da Silva

Efetuada a compra e a assinatura da escritura da fazenda Palmeira, entre os meses de junho-agosto de 1904 (6 de junho de 1904), já havia condições para a vinda do primeiro grupo de Trapistas ao Brasil.

Depois de um longo período de negociações para a compra da fazenda Palmeira e a sua concretização, existia em Tremembé muita ansiedade pela chegada dos monges Trapistas: “Somos informados que, até o fim deste mês (julho), deverão chegar ao Tremembé os religiosos da Ordem da Trapa, destinados à fundação da abadia na fazenda das Palmeiras”<sup>371</sup>.

<sup>371</sup>A verdade, Taubaté-SP, 07 de setembro de 1904, p. 1.

Na verdade, chegariam a setembro. Posteriormente, o jornal *A Verdade* noticiou o mês exato da chegada dos Trapistas em Tremembé, tendo como fonte de informação um telegrama de Dom Chautard ao Padre Alexis Ducrey:

Por telegrama ultimamente dirigido pelo superior da Ordem dos Trapistas ao seu digno procurador revd. mo Padre Alexis, soubemos que a comunidade religiosa destinada à organização da abadia na propriedade adquirida perto do Tremembé, deverá chegar a esta cidade no fim do mês próximo. Bem-vindos sejam estes austeros cultivadores do bem<sup>372</sup>.

Em 18 de agosto de 1904, quinta-feira, durante à tarde, catorze padres e irmãos Trapistas da Abadia de Sept-Fons chegaram à Moulins, pelo trem das 18h48. Dirigiram-se até Montluçon, onde deveriam tomar o expresso Lyon-Bordeaux, e continuar, sua última cidade, embarcando para o Brasil<sup>373</sup>. À frente do primeiro grupo de Trapistas estava o Padre Nivard, prior da Abadia de Notre Dame Du Sept-Fons. Posteriormente, seguiria um segundo grupo de Trapistas para o Brasil. Na despedida estavam presentes o Bispo de Moulins e seu vigário geral, Dom Chautard e dois padres de Sept-Fons. Em 1903, Dom Chautard fechou provisoriamente Chambarand, incorporando essa comunidade a casa-mãe Sept-Fons.

O Bispo de Moulins benzeu a cruz de madeira, ou seja, a cruz fundacional que os Trapistas levariam para o Brasil<sup>374</sup>. Nesse primeiro grupo estavam: Padre Nivard, como superior; Antoine de Padoue, como vice-prior; Leopold, Dominique, Geraud e Ambroise, religiosos coristas; e Frei Pierre, Etienne, Sébastien, Bernard, Michel, Marcel e Augustin, irmãos conversos.

Esse primeiro grupo chegou ao Brasil em 12 de setembro de 1904. Do Rio de Janeiro, de onde aportaram, seguiram de trem para Taubaté. Escreveu o Padre Nivard para o diretor do *La Semaine Religieuse*: “Graças a Deus, nós tivemos uma feliz travessia. Partimos de Sept-Fons em 17 de agosto, de Bordeaux em 19, nós chegamos em 12 de setembro ao Rio de Janeiro”<sup>375</sup>.

---

<sup>372</sup> A Verdade, Taubaté-SP, 25/08/1904, p. 1.

<sup>373</sup> Trappistes de Sept-Fons au Brésil, In: **La semaine Religieuse Du Diocèse de Moulins**, n.6, Samedi 10 Décembre 1904, p. 86-87.

<sup>374</sup> La vie religieuse du Diocèse de Moulins, n. 42, samedi 20 août 1904.

<sup>375</sup> Trappistes de Sept-Fons au Brésil. In: **La Semaine Religieuse**, n. 6, samadi 10 Décembre 1904, p. 87-88; Départ de Trappistes. In: **La Semaine Religieuse**, Diocèse de Molins, 20 août 1904, p. 659-660.

Em Taubaté, o primeiro grupo de Trapistas foi recebido na estação de trem da cidade, pelo vigário da paróquia, o cônego Antônio de Almeida. Depois de algum tempo de descanso, seguiram para Tremembé, onde os esperavam os padres Alexis ducrey, procurador da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância (Trapistas), cônego Benjamim de Toledo Melo, os Srs. Tenente coronel Antônio Patto, Bento de Queiroz, tenente Herménio Coimbra, tenente coronel Malhado Rosa, Dr. Cherubin Cintra entre outras pessoas.

Houve uma missa no santuário do Bom Jesus de Tremembé; concelebrada por três sacerdotes. Terminada a missa, os Trapistas se dirigiram para uma recepção na casa do Sr. Bento Queiroz, onde almoçaram. Nessa ocasião, o vigário Antônio Nascimento Castro fez uma saudação em francês aos Trapistas: “Aqui vieram nos encher de incalculáveis benefícios com uma instituição de palpável atualidade e de grandiosas vantagens espirituais e materiais”<sup>376</sup>.

Após a recepção, na residência do Sr. Bento Queiroz, os Trapistas e a comitiva se dirigiram, à uma hora da tarde, para a fazenda Palmeira, onde, sob a denominação da Bem-Aventurada Maria Maris Stella,<sup>377</sup> iniciaram a vida Trapista no Brasil. As primeiras impressões dos Trapistas a respeito de Tremembé<sup>378</sup> podem ser resumidas nestas palavras: agradeceram a hospitalidade<sup>379</sup>, gostaram da

<sup>376</sup>A Verdade, Taubaté-SP, 15/09/1904, p. 1.

<sup>377</sup>Maristela significa “estrela do mar”. Provavelmente, os Trapistas deram o nome Mosteiro Nossa Senhora de Maristela por terem se colocado sob a proteção da Virgem Maria ao atravessar o oceano para chegarem ao Brasil. Todos os mosteiros da Ordem são dedicados à Virgem Maria. Os Trapistas, ao partirem da França, cantaram o hino “Ave Maris Stella” (cf. La Semaine Religieuse du Diocèse de Moulins, 20 août 1904, p. 659 ; La Semaine Religieuse du Diocèse de Moulins, n. 6, samedi 10 Décembre 1904, p. 87). O “Kanon da Mãe de Deus”, de José, o Hinógrafo (+886), sexta ode diz: “Sede o nosso porto, para nós que atravessamos o mar. Sê nosso refúgio no mar das tribulações, diante de todas as insídias do inimigo”. “O hino das laudes da liturgia das horas na edição latina (O sancta mundi domina) chama Maria também com o nome de “Brilhante estrela do mar”; ao passo que o hino das vésperas é a versão portuguesa de Ave, Maris Stella”. VON BALTHASAR, Hans Urs et. alii. **O culto a Maria hoje**; subsídio teológico-pastoral elaborado sob a direção de Wolfgang Beinert. Tradução: Luiz João Gaio; revisão de Luiz A. Miranda. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 190. São Bernardo de Claraval (1091-1153) escreveu a oração “Maria, Estrela do Mar”: “E o nome da Virgem era Maria (Lc 1,27). Falemos um pouco deste nome que significa, segundo se diz, Estrela do Mar, e que convém maravilhosamente à Virgem Maria [...] Ele é verdadeiramente esta esplêndida estrela que devia se levantar sobre a imensidão do mar, toda brilhante por seus méritos, radiante por seus exemplos”. Existem várias versões do Hino Ave Maris Stella, aqui apresentamos a estrofe de uma das versões: “Ave, sempre bela, Ó Virgem Mãe de Deus. Do alto mar estrela, porta azul dos céus. Novas o anjo traz: ‘Ave’ te saúda”.

<sup>378</sup>Almanack Ilustrado, Taubaté-SP, Editores Rabello e Companhia Taubaté, 1905, p. 89.

<sup>379</sup>Posteriormente, em 1905, Dom Chautard, em visita ao Mosteiro de Maristela, fez, junto às autoridades políticas na Câmara de Vereadores, um agradecimento ao município de Tremembé por ter acolhido os Trapistas. Cf. ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE TREMEMBÉ (07.1.1905 a 15.1.1910), fls. 18 (verso).

arquitetura do Santuário do Bom Jesus, acharam o clima agradável e consideraram os terrenos apropriados para a policultura.

Erigiram uma cruz que trouxeram da França, benzida por Dom Augusto, Bispo de Moulins e por Dom Chautard, em 17 de agosto de 1904. Ainda no mês de setembro, o Padre Alexis Ducrey, procurador dos Trapistas, esteve com o Presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906) tratando de assuntos pertinentes à fixação da Ordem no Brasil<sup>380</sup>.

Outros Trapistas chegaram em 1905 (Fr. Bonaventura, Martin e Alexis); 1906 (Padres Martin, Bernard, Jean Marie, Honorée, Marhieu; irmãos Eugene, Clement, Placide, Daniel, Lourent); em 1908 (Padres Willebrod, Etiene, Sébastien, Célestin, Nicolas, Alphonse; irmãos Vincent, Leonard, Jean); em 1909 (Padres Leon, capelão das Trapistinas e mais tarde vice-prior da Maristela, irmão Elias); em 1911 (Padre Maur, que foi vice-prior e mais tarde prior de Maristela; irmãos Gerlach, Antoine de Padue, André, Hyppolite e Jacinthe); em 1912 (Pe. Berchmans); em 1923 (Pe. Clement)<sup>381</sup>.

O Mosteiro de Maristela foi criado a partir da supressão do Mosteiro de Chambarand e para assegurar um refúgio aos monges do Mosteiro de Notre Dame de Sept-Fons. Muitos dos monges de Chambarand foram dirigidos ao Brasil, não mais em grupos. A nova comunidade foi composta de monges vindos de Sept-Fons, aproximadamente 45 monges, metade coristas e metade conversos, todos os monges de Sept-Fons, ou de Chambarand por intermédio de Sept-Fons<sup>382</sup>.

Maristela foi sempre dependente do Abade de Sept-Fons, Dom Chautard, que delegou autoridade aos priores. O Padre Nivard Canavat foi prior de 1904 a 1913, faleceu no Brasil. Padre Albéric Baudin, antigo prior de Chambarand (1897-1903) e de Sept-Fons, foi prior em 1913-1914. Padre Maur Guyot, foi prior de 1914 a 1927, primeiro a retornar à França, tornou prior de Sept-Fons e depois foi para o mosteiro de Orval. O Padre Alexis Ducrey, prior de 1927 a 1932. Por fim, o Padre Antoine

<sup>380</sup>Jornal de Taubaté, n. 1.821, 14/09/1904, p. 01.

<sup>381</sup>La Vie Religieuse Du Diocèse de Moulins, n. 42, somedi 20 août 1904. Para uma lista completa dos Trapistas de Maristela feita para ser enviada a Casa Generalícia em Roma confira: Ordre des Cisterciens Réformés – État du personnel du Monastere de N.D. Maristela (Brésil), année 1922, 1925, 1928.

<sup>382</sup>Relatório de N.D. de Maristella, 1904-27.

Giguelay, que ficou encarregado de liquidar os bens materiais do mosteiro, retornou à França, em outubro de 1936<sup>383</sup>.

Quando os Trapistas retornaram para a França, um deles decidiu permanecer no Brasil, tratava-se do Ir. Leonardo Van Lier<sup>384</sup>. De temperamento jovial, bom humor, alegria franca e comunicativa. Nasceu em 11 de junho de 1867, na cidade de Waalwyk, na Holanda, tendo ingressado na Ordem dos Trapistas, em 16 de julho de 1890. Trapista durante 40 anos no Mosteiro de Sept-Fons, França. Em 29 de janeiro de 1897, foi mandado para o mosteiro Trapista no Japão. Ao retornar à França logo após foi designado para vir ao Brasil. Com o fechamento de Maristela, o Ir. Leonardo, motivado pela sua admiração pelo Brasil, conseguiu licença e ingressou no Mosteiro de São Bento<sup>385</sup>, em São Paulo, em 2 de agosto de 1931, tendo feito profissão perpétua no dia 29 de agosto de 1934. Faleceu em 7 de janeiro de 1948<sup>386</sup>.

Uma das primeiras vocações brasileiras Trapistas, foi a de José Luis Candiota<sup>387</sup>. Nasceu no Rio de janeiro, em 31 de março de 1895. Estudou no Colégio de São Vicente de Paula, em Petrópolis<sup>388</sup>. Terminada a formação ginásial, resolveu ingressar no Mosteiro Trapista de Maristela, recém-fundada em Tremembé-SP. Entrou em 13 de junho de 1914. Aos 17 de outubro de 1917, emitiu os primeiros votos monásticos, recebendo, no mesmo dia, a tonsura clerical das mãos de Dom Jean-Baptiste Chautard (1858-1935). Em 8 de setembro de 1919, foi enviado para a Abadia de Sept-Fons, onde cursou filosofia. Com a saúde debilitada resolveu deixar o mosteiro<sup>389</sup>.

---

<sup>383</sup> Relatório de N.D. de Maristela, 1904-27.

<sup>384</sup> Abadia Nossa Senhora da Assunção-SP, Irmão Leonardo. Progressivo n. 2048, pasta 52. Secretaria da Segurança Pública, Superintendânciade Segurança Política e Social, Sorocaba-SP, 5/10/1942; C.T.I. Jornal, Taubaté-SP, 21/08/1942, p. 6.

<sup>385</sup> Abadia Beneditina Nossa Senhora da Assunção.

<sup>386</sup> Catalogus Defunctorum da Abadia Nossa Senhora da Assunção-SP, 07/01/1948.

<sup>387</sup> Rayés dês Contrôles de La Communauté, Tremembé-SP, 5 de octobre 1925.

<sup>388</sup> Teve como colegas, Eduardo Gomes e Alcino Sodré, o primeiro, por duas vezes candidato à Presidência da República, Ministro da Aeronáutica e herói da Revolta do Forte de Copacabana, em 1922.

<sup>389</sup> Pedro Candiota escreveu para Dom Chautard o seguinte: "A vraiment été presque héroïque em se cramponnant à ce qu'il croyait être as vocation chez nous. C'est depuis longtemps que j'éengageais à aller chez les dominicains, les Prémontrés ou les Bénédictins. Rien ne relève de l'inconstance da les circonstances de son départ de chez nous. Ce jeune homme est intelligent, pieux, de bonne famille honorable et aisée [...] Il avait fait seus voeux temporaires, mais, à leur expiration, ne las a pas renouvelés". Cf. Dietário do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, p. 42.

Em meados de 1920, ele deixou o mosteiro Trapista, regressando ao Brasil. Pediu para ser admitido na Abadia de Nossa Senhora do Monserrate, no Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1922. Foi recebido como postulante. Em 16 de abril de 1922, tornou-se noviço. Passou a se chamar Pedro Candiota. Posteriormente, em 18 de abril de 1923, emitiu os votos trienais. Prosseguiu os estudos teológicos na casa de estudos do Alto da Boa Vista (Cela de São Gerardo). O subdiaconato e o Diaconato, recebeu-os do Bispo Dom Joaquim Mamede da Silva Leite, respectivamente, em 3 de maio e 29 de maio de 1926 e, no mesmo ano, aos 27 de junho, foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa. Acometido por um derrame cerebral, ficou alguns anos enfermo, vindo a falecer em 6 de maio de 1956<sup>390</sup>.

O Irmão Louis Afonso foi o remanescente do mosteiro Maristela. Nasceu em Portugal, entrou em 1926 para o mosteiro Maristela e, com o seu fechamento, foi transferido para Abadia de Orval, na Bélgica. Faleceu em 1986<sup>391</sup>.

O mosteiro Nossa Senhora de Maristela recebeu várias vocações brasileiras, principalmente no período de 1910 a 1919. Porém, muitas não perseveraram<sup>392</sup>.

Os Trapistas tiveram algumas ordenações.<sup>393</sup> Em 1905, na capela do mosteiro, ocorreu cerimônia de profissão monástica solene de um sacerdote<sup>394</sup>. Em 18 de outubro de 1910, na capela do palácio episcopal, foi ordenado subdiácono

<sup>390</sup> AMSB/RJ, Código 162: Dietário do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro-RJ, p. 41-44.

<sup>391</sup> Quando o Ir. Louis Afonso soube que o Pe. Emmanuel Maria Retumba tinha sido o primeiro Trapista brasileiro a fazer profissão monástica solene (07.10.1982) no mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, escreveu para ele. Era o último monge do mosteiro Maristela alegrando-se com o primeiro Trapista brasileiro da nova fundação. O Ir. Louis dedicou seus últimos anos de vida, do ponto de vista espiritual, ao Pe. Emmanuel.

<sup>392</sup> Com relação às vocações brasileiras, conseguimos levantar os seguintes nomes: P. Louis (José Luis Candiota), entrou em Maristela em 13.6.1914, saída em 1920 (monge); Gérard (Egydio Prado), entrou em Maristela em 1.01.1911, saída em 20.12.1914 (Oblato Conv.); Fr. Thomas (Fernando de Lacerda Lagier de Toledo), entrada em 15.03.1914, saída em novembro de 1916 (Oblato Conv.); Fr. Joseph (Vitalino Almeida Prado) entrada em 21.02.1919 e saída em 4.05.1919 (Oblato Conv.I); Fr. Placide (Antônio Manuel Aguilero), entrada em dezembro de 1916, saída em novembro de 1919 (Noviço Conventual); Juvenistas: Fr. Joseph (José Monteiro), entrada em 15.08.1910, saída em 11.01.1918 (Noviço Conventual); Fr. Maur (Joaquim Rosa), entrada em 15.08.1910, saída em 27.09.1921 (Professo Conv.); Fr. Jean Baptiste (João da Silva), entrada em 19.11.1910, saída em 25.07.1915 (Oblato Conv.); Fr. Barthélémy (João Luiz de Paulo), entrada em julho de 1911, saída em 24.10.1915 (Oblato Conv.); Joaquim Lopez, entrada em 28.06.1913, saída em 07 de julho de 1915 (Oblato Conv.); Fr. Renoit (José dos Santos), entrada em 5.07.1913, saída em 22.01.1917 (Oblato Conv.). Cf. Ordre des Cisterciens Réformés – État du Personnel du Monastère de N.D. Maristella, 1922, 1925, 1928.; Rayés des Controles de La communauté.

<sup>393</sup> Mutations diverses à Maristella, 1905-1914.

<sup>394</sup> A Verdade, Taubaté-SP, n. 140, 4/07/1905, p. 2.

Geraldo Mathieu<sup>395</sup>. Em 9 de março de 1911, foi ordenado diácono<sup>396</sup>. Em 11 de março de 1911, na Catedral de Taubaté, o bispo diocesano Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva ordenou diácono Honorato Collin<sup>397</sup>. Posteriormente, foi ordenado sacerdote<sup>398</sup>, em 21 de julho de 1912, no mosteiro Maristela. Contava com mais de 60 anos de idade<sup>399</sup>. No mesmo dia, foram ordenados subdiáconos: Ambroise Derain<sup>400</sup>, Matheus Berger e José Bouillon<sup>401</sup>.

José Bouillon foi ordenado diácono em 9 de julho de 1913 por Dom Francisco Braga, Bispo de Curitiba<sup>402</sup>. No mesmo dia, foi ordenado presbítero Geraldo Mathieu<sup>403</sup>.

Afonso Beanquis foi ordenado subdiácono em 19 de julho de 1914, na catedral de São Francisco das Chagas de Taubaté<sup>404</sup>. Em 19 de julho de 1914, realizaram-se três ordenações presbiterais dos seguintes Trapistas: Ambroise Derain<sup>405</sup>, Mathieu Berger<sup>406</sup>, José Bouillon<sup>407</sup>.

<sup>395</sup> Primeiro Livro de Termos das Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 3.

<sup>396</sup> Primeiro Livro de Termos das Ordenações da Diocese de Taubaté, p.4. Geraldo Mathieu nascceu em Ausen, Cantal, França. Filho de Pierre mathieu e Marguerit Chauret.

<sup>397</sup> Primeiro Livro de Termos das Ordenações da diocese de Taubaté, p. 4. Honorato Collin nasceu em Rods Douh, França, em 5 de fevereiro de 1846, filho de Claudis Collin e de Isabel Gros. Faleceu, em 1929, na Abadia de Sept-Fons, França, com 83 anos de idade. Cf. Jornal Santuário de Santa Terezinha, Taubaté-SP, 29 de março de 1929, p. 3.

<sup>398</sup> Primeiro Livro de Termos das Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 11.

<sup>399</sup> O Norte, Taubaté-SP, n. 887, 26/07/1912, p. 1.

<sup>400</sup> Ambroise Derain nasceu em St. Denert, Laône, França, em 20 de abril de 1873. Filho de François Derain e Françoise Thivolet. Cf. Primeiro Livro de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 6.

<sup>401</sup> "As 10 horas, com a presença de toda a ilustre congregação e imensa assistência de fiéis, realizou-se a missa cantada, na capela pública, que foi três vezes insuficiente para conter os numerosíssimos crentes, que afluíram de todas as circunvizinhanças". O Lábaro, n. 135, Taubaté-SP, 25/07/1912, p. 3.

<sup>402</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 11.

<sup>403</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p.10.

<sup>404</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 11. Afonso Beanquis nasceu na França em 17 de fevereiro de 1882.

<sup>405</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 11.

<sup>406</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 12.

<sup>407</sup> Primeiro Livro de Termos de Ordenações da Diocese de Taubaté, p. 12.

### 3.5. Mosteiro em construção: de fazenda para mosteiro



**Figura 18. Capela do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela.** *Fonte: Arquivo José Periera da Silva*

A primeira tarefa dos Trapistas foi transformar uma velha fazenda de café em Mosteiro. A antiga fazenda Palmeiras, de propriedade do Barão de Lessa, fora muito próspera, porém, com a abolição da escravatura (1888), até a chegada dos Trapistas, ela ficou abandonada. Em tudo reinava o abandono: as construções, necessitando de reparações; 4.000 pés de café, sem cuidados; pastos, desaparecidos.

Em Tremembé, havia alguns monges e uma fazenda, mas não havia ainda uma comunidade orgânica. Para São Bento de Núrsia (480-547), o mosteiro deveria ser um espaço humano, um pequeno mundo, uma comunidade. Uma escola do serviço do Senhor<sup>408</sup> e uma escola de caridade<sup>409</sup>.

<sup>408</sup> A Regra de São Bento, Prólogo 45. A vida monástica é um duplo serviço prestado a Deus e aos homens. O monge está a serviço de Deus e dos homens. São Bento define a vida monástica como um “serviço” ao chamar o mosteiro “Escola do serviço do Senhor”. Este serviço deve ser vivido na simplicidade e humildade.

<sup>409</sup> Os cistercienses chamam o mosteiro de Escola de Caridade. A comunhão fraterna está no centro da tradição da espiritualidade cisterciense. A Carta da Caridade é um testemunho deste ideal cisterciense: “[...] de sorte que não haja nenhuma discordância em nossos atos, mas que vivamos em uma só caridade, sob uma só Regra e segundo costumes semelhantes” (cap. III, 2).

A primeira etapa da transformação consistiu em: fazer reparos nos edifícios da velha fazenda; construir ranchos provisórios, onde pudessem abrigar os monges; limpar os pastos e os terrenos do mosteiro. Os próprios monges trabalharam para reconstruir e reparar o que fosse possível na fazenda. Aproveitaram parte dos edifícios, antigamente destinados aos escravos.

Após os reparos iniciais, deu-se a construção das casas da administração; dos depósitos de máquinas agrícolas; um vapor de 240 HP com duas caldeiras tubulares de 500 HP; um gerador elétrico de 290 HP; e um secador movido à eletricidade para 10.000 sacas de arroz em 24 horas.

O trabalho de adaptação da fazenda Palmeira em mosteiro deu-se em duas frentes: 1) conserto do que estava arruinado e ampliação das instalações; 2) preparação dos terrenos para darem início aos trabalhos agrícolas.

Primeiramente, a abertura de canais e represas<sup>410</sup>, destinadas à irrigação de suas futuras plantações, foi captada de ribeirões da propriedade do major Alexandre Patto, mas devido a desentendimentos com os Trapistas<sup>411</sup>, passaram a captar água diretamente do rio Paraíba por meio de bombas de sucção com capacidade de 500 litros por segundo.

Construíram uma usina hidrelétrica, captada a mil e duzentos metros acima do mosteiro, que produzia entre 30 e 40 cavalos de força (25 kwa), e servia para a iluminação elétrica de todo o mosteiro e para mover a máquina de beneficiar café e outras máquinas das oficinas.

---

<sup>410</sup>Segundo Maria Augusta, uma vez houve um acidente na represa: “Tinha bem distante uma represa para movimentar a grande máquina de beneficiar café. A represa era uma gruta de 10 km de comprimento e 60 metros de profundidade, era bem feito o serviço de segurança da represa. Um certo dia, durante a noite, a represa estourou, fez um buraco no ladrão da água. Vocês precisavam ver o estrago que a água fez...passou um metro de altura, levou tudo o que ela encontrava na frente; matou muitas criações que estavam pastando na vargem, tudo que era cerca e ponte. Passou por dentro da casa da máquina de beneficiar café, derrubou as paredes, escangalhou com a máquina. Dona Olimpia, que lavava todas as roupas dos Padres, ela deixou para torcer no outro dia, quando ela foi torcer aqueles hábitos de lá muito grossos e muito grandes que eram”. Cf. VIEIRA, Maria Augusta A. **Lembranças**, 1994, p. 11.

<sup>411</sup>Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Cartório do 3º Ofício. Embargos n. 11.533, livro n. 8, fls 229, Taubaté – 2º Ofício, 1922. Alegações da apelada. Tribunal de Justiça de São Paulo. Apelação n.11.553, Taubaté, 1922. Este processo teve início em 1913 e terminou em 1922. Teve como embargante Alexandre Monteiro Patto e sua mulher e como embargado a Companhia Palmeiras Ltda. Ao final foi concedida a posse das terras aos Trapistas. Cf. também: A Federação, Taubaté-SP, n. 236, 6/11/1913.

O trabalho acontecia concomitantemente: enquanto uns tratavam da construção do mosteiro, outros preparavam as terras para as primeiras plantações. À frente desses trabalhos, estava o Padre Etienne, responsável pelos serviços de construção do mosteiro, das benfeitorias e das casas dos colonos.

Padre Alexis Ducey encarregou-se do trabalho de limpeza e preparação dos terrenos. A construção da usina hidroelétrica e toda a rede de distribuição de energia ficaram a cargo do Pe. Sébastien Vittrand com o auxílio do Ir. Alexis.

Aos poucos, o antigo casarão da fazenda Palmeira foi dando lugar às construções de um mosteiro com suas principais dependências. Edifícios brancos, compridos e irregulares de um só andar entre as palmeiras de uma plantação. A comunidade começou a viver seu ritmo de oração pessoal e litúrgica, trabalho manual e estudo. Um estilo de vida simples e frugal. Uma vida contemplativa<sup>412</sup>. Os monges Trapistas interrompiam suas tarefas diárias com tempos de oração, era a Liturgia das Horas<sup>413</sup>.

<sup>412</sup> Directoire Spirituel a l'usage des Cisterciens Réformés ou de la Stricte Observance, seconde édition conforme au nouveau droit canonique, Bricquebec, Abbaye de Notre-dame de Grace, 1931. Este Diretório Espiritual, usado pelos Trapistas de Maristela, foi aprovado pelo Capítulo Geral dos Trapistas de 1909. Sua finalidade era dar os princípios espirituais e as atitudes interiores que devem motivar e acompanhar a prática dos usos, ou seja, a alma que deve informar o corpo das observâncias.

<sup>413</sup> Directoire Spirituel a l'usage des Cisterciens Réformes ou de la Stricte Observance, op. cit., p. 347-448. O Diretório apresenta, no capítulo VI, a liturgia das horas: como deveria ser rezada pelos Trapistas. Cf. GARGANO, Guido I. **Do nascer ao pôr-do-sol, inciação à Liturgia das Horas e à Lectio Divina.** Tradução: Sérgio Raupp. São Paulo: Paulinas, 1995. BECKHÄUSER, Frei Alberto. **O sentido da Liturgia das Horas.** Petrópolis: Vozes, 1995. A Liturgia das Horas é a oração da Igreja reunida, a oração da assembleia [...] as cinco horas de fato celebradas por toda a Igreja: Laudes, Vésperas, Hora Média, Completas e Ofício de Leituras" (p. 17). O horário da Trapa, no início do século XX, seguido pelos Trapistas de Maristela:

Inverno – Dias úteis: 2h00: levantar-se, Ofício da BVM (Bem-Aventurada Virgem Maria), 3h00: Véligias, Angelus, Missas privadas, lectio; 5h30: Prima, Missa matutinal, capítulo, frustum, lectio; 7h45: terça, missa conventual, sexta, trabalho; 10h45: fim do trabalho; 11h07: noa, exame de consciência, Angelus; 11h30: almoço, procissão penitencial; 13h30: trabalho; 15h30: fim do trabalho; 16h30: vésperas, oração mental; 17h30: colação, lectio; 18h10: leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus, repouso.

Verão: 2h00: Levantar-se, Ofício da BVM; 5h30: prima, missa matutinal, capítulo, mixt, trabalho; 9h00: fim do trabalho, lectio; 9h45: terça, missa conventual, sexta, exame de consciência; 11h00: almoço, procissão penitencial, Angelus, descanso; 13h00: fim do descanso; 13h07: noa, lectio; 14h00: trabalho; 16h30: fim do trabalho; 17h10: vésperas, oração mental; 18h00: jantar, lectio; 19h10: leitura em capítulo, completas, Salve Regina, Angelus; 20h00: repouso.

Inverno – Domingo: 1h30: Levantar-se (1h00 nas solenidades), Ofício da BVM; 5h30: Prima, missa matutinal com comunhão, capítulo, Mixt, lectio; 9h30: terça, missa conventual, sexta, exame de consciência; 11h00: almoço, procissão penitencial, Angelus, lectio; 15h00: vésperas, Bênção do Santíssimo Sacramento, lectio; 16h45: oração mental; 17h00: jantar, lectio; 18h10: leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus; 19h00: repouso.

Em Maristela, o dia iniciava-se às 2h00 da manhã, com o Ofício à Bem-Aventurada Virgem Maria, seguido das Vígilias às 3h00. No inverno, o dia no mosteiro terminava às 6h10, com leitura, completas, Salve Regina, Angelus, repouso. No verão, o horário alterava-se, levantavam-se às 2h00 e terminavam às 19h10 com leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus, às 20h00, repouso. Aos domingos, os horários eram os seguintes: durante o inverno, levantavam-se à 1h00 da madrugada e o dia terminava às 18h10 com leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus e às 19h00, repouso; no verão, levantavam-se à 1h00 da madrugada e o dia terminava às 19h10 com leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus, repouso<sup>414</sup>.

No processo da adaptação da fazenda em mosteiro as dificuldades iniciais foram inúmeras:

Desde a chegada do primeiro grupo, em setembro, até o mês de março do ano seguinte, choveu quase todos os dias e foi impossível ter legumes – um único pedaço de terra em depressão, o único que podia servir como jardim estava sempre inundado; não havia água potável; para lavar roupa era preciso ir aproximadamente a 60 metros, num riacho e isto durante vários anos até que tivéssemos feito drenagem em um pequeno vale acima do nível dos edifícios, a mais ou menos 800 metros da casa. Ali foi construída uma cisterna pelo Pe. Leopoldo que alimentava diversos locais da casa [...] Como igreja, era a sala de jantar que servia de capela e de Capítulo; caixas eram utilizadas como altar e isto durante 8 a 10 meses: a maioria dos edifícios devia ser refeito, pois os vigamentos de madeira e os caibros estavam corroídos pelas formigas brancas (cupins) e isto demandava tempo<sup>415</sup>.

Outra questão a ser resolvida era o da agricultura: o preparo do terreno e o capital inicial:

Após dois anos e meio, o Pe. Alexis encontrou um capitalista para a exploração da planície com cultivo de arroz; esta planície tinha o nome de Berizal e por causa de uma planta produzindo grãos como

Verão – Domingo: 2h00: Levantar-se, Ofício da BVM; 5h30: Prima, missa matutinal com comunhão, capítulo, Mixt, lectio; 9h30: terça, missa conventual, sexta, exame de consciência; 11h00: almoço, procissão penitencial, Angelus, repouso; 13h30: fim do repouso; 13h37: Noa, lectio; 16h00: vésperas, Bênção do Santíssimo Sacramento; 17h45: Oração mental, jantar, lectio; 19h10: Leitura em comum, completas, Salve Regina, Angelus, repouso. Cf. *Regulations of the Order of Cistercians of the Strict Observance, published by the General Chapter of 1926*, p. 27-28; 34-35.

<sup>414</sup> *Regulations of the Order of Cistercians of the Strict Observance published by the General Chapter of 1926*, p. 27-28.34-35.

<sup>415</sup> *Notes et souvenirs sur Maristela*, por Fr. Alexis (Jean Rossignol), manuscrit rédigé à Sept-Fons em 1945.

os do ‘cassis’ (frutinha das montanhas) que era chamado de ‘Beril’, daí o nome Berizal. Em seguida foi-lhe dado o nome de St. Joseph: esta planície podia ter mais ou menos 550 a 600 hectares! Uma parte não era cultivável seja por causa da inundação do rio(Paraíba) seja por causa de uma parte bastante arenosa e que não se prestava para o cultivo<sup>416</sup>.

Conseguido o capital inicial, trataram de preparar o terreno para iniciar a agricultura, trabalho difícil devido às condições em que se encontravam. Começaram preparando o solo, cortando as árvores e limpando os terrenos. Compraram três máquinas para retirar tocos de árvores. Levaram um mês neste trabalho<sup>417</sup>.

Durante os três primeiros anos, foi difícil arar devido à quantidade de tocos no solo. Assim, foram mudando os tipos de arado. Possuíam 125 mulas, a metade delas trabalhava pela manhã e a outra à tarde<sup>418</sup>. Os bois eram comprados em Minas Gerais, em caravanas de cinco ou seis pessoas numa viagem de dois meses<sup>419</sup>.

A pedido do Abade Dom Chautard, compraram ossos nos abatedouros de Taubaté para usar como adubo. Cerca de 80 toneladas, senão a terra se esgotaria.

Os Trapistas mecanizaram a agricultura ao trazer, para o Brasil, a primeira debulhadora:

Máquina americana especial para a colheita do arroz podendo bater de 3000 a 4000 quilos por hora com somente 10 homens de serviço. Colocávamos os fardos [...] e 2 cilindros com lâminas cortavam os barbantes e espalhavam a palha; no final da debulhadora havia uma grande chaminé que podia alongar-se, à vontade, até 10 metros e girar em todas as direções de tal modo que podíamos debulhar até 3.500 sacos sem mudar a debulhadora de lugar. Tínhamos comprado esta máquina não muito caro e era a primeira debulhadora que vinha ao Brasil e era vendida como reclame. Ela tinha obtido o

<sup>416</sup>Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis, manuscrit rédigé à Sept-Fons em 1945, p. 1.

<sup>417</sup>A respeito do início dos trabalhos agrícolas, ver: O Norte, 23-25-28/2/1917; O Norte, 2-4-7-9-11/3/1917. Trata também dos obstáculos encontrados no lugar: terra estéril, clima insalubre, gente preguiçosa.

<sup>418</sup>“Na fazenda Berizal que era só lavoura não criava gado; era só lavoura de arroz, tinha 50 burros para arar, cortar a terra e plantar. Era uma fazenda de muito movimento, parecia uma pequena cidade. Depois de algum tempo os burros foram ficando muito ruim, mordiam as pessoas que iam trabalhar com eles; então resolveram comprar bois para trabalhar na lavoura. Então o Dom Abade deu licença para meu pai viajar em Uberaba nas grandes fazendas para comprar 300 bois bem criados para meu pai amansar para trabalhar na lavoura”. Cf. VIEIRA, Maria Augusta Almeida. Lembranças, 1994, p. 4. (manuscrito).

<sup>419</sup>15 dias para ir e 1 mês para voltar e 10 a 12 para procurar e comprar o gado. Cf. Notes et souvenirs sur Maristela por Fr. Alexis (Jean Rosingnol), manuscrit rédigé à Sept-Fons em 1945.

primeiro prêmio na Exposição de Nova Iorque, em 1910, era o maior modelo fabricado e tinha uma balança automática com registro. Era a única debulhadora que havia no Estado de São Paulo. Tínhamos também 5 cortadeiras-enfardadeiras que funcionavam regularmente, além de uma máquina de beneficiar o arroz. O rendimento era de 3.500 quilos aproximadamente por jornada de 10 horas. Nos bons anos colhíamos até de 6 a 7 mil sacos de arroz a ser beneficiado (saco de 60 quilos) <sup>420</sup>.

Os Trapistas associaram-se à empresa Palmeira Ltda com a finalidade de ter capitais para desenvolver uma agricultura de porte<sup>421</sup>. Como era o associado que deveria pagar as despesas de instalação; o Padre Alexis Ducrey fez com que ele comprasse bombas de grande potência – 500 litros por segundo e 5 metros de altura – a fim de irrigar todos os arrozais. Por ser uma planta aquática, as colheitas do arroz estavam asseguradas.

Fizeram diques de 40 a 50 cm de altura com pequenas comportas para regular a água e fazê-la passar de um quadrado a outro.

Um melhoramento exigia outros, como podemos observar nas palavras do Padre Alexis Ducrey:

Em seguida, era preciso ter galpões para guardar o arroz até o momento em que o preço estivesse favorável de acordo com nosso R.P. Fizemos instalações de silo podendo conter até 10.000 sacos de arroz bruto em sacos de 60 k. E como era preciso eletricidade para fazer funcionar todos estes diferentes motores: debulhadora, bombas, secadora, beneficiadora de arroz etc. etc. as autoridades decidiram vender a locomóvel e comprar uma caldeira e motor separado com dinamo para produzir eletricidade e poder fazer funcionar os diferentes motores ao mesmo tempo de acordo com as necessidades [...] Uma boa ocasião se apresentou também para motor e caldeira de 250 cavalos, que havia sido substituída por uma instalação elétrica, com o arsenal da marinha no Rio de Janeiro, e que pudemos revender após a guerra de 1914 pelo dobro do que custou, por causa da falta de máquina. Em 1920, formou-se uma sociedade que havia feito uma grande instalação hidráulica para dar luz a Taubaté, Tremembé e diferentes cidades vizinhas e a todos os particulares que queriam. Foi para nós muito simples, pois, como a instalação já estava feita, só tivemos que ligar nossa linha dos

<sup>420</sup>Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis, manuscrit redige à Sept-Fons em 1945, p. 3-4. Cf. também os seguintes jornais que tratam das máquinas agrícolas dos Trapistas: A Verdade, 17/3/1906; A Verdade, 6/6/1906; O Norte, 22/4/1909.

<sup>421</sup>Estatuto da Palmeiras Ltda, Companhia limitada por ações, Londres, 19 de novembro de 1909. Cf. Cia Palmeiras Ltda e Associação Brasileira dos Trapistas. Contrato de arrendamento, 6 de agosto de 1910.

campos às de Tremembé, uns 1.800 metros. A partir de então, só tínhamos que plantar arroz, café para juntar os mil-réis. Graças a Deus<sup>422</sup>.

Não podemos esquecer que os Trapistas construíram uma pequena usina hidroelétrica captando as águas do ribeirão do Chaveco a mil e duzentos metros acima do mosteiro, produzindo de trinta a quarenta cavalos de força.

Algo que chamou a atenção dos Trapistas no trabalho agrícola aqui no Brasil foi o mutirão. Usavam o mutirão principalmente quando por uma circunstância ou outra, como, por exemplo, o mau tempo, impedia a limpeza do arroz; as ervas invadiam uma grande parte dos arrozais e dos cafezais; e a colheita podia ficar um pouco comprometida. Sob as ordens do Pe. Alexis Ducrey, trabalhavam até cento e cinquenta trabalhadores na agricultura. A cultura do arroz, depois de quatro anos, ocupou quatrocentos hectares<sup>423</sup>. Os Trapistas avisavam e as pessoas compareciam: homens, mulheres e crianças, vindas dos arredores do mosteiro de até 8 a 10 km:

Não era raro ver 400 a 5000 pessoas trabalhando em média  $\frac{3}{4}$  do dia e, assim, a colheita estava salva. Dávamos-lhes café à vontade, feijão, arroz e carne salgada ou fresca e, entre as refeições, um pouco de cachaça e, no final da tarde oferecíamos como presente um parto de metal com uma colher. Ficavam mais felizes que se tivessem sido pagos 10F por dia. Isto nos aconteceu uma dúzia de vezes<sup>424</sup>.

Padre Alexis Ducrey, em contato com o governo brasileiro, orientou as autoridades que o Brasil deveria ter uma sonda própria ou para os que tivessem o desejo de utilizá-la. Dois anos depois, em 1913, os Trapistas receberam do governo brasileiro uma sonda nova vinda da América do Norte, com a capacidade de atingir 400 metros de profundidade:

Então começamos a trabalhar, era um pouco complicado nos 2 ou 3 primeiros dias: não havia ninguém para explicar os funcionamentos e a maneira de usar esta ou aquela peça, mas não foi muito demorado e, em 4 semanas, chegamos a uma profundidade de 104 metros. As

<sup>422</sup>Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis Ducrey, manuscrit rédigé à Sept-Fons em 1945, p. 1.

<sup>423</sup>GAFFRE, L. A. Visions du Brésil. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia; Paris: Aillaud Alves & Cia, 1912, p. 293. Gaffre, em sua viagem pelo Brasil, visitou o mosteiro Maristela e descreveu em algumas páginas (289-313) o que viu, desde a geografia do lugar ao trabalho realizado pelos Trapistas.

<sup>424</sup>Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis Ducrey, op. cit., p. 1.

camadas dominantes eram, sobretudo de xisto mais ou menos cinza, isto é, após ter sido seco no sol podíamos queimá-lo ou extrair gás como fazemos com o carvão<sup>425</sup>.

Os Trapistas, depois de muita procura, conseguiram achar água a 35 metros de profundidade com vazão de 5 a 6 litros por minuto. Devido a pouca vazão, construíram um reservatório, o que possibilitou terem água potável para o mosteiro em vez de trazê-la de Tremembé em garrafões.

Trapistas continuaram a prospecção e foram até 96 metros. Encontraram água abundante e com maior vazão na ordem de 200 litros por minuto. Assim, canalizaram a água para o mosteiro.

Aos poucos e com muito trabalho, a antiga fazenda abandonada transformava-se em mosteiro com suas principais dependências: biblioteca, padaria, marcenaria, sapataria, alfaiataria, farmácia, adega (onde fabricavam cerveja, licores, vinho, hidromel) etc<sup>426</sup>. Possuía uma horta onde se conseguia produtos híbridos por meio de seleção de sementes. Foi construído um sistema de aproveitamento de dejetos humanos para adubo.

Dificilmente alguma pessoa, ao visitar o Mosteiro Trapista, saía de mãos vazias. Sempre levava alguma fruta.

<sup>425</sup>Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis Ducrey, op. cit., p. 1-2.

<sup>426</sup>Nomes de alguns monges e suas funções no mosteiro Maristela: Ir. Mauro e ir. Afonso tocavam órgão; Pe. Benedito era ferreiro; Pe. João Maria era carpinteiro; Ir. Boaventura era alfaiate, ajudado pelo Ir. André; Ir. Daniel e Ir. André cuidavam do jardim; Pe. Sebastião cuidava dos serviços; Pe. José Maria e Pe. Bernard cuidavam da horta; Ir. Clemente cuidava do apiário; Ir. Vicente cuidava dos porcos; Pe. Ambrósio cuidava do pomar; Fr. Bernardo criava carneiros; Pe. Ludovico consertava máquinas; Pe. Matheus arrumava as roupas; Fr. Celestino era responsável pela plantação de bananas; Pe. Domingos cuidava dos negócios; Ir. Aleixo era cantor; Pe. Geraldo, Pe. Berchamans e Ir. Leonardo Van Lier foram os hospedeiros; Pe. Jean Marie cuidava do refeitório; Pe. Sábastien Wittrant era o eletricista; Pe. Etienne era pedreiro e carpinteiro; para a fabricação de bebidas, o responsável era o Pe. Leopold Mals; o Pe. Celestinus cuidava da limpeza; Pe. Benoit Joseph era mecânico; o Ir. Leonardo Van Lier foi também o celereiro; Ir. Bernard era o agrônomo; o Ir. Hippolite era o coveiro; o Ir. Hippolite cuidava da plantação de bananas; o Ir. Jean Maria era o marceneiro; Ir. Gerlach era o sapateiro; Ir. Aleixo (Aleixinho) era o ferreiro; Ir. Michel e Ir. Daniel cuidavam da farmácia; Ir. Theodule cuidava da apicultura; o ir. Jacinth cuidava da lavanderia; Ir. Jean era responsável pelos serviços dos terreiros de café; o Ir. Mathieu cuidava da padaria; o Ir. Nivard cuidava dos trabalhos com gado e cavalos; o Ir. Augustin cuidava da contabilidade; Pe. Mathieu era mestre de noviços. A execução de funções não especializadas podia ser mudada com frequência.

Os Trapistas possuíam duas propriedades: a de Maristela, para plantação de café e invernada<sup>427</sup>; e a do Berizal, para o cultivo do arroz. Constituiram a Associação Brasileira dos Trapistas<sup>428</sup>. A ação religiosa e a atividade agrícola dos monges estão contidas nos Estatutos da Associação, entidade civil fundada em 17 de agosto de 1907, publicados no Diário Oficial do Estado de São Paulo<sup>429</sup>, entre as cláusulas, destacaram-se as seguintes:

Esta associação tem por principal objeto:

- a) O estudo das ciências, sobretudo filosóficas, religiosas e agrícolas;
- b) O louvar a Deus, especialmente pelo culto litúrgico em comum, mas de modo privado;
- c) A vida em comum e o trabalho manual para conseguir os recursos necessários à realização de seus diversos fins<sup>430</sup>.

Outros objetivos são elencados:

- “1) a reabilitação, pelo exemplo, do trabalho agrícola aos olhos das populações rurais;
- 2) a difusão, no meio destas, dos melhores métodos de higiene, de cultura e de criação;
- 3) o arrotear e semear as terras, e a colonização;
- 4) dispensários gratuitos, asilos para órfãos, onde se ensine a agricultura, casas de retiro;
- 5) o establecer missões agrícolas nas regiões não civilizadas do Brasil, ocupadas pelos índios;
- 6) distribuição de esmolas, especialmente em mantimentos para os pobres viandantes desafortunados”<sup>431</sup>.

A parte montanhosa da propriedade foi destinada à cultura do café (250 mil pés de café, produzindo 10 mil arrobas anualmente), os pastos eram utilizados para criação de 180 cabeças de gado, cujo leite era usado na fabricação do queijo Port-du-Salut.

---

<sup>427</sup>Pastagem cercada onde se colocam animais para descanso e engorda. Os Trapistas tinham invernada de aluguel, era alugada para os boiadeiros que vinham de Minas Gerais. Cf. Lembranças de Maria Augusta de Almeida Vieira, 1994, p. 1. (manuscrito). Maria Augusta de Almeida Vieira conheceu os Trapistas, pois trabalhou na fazenda deles lidando com gado. O Pai dela era empregado da fazenda. Com 11 anos de idade, começou a ajudar o pai no trabalho com o gado. Fiz uma entrevista com ela quando ela tinha 94 anos de idade.

<sup>428</sup>Statut de L'Association Brésilienne des Trappistes, Tremembé-SP, 17 aout 1907.

<sup>429</sup>Diário do Estado de São Paulo, n. 188, de 22 de agosto de 1907. Registro também encontrado no cartório de Tremembé-SP e no cartório de Barra Mansa.

<sup>430</sup>Statut de L'Association Brésilienne des Trappistes, p. 1.

<sup>431</sup>Statut de l'Association Brésilienne des Trappistes, p. 1

A 12 km do mosteiro, estava o Berizal,<sup>432</sup> cujos terrenos pantanosos foram adaptados para o cultivo do arroz. Possuía de 350 a 400 hectares de arrozais. Cultivavam o arroz dourado, cuja produção média vai além de 40 hectolitros para cada hectare.

Historicamente, a economia valeparaibana sempre esteve baseada na agricultura. Com a decadência do café, surge a necessidade de novas alternativas econômicas para a região – essas aparecem com a policultura (milho e arroz) e a pecuária<sup>433</sup>.

As várzeas do Rio Paraíba passam a ser utilizadas para o cultivo do arroz, em terras não usadas antes. Os italianos, portugueses e espanhóis passam a desenvolver, nas várzeas, a rizicultura. A ocupação das várzeas do Rio Paraíba teve início na segunda metade do século XIX, com a implantação de colônias agrícolas pelo governo provincial, a partir de 1850, em Lorena, Pindamonhangaba, Taubaté e Paraibuna<sup>434</sup>. No final do Império, foram criadas mais cinco colônias agrícolas no Vale do Paraíba: canas, em Lorena (1885); Boa Vista, em Jacareí (1888); Quiririm, em Taubaté (1890); Piagui, em Guaratinguetá (1892); e a de São José do Barreiro.

A finalidade destas colônias agrícolas estava na necessidade de se ocupar as várzeas do Paraíba, tendo em vista o domínio do café e as crises periódicas de abastecimento de cereais e legumes na região<sup>435</sup>.

A rizicultura terá lugar nas proximidades de Taubaté, posteriormente outras áreas passam a ser drenadas para o cultivo de arroz<sup>436</sup>.

<sup>432</sup>Bail de Berizal, contrat, 06 aout 1910.

<sup>433</sup>Cf. Müller, Nice Lecocq. O fato urbano na bacia do Rio Paraíba. São Paulo, IBGE, 1969. LONG, Roberto G. O Vale do Médio Paraíba. **Revista Brasileira de Geografia**, ano XV, n. 3, jul./set. 1953.

<sup>434</sup>Cf. PASIN, José Luiz. A evolução sócio-econômica do Vale do Paraíba num período de trezentos anos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, v. LXXXI, 1974. PASIN, José L. Vale do Paraíba: ontem e hoje: valley yesterday and today, RJ, Ac & M – Assessoria de Comunicação e Marketing, 1988; MARCONDES, José Vicente de Freitas. As colônias agrícolas e os italiens no vale do Paraíba. **Revista de Problemas Brasileiros**, ano XVIII, n. 195, jan. 1981.

<sup>435</sup>Cf. PASIN, José Luiz. Formação Histórica e cultural do Vale do Paraíba. In: **O Lince**, Aparecida-SP, 20 jun. 2010, p. 13.

<sup>436</sup>No Vale do Paraíba, a planície de várzeas abrange um comprimento total de 140 quilômetros e uma largura média de 6 quilômetros entre Jacareí e Aparecida, apresentando a maior largura, 10 quilômetros aproximadamente entre Taubaté e Pindamonhangaba. Cf. também: CUBA, Paulo. A cultura do arroz no Valle do Parahyba. In: **O Valle do Parahyba**; aspectos agrícolas, São Paulo: Editado pela Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio, 1940, p. 41-44.

A situação do Vale do Paraíba chamou a atenção dos governos nos inícios da República. Entre 1894 a 1907, fala-se num trabalho de reerguimento da região<sup>437</sup>. Neste trabalho, destaca-se Carlos J. Botelho e Luiz Pereira Barreto que apresentam o arroz como meio de reerguer a região vale paraibana, ressentida com a crise do café<sup>438</sup>.

A introdução e o cultivo racional do arroz como atividade agrícola básica da região foi iniciada pelos monges Trapistas, em terras localizadas no município de Tremembé<sup>439</sup>. Iniciaram a rizicultura por volta de 1906. Foi na importante propriedade dos Trapistas que se iniciou, em São Paulo, em grande escala, a cultura do arroz auxiliada pela irrigação<sup>440</sup>.

O Dr. Carlos Botelho, então Secretário da agricultura do Estado de São Paulo, em 1908, quando em visita à propriedade dos Trapistas disse:

O Vale do Paraíba, que eu já vira em outro tempo, e não há muito, com o aspecto das charnecas abandonadas, transforma-se hoje numa pradaria extensa sob o manto verde aveludado dos arrozais. Os padres da Trapa de Tremembé, dos Campos úmidos, que o Paraíba, de quando em vez, invade fizeram incomparável grangearia de arroz, jardim toda ela, entre canais que regam, canais que enxugam ou drenam, canais que servem aos transportes por barcos, aonde já não vai a máquina locomóvel; grangearia, que é escola para toda aquele região, que é estímulo e exemplo para toda a vizinhança

<sup>437</sup>“Conquanto já esteja bastante reconhecida a necessidade que temos de dar franco desenvolvimento á policultura em nosso Estado”. Jornal de Taubaté, 6 de maio 1908. Cf. Desenvolvimento da cultura do arroz: Jornal de Taubaté, 5/12/1907; A Federação, 23/08/1911.

<sup>438</sup>“Em 17 de outubro de 1906, o Sr. Dr. Secretário da Agricultura dirigiu o seguinte ofício ao Sr. Dr. Presidente do Estado: “Sr. Dr. Presidente do Estado, a cultura do arroz é, como sabeis, uma daquelas que, depois da do café, mais promissoras se mostram para a lavoura do Estado de São Paulo. A importância daquela cultura, que sempre foi relevante entre nós, por se tratar de um produto de largo e sempre crescente consumo local, tende a tornar-se ainda maior a vista da proteção concedida nas tarifas de importação contra a concorrência do produto similar estrangeiro; proteção que, assegurando-nos o mercado interno, poderá, quiçá, dar a essa lavoura capacidade ainda maior do que a necessária para o abastecimento deste mercado [...] A comissão deverá iniciar os seus trabalhos no vale do rio Paraíba, região que oferece condições bastante favoráveis, devendo depois outras zonas do Estado também ser objeto da atenção do Governo para o mesmo fim”. Cf. GRANATO, Lourenço. **O arroz**. São Paulo: Typografia Levi, 1914, p. 459.

<sup>439</sup>“O senador Alfredo Ellis, por exemplo, desenvolveu, em grande escala, a produção do arroz, como agricultor, que é. E, em Tremembé, os religiosos Trapistas têm uma imensa cultura de arroz que chega a ser um modelo”. Correio Paulistano, 13/09/1916, p. 2.

<sup>440</sup>Somente a partir de 1920, a rizicultura liderará a produção agrícola da região valeparaibana. A partir de 1930, a produção comercial de arroz se estabelecia no lado sul do Rio Paraíba, de Jacareí a jusante para Tremembé. Atualmente, o arroz é o principal produto agrícola cultivado no Vale do Paraíba destacando-se as áreas de São José dos Campos, Caçapava, Pindamonhangaba, Roseira, Guaratinguetá, Lorena e Tremembé.

de lavradores outra sucumbidos e agora restaurados na confiança do trabalho<sup>441</sup>.

Ao lado de técnicas pioneiras de plantio de arroz irrigado, os Trapistas adquiriram maquinário agrícola moderno<sup>442</sup>. Uma batedeira preparava de 250 a 300 sacas de arroz por dia. A propriedade dispunha de silos para conservar o arroz e de uma máquina que era capaz de beneficiar uns 100 sacos de arroz por dia. Compraram uma debulhadora de arroz com capacidade de bater de 3.000 a 4.000 kg por hora. É preciso lembrar que, no Estado de São Paulo, predominava a pequena lavoura de arroz de 100 ou 200 hectares e a dos Trapistas possuía de 300 a 400 hectares.

Na lavoura de arroz, trabalhavam 80 famílias, na plantação de café (50 mil pés de café) trabalhavam 50 famílias. Por ano, colhia-se de 15 a 18 mil sacas de cem litros. Nas colheitas, reuniam-se 500 trabalhadores. A produção de 1908 a 1918 deu em média 10 mil sacas de 60 quilos de arroz anuais. Logo, todo o Vale do Paraíba passaria a se utilizar do processo de cultivo dos Trapistas.

Depois da crise do café, surge a necessidade de valorizar a policultura, bem o próprio trabalho agrícola. Tratava-se de vencer os obstáculos colocados ao lugar: terra estéril, clima insalubre, gente preguiçosa<sup>443</sup>. Os Trapistas tornaram-se modelos de trabalho agrícola e de superação dos obstáculos colocados pelo lugar, através do desenvolvimento da rizicultura e de valorização do trabalhador local.

Os Trapistas melhoraram as condições de vida dos colonos que deixaram de morar em palhoças, passando a terem casas higiênicas. Construíram capelas, escolas e numerosas casas para colonos, lugar a que deram o nome de Berisal<sup>444</sup>.

<sup>441</sup>FÉLIX, Minucius. Trapa da Maristela. Correio de Taubaté, Taubaté-SP, n. 348, 7 de julho de 1919, p. 2-3.

<sup>442</sup>Cf. A Verdade, 17/03/1906; A Verdade, 26/05/1906; A Verdade, 6/06/1906; O Norte, 22/04/1909. Cf. também: MENDES, Carlos Mendes. A importância da cultura do arroz, a mecanização e a cultura intensiva com o auxílio da irrigação. In: **O Valle do Parahyba**; aspectos agrícolas, São Paulo, Editado pela Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio, 1940, p. 35-41.

<sup>443</sup>Cf. Jornal O Norte, 23-25-28/02/1917; O Norte, 2-4-7-9-11/03/1917.

<sup>444</sup>“O povo do Berizal tinha muita diferença, todos moravam em boas casas com luz e água, tinham cada um sua boa vaca de leite, engordavam capados. As mulheres tinham cada uma sua máquina Singer importada da França. Tinham uma igreja muito bonita, as moças tocavam órgão. Quando alguém se casava, o Padre Aleixo dava todo enxoval e uma máquina Singer importada da França”. Cf. VIEIRA, Maria Augusta de Almeida. Lembranças, 1994, p. 3. (manuscrito).

Em 1910, formaram uma escola, junto ao mosteiro, no Berizal e no Poço Grande, para meninos de 12 a 15 anos, visando despertar vocações Trapistas.

Iniciaram o trabalho de evangelização da população vizinha, pela palavra e pelo exemplo<sup>445</sup>. A Estrada de Ferro Central passou por Tremembé a pedido dos Trapistas<sup>446</sup>, o que ajudava no transporte da produção de arroz. Durante a Primeira Guerra Mundial, os Trapistas exportaram arroz para Europa em guerra.

Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Bispo de Taubaté, admirado pelo progresso dos colonos de Tremembé, quer na parte religiosa, quer na parte material, solicitou de Dom Chautard que monges Trapistas assumissem a recém-criada paróquia de Tremembé. Coube aos padres Antoine Giguelay e José Willebrod<sup>447</sup> paroquiarem Tremembé de 1908 a 1914.<sup>448</sup> Assumiram a paróquia no momento de mudança na direção das paróquias e santuários, devido à romanização da Igreja no Brasil<sup>449</sup>. Os Trapistas, pela sua ação, contribuíram para a estabilidade e expansão da Igreja em Tremembé.

Mesmo depois de deixar a paróquia, o Padre Willebrod ia, aos domingos e dias de festa, celebrar missa no bairro do Poço Grande, lecionando catecismo as

<sup>445</sup>É muito interessante o testemunho das Carmelitas a respeito do papel evangelizador dos Trapistas em Tremembé: “Tudo deve levar-nos a agradecer o bem que os Trapistas fizeram em Tremembé e que nós pudemos ainda presenciar quando aqui chegamos pela religiosidade do povo e principalmente de pessoas que naquela ocasião dos inícios de nossa fundação pudemos conhecer e constatar. Por tudo agradecemos aos Trapistas que contribuíram também para nossa permanência aqui em 1972-1973 quando diziam ‘perdemos os Trapistas’, não podemos perder as Carmelitas’, por ocasião da fundação de Mairinque”. Cf. Livro do Tombo do Carmelo da Santa Face e Pio XII, T. IX, Tremembé-SP, p. 100.

<sup>446</sup>ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE TREMEMBÉ. 38 Sessão (15 extraordinária), 15 de janeiro de 1914, p. 123-124; 5 Sessão (5 ordinária), 1 de julho de 1914, p.136; 8 Sessão (7 ordinária), 01 de outubro de 1914,p.141; Livro do Tombo do Santuário do Bom Jesus de Tremembé (1917-1946), p. 20; O Lábaro, n. 133, 11 de julho de 1912, p. 5; O Lábaro, n. 239, 3 de julho de 1914, p. 2-3; A Federação,Taubaté-SP, 23 de maio de 1912, p. 1; A Federação, n. 234, 23 de outubro de 1913, p. 1; O Norte, n. 919, 11 de outubro de 1912, p. 1; Correio Paulistano, 8 de agosto de 1913, p. 4.

<sup>447</sup>Chrétien Peters Willibord.

<sup>448</sup>Os Trapistas Padres Antônio Giguelay e José Willebrod exerciam seu ministério até mesmo fora de Tremembé, como no caso de missa de crisma celebrada na cidade de São Bento do Sapucaí-SP, em 20 de agosto de 1914. Cf. Livro do Tombo da Matriz de São Bento do Sapucaí –SP, p. 46-47.

<sup>449</sup>O termo foi criado pelo historiador alemão Pe. Johann Joseph Ignatz Von Döllinger (1799-1890). Processão que foi submetida à Igreja no Brasil entre 1880 e 1920. A romanização refere-se à reeuropeização do catolicismo brasileiro ao centralizar os gestos do sagrado na Santa Sé e propor uma reforma em três áreas: a da formação intelectual e espiritual do clero; a da disciplina eclesiástica; e, a intensificação da pastoral junto aos fiéis para purificar a religiosidade popular. Cf. AZZI, Riolando. O movimento brasileiro de reforma católica durante o século XIX. REB. Petrópolis: Vozes, 34 v., março 1974, p. 646-662; AZZI, Riolando. **O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994; WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987; MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 30, out.2001, p. 323-324.

crianças<sup>450</sup>. Uma das maiores contribuições dos Trapistas foi a espiritualidade monástica cisterciense que transmitiram à população<sup>451</sup>.

Os Trapistas contribuíram para que os Padres Dehonianos se estabelecessem em Taubaté. O prior de Maristela, o Padre Nivard Canavat (1853-1927), conhecia o Padre Leon Dehon, fundador dos Dehonianos<sup>452</sup>. Na ocasião, o bispo de Taubaté, Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, precisava de professores para o seminário que fundou em 1910. O prior de Maristela expôs a situação ao Pe. Dehon<sup>453</sup>.

O Pe. Dehon resolveu ajudar e, depois dos devidos encaminhamentos e contratempos, os dehonianos chegaram a Taubaté no dia 20 de dezembro de 1919<sup>454</sup>.

---

<sup>450</sup>“Sempre no dia de São Pedro, o Abade Dom Jean-Baptiste Chautard vinha da França para fazer a Primeira Comunhão das crianças filhos dos colonos. Ele trazia grandes caixas de roupas para as meninas e para os meninos. Trazia vestidos brancos, véu e coroa de rosas brancas. Para os meninos, ele trazia roupas de marinheiro. Fazia um grande almoço para as crianças e para os pais; matava vacas gordas para a festa da Primeira Comunhão das crianças [...] Depois da festa acabada, fazia uma fila na saída da porta para que recebessem os presentes. As crianças recebiam conforme as perguntas que o Abade fazia. Alguns pais recebiam relógio, outros canivete, ele trazia tudo da França. Quando ele ia embora, ficavam tristes. As festas que ele fazia eram muito divertidas. Tinha missa com três celebrantes, banda de música, cantores de primeira categoria, meninas que recitavam, tudo isso acontecia na fazenda Maristela”. Cf. VIEIRA, Maria Augusta A. Lembranças, 1994, p. 3 (manuscrito).

<sup>451</sup>É significativo o testemunho de Maria Augusta a respeito da evangelização promovida pelos Trapistas: “Maristela foste o senhor da minha mocidade, foi o paraíso dos meus encantos, onde aprendi, com os Padres, viver como cristã verdadeira. Iámos à missa cantada aos domingos, das 10h00 e à tarde íamos rezar o terço e a Ladinha de Noss a Senhora Estrela do Mar; voltávamos todos alegres e contentes repetindo aqueles cânticos mais lindos da vida. Maristela naquele tempo, eu tinha onze anos, hoje tenho noventa e quatro anos, com essa idade avançada não me esqueci nem uma letra do que me ensinastes, das caminhadas que o povo fazia, todos juntos carregando os andores, e estandartes, cantando alegres os cânticos da Ave Maristela. Do Berizal a Maristela era bastante longe, podia estar chovendo ou fazendo frio ninguém ficava em casa, todos descalços, sem agasalhos acompanhavam a procissão cantando os louvores de Maria”. Cf. Ibidem, p. 14.

<sup>452</sup>SCHMITT, Pe. José Francisco. **Dehonianos no sul do Brasil:** 100 anos de presença e missão (1903-2003). São Paulo: Centro Dehoniano de Comunicação, 2003.

<sup>453</sup>Carta de Fr. León van Hoorn ao Rev. Peré, Feluy (Bélgica), 10 mai 1912. Archives Dehonianes, Rome, Invent.: n. 424.25. León van Hoorn era um monge de Mont-des-Cats, que vivia em Félix.

<sup>454</sup>SCHMITT, Pe. José Francisco. **O Conventinho de Taubaté:** História dos Dehonianos no Vale do Paraíba (1919-1997). São Paulo: Centro Dehoniano de Comunicação, 1997, p. 62-68. Os Dehonianos em 10 de maio de 1922 fundaram o Conventinho. Atualmente possuem um Seminário e uma Faculdade de Filosofia e Teologia em Taubaté-SP.

O fundador dos dehonianos (Padres do Sagrado Coração de Jesus), de origem Belga, esteve no Brasil em 1906, ocasião que visitou em outubro o Mosteiro Trapista de Maristela<sup>455</sup>.

O escritor Monteiro Lobato esteve no mosteiro de bicicleta:

Portei em Tremembé, e com o Eugênio de Azevedo fui de bicicleta ver um negócio na fazenda dos Trapistas – futura Abadia da Maristela, e retornamos com 30 quilômetros marcados nos ciclometros<sup>456</sup>.

Constitui uma fonte de informação interessante, embora o escritor não tenha esclarecido que espécie de negócio fora examinar. Faltam-nos maiores detalhes dessa aventura ciclista de Lobato até a fazenda dos Trapistas, em Tremembé, mas é um sinal de que o empreendimento estava no ponto alto de seu desenvolvimento e não na fase de decadência que levou os monges de volta à Europa.

O Mosteiro de Maristela era visitado habitualmente por importantes personalidades nacionais e estrangeiras: o ministro do Japão no Brasil, Sadatsuchi, apreciou muito a rizicultura desenvolvida pelos monges<sup>457</sup>; em 1911, Padre Gaffre, da França<sup>458</sup> visitou o lugar; em 1917, o Núncio Apostólico Dom Jacintho Scarpordini<sup>459</sup>; em 1920, o embaixador da França no Brasil Alexandre Robert Conty<sup>460</sup>; o Cardeal Dom Joaquim Arcoverde também esteve na Trapa<sup>461</sup>; o presidente da República, Afonso Pena, esteve em 1910 no mosteiro<sup>462</sup>; o ex-

<sup>455</sup>DEHON, Léon. **Mille lieues Dan dans l' Amérique du Sud**. Brésil, Uruguay, Argentine, Éditeurs Pontificaux, Paris,Tournai (Bélgique), [s. d.]. Mil léguas através da América do Sul é um diário de viagem do Pe. Dehon de 29/1906 até 11/01/1907.

<sup>456</sup>LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, 1 t. , (Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel). São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 172.

<sup>457</sup>CARVALHO, Vitorino C. de. **Tremembé**. São José dos Campos-SP: Gráfica São Dimas, [s. d.], p. 119-120.

<sup>458</sup>O Lábaro, n. 62, 9 de março de 1911, p. 1; O Lábaro, 23 de março de 1911, p. 3; O Lábaro, n. 236, 9 de julho de 1914, p. 3.

<sup>459</sup>O Lábaro, Taubaté-SP, n. 391,5 de julho de 1917, p. 2-3.; O Lábaro, n. 392, 12 de julho de 1917, p. 1.; O Lábaro, n. 484, 10 de abril de 1919, p. 3; O Lábaro, n. 485,17 de abril de 1919, p. 1; O Lábaro, 24 de abril de 1919. Dom Jacintho tornou-se núncio no Brasil em 1917. Cf. ACCIOLY,Hildebrando.

**Os primeiros núncios no Brasil.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

<sup>460</sup>O Lábaro, n. 546,17 de junho de 1920, p. 3.

<sup>461</sup>A Verdade, n. 229, 30 de maio de 1906, p. 1; A Verdade, n. 237, 27 de junho de 1906, p. 1.

<sup>462</sup>AUDRÁ, Arthur. Maristela; o convento da Trapa. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951, p. 97-98.

presidente do Estado de São Paulo Dr.Jorge Tibiriça conheceu o mosteiro e os trabalhos agrícolas desenvolvidos pelos Trapistas<sup>463</sup>.

Dom Chautard era o padre imediato do Mosteiro Trapista Nossa Senhora de Maristela, responsável por visitar o mosteiro regularmente. Realizou, a cada ano, uma visita canônica, só interrompida devido à Primeira Guerra Mundial. As visitas foram realizadas nas seguintes datas: 1905, 1912, 1913, 1915, 1917, 1926<sup>464</sup>.

Dom Epaminondas encarregou Dom Chautard<sup>465</sup> de realizar visita pastoral na paróquia de Tremembé, em 1914, e administrar o sacramento do crisma<sup>466</sup>. Em 1912, Dom Chautard visitou o Dr. Rodrigues Alves<sup>467</sup>, presidente do Estado e o secretário da agricultura. Em 1926, esteve no Rio de Janeiro para fazer uma conferência na Sociedade Médica Católica do Rio de Janeiro. Dom Chautard foi o responsável pelas negociações que resultou na construção de uma linha férrea por Tremembé. Estrada inaugurada em 26 de julho de 1914<sup>468</sup>. Quando D. Chautard faleceu, em 1935, foram celebradas missas de 7 e 30 dias na Catedral de Taubaté e no Santuário do Senhor Bom Jesus, em Tremembé.

D. Chautard, muito contribuiu junto do doutor Frontim então diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil para que fosse desviada a linha

---

<sup>463</sup>O Norte, n. 473, 15 de abril de 1909, p. 1; O Norte, n. 475, 22 de abril de 1909, p. 1.

<sup>464</sup>A Verdade, n. 129, 26 de maio de 1905, p. 1; A Verdade, n. 132, 6 de junho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 139, 2 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 141, 7 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 142, 11 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 134, 14 de junho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 144, 18 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 145, 21 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 2056, 23 de agosto de 1905, p. 1; A Verdade, n. 146, 25 de julho de 1905, p. 1; A Verdade, n. 133, 27 de junho de 1905, p. 1; O Lábaro, n. 69, 27 de abril de 1911, p. 3; O Lábaro, n. 242, 20 de agosto de 1914; O Norte, n. 1915, 18 de Maio de 1919, p. 1; Correio de Taubaté, n. 27, 9 de maio de 1926, p. 1; Correio de Taubaté, n. 41, 27 de junho de 1926, p. 1; Correio de Taubaté, n. 27, 9 de maio de 1926, p. 1; Correio de Taubaté, n. 41, 27 de junho de 1926, p. 1; O Lábaro, n. 69, 27 de abril de 1911, p. 3; O Lábaro, n. 87, 31 de agosto de 1911, p. 2; O Lábaro, n. 129, 3 de junho de 1912, p. 3; O Lábaro, n. 180, 5 de junho de 1913, p. 1. Cf. também, BRANDÃO, Ascânia. Dom Epaminondas, SP, Oficinas Gráficas, Ave-Maria, 1941, p.117-118; Jornal dos Agricultores Apud CARVALHO, Vitorino C. de. Tremembé, São José dos campos-SP, Gráfica São Dimas, [s.d.], p.126; Écos Marianos da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, periódico ilustrado, suplemento do Santuário de Aparecida, Oficinas Gráficas Santuário de Aparecida, 1947, p. 92-95.

<sup>465</sup>MARTELET, Bernard. **Dom Chautard abbé de Sept-Fons**. Paris (France): Médiaspaul, 1994.

<sup>466</sup>Livro do Tombo, 1917-1946, Santuário do Bom Jesus de Tremembé, fls. 30.

<sup>467</sup>EGAS, Eugenio. Galeria dos Presidentes de São Paulo: período Republicano (1920-1924) e Vice-Presidente, 3 v, São Paulo, Publicação Oficial do Estado de São Paulo,1927.

<sup>468</sup>Cf. LIVRO DO TOMBO, (1917-1946) do Santuário do Bom Jesus de Tremembé, p. 20.

que de Taubaté vai a Pindamonhangaba, o que foi feito, passando a variante por Tremembé<sup>469</sup>.

Portanto, a inauguração da Estrada de Ferro contou com o empenho dos Trapistas, como mostram as citações abaixo:

O convento era visitado habitualmente por importantes personalidades nacionais, que iam conhecer a técnica dos Trapistas e estes conseguiram até um ramal da então Estrada de Ferro Central do Brasil pra transporte de seus produtos<sup>470</sup>.

A pedido da Congregação Trappista, o Dr. Paulo de Frontin, director da central do Brasil, determinou ao Dr. Sá Freire, engenheiro residente deste distrito, que estudasse uma variante de linha, a fim de que essa via ferrea possa tocar em Tremembé, como é desejo dos trappistas, grandes lavradores na localidade e da respectiva Câmara Municipal<sup>471</sup>.

A rizicultura, introduzida pelos Trapistas, era fator de desenvolvimento da agricultura regional, o que exigia facilitação no escoamento da produção:

Atualmente projeta o Governo do estado a construção de uma linha férrea ligando Taubaté aos Campos do Jordão, passando pelo Tremembé, estrada que será de grande vantagem para este município, visto ter de atravessar uma fertilíssima zona agrícola<sup>472</sup>.

Posteriormente, o Dr. Paulo de Frontin, numa homenagem que lhe foi feita na Câmara Municipal de Tremembé, reconheceu os esforços dos Trapistas na pessoa de Dom Chautard: “[...] agradeceu a homenagem e rememorando os esforços de D.

<sup>469</sup>FÉLIX, Minucius. Trapa da Maristela. Correio de Taubaté, n. 348, 7/07/1929, p. 2-3). Cf. também GUISARD FILHO, Félix. A Trapa de Maristela, Notícia Bibliográfica e Histórica, n. 132, Out. /Dez. 1988.

<sup>470</sup>O Estado de S. Paulo, 12/03/1981 Apud Notícia Bibliográfica e Histórica, n. 103, Jul. /Set. 1981, Campinas-SP, p. 183-184.

<sup>471</sup>O Lábaro, n. 133, 11/07/1912, p. 5.

<sup>472</sup>Tremembé, Separata do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1912, p. 151. A Estrada de Ferro foi importante para escoar outros produtos e o fato dos Trapistas terem concorrido para o progresso agrícola: “A estatística de exportação dos produtos do município de Tremembé, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, durante o ano próximo findo, foi o seguinte: arroz, 1.011.630 kg; tijolos para construção 1.811.000 kg, palha de arroz, 561.768 kg, palhões para garrafas, 182.559 kg. Convém notar que a estatística acima foi só o que passou pela Estrada de ferro, não contando esses e outros produtos expedidos por outras vias de comunicação, que atingem a uma soma considerável. Quanto concorreram, direta e indiretamente para esse progresso agrícola, os Trapistas de Maristela, pode-se imaginar”. O Lábaro, Taubaté-SP, n. 422, 07/02/1918, p. 1.

Chautard, D.Valois e Marechal Hermes, para que se torne uma realidade a passagem da Central em Tremembé [...]"<sup>473</sup>.

O sucesso da empreitada Trapista na região valeparaibana atraiu a atenção de muitos estados do Brasil, que pediam aos Trapistas a fundação de mosteiros<sup>474</sup>. Dom Chautard respondeu que era muito cedo para pensar em outros mosteiros Trapistas<sup>475</sup>. Em 1905, chegou a Tremembé um delegado do governo de Alagoas para tratar de uma fundação Trapista naquele estado<sup>476</sup>. Em 1918, um pedido de fundação em Minas Gerais, no arcebispado de Diamantina<sup>477</sup>.

---

<sup>473</sup>Ata da Câmara de Tremembé, 02/03/1910 à 02/01/1924, Sessão Solene, 26/07/1914, p. 137.

<sup>474</sup>A Verdade, Taubaté-SP, n. 251, 29 de agosto de 1906, p. 1; A Verdade, 29 de setembro de 1904, p.1; Jornal de Taubaté, 23 de agosto de 1905; Jornal Santuário de Tremembé, 21 de abril de 1904 Apud CARVALHO, Vitorino C. de. **Tremembé**. São José dos Campos-SP: Gráfica São Dimas, [s.d.], p. 125.

<sup>475</sup>Jornal dos Agricultores, fevereiro de 1905 Apud CARVALHO, Vitorino C. de. **Tremembé**. São José dos Campos-SP: Gráfica São Dimas, [s.d.], p. 126.

<sup>476</sup>Jornal de Taubaté, n. 1092, 29 de janeiro de 1905, p. 2.

<sup>477</sup>O Lábaro, Taubaté-SP, n. 445,18 de julho de 1918, p. 3; Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard, Sept-Fons, 20 de dezembro de 1917, p. 1.

#### 4. TRAPISTAS DE MARISTELA – A SAÍDA DO BRASIL

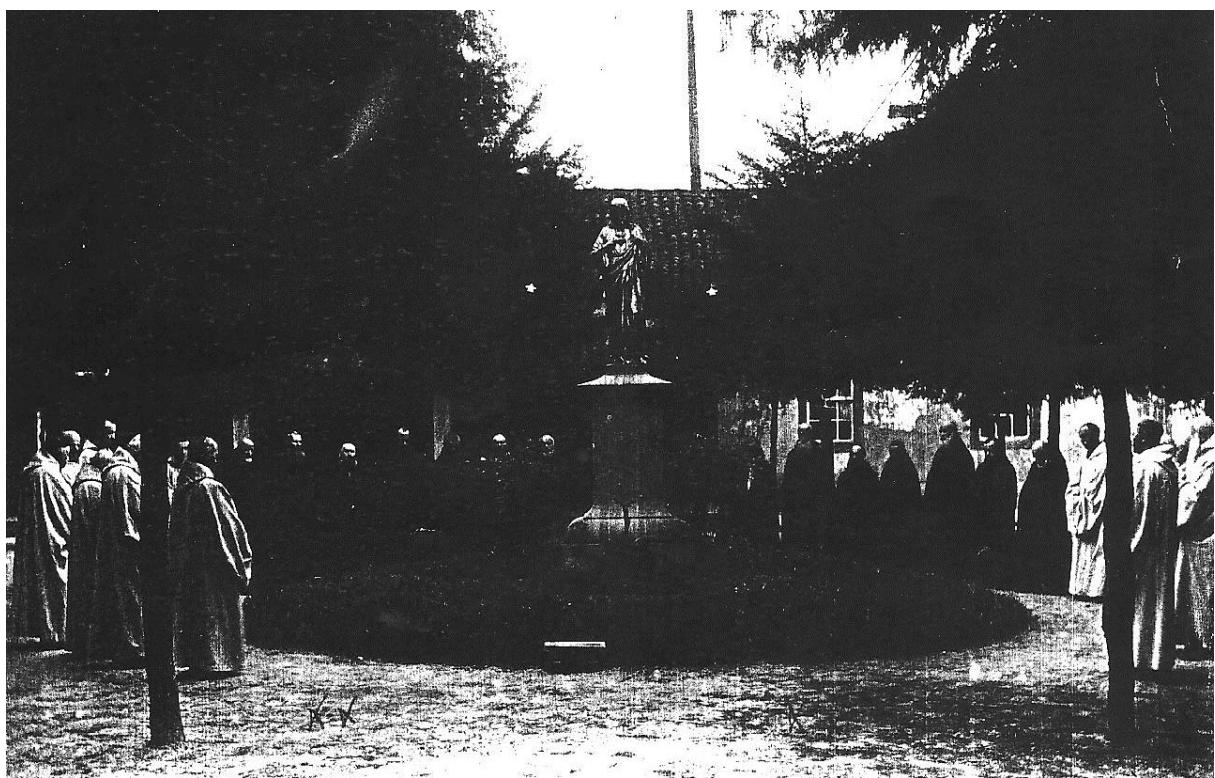


Figura 19. Reunião de despedida. *Fonte: Arquivo José Pereira da Silva*



Figura 20. Cemitério do Mosteiro de Nossa Senhora do Novo Mundo. Neste local jazem os restos mortais dos Monges do Mosteiro de Maristela e Monjas Trapistas. *Foto: José Pereira da Silva*

As dificuldades atingiram o mosteiro Maristela e, malgrado os protestos da hierarquia diocesana e do povo da localidade, Dom Chautard decidiu fechar Maristela<sup>478</sup>.

Merece atenção o fato de que tenha ficado sob a responsabilidade de Dom Chautard a decisão polêmica de fechar o mosteiro. Fechamento definitivo ou provisório. A decisão cabe à autoridade e à comunidade cabe simplesmente aceitar.

Este momento significou uma crise interna para a comunidade Trapista no Vale do Paraíba. Era preciso decidir o que fazer. As obras realizadas até então não eram suficientes para deter o processo de determinação do fechamento. Dom Chautard decidiu fechar o mosteiro<sup>479</sup>.

Existiram divergências acerca do fechamento de Maristela. Dom Chautard não encontrava outra saída, principalmente devido à falta de vocações.

No momento de crise, o Pe. Sébastien Vittrant, expressando os sentimentos provavelmente de muitos da comunidade Trapista, dirigiu-se a Dom Ollitrault, Abade Geral<sup>480</sup>. Muitas das alegações de Dom Chautard para o fechamento de Maristela foram contestadas. Existia, na comunidade, a esperança de que o mosteiro não fosse fechado. O Pe. Sébastien dizia: “Porque fechar esse mosteiro quando nada justifica semelhante medida, e que, ao contrário, tudo demanda sua conservação, para a glória de Deus?”<sup>481</sup>.

Contestava a alegação de falta de vocações afirmando que tinham irmãos conversos, quatro professos solenes e dez noviços. Acreditava nas vocações brasileiras, porém entendia que Dom Chautard não havia se empenhado o suficiente para ter mais. Haveria a possibilidade de transferir o mosteiro para Santa Catarina,

<sup>478</sup>Carta de Dom Jean Baptiste Chautard à Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Sept-Fons (França), 23 de fevereiro de 1921; Carta de Carlos Magalhôes de Azevedo à Octávio Mangabeira, Roma, 30 de janeiro de 1928; Ofício da sagrada Congregação dos Religiosos à Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, n. 264, 15 de maio de 1918; Carta de Carlos Magalhôes à Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Teresópolis, 6 de março de 1928; Carta de Dom Jean Baptiste Chautard à Dom Epaminondas Nunes de Ávia e Silva, [s.d.].

<sup>479</sup>Carta ao Pe. Marie-Albert (Orval), Tremembé, 30 de outubro de 1931.

<sup>480</sup>Carta do Pe. Sébastien Vittrant a Dom Ollitrault, Maristela, 08/09/1927, p. 1. Posteriormente, Dom Chautard escreveria ao procurador geral dos Trapistas sobre o Pe. Sébastien e de certa forma constatar suas afirmações. Ao que parece, a Sagrada Congregação dos Religiosos pede ao procurador dos Trapistas esclarecimentos sobre o estado do pessoal de Maristela. Cf. Bilhete de Dom Chautard ao Procurador da Ordem Trapista, [s.l.:s.d.].

<sup>481</sup>Carta do Pe. Sébastien Vittrant a Dom Ollitrault, Maristela, 08/09/1927, p. 1.

como foi sugerido por alguns superiores religiosos do sul do país. Lá, teriam vocações<sup>482</sup>. Entendiam que a ausência de um superior canônico impedia iniciativas em prol de vocações<sup>483</sup>.

Quanto à questão alegada por Dom Chautard dos perigos do apostolado<sup>484</sup>, rebatiam lembrando que o mesmo afirmara, no início, que eram missionários. Que dava indulto para que os padres Trapistas celebrassem em muitos lugares. Que aceitou que tivessem paróquia. O próprio Dom Chautard fez visita pastoral e realizou crisma a pedido de Dom Epaminondas, bispo de Taubaté<sup>485</sup>.

O fato de o mosteiro Maristela não ter superior residente prejudicou o seu andamento. Dom Chautard quis governar ele mesmo Maristela.

Alguns monges estavam desanimados e desejavam partir, porque as coisas não estavam bem. Havia o entendimento de que os problemas poderiam ser remediados e solucionados por um bom superior canônico.

Ficou decidido transferir os Trapistas para a Europa, a partir de 1925, logo que as ameaças de perseguição religiosa fossem menores. Num primeiro momento, pensou-se em transferir os Trapistas para o mosteiro de Caldey. Uma das alegações para o fechamento foi o clima tropical<sup>486</sup>. O clima era um aspecto a ser considerado, porém não preponderante.

<sup>482</sup>Carta do Fr. Nicolas Grivel a Dom Ollitrault, Tremembé-SP, 16/12/1926, p. 2.

<sup>483</sup>Carta do Fr. Nicolas Grivel a Dom Ollitrault, Tremembé-SP, 16/12/1926, p. 2.

<sup>484</sup>O Capítulo Geral dos Trapistas de 1904, na quinta sessão, tratou da questão do apostolado dos Trapistas. O apostolado só em casos especiais. Cf. Actes du Chapitre Général de L' Ordre des Cisterciens Réformés ou da La Stricte Observance, XI Chapitre Général, du 8 au 14 Octobre, cinquième séance, 1904.

<sup>485</sup>Livro do Tombo do Santuário Bom Jesus de Tremembé. Termo da visita pastoral feita pelo Exmo. Sr. Dom João Baptiste Chautard, abade O.C.R., visitador diocesano, Tremembé, 31/08/1914, p. 2-3.; Livro do Tombo do Santuário do Bom Jesus de Tremembé. Provisão nomeando o Exmo. Sr. Dom João Baptiste Chautard, Abade O.C.S., visitador diocesano, 07/07/1914, p. 2.; Livro do Tombo do santuário do Bom Jesus de Tremembé (1917-1946). Provisão para administrar a Confirmação, p. 30.

<sup>486</sup>Casa Generalícia dos Trapistas. Vocable Notre Dame. de Maristella (1904-1927). Thomas Merton afirmava qua a vida cisterciense é deformada no clima tropical devido a mitigações. Cf. MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Tradução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, [s.d.], p.180.

Os próprios Trapistas de Maristela ficaram impressionados com a suavidade do clima local<sup>487</sup>. O clima não era um obstáculo, pois algumas observâncias que o clima dificulta não impede a união com Deus, o silêncio, a prece, a penitência e o trabalho<sup>488</sup>.

A Santa Sé, através da Congregação dos Religiosos, autorizou a saída dos Trapistas do Brasil<sup>489</sup>. O cardeal Laurent escreveu ao bispo de Taubaté comunicando o fato<sup>490</sup>.

A partir de 1927, os Trapistas, em pequenos grupos, regressaram para as Abadias de Sept-Fons e Orval<sup>491</sup>. A maior parte dos monges de Maristela foram para o mosteiro Nossa Senhora de Orval, na Bélgica<sup>492</sup>.

O primeiro grupo partiu em 1927: nove monges entre os quais o Padre Maur, prior e o Padre Leon, vice-prior<sup>493</sup>. O segundo grupo partiu em 1928: onze monges,

<sup>487</sup> A Verdade, n. 55, 14/04/1904, p. 1. Cf. Também: “Basta atestar a excelência do clima e a qualidade das terras, o fato dos frades trapistas terem ido espontaneamente para aquela localidade, quando tiveram oferecimento de terras gratuitamente em outros Estados e municípios que visitaram”. Cf. LONG, Roberto G. O Vale do médio Paraíba. In: **Revista Brasileira de Geografia**, jul./set.1953, p.339. Cf. “Basta atestar a excelência do clima e a qualidade das terras, o fato dos frades trapistas terem ido espontaneamente para aquela localidade, quando tiveram oferecimento de terras gratuitamente em outros Estados e municípios que visitaram”. LONG, Roberto G. O Vale do médio Paraíba. In: **Revista Brasileira de Geografia**, jul./set.1953, p. 339; “A amenidade do clima, que é dos melhores, fez com que Tremembé se tornasse estação de saúde para os moradores de Taubaté e Pindamonhangaba”. Jornal de Taubaté, n. 2.367, 1/12/1907, p. 1.

<sup>488</sup> Carta do Pe. Sébastien Vittrant a Dom Ollitrault, Maristela, 8/09/1927, p. 2.

<sup>489</sup> Secretaria della Sacra Congregazione dei Religiosi. Ofício ao procurador dos Trapistas, Roma, 1 settembre 1927, n. 705/27.

<sup>490</sup> Ex Secretaria Sacrae Congregationis de Religiosis. Ofício a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Romae die 15 maji 1928. n. 264/28.

<sup>491</sup> Segundo Maria Augusta de A. Vieira, que conheceu os Trapistas, a partida deles causou tristeza na população local: “Eu não cheguei a ver a mudança deles [...] mais as pessoas que viram me contaram, que foi a coisa mais triste ver os grandes amigos ir para tão longe. E nunca mais a gente poder ver; quem me contou me disse que não houve quem não chorasse a falta que eles iriam fazer. Todo o povo das duas fazendas ficaram na beira da estrada de Tremembé para verem pela última vez os Padres Trapistas, que eram os pais da humanidade. A fazenda Maristela para quem conheceu do começo ao fim, como eu conheci só deixou saudades e recordações em todos os nossos corações”. Cf. VIEIRA, Maria Augusta de A. Lembranças, 1/09/1994, p. 12. (manuscrito).

<sup>492</sup> A Abadia de Orval era um mosteiro de origem medieval, ficou muito tempo desativado e abandonado. No século XX, graças a ajuda da Casa Real Belga e de outros benfeiteiros ela foi reconstruída. Cf. GREGOIRE, P. Chr. Orval au fil des siècles, 2 v. Deuxième partie: Épanouissement, destruction, relèvement, Bélgica, Abbaye d'Orval,1992.

<sup>493</sup> “A mudança dos Padres foi levada por carros de bois, naquele tempo não havia caminhão. Eles foram a pé atrás dos carros de mudança. Eles foram de hábito branco com o escapulário preto com um grande chapéu na cabeça. Os carros foram cantando nos eixos e os Padres atrás dos carros cantando a despedida todos juntos... Adeus, Adeus. Oh! Mãe querida. Te dei a minha vida, de ti espero o céu. Aqui neste santuário, saudoso eu vou deixar. Espero que um dia, esses teus olhos meigos eu possa contemplar”. VIEIRA, Maria Augusta de A. **Lembranças**, 1994, p. 13 (manuscrito).

entre os quais o Padre Alexis Ducrey que sucedeu o prior Padre Maur<sup>494</sup>. O terceiro grupo partiu em 1928: três monges. O quarto grupo partiu em 1930: dezesseis monges. Portanto, dezessete monges retornaram para Europa. No Brasil, dezessete monges Trapistas faleceram.

Em 1931, foi assinado o contrato de venda da fazenda. O comprador foi Mário Audrá<sup>495</sup>. Em 1925, foi vendida a fazenda Berizal. Em outubro de 1936, retorna para Europa o Pe. Antoine Giguelay, o último Trapista, depois de liquidar a situação material do mosteiro<sup>496</sup>. É preciso compreender que as terras do mosteiro Maristela, usadas para a agricultura, estavam em processo de esgotamento. A solução era vender o quanto antes para evitar a desvalorização<sup>497</sup>.

Com efeito, tudo indica que as terras de Berizal (e também de toda Maristela) se esgotam muito rapidamente. Se esperamos também para vender Berizal, nos arriscamos em não encontrar comprador por um preço conveniente<sup>498</sup>.

O lucro da venda era importante para as despesas da viagem para Europa: passagens e transporte dos materiais do mosteiro.

Estamos ocupados em embalar tudo o que poderemos levar. Pensávamos que não chegariam nas 20 toneladas para as quais o senhor obteve frete grátis, mas vamos ultrapassá-las em 2 ou 3 toneladas, me disseram. Penso que o senhor não terá dificuldade para obter igualmente dispensa de pagamento de frete para este excedente<sup>499</sup>.

Após o fechamento de Maristela e a saída dos Trapistas do Brasil, houve mudança em relação à política de fundação. De acordo com os Capítulos Gerais:

<sup>494</sup> Na ocasião o mosteiro Trapista tinha entre 40 a 45 monges.

<sup>495</sup> Cartório de Registro de imóveis e anexos de Taubaté, livro 3-A, de transcrição das transmissões, às fls. 22, feita em 13 de abril de 1931, transcrição n. 1.018, em decorrência de compra e venda da fazenda Palmeira.

<sup>496</sup> Casa Generalícia dos Trapistas. Vocabulário: N. D. de Maristella (1904-1927), Roma.

<sup>497</sup> A discussão da venda das terras de Maristela e Berizal já vinha de longa data, cf. Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard à Dom Marre, Sept-Fons-Maristela, 20 de dezembro de 1917.

<sup>498</sup> Carta de Dom Jean Baptiste Chautard a Dom Marre, 20/07/1917; Carta do Fr. Antoine Giguelay au Abbé Général, Tremembé-SP, 24/12/1930.

<sup>499</sup> Carta que trata do fechamento de Maristela, Roma, 19 de maio de 1928; Carta do Pe. Giguelay ao Pe. Prior de Orval, Tremembé-SP, 12/04/1931; Carta da Abadia de Sep-Fons, 16 de janeiro de 1927. Sept-Fons/Maristela/Orval.; Carta de D. Fabien Dutier, definidor à Dom Norbert Sauvage, procurador geral, Citeaux, 23 de junho de 1921; Carta do Ir. Ambroise Derain ao Pe. Albert (Prior de Orval), 12 de agosto de 1929; Ofício da empresa Maritima Lloyd Royal Belge S.A. ao Pe. Superior Marie Albert (Abadia de Orval), Anvers, 24 de agosto de 1929; Ofício da Empresa Maritima Lloyd Royal Belge S.A. ao Pe. Superior Marie Albert (Abadia de Orval), Anvers, 30 de agosto de 1929.

“Só podemos aceitar propostas de fundação em países longínquos, quando estes sejam refúgios indispensáveis em caso de expulsão”<sup>500</sup>.

O Capítulo Geral, de 1920, decidiu que toda casa que não pudesse recrutar seus membros na região, onde estivesse estabelecida, seria suprimida. Se a fundação fosse além-mar, seriam necessárias várias casas, não muito afastadas umas das outras, com o fim especial de facilitar a visita dos superiores.

Em 1926, o Capítulo Geral debateu a questão de Maristela e Orval. Quanto à questão da venda de Maristela, teria de vender a propriedade num período de crise econômica mundial. Então se discutiu o valor da venda. Previa-se que em 10 ou 15 anos toda a propriedade de Maristela esgotar-se-ia. A venda deveria ser feita o mais rápido possível para não desvalorizar as terras. Estudavam a possibilidade de comprarem outras terras, provavelmente no estado de Minas Gerais (Diamantina ou Poços de Caldas)<sup>501</sup>. O Capítulo Geral da Ordem em 1920 autorizou Dom Chautard a vender parte da propriedade de Maristela e aceitar outra propriedade que tivesse vantagens<sup>502</sup>. O resultado da venda seria usado para pagar dívidas de Sept-Fons, contraídas por Dom Sébastien Wyart ou mesmo dívidas de Maristela. Os Trapistas receberam uma propriedade em Três Poços/MG, mas Dom Chautard não permitiu que os Trapistas se instalassem lá. Essa propriedade depois foi doada aos monges Beneditinos do Rio de Janeiro<sup>503</sup>.

Existe também o fator Orval, a ressurreição ou segunda fundação da Abadia de Orval (1926). Um dos fatores que contribuiu para o fechamento do mosteiro

<sup>500</sup>Actes Du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés, VII Chapitre (1900), Du 12 au 17 septembre, huitième séance.

<sup>501</sup>Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard à Dom Marre, Sept-Fons-Maristela, 20 de dezembro de 1917, p. 1.

<sup>502</sup>Actes des Chapitres Généraux de L'Ordre des Cisterciens de La Stricte Observance, 1920, 4 Sessão. p. 16.

<sup>503</sup>Carta de Dom Clemente Isnard á José Pereira da Silva, Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1999; Mensagem, Refúgio do Brasil, [s.l.: s.d.]; Carta do Dr. Affonso Bandeira de Mello ao Pe. Alexis Ducrey, Tremembé-SP, 08 de janeiro de 1919. Fazenda Três Poços: Levantamento histórico segundo os documentos, feito provavelmente pelo advogado do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Dr. Antônio Sá de Miranda Faria (original do Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, 26 de março de 1986, escrito por Dom Matheus Ramalho Rocha, OSB). ACCIOLY, Dom. “A fazenda de Três Poços, sua real situação”, Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, 31 de maio de 1968 (datilografada). Translado da Escritura de 10.08.1921 registrada no Livro 459, folha 73 do Cartório do \$ Ofício do Rio de Janeiro, tabelião Dr. Belisário Fernandes da Silva Távora; LIMA, Roberto Guião de Souza. A Fazenda Três Poços de 1918 até 1968. In: LIMA, Roberto Guião de Souza (Org.) **Fazenda Três Poços: do Café à Universidade**. Volta Redonda-RJ: FOA, 2007, p.103-182.

Maristela foi a reabertura de Orval e a necessidade de monges para formar a comunidade. Naturalmente que os monges Trapistas de Maristela surgiram como solução.

A Abadia de Sept-Fons foi insistente convidada por todos os bispos da Bélgica para reconstruir as ruínas da Abadia de Nossa senhora de Orval, fundada no século XII. Discutiu-se qual mosteiro abrigaria os Trapistas de Maristela, depois de duas horas de discussão, optou-se por Orval, ao invés da fronteira hispano-portuguesa. Era uma decisão espinhosa e Dom Chautard queria explicar sua decisão<sup>504</sup>. E pediu que fosse mantido pela futura comunidade de Orval o que foi concedido pelo indulto de 9 de dezembro de 1904: Que o mosteiro de Orval se tornasse, no lugar de Maristela, o refúgio no qual a comunidade de Sept-Fons, se fosse obrigada a deixar a França, pudesse se abrigar e que, mesmo não tendo sido erigida canonicamente, pudesse receber noviços.

Frei Nicolas Grivel, do Conselho do mosteiro Maristela, questionava as despesas com o transporte e as dificuldades na transferência para Europa de quarenta religiosos idosos e enfermos, já acostumados aos trópicos<sup>505</sup>.

A saída da Ordem Trapista do Brasil percurtiria de maneira desfavorável, sobretudo no alto clero<sup>506</sup>. Este entendia que o mosteiro poderia contribuir com sua vida contemplativa e litúrgica para os padres. Quanto à falta de vocações, a falha estava em Maristela não ter superior canônico. Chegou-se a pedir a visita do Abade Geral ou a indicação de um Abade independente para avaliar a situação de Maristela com imparcialidade<sup>507</sup>.

A comunidade Trapista passava por dificuldades e descontentamentos, porém evitavam o fechamento de Maristela<sup>508</sup>.

<sup>504</sup>Carta sobre a supressão de Maristela, Roma, 19 de maio de 1928; Carta do Fr. Giguelay a Dom Smets (Abade Geral), Tremembé-SP, 24 de dezembro de 1930.

<sup>505</sup>Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 16 de dezembro de 1926.

<sup>506</sup>Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 12 de março de 1927.

<sup>507</sup>Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 16 de dezembro de 1926, p. 1-2.

<sup>508</sup>Carta do Fr. M. Sébastien Vitrant a Dom Ollitrault (Abade Geral), Maristela, 8 de setembro de 1927, p.1-3.; Ofício da sagrada Congregação dos Religiosos ao Procurador da Ordem dos Trapistas, n. 3783, Roma, 26 de julho de 1921; Ofício da Sagrada Congregação dos Religiosos aos Procuradores da Ordem Trapista, n. 378, Roma, 16 de julho de 1923; Ofício da Secretaria da sagrada congregação dos Religiosos ao Procurador Geral dos Trapistas, n. 3783, Roma, 22 de agosto de 1922; Carta do Fr. Nicolas Grivel a Dom Ollitrault (Abade Geral), Tremembé-SP, 6 de agosto de 1926.

Descaracterização da vida Trapista?<sup>509</sup>. Talvez uma das preocupações de Dom Chautard também fosse com o rumo que estava tomando as atividades pastorais dos monges fora do mosteiro<sup>510</sup>. Em mente teria a experiência de apostolado de Kasanza (Congo).

Em visita canônica de Dom Chautard em 1925,<sup>511</sup> ele fez algumas observações: a proibição de sair do claustro sem uma permissão geral ou especial, que seriam renovadas por escrito a cada semestre; ir menos à cidade vizinha; ninguém poderia fazer viagem sem grave necessidade; ter critérios ao convidar pessoas para visitarem o mosteiro; a questão de o monge sacerdote exercer seu ministério fora do mosteiro, assunto debatido no Conselho do mosteiro de 1912. Existia, então, na Diocese de Taubaté, uma carência de padres.

Alguns sacerdotes Trapistas estariam perdendo seu espírito cisterciense-Trapista em função do trabalho apostólico. Existe o caso de um sub-prior que não queria voltar a Abadia de Sept-fons ou Orval visto ser, nessas abadias, a observância mais rigorosa. Surgia, assim, a necessidade de se preservar o espírito cisterciense-Trapista, ao mesmo tempo em que se olhava a necessidade de dar assistência religiosa à população circunvizinha do mosteiro.

Chegou-se a conclusão que Maristela não era mais um refúgio viável para Sept-Fons, entre outros motivos, pela elevação dos preços das passagens depois da Primeira Guerra Mundial<sup>512</sup>.

No Capítulo Geral da Ordem, em 1920, a Abadia de Sept-Fons foi autorizada a transferir os Trapistas de Maristela para a Europa, com a condição que vendessem a propriedade no Brasil<sup>513</sup>.

<sup>509</sup> Thomas Merton entendia que os monges Trapistas de Leopoldville no Congo Belga, os de Beagle Bay, na Austrália Setentrional e os monges do Brasil rapidamente perderam seu verdadeiro caráter cisterciense. Achava também que os trópicos não seriam apropriados para vida monástica. Cf. MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Tradução: Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, [s.d.], p.180. Com relação ao clima, devemos lembrar que o local onde os Trapistas de Maristela viveram tinha uma temperatura amena. Os próprios Trapistas ficaram agradavelmente impressionados com a suavidade do clima de Tremembé. Cf. A Verdade, Taubaté-SP, 15/09/1904, p. 2. .

<sup>510</sup> Resumo do conselho do dia 08 de agosto de 1912, sobre os princípios de nosso apostolado no Brasil – Consequências desses princípios; Carta de visita canônica de Maristela para o ano de 1925, [sl.: s.d.].

<sup>511</sup> Carta de visita canônica de Maristela para o ano de 1925, [s.l.:s.d], p. 1-7.

<sup>512</sup> Carta ( Sept-Fons/Maristella/Orval), Sept-Fons, 16 de janeiro de 1937, p.1.

<sup>513</sup> Chapitres Généraux de L'Ordre des Cisterciens da La Stricte Observance, 12 Sessão, 1925, p. 22.

Um monge do Mosteiro de Maristela, em carta de 1931 dirigida ao Padre Marie-Albert de Orval, expressou o sentimento de todos com relação ao fechamento de Maristela: lamenta-se que o Brasil não tenha mais um mosteiro Trapista<sup>514</sup>.

A situação dos monges de Maristela era um pouco complicada. A comunidade não tinha autonomia, sendo um anexo da Abadia de Sept-Fons. Não obstante, obtinha um indulto (uma permissão especial) para os postulantes, permitindo-os fazer o seu noviciado no Brasil em lugar de Sept-Fons. Também os noviços foram admitidos à profissão monástica depois da votação dos únicos professos solenes de Maristela.

Em 1927, novo indulto permitiu aos professos solenes de Orval de admitir os antigos noviços de Maristela para a profissão solene. Assim, daquele momento em diante, não são os monges de Sept-Fons, de fato sua “casa-mãe”, que votam para eles. Além disso, os monges de Maristela, embora canonicamente dependentes de Sept-Fons, podem votar para os monges de Orval.

Em 1935, Orval foi erigida em Abadia autônoma. No mesmo ano, os monges, até então professados de Sept-Fons, precisaram fixar sua opção por Orval ou voltar a Sept-Fons<sup>515</sup>. Apenas um monge de Maristela regressa a Sept-Fons. Os Trapistas de Maristela foram enviados à Orval no curso dos anos de 1928, 1929 e 1930<sup>516</sup>. Em 1936, a questão de Maristela é confiada ao definitório da Ordem<sup>517</sup>. Em 1936, a validade de certas profissões monásticas foi confirmada por Dom Vincent Herman, procurador na Casa Geral em Roma, o que é chamado uma “sanatio in radice”. Em 1949, não precisaram mais de indultos, pois Dom Marie-Albert Van der Cruyssen foi eleito abade de Orval.

Na clausura do mosteiro Maristela, ainda, hoje, lemos: “Toujours je me souviendrai de vous, chère N.D. de Maristela. Adieu, Maristella, j'espere de vous revoir um jour”<sup>518</sup>.

---

<sup>514</sup>Carta do Ir. Ambroise Derain ao Pe. Marie-Albert, Tremembé-SP, 30 de outubro de 1931, p. 1.

<sup>515</sup>Carta (Sept-Fons/Maristella/Orval), Sept-Fons, 16 de janeiro de 1937.

<sup>516</sup>Dezenove monges de Maristela foram para Orval: 8 coristas, Pe. Maur Guyot superior de Maristela, onze conversos. Segundo a nacionalidade: 12 franceses, 3 holandeses, 2 poloneses, 1 espanhol, 1 português e 1 colombiano.

<sup>517</sup>Chapitres Généraux de L'Ordre dês Cisterciens da La Stricte Observance, 8 Sessão, 1936, p. 13.

<sup>518</sup>“Eu sempre vou me lembrar de você, querida Maristela. Adeus, Maristela, eu espero de vos rever um dia”.



**Figura 21.** Inscrição em azulejo no claustro do Mosteiro Maristela. *Foto: José Pereira da Silva*

Aqueles monges de Maristela nunca mais reviram aquele lugar, o tempo passou e aquelas palavras do Irmão Leonardo Van Lier prenunciaram e se tornaram realidade com a presença de outros Trapistas que Maristela apontaria para Novo Mundo. Em 2004, exatamente cem anos depois, os monges Trapistas de Nova Senhora do Novo Mundo pisaram no solo do antigo Mosteiro de Maristela. Por um breve tempo o antigo mosteiro se repovoou e em seus corredores circulou vida Trapista.

O regresso dos Trapistas para a Europa coincide com o de Thomas Merton<sup>519</sup> aos Estados Unidos. Em 1935, ingressa na Universidade de Colúmbia, na qual se doutorou em literatura inglesa. Ajudou através de seus livros, principalmente de espiritualidade, a tornar conhecidos os Trapistas no mundo.

<sup>519</sup>MERTON, Thomas. **A montanha dos Sete Patamares**. Tradução: José Gerardo Vieira. São Paulo: Mérito, 1952. É a autobiografia de Thomas Merton. Com 26 anos, entrou para o mosteiro Trapista. Seu livro foi escrito no mosteiro Trapista de Gethsemani, em Kentucky. A Montanha dos Sete Patamares é o extraordinário testamento e testemunho dum norte-americano ativo e brilhante. Merton serve-se da montanha de sete patamares da imagem de Dante Alighieri sobre O Purgatório como símbolo do mundo moderno. Homem de seu tempo em todos os sentidos, viveu no período entre duas guerras. Sobre o livro escreveu Graham Greene: “É um prazer raro ler uma autobiografia com um cunho e um sentido válido para todos nós”.

Atualmente, depois do falecimento de Thomas Merton (1968), vemos que os Trapistas seguem a trilha de seus ensinamentos. Dom Bernardo tem feito退iros periódicos estabelecendo um contato muito próximo com as obras deixadas pelo outro mestre americano.

Vinte e cinco anos depois, Dom Bernardo Bonowitz, nascido de família de judeus em New York, cursou a mesma universidade na qual Thomas Merton estudara. Formou-se em Letras Clássicas e tornou-se posteriormente monge Trapista. Em seguida, viria ao Brasil como prior do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. Sob seu priorado e abaciado, o Mosteiro Trapista vitalizou-se e tornou-se mais conhecido no Brasil.

A única maneira de se compreender a experiência Trapista em Tremembé é dentro do contexto do tempo presente e do esforço de gestação de uma nova identidade Trapista no Brasil.

Para poder avaliar a distância percorrida entre a mensagem deixada pelos últimos monges nas paredes de Maristela e a primeira peregrinação, basta lembrar que se passaram décadas. E precisamente, é a peregrinação que constitui o elemento entre o presente e o passado Trapista no Brasil.

A homilia de Dom Bernardo é um esforço para mostrar a continuidade do grande projeto dos Trapistas de Tremembé iniciado em 1904. Para os monges de Campo do Tenente, essa ideia é de importância quase constitutiva. A nova fundação precisava instituir uma memória viva de sua tradição. Fica claro o desejo dos monges de apoderarem-se do passado para legitimar ainda, com força, o seu presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saída da Europa e a vinda para o Brasil, no início do século XX, constituíram-se desafios à identidade dos monges Trapistas, que passaram a viver a “provisoriedade” de um novo ambiente, em um mosteiro considerado como “refúgio”.

Os Trapistas construíram sua vida monástica em meio aos desafios de um novo ambiente e à apropriação de uma cultura desconhecida. Houve um princípio de adaptação da vida cisterciense com os Trapistas de Maristela, mas uma identidade verdadeiramente brasileira ainda estava distante.

Os monges introduziram, no Estado de São Paulo, a cultura do arroz irrigado. Arrozais foram cultivados muitos anos depois com a técnica por eles introduzida. A marca da Trapa de Maristela está impregnada ainda nos campos tremembenses: na diversificação das atividades agrárias na região, onde antes predominava a monocultura cafeeira. Eles exercearam forte influência na vida socioeconômica da região do Vale do Paraíba.

Promoveram em Tremembé obras de formação dos colonos e seus filhos: trouxeram melhorias nas condições de vida da população local e realizaram atividades evangelizadoras e pastorais. Assim, lançaram as raízes do seu estilo de espiritualidade – a cisterciense.

A repercussão dos trabalhos dos Trapistas não só atingiu o Estado de São Paulo, mas também outros estados do Brasil, o que pode ser constatado mediante os pedidos para a fundação de mosteiros Trapistas em outras regiões. Esses pedidos podem ser entendidos como consequência dos benefícios socioeconômicos e religiosos trazidos com o trabalho dos monges Trapistas.

Justamente no momento em que estavam criando raízes e delineando sua identidade de monges Trapistas no Brasil, tiveram de regressar para a Europa. Vieram provisoriamente para esta terra, porém lançaram raízes. Maristela, a primeira tentativa de estabelecimento dos Trapistas para além do espaço cronológico de sua história, deixou marcos instigantes e desafiadores.

Marcos assumidos por sua congênere, o Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, em 1977: foi uma retomada da caminhada bruscamente interrompida na década de 30. Assumiram o desafio de construírem uma identidade genuinamente brasileira, conservaram a memória histórica e, ao mesmo tempo, assumiram o presente e olharam para o futuro com criatividade.

Esta busca pelo passado dos Trapistas de Maristela foi importante para os Trapistas atuais na configuração e transmissão da memória coletiva da Ordem para as gerações vindouras. Dentro do tempo presente e do trabalho de construção da nova identidade Trapista, compreendemos a experiência Trapista de Maristela. Estes foram os precursores e inspiradores da vida dos Trapistas atuais.

Não é o passado distante e morto, mas o presente que se configura no hoje. Passado e presente dialogando dialeticamente e se abrindo para o futuro

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I FONTES

#### 1 Fontes Manuscritas no Exterior

##### **1.1 ARQUIVO DA ABADIA DE N.D. DE SEPTS-FONS, FRANÇA.**

- Liste du personnel de Maristella ( I – Religieux, II – FF convers), 01/08/1923.
- Personnel du Maristella,Tremembé-SP, 05/10/1925.
- Contrat l'Association, 17/08/1907.
- Contrat du Bail entre Cia. Palmeita Ltda e l'Association Brasil lienne des Trappistes, Tremembé-SP, 06/08/1910.
- Contrat entre Cia. Palmeiras Ltda e Association Brésiliénne dês Trappistes, 06/09/1910.
- Notes et souvenirs sur Maristela, Fr. Alexis, Sept-Fons, 1945.
- Carta do Fr. Nicolas grivel ao Abade Geral dos Trapistas, Maristela, Tremembé-SP, 16/12/1926.
- Bail de Bérizal entre a Societá Anglacie Palmeiras Ltda e Gabriel Dias da Silva, Gustave Chautard e Alexis Ducrey, Tremembé-SP, 18/08/1907.
- Carta de Sept-Fons, França, 16/01/1927.
- Carta do Pe. Giguelay ao Pe, Marie Bernard, 27/09/1924.
- Carta de visite de Maristella pour l'anne 1926.
- Carta ao Padre Abade, [s.l.: s.d.].
- Carta do Pe. J.M. Moreaux ao Pe. Abade, São Paulo, 28/11/1919.
- Résumé Du conseil Du 7 âout 1912. Sur lês principes de notre apostolat au Brésil – conséquence de ces principes.
- Status de l'Association Brésiliénne des Trappistes, Tremembé-SP.
- Bail provisoir de Palmeiras (exceto) Bérizal, entre Societes Palmeiras Ltda e Gustave Chautard, Emile Mulliez e henri Buisson,18/12/1907.
- Carta sobre a Cia. Palmeiras Ltda, 12/04/1928.
- Relatório sobre Nossa Senhora de Maristella (1904-1927).

- Carta de Mr. Dervny, directeur au Siége central Du crédit Lyonnais à paris,dateé du 10 novembre 1927 et adressée à La Compagnie Palmeiras Ltda, pour La vente de Maristela, Paris, 10/11/1927.
- Carta da Campagnie Palmeira Ltda, Paris, 10/11/1927.
- Brève description dès activités de la Pameiras Ltda, d'avril 1928.
- Relation d'une soeur de Mâcon sur Le transfert de as communauté au Brésil.
- Relation du transfert de la communauté des Soeurs de Mâcon au Brésil, [s.d.].
- Liste du personnel de Maristella, dressée le 5 Octobre 1925, avec liste des "religieux et convers" décédés à maristella et liste de ceux qui été "rayés dès controles de La communauté", Le tout signé par Le Fr. M, Clément.
- Notes sur maristella et quelques fragments de La Direction et dès Instructions de notre R.P. Dom J.Baptiste Chautard, [s.l.: s.d.].
- Lettre de Maristella au Pe. Marie Bernard, 27/09/1924.
- Lettre sur maristella, Sept-Fons (França), le 16 janvier 1927.
- Notes et souvenirs sur Maristela, por Fr. Alexis (Jean Bossignol), manuscrit redige à Sept-Fons,1945.
- Ordre dès Cisterciens Réformes – État du Personnel du Monastere de N.D. Maristela (Brésil), Anne 1922,1925,1928.
- Estatuto da Palmeiras Ltda, Companhia limitada por ações, Londres, 19/11/1904.
- Cia Palmeiras Ltda e Associação Brasileira dos Trapistas. Contrato de arrendamento, 06/08/1910.
- Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard, Sept-Fons, 20/12/1917.
- Ofício da Sagrada Congregação dos Religiosos á Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, 15/05/1928. n. 264/28.
- Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard á Dom Marre, Sept-Fons – Maristela, 20/12/1917.
- Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard á Dom Marre, 20/07/1917.
- Carta do Pe. Giguely ao Prior de Orval, Tremembé-SP, 12/04/1931.
- Carta da Abadia de Sept-Fons, 16/01/1927.
- Carta de D.Fabien Dutler, definidor, à Dom Nobert Sauvage, procurador geral, Citeaux, 23/06/1921.
- Carta do Dr. Affonso Bandeira de Melloao Pe. Alexis Ducrey, Tremembé-SP, 08/01/1919.
- Carta do Ir. Nicolas ao Abade Geral, Maristela, 16/12/1926.

- Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 12/03/1927.
- Carta do Pe. Antonio Giguelay ao Abade Geral, Maristela, 24/12/1930.
- Carta de Sept-Fons/Maristella/Orval, França, 16/01/1937.
- Carta sobre a supressão de Maristela, Roma, 19/05/1928.
- Carta do Fr. Giguelay a Dom Smtes (Abade Geral), Tremembé-SP, 24/12/1930.
- Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 16/12/1926.
- Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 12/03/1927.
- Carta do Ir. Nicolas Grivel ao Abade Geral, Maristela, 16/12/1926.
- Carta do Fr. M. Sébastien Vitrant a Dom Ollitraud, Maristela, 08/09/1927.
- Carta do Ir. Ambroise Derain ao Pe. Marie-Albert, Tremembé-SP, 30/10/1931.
- Carta (Sept-Fons/Maristella/Oval), França, 16/01/1937.
- Statut de L'Association Brésilienne des Trappists, Tremembé-SP, 17 août 1907.

## **1.2 ARQUIVO DA ABADIA DE N.D. DE ORVAL, BÉLGICA**

- Lettre du Pe Mathieu au Abbé Général dês Trappistes Dom Ollitraud, Maristella (Tremembé-SP), 02/02/1923.
- Lettre du Pe. Giguelay au Pe. Priur, Tremembé, ?/9?/1931?
- Carta de Mário Audrá ao Pe. Ambrosio, Taubaté-SP, 10/05/1933.
- Carta da Nunciatura Apostólica do Brasil ao Pe. Sébastien Vittrant, Rio de Janeiro, 13/04/1927.
- Carta endereçada ao Abade Geral dos Trapistas, [s.l.: s.d.].
- Lettre de Dom Chautard au Procureur dês Trappistes, [s.l.], 1927.
- Lettre de Dom Chautard, [sl.: s.d.].
- Lettre de Fr. Ambroise Derain au Pe. Albert (Priur de Orval), 12/08/1929.
- Lettre de Fr. Ambroise Derani au Pe. Albert (Priur de Orval), Tremembé-SP, 30/08/1931.
- Lettre de (Dom Chautard ?) au Abbé Général dês Trappistes, [s.l.], 17/09/?
- Lettre de Fr. Bernard com infomações sobre os Trapistas que retornaram a Europa, Orval-Bélgica, 12 avril 1996.
- Carta do Ir. Ambrosio Derain ao Pe. Albert (Prior de Orval), 12/08/1929.

- Ofício da Empresa Marítima Lloyd Royal Belge S.A. ao Padre Superior Maria Albert (Abadia de Orval), Anvers, 24/08/1929.
- Ofício da Empresa Marítima Lloyd Royal Belge A. A. ao Padre Superior Marie Albert (Abadia de Orval), Anvers, 30/08/1929.
- Rayés dès contrôles de La communauté, 5 de octobre 1925.
- Carta do Fr. Antoine Giguely au Abblé Général, Tremembé-SP, 24/12/1930.

**1.3. ARQUIVO DA CÚRIA GENERALIZA CISTERCENSI S.O. (TRAPPISTI), Roma-Itália.**

- Carta do Cardeal Ferrata a Dom Jean Baptiste Chautard, Roma, 09/12/1904. N.17222.
- Lettre de Pe. Nivard au Abbé (Dom Chautard?), [s.l.], 30/12/1909.
- Lettre de Fr. Augustolis ao Padre Definidor Geral, [s.l.], 24/01/1910.
- Lettre de Dom Chautard au Procureur Dom Nobert Sauvage, Sept-Fons, 28/01/?
- Rescrito da Secretaria Sacrae Congregationis de Religiosis para Dom Chautard, Romae, die 14 Januarili 1918. n. 103/18.
- Lettre de Dom Chautard a Dom Nobert Sauvage, Sept-Fons, 11/2/1919.
- Lettre de Dom Chautard à Dom Nobert Sauvage, Sept-Fons, 02/02/?.
- Informatio Procuratoris Generalis Cisterciensium Ref. Dom Nobert sauvage, [s.l.], 1921. n. 3783.
- Ofício da Secretaria della Sacra Congregazione dei Religiosi aos Superiores Maiores Trapistas, Roma, 16 giuglio 1923. n. 3783.
- Ofício da Secretaria della Sacra Congregazione dei Religiosi ao Procurador Geral dos Trapistas, 03/01/1923. n. 6751.
- Lettre do Pe. Maur Guyot au Procureur Général dès Trappistes D. Robert Lescand, Tremembé-SP, 01/12/1923.
- État du Personnel du Monastère de N.D. Maristella (Brésil), annexe de Sept-Fons, 1922.
- Carta que trata do fechamento de Maristela, Roma, 19/05/1928.
- Carta de Dom Jean-Baptiste Chautard á Dom Mare, Sept-Fons – Maristela, 20/12/1917.
- Mensagem, refúgio do Brasil, [s.l.: s.d.]
- Relatório de Nossa Senhora de Maristella, 1904-1927.

- Ordre dês Cisterciens Réformés – État du personnel du monastére de N.D.Maristella, 1922, 1925, 1928.
- Rayés dês controls de La communauté, [s.l.: s.d.]
- Carta do Pe. M. Sébastien Vittrant a Dom Ollitrault, abade geral, Maristela, 08/09/1927.
- Carta do Fr.Nicolas Grivl ao Abade Geral dos Trapistas, Dom Ollitrault, Tremembé-SP, 16/12/1926.
- Bilhete de Dom Chautard ao Pe. Procurador dos Trapistas, [s.l.: s.d.]
- Secretaria della Sacra Congregazione dei Religiosi. Ofício ao procurador dos Trapistas, Roma, 1 settembre 1927, n. 705/27.
- Ex Secretaria Sacrae Congretionis de Religiosis. Ofício a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Romae die 15 maji 1928.
- Carta do Fr. Entoine Giguelay au Abbé Général, Tremembé-SP, 24/12/1930.
- Ofício da Sagrada Congregação dos Religiosos ao Procurador da Ordem dos Trapistas, Roma, 26/07/1921. n. 3783/21.
- Ofício da Sagrada Congregação dos religiosos ao Procurador da Ordem Trapista, Roma, 16/07/1923. n. 378/21.
- Ofício da Secretaria da Sagrada Congregação dos Religiosos ao Procurador Geral dos Trapistas, Roma, 22/08/1922. n. 3783/22.
- Carta de Fr. Nicolas Grivel a Dom Ollitrault, Tremembé-SP, 16/08/1926.
- Resumo do Conselho do dia 08 de agosto de 1912, sobre os princípios de nosso apostolado no Brasil – Consequências desses princípios.
- Carta de visita de Maristela para o ano de 1925, [s.l.: s.d.]
- Carta (Sept-Fons/Maristella/Orval), Sept-fons, 16/01/1937.

#### **1.4 ARCHIVES DE ABDIJ DER TRAPPISTEN, WESTMALLE, BELGICA.**

Lista dos Mosteiros: Maristella (1904-1931), cartões da Orem Cisterciense da Estrita Observância.

#### **1.5 ARCHIVES DA ABBYE CISTERCIENNE NOTRE DAME-DU-LAC, OKA, CANADÁ.**

Texto n the: Our Lady of Maristella Monastery (manuscrit).

## **1.6 ARCHIVES DEHONIENNES, CURIS GENERALIS, CONGREGAZIONE SACERDOTI DEL SACRO CUORE DI GESU, ROME- ITÁLIA.**

Lettre de Fr. León Van Moorne au Dehonienne, Fély-Bélgica, 10/05/1912. Invent. n. 424.25.

## **1.7 ARQUIVO DA ABBAYE NOTRE DAME DE CHAMBARAND, França.**

- Copie de l'autorisation de Mgr. L'Eveque de S.Paulo pour l'établissement des Trappistines au Sanctuaire de Tremembé, 27/08/1907.
- Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva. Decreto de ereção canônica do Mosteiro de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus, 14/06/1910.
- Mosteiro dos Cistercienses de Nossa Senhora do Sagrado Coração. Procés verbal de La session capitulaire, Tremembé-Sp, du aout 1919.
- Autorização de Dom Agostinho Benassi, Bispo de Niterói para que as Trapistinas acitem a doação de uma chácara e construa o mosteiro, Niterói, 13/10/1921.
- Cláusula da doação feita a Associação de São Bernardo por Josephina Serpa de Fiqueiredo, Rio de Janeiro, 04/11/1921.
- Nonciature Apostolique au Brésil. Mons. Egídio Lara a Madre Jean Baptiste, Rio de Janeiro, 1/12/1926.
- Nunziatura Apostolica Del Brasil.Mons. Egídio Lara a Madre Jean Baptiste, RJ, 9/12/1926.
- Révotion de La donation faite á l'Association S. Bernard de Nova Friburgo, Nova Friburgo, 9 décembre 1928.
- Fr. M. Clement a Dom José Pereira, Bispo de Niterói, setembro de 1928.
- Carta do burgomestre de Feluy (Bélgica) ao Pe. Clement, Feluy, Le 2 décembre 1929.
- Carta do Pe. Estevão Leary a Dom Clemente José C. Isnard, 22/04/1991.
- Carta da Ir. Ercília ao Pe. Estevão a Dom Clemente José C. Isnard, 09/06/1991.
- Carta de Dom Clemente José C. Isnard ao Delegado de Polícia de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 07/06/1991.
- Carta do Pe. Estevão Leary ao Prefeito de Tremembé-SP, Campo do Tenente-PR, 12/04/1992.
- Carta da Ir. Ercília de Jesus Brandine ao Pe. Estevão Leary, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 10/06/1991.
- Carta da Ir. Marie Claire ao Pe. Félix Donanhue, Trappe de Chambarand, França, Le 17 juin 1991.

- Oficio do Prefeito de Campo do Tenente ao Prefeito de Tremembé, Campo do Tenente-PR, 12/05/1992. n. 090/92.
- Carta de Sept-Fons, França, 1903.
- Sagrada Congregação dos Religiosos. Autorização para erigir um noviciado à Maristela, 09/12/1904.

## 2. FONTES MANUSCRITAS NO BRASIL

### **2.1 ARQUIVO DA ABADIA NOSSA SENHORA DO NOVO MUNDO, CAMPO DO TENENTE-PR.**

- DIETZLER, Pe. Francisco. Crónica de Nossa Senhora do Novo Mundo, outubro de 1991.
- Carta de Dom Pedro Fedalto á Dom Matthias Schmidt, Curitiba-PR, 20/08/1976.
- Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom Matthias Schmidt, 20/08/1976. Prot. 507/76.
- Carta de Dom Matthias Schmidt a Dom John Eudes Bamberger, 04/09/1976.
- Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Matthias Schmidt, 25/09/1976.
- Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Pedro Fedalto, 13/03/1977.
- Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom John Eudes Bamberger, [s.d.], Prot. 296/77.
- Carta de Dom Matthias Schmidt a Dom Pedro Fedalto, 04/09/1976.
- Carta de Dom Pedro Fedalto á Dom Matthias Schmidt, Curitiba-Pr, 29/04/1977. Prot. 177/77.
- Carta de Dom John Eudes Bamberger a Dom Pedro Fedalto, April 4, 1977.
- Carta de Dom Pedro Fedalto a Dom John Eudes Bamberger, 20/10/1977. Prot. 559/77.
- Carta do Pe. Francisco a Dom John Eudes Bambeger, Lapa-PR, 25/10/1977.
- Ata da votação deliberativa e secreta, 19/11/1978.
- Resumen of some of the points mentioned in the dialogue Lapa, about the purchase of the property, march 6, 1978.
- Ir. Robert Kerns, Trappis in Brazil, 1995.
- Pe. Francisco Ditzler, Crónica do Mosteiro Trapense, Lapa-PR, 1980.
- Ata da votação consultiva e secreta, 18/10/1979.

- History of foundation de Nossa Senhora de Cister Lapeano, caderno de anotações referentes a fundação do Mosteiro Trapista na Lapa-PR, [s.d.] (manuscrito).
- Carta do Pe. Estêvão Leahy ao Cônego Manoel Azeredo de Brito, 12/07/1991.
- Carta do Pe. Francisco Dietzler ao Frei César de A. Bastos, Campo do Tenente-PR, 24/07/1986.
- Carta do Pe. Fr.César de O. Bastos ao Pe. Francisco Dietzler, Taubaté-SP, 24/07/1986.
- Carta do Pe.Fr. César de O. Bastos ao Pe. Francisco Dietzler, Taubaté-SP, 18/08/1986.
- Requerimento do Pe. Fr. César de O. Bastos ao Delegado da Polícia de Taubaté, 12/02/1987.
- Relação dos irmãos falecidos em Tremembé-SP, [s.d.].
- Alvará para a implantação de cemitério, Prefeitura Municipal de Campo do Tenente-PR, 29/12/1986. Reg. Livro 001, Fls. 021, n. 145/86.
- Padre Stephen Leahy, Brief History of Novo Mundo (Brazil), 1994.
- Carta da Ir. Marie Claire ao Pe. Félix Donahue, Trappe de Chambarand, França, Le 17 juin 1991.

## **2.2 ARQUIVO DA CÚRIA DIOCESANA DE TAUBATÉ-SP.**

- Lettre de Dom Jean-Baptiste Chautard a Dom Epaminonadas Nunes de Ávila e Silva, 20/02/1928.
- Lettre de Dom Jean-Baptiste Chautard a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, [s.d.].
- Lettre de Dom Jean Baptiste Chautard a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, [s.d.].
- Lettre de Dom Jean Baptiste Chautard a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, 23 Février 1921.
- Lettre de Dom Jean Baptiste Chautard a Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, 25/02/1915.
- Carta de Dom Duarte Leopoldo e Silva ao Monsenhor Antônio do Nascimento e Castro, SP, 22/08/1907.
- Carta de om Duarte Leopoldo e Silva ao Monsenhor Antônio do Nascimeno Castro, SP, 30 de outubro de 1930.
- Carta de Dom Duarte Leopoldo e Silva ao Dr. Antônio Maria, SP, 29 de julho de 1907.

- Carta de Dom Duarte Leopoldo e Silva ao Monsenhor Antônio Nascimento Castro, SP, 29/07/1907.
- Carta de Carlos Magalhães à Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Teresópolis, 6/03/1928.
- Carta de Carlos Magalhães de Azevedo a Octávio Mangabeira, Roma, 30/01/1928.
- Carta de Dom Jean Baptiste Chautard á Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, [s.l.: s.d.]
- Primeiro “Relatio de statu Diocesis Taubatensis in Brasilia”, no bispado de Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, Anno Domini MCMXIV.
- Primeiro Livro de Termos das Ordenações da Diocese de Taubaté.

### **2.3 BASÍLICA DO BOM JESUS DE TREMEMBÉ, TREMEMBÉ-SP.**

- Livro do Tombo da Paróquia do Bom Jesus de Tremembé (1917-1945).
- Livro do Tombo do Santuário do Bom Jesus de Tremembé (1917-1946).
- Livro de Registro de Batizados n. 01 (1905-1916).
- Livro de Registro de Batizados n. 02.

### **2.4 PARÓQUIA DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ, SÃO BENTO DO SAPUCAÍ-SP.**

Livro do Tombo da Matriz de São Bento do Sapucaí.

### **2.5 ARQUIVO PARTICULAR DE LAURINDO DE PAULA, TREMEMBÉ-SP.**

- Carta de Dom Jean Baptiste Chautard a um morador de Tremembé, Sept-Fons, 28/10/1925.
- Carta do Pe. Antônio Giguelay de Pádua ao Major Alexandre Patto, Tremembé-SP, s.d.
- Carta do Pe. Alexis Ducrey a um morador de Tremembé-SP, 18/06/1905.

### **2.6 ARQUIVO DA ABADIA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, SÃO PAULO-SP.**

- Catalogus Defunctorum da Ordem de São Bento, 07/01/1948, p. 130.
- Progressivo n. 2048, pasta n. 52.

- Secretaria de Segurança Pública, Sudeintendência de Segurança Política e social. Identificação de Cysbertus Gerardus Van Lier, Sorocaba-SP, 05/10/1942.

## **2.7 ARQUIVO DA ABADIA TERRITORIAL DE N.SRA DO MONSERRATE, RIO DE JANEIRO-RJ.**

- AMSB/RJ, Código 162: Dietário do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

## **2.8 ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL “DR. FÉLIX GUISARD FILHO”, DIVISÃO DE MUSEU, PATRIMÔNIO E ARQUIVO HISTÓRICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ, TAUBATÉ-SP.**

- São Paulo. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Cartório do 3 Offício. Embargo n. 11.533. Embargante Alexandre Monteiro Patto, Embargado Companhia Palmeiras Ltda, livro n. 8, 1913-1922.

## **2.9 CÂMARA MUNICIPAL DE TREMEMBÉ, TREMEMBÉ-SP.**

Atas da Câmara Municipal de Tremembé:

- Ata de 07/01/1905 a 15/01/1910.
- Ata da 38º Sessão (15 Extraordinária), 15/01/1914.
- Ata da 5ª Sessão (5 Ordinária), 01/07/1914.
- Ata da 8ª Sessão (7 Ordinária), 01/10/1914.
- Ata de 07/01/1910 a 02/01/1924.
- Ata de 02/03/1910 a 02/01/1924.
- Ata de 15/01/1924 a 28/10/1930.
- Ata de 02/08/1936 a 03/11/1937.

## **2.10 ARQUIVO METROPOLITANO “DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA”, DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO-SP.**

- Dom Duarte Leopoldo e Silva. Diário (1908-1911): Nota de 14 de maio de 1909; Nota de 06 de agosto de 1909.
- Ofício de D. Lino Deodato crianc a Caixa Auxiliadora de Redenção dos cativos, 17 de jan. 1887

**2.11. CARTÓRIO DE REGISRO DE IMÓVEIS E ANEXOS DE TAUBATÉ (MEIRIMAR BARBOSA JR.), TAUBATÉ-SP.**

- Livro 3-C (1<sup>a</sup> série) de transcrição das transmissões, às fls. 35, feita em 05 de fevereiro de 1907. Transcrição n. 3.768.
- Livro 3-A de transcrição das transmissões, às fls. 22, feita em 13 de abril de 1931. Transcrição n. 1.018.
- Livro 3-A de transcrição das transcrições, às fls. 85, feita em 29 de agosto de 1931. Transcrição n. 1.221.

**2.12 CARTÓRIO DE NOTAS, PINDAMONHABA-SP.**

- Livro de Notas n. 50, fls. 73 v-76.
- Livro de Notas n. 51, fls. 80-81- Livro de Notas n. 50 (1910-11), fls. 6 v. 9.

**2.13 Cartório do 4 Ofício do Rio de Janeiro,Tabelião Dr. Belisário Fernandes da Silva.**

- Translado da Escritura de 10.08.1921 registrado no Livro 459, folha 73.

**2.14 Arquivo do Carmelo da Santa Face e Pio XII, Tremembé-SP.**

- Livro do Tombo do Carmelo da Santa Face e Pio XII, T. IX, Tremembé-SP.

**2.15 ARQUIVO PARTICULAR DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA, TAUBATÉ-SP.**

- Carta do Pe. Félix Donahue á José Pereira da Silva, Campo do Tenente-PR, 21/11/2012.
- Carta de Dom Pedro Fedalto á José Pereira da Silva, Curitiba-PR, 05/02/1996.
- Carta de Dom Clemente Isnard á José Pereira da Silva, Rio de Janeiro, 27/12/1999.
- Peregrinação no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, centenário da chegada dos Trapistas em Tremembé-SP, Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, 22 a 24 de novembro de 2004. (Folheto).
- Bênção Abacial de Dom Bernardo Bonowitz, primeiro abade do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo, presidido por D.Lasilau Biernaski, 11/11/2008. (Folheto).
- Carta de Dom John Eudes Bamberger a José Pereira da Silva, Piffard, New York, April 04, 1996.
- E-mail: Dom Bernardo Bonowitz a José Pereira da Silva, 17/08/2013.

## **2.16 ABADIA DE NOSSA SENHORA MÃE DO DIVINO PASTOR, JEQUITIBÁ-BA.**

- Testamento de Plínio Tude de Souza, Bahia, 15/02/1936.

## **2.17 ENTREVISTAS**

MOREIRA, Francisco de Assis. Taubaté-SP, 03 de agosto de 1991.

MENS, Heitor Roberto. Taubaté-SP, 15 de março de 1994.

MENS, Edna Barros. Taubaté-SP, 15 de março de 1994.

VIEIRA, Maria Augusta de Almeida. Taubaté-SP, 02 de agosto de 1994.

CAPELLETI, Antônia Capelleti. Taubaté-SP, 02 de agosto de 1994.

RETUMBA, Pe. Emmanuel. Campo do Tenente-PR, 05 de julho de 1995.

DIETZLER, Pe. Francisco. Campo do Tenente-PR, 05 de julho de 1995.

FEDALTO, Dom Pedro Antônio Marchetti. Belo Horizonte-MG, 21 de julho de 1995.

BONOWITZ, Dom Bernardo. Campo do Tenente-PR, 15 de outubro de 2012.

## **3. FONTES IMPRESSAS**

### **3.1. ATAS**

- Actes du VIIe Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés (La Stricte Observance), VIIe Chapitre Général, 12 au 17 septembre, Quatrième Séance, 1900.
- Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés, VII Chapitre Général, du 12 au 17 septembre, Septième Séance, 1900.
- Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés ou de L'Stricte Observance, VII Chapitre Général, du 12 au 17 septembre, Huitième Séance, 1900.
- Actes du Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés, VIIe Chapitre Général, du 12 au 17 septembre, sixième séance, 1903.
- Acte du Xe Chapitre Général de L'Ordre des Cisterciens Réformés (La Strice Observance), du 12 au 18 septembre 1903, Sixième Séance.
- Acte du XIe Chapitre Général (Plénier) de L'Ordre des Cisterciens Réformés (La Stricte Observance), du 8 au 14 octobre 1904.
- Acte du Dixième Séance du Chapitre Général de L'Ordre de L'Ordre des Cisterciens Réformés (La Stricte Observance), 1911.

- Acte du Chapitre Généraux de L'Ordre dês Cisterciens da La Stricte Observance, 12 séance, 1925.
- Acte du Chapitre Généraux de L'Ordre dês Cisterciens da La Stri Observance, 8 séance, 1936.

### **3.2 LIVROS E ARTIGOS**

TRAPPISTES de Sept-Fons au Brésil. In: La Semaine Religieuse du Diocèse de Moulins, n. 06, Samedi 10 Décembre 1904.

GAFFRE, L. A. Visions du Brésil, Rio de Janeiro, Francisco Alves & Cia, Paris, Aillaud, Alves & Cia, 1912.

BURNICHON, Joseph. Le Brésil d'aujourd'hui, Paris, Librairie Académique Perrin et Cie, Libraires-Éditeurs, 1910.

REGULATIONS of the Order of Cistercians of the Strict Observance, published by the General Chapter of 1926.

### **3.3 JORNAIS**

#### **O LÁBARO**

- O Lábaro, ano I, n. 8, 27/01/1910.
- O Lábaro, ano II, n. 61, 02 de março de 1911.
- O Lábaro, 23/03/1911.
- O Lábaro, ano II, n. 66, 06/03/1911.
- O Lábaro, ano II, 09/03/1911.
- O Lábaro, ano II, n. 69, 27/04/1911.
- O Lábaro, ano II, n. 72, 18/05/1911.
- O Lábaro, ano II, n. 77, 22/06/1911.
- O Lábaro, ano II, n. 78, 29/06/1911.
- O Lábaro, n. 62, 9/03/1911.
- O Lábaro, 23/03/1911.
- O Lábaro, n. 87, 31/08/1911.
- O Lábaro, n. 133, 11/07/1912.
- O Lábaro, n. 129, 13/05/1912.
- O Lábaro, n. 135, 27/07/1912.

- O Lábaro, n. 180, 5/06/1913.
- O Lábaro, n. 236, 9/07/1914.
- O Lábaro, n. 242, 20/08/1914.
- O Lábaro, n. 391, 5/07/1917.
- O Lábaro, n. 392, 12/07/1917.
- O Lábaro, n. 445, 18/07/1918.
- O Lábaro, n. 442, 7/02/1918.
- O Lábaro, n. 484, 10/04/1919.
- O Lábaro, n. 485, 17/04/1919.
- O Lábaro, 24/04/1919.
- O Lábaro, n. 546, 17/06/1920.
- O Lábaro, n. 58, 16/05/1937.

### **JORNAL DE TAUBATÉ**

- Jornal de Taubaté, ano X, n. 1713, 23/03/1904.
- Jornal de Taubaté, ano X, n. 1714, 27/03/1904.
- Jornal de Taubaté, ano X, n. 1775, 23/05/1904.
- Jornal de Taubaté, ano X, n. 1810, 19/08/1904.
- Jornal de Taubaté, ano X, n. 1821, 14/09/1904.
- Jornal de Taubaté, 23/08/1905.
- Jornal de Taubaté, 5/12/1907.
- Jornal de Taubaté, 6/05/1908.

### **JORNAL A VERDADE**

- A Verdade, ano II, n. 58, 05/04/1904.
- A Verdade, ano II, n. 55, 14/04/1904.
- A Verdade, ano II, n. 56, 21/04/1904.
- A Verdade, ano II, n. 57, 28/04/1904.
- A Verdade, ano II, n. 63, 09/06/1904.

- A Verdade, 07/07/1904.
- A Verdade, 15/09/1904.
- A Verdade, 07/09/1904.
- A Verdade, 15/09/1904.
- A Verdade, 29/09/1904.
- A Verdade, 26/05/1905.
- A Verdade, 30/05/1905.
- A Verdade, 6/06/1905.
- A Verdade, 14/06/1905.
- A Verdade, 27/06/1905.
- A Verdade, 02/07/1905.
- A Verdade, 07/07/1905.
- A Verdade, 25/07/1905.
- A Verdade, 11/07/1905.
- A Verdade, 18/07/1905.
- A Verdade, 21/07/1905.
- A Verdade, 23/08/1905.
- A Verdade, 04/07/1905.
- A Verdade, 26/05/1906.
- A Verdade, 30/05/1906.
- A Verdade, 27/06/1906.
- A Verdade, 29/06/1906.
- A Verdade, 17/03/1909.

#### **Jornal O Norte**

- O Norte, Taubaté-SP, 22/04/1909.
- O Norte, Taubaté-SP, 15/04/1909.
- O Norte, Taubaté-SP, 22/04/1909.
- O Norte, Taubaté-SP, 11/10/1912.

- O Norte, Taubaté-SP, 26/07/1912.
- O Norte, Taubaté-SP, 23-25-26-28/02/1917.
- O Norte, Taubaté-SP, -2-4-7-9-11/03/1917.
- O Norte, Taubaté-SP, 18/05/1919.

### **Jornal A Federação**

- A Federação, Taubaté-SP, 23/08/1911.
- A Federação, Taubaté-SP, 23/08/1911.
- A Federação, Taubaté-SP, 23/05/1912.
- A Federação, Taubaté-SP, 23/10/1913.
- A Federação, Taubaté-SP, 06/11/1913.

### **O Estado de São Paulo**

- O Estado de São Paulo, 30/11/1978.
- O Estado de São Paulo, 15/03/1981.
- O Estado de São Paulo, 1/12/2004.

### **Folha de S.Paulo**

- Folha de S.Paulo, 11/06/1992.

### **O Globo**

- O Globo, 05/04/2014.

### **Diário do Estado de S.Paulo**

Diário do Estado de S.Paulo, n.188, 22/08/1907.

### **Jornal Santuário de Tremembé**

Santuário de Tremembé, 21/04/1904.

### **Correio Paulistano**

- Correio Paulistano, 08/08/1913.
- Correio Paulistano, 04/10/1919.

### **Santuário de Santa Terezinha**

- Santuário de Santa Terezinha, 07/07/1929.
- Santuário de Santa Terezinha, 29/03/1929.

### **Jornal dos Agricultores**

Jornal dos Agricultores, out. 1904.

### **Jornal de Taubaté**

- Jornal de Taubaté, 29/01/1905.
- Jornal de Taubaté, 23/08/1905.

### **C.T.I. Jornal**

- C.T.I. Jornal, 21/08/1942.

### **FOLHA DE LONDRINA**

- Folha de Londrina, Lodrina-PR, 01/07/1990.

### **BIBLIOGRAFIA**

AMARAL, Dom Emanuel Able. **Introdução à História Monástica**. Revisão de Dom Gregório Paixão, Salvador-BA: São Bento, 2006.

ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao feudalismo**. Tradução: Beatriz Sidon, São Paulo: Brasiliense, 2000.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução, comentários e Notas: Italo Eugenio Mauro, Prefácio de Otto Carpeaux, São Paulo: 34, 2009.

- ANASTACIA, A. Vida monástica y trabajo. **Cuadernos Monásticos** 23 (1972).
- ABREU, Martha et.alii (Org.). **Cultura política e leituras do passado:** historiografia e ensino de história, 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- A REGRA DE SÃO BENTO.** Latim/Português. 2. ed. Tradução e notas: Dom Evangelista Enout, Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.
- A VIDA DE SÃO PACÔMIO.** Traduzido do francês por Ainda Batista do Val. Juiz de Fora-MG: Mosteiro Santa Cruz, [s.d.].
- ALTERMATT, Albéric. **El patrimonio cisterciense;** documentos históricos, jurídicos y espirituais. Cistercium XLIV (1992): 17-72.
- ABBÉ DE RANCÉ. **Correspondance**, editio original par A.J. Kralisheimer, Citeaux, 1993.
- AUBERT, Roger. As Igrejas locais no continente. In: **Nova História da Igreja:** A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno. Tradução: Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio Castaño Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1975. 1 v.
- AUDRÁ, Arthur. **Maristela;** o convento da Trapa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- ANDRADE, José H. Fishell de. **Direito Internacional dos refugiados:** evolução histórica. São Paulo: Renovar, 1995.
- ALMANACK ILLUSTRADO**, Taubaté-SP: Editores Rabello e Comp. Taubaté, 1905.
- ARIÈS, Philippe; CHATIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada.** Da Renascença ao Século das Luzes. 2. ed. Tradução: Hildegard Fust. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 3 v.
- ACCIOLY, Hidelbrando. **Os primeiros núncios no Brasil.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- ALBERICO, Giuseppe (Coord.). **História do Concílio Vaticano II.** Tradução: João Rezende Costa. Petrópolis: Vozes, 1995. 1 v.:
- ANÔNIMO. 50 anos: **Padres Cistercienses no sertão da Bahia.** Jequitibá-BA, Mosteiro Nossa Senhora Divina Pastora, [s.d.].
- ANÔNIMO. 25 anos: **Paróquia Santa Luzia.** Macajuba-Bahia, [s.d. s.l.].
- AZZI, Riolando. **O movimento de reforma católica durante o século XIX.** REB. Petrópolis: Vozes, março de 1974. 34 v.
- \_\_\_\_\_ . **O Estado leigo e o projeto ultramontano.** São Paulo: Paulus, 1994.

BARGELLINI, Emanuele. Ser monges e monjas hoje na Igreja. In: BARBAN, Alessandro; WONG, Joseph H. (Org.). **Como água da fonte**. Tradução: Gabriel Frade. Loyola, 2009.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade; lembranças de velhos**. 3. ed. Companhia das Letras, 1994.

BONOWITZ, Dom Bernardo. **Buscando verdadeiramente a Deus**. Santo André-SP: Mensageiro de Santo Antônio, 2013.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Loyola, 1995.

BRASÓ, Dom Gabriel. **O humilde e nobre serviço do monge**. Tradução: Alceu de Amoroso Lima e suas filhas. Rio de Janeiro: Lumen Christi, [s.d.].

BARSOTI, Divo. **Monaquismo e Mística**. Tradução: Mosteiro da Santa Cruz. Juiz de Fora-MG: Subiaco, 2009.

BOEHMER, B.; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1970.

BETTENCOURT, Estevão. A Idade Média, os monges e o progresso. In: **Revista Pergunte e Responderemos**, n. 347, 1991.

BUENO, Dom Justino de Almeida. **Cadernos de História Monástica**. Juiz de Fora-MG: Mosteiro da Santa Cruz, 2003. 1 v.

BOCKMANN, Aquinata. **Perspectivas da Regra de São Bento**. Tradução do alemão por D. Mateus Rocha. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.

BIHILMEYER, K.; TUECHE, H. **História da Igreja; Idade Média**. São Paulo: Paulinas, 1964.

BOUTON, Jean de la Croix. **Histoire de l'Ordre de Citeaux**, Tirage à part des Fiches-Cisterciennes, III, Westmalle, 1968.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Tradução: Maria da Luz Veloso, Lisboa-Portugal: Edições 70, 1983.

BURNAT, J.; DUMONT, G.; WANT, H. **Le dossier Napoléon**. Paris: Marabout, 1962.

BURNICHON, Joseph. **Le Brésil d' aujourd'hui**. Paris: Librairie Académique, Perrin et Cie, Libraires-Éditeurs, 1910.

BRANDÃO, Ascânio. **Dom Epaminondas**. São Paulo: Oficinas Gráficas, Ave-Maria, 1941.

- BUTLER, Cuthbert. **Síntese Doutrinal da Regra de São Bento.** Tradução: monjas beneditinas do Mosteiro da Santa Cruz. Juiz de Fora-MG: 1998.
- BERNARDES, Joana Duarte. A história como sagesse. In: **Revista de Teoria da História**, Universidade Federal de Goiás, ano 1, n. 3, jun., 2010.
- BLÁZQUEZ, Niceto. **Filosofía de San Agustín.** Madrid: BAC, 2012.
- CALATTI, Benedetto. **Spienza Monastica; saggi di storia, spiritualità e problem monastic.** Roma: Centro Studi S. Anselmo, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Sapienza Monástica.** Roma: 1994.
- \_\_\_\_\_. **Il Primato dell'Amore, 18 anni a Servizio dei Fratelli,** Edizioni Camaldoli, 1989.
- \_\_\_\_\_. “**Spiritualità monástica**”. Vita Monastica 13 (1959).
- CISTER (1098-1998) Nono Centenário. In: **Grande Sinal.** Petrópolis: Vozes, Jul./Ago. 1998.
- CONSTITUCIONES Y ESTATUTOS.** Orden Cisterciense de la Estrecha Observancia, Edición Conferencia Española, 1991.
- CLARAVAL, S. Bernardo. **Sermões para as festas de Nossa Senhora.** Introdução, tradução e notas de Frei Ary E. Pintarelli, Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Obras Completas de San Bernardo,** Sermones Litúrgicos, Edicion Bilingue, Promovida por la Conferencia Regional Española de Abades Cistercienses, Madrid: BAC, 1968. IV v.
- CONGAR, Y. **Paul VI parle aux religieux et religieuses.** La croix, 20/08/1971.
- COMPÊNDIO DO VATICANO;** constituições, decretos, declarações. 27. ed. Introdução e índice analítico de Fr. Boaventura Kloppenburg. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CELAM. “Documentos para a presença da Igreja pós-conciliar na América Latina”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, 28 (1968).
- \_\_\_\_\_. “Problemas pastorais das missões na América Latina” (Crônica). In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, 28 (1968).
- CURTIUS, Ernst- Robert. **La littérature européenne et moyen age latin.** Tradução: Jean Bréjoux. Parigi, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Literatura Europea y Edad Media Latina.** México: Fondo de Cultura Económica, 1955. 2 v.

- COLLART, Dom Cristiano. **A sabedoria de São Bento para o nosso tempo.** São Paulo: Palavra & Prec Editora, 2007.
- CHENU, M-D. **La théologie au XII siècle.** Paris: 1957.
- COLLINS, Randall. **Weberian Socialogical Theory.** Cambridge: Cambridge Univirsity Press, 1986.
- CALI, François. **La plus grande aventure du monde.** L'architecture mystique de Citeaux, Paris: Arthaude, 1954.
- COLOMBÁS, G.M. **El monacato primitive I.** Madrid: BAC, 1974.
- \_\_\_\_\_. **La tradición benedictina, T.I:** Las raíces, Zamora: Ediciones Monte Casino, 1989.
- CASSIANO. **Conferências 1 a 7.** Tradução do latim Ainda Batista do Val. Juiz de Fora-MG: Edições Subiaco, 2011. 1 v.
- CHAUTARD, Dom Jean Baptiste. **Les Cisterciens Trappites;** L'ame Cistercienne, Dompierre-sur- Besbre (Allier), Abbaye de Sept-Fons, 1931.
- \_\_\_\_\_. **A alma de todo apostolado.** Anápolis-GO, Serviço de Animação Eucarística Mariana, 2003.
- CONGREGAÇÃO BENEDITINA DO BRASIL. Constituições. 2. ed. **Revista Lumen Christi**, 1994.
- CITEAUX: **Documents Primitifs.** Texte latin et traduction Française, introduction et bibliographie Frère François de Place, traduction Frère Gabriel Ghilain e Frère Jean-Christophe, Citeaux, commentarii cistercienses, 1998.
- CHEREL, Albert. **Rancé.** Paris: Flammarion, 1930.
- CLEMENTE, Manuel. **Os Papas do século XX.** São Paulo: Paulus, 2004.
- CONCILIUM/221: **Igreja e Revolução Francesa.** Petrópolis: Vozes, 1989.
- CHOLVY, G.; HILAIRE, Y. M. **Histoire de la France Contemporaine (1800-1880).** Toulouse, Privat, 1985.
- CARVALHO, Vitorino C. **Tremembé.** São José dos Campos-SP: Gráfica São Dimas, [s.d.].
- CUBA, Paulo. A cultura do arroz no Valle do Parahyba. In: **O Valle do Parahyba; aspectos agrícolas.** Editado pela Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da agricultura, Indústria e Commercio, São Paulo, 1940.
- CANTALAMESSA, Fr. Raniero. Escuta! O que diz o Espírito à Igreja? In: **Boletim AIM.** Edição em português, Rio de Janeiro: Mosteiro de São Bento, n. 93, 2008.

- CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam.** Tradução: Maria Manuela Rocha, revisão técnica José Manuel Sobral. Oeiras: Celta, 1993.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, André Luiz Vieiro de. **A República do Picapau Amarelo:** Uma leitura de Monteiro Lobato, São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia.** Coimbra: Quarteto, 2001.
- CÎTEAUX, **rédaction Abbaye de Cîteaux.** Strasbourg: Editions du Signe, [s.d.].
- CONGAR, Y, MARC, Henri de. Abbé de Clairvaux, cardinal évêque d'Albano e légat pontifical. In: **Analecta Monástica, Studia Anselmiana** 43, Roma, 1958.
- CANTEUIL, Henri de. **Primeira fundação Cisterciense no Brasil.** São Paulo: 1965 (datilografado).
- CODINA, Víctor; ZEVALLOS, Noé. **Vida Religiosa:** História e Teologia. 2. ed. T. IX, Tradução:Jaime Casen. Petrópolis: Vozes, 1990.
- DICIONÁRIO DE MÍSTICA.** Dirigido por L. Borrielo et. al. Tradução: Benôn Lemos et. alii, São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.
- DICIONÁRIO MARIANO,** CAZELLES, H. et. alii. Tradução: Dr. Antônio Vieira. Porto: Editorial Perpétuo Socorro; Aparecida-SP: Santuário, 1988.
- DEKKER, R. M. Ego Documents in the Netherlands 1500-1814. In: **Dutch crossing.** A Journal of low countries studie, n. 39, 1989.
- DRISCOLL, Jeremy. **La formación monastic actual en diálogo con la tradición.** Cuadernos Monásticos, Buenos Aires: 122 (1997): 261. DUBOIS, Abbé. Histoire de l'abbé de Rancé et de as reformes. Paris, 1869.
- DUBY, Georges. **O tempo das catedrais.** Lisboa: Estampa, 1979.
- \_\_\_\_\_. **São Bernardo e a arte cisterciense.** Tradução: Roberto Lea. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo.** Lisboa: Estampa, 1982.
- DANIEL-ROPS, Henri. **História da Igreja de Cristo.** Tradução: Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1993. 3 v.
- DALMAN, Bernabé. **Léxico de Espiritualidad Benedictina.** Zamora: Ediciones Monte Casino, 1995.
- DIMIER, Anselme; PORCHER, Jean. **L'Art Cistercien.** 3. ed. Zodiaque: 1983.

- DUMONT, Charles. **Humanisme et rusticité, L'intention et la pratique des premiers cisterciens.** Citeaux 31 (1980).
- DESEILLE, Placide. **Principios de espiritualidad monástica.** Burgos-Espanha: Monasterio de la Huelgas, 1978.
- DUÉ, Andrea. **Atlas histórico do cristianismo.** Texto de Juan Maria Laboa, Tradução: Teco Montanhese et. al. Aparecida-SP: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1999.
- DE PLACE, François. **Pour une meilleure connaissance des origines de citeaux:** à écol de nos primiers Pères. Collectanea OCR (1986).
- DESEILLE, E. "Théologie de la vie monastique selon Saint Bernard". In: **Théologie de la vie monastique**, Aubier, 1961.
- DUBOIS, Marie-Gérard. La branche masculine. In: **Collectanea Cisterciensia**. 1981. 43 v.
- DECLARAÇÃO** do Capítulo Geral de 1969 acerca da vida cisterciense.
- DIRECTOIRE SPIRITUEL** a l'usage des Cisterciens Réformé ou de La Stricte Observance, seconde édition conforme au nouveau droit canonique, Bricquebec, Abbaye de Notre-Dame de Grace, 1931.
- DEHON, Léon. **Mille lieues Sud dans l'Amérique du Sud**, Brésil, Uruguai, Argentine, Éditeurs Pontificaux, Paris, [s.d.].
- DUFFY, Eanon. **Santos & Pecadores:** história dos Papas. Tradução: Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naif Edições Ltda, 1998.
- ENDRES, Dom José Lohr. **A Ordem de São Bento no Brasil quando Província (1582-1827)**, Salvador-BA: Beneitina Ltda, [s.d.].
- ENOUT, Dom João Evangelista. **São Bento e a profissão de monge.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1990.
- EBERT, A. **Histoire general de La littérature du moyen age em Occident.** Trad. J. Aymere e J. Condamin. Parigi, 1883-9. 3 v.
- ESTATUTO de unidade y pluralismo.** Normas y condiciones de aplicación, [s.l.: s.d.].
- EGAS, Egenio. **Galeria dos Presidentes de São Paulo:** período Republicano (1920-1924) e vice-Presidentes. São Paulo: Publicação Oficial do Estado de São Paulo, 1927. III v.
- FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério;** ensaio de mariologia simbólico-narrativa. Tradução: Benôni Lemos; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1991.

- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **A memória social:** novas perspectivas sobre o passado, Lisboa: 1994.
- FINLEY, Moses. **Uso e abuso da história.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FRACHEBOUD, André. **Espiritualidade Cisterciense.** Viaceli: Có-Breces, 1970.
- FRANCA, Pe. Leonal. **Noções de História da Filosofia.** 22. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- FRANCE, James. **The cistercians in Medieval Art, Kalamazoo, Cistercian Publications, 1988.**
- FESTUGIÉRE, A.J. **Les moines d'Orient.** Paris: Cerf, 1961.
- F.B.P. (Un Trappiste de Sept-Fons). **La Trappe,** Origine, Eprit, Organisation atuelle de la reforme de l'Abbé de Rancé, Paris: 1870.
- FÉLIX, Minucius. **Trapa da Maristela.** Correio de Taubaté, n. 348, 07/07/1929.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social;** novas perspectivas sobre o passado. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.
- GERON, Charles-Robert (Org.). **Le lieux de mémoire.** Paris: Galimard, 1984. 2 v.
- GUISARD FILHO, Félix. **Trappa de Maristella.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1930. 28 v.
- GOWLAND, Eduardo. **A tonalidade mariana da espiritualidade cisterciense.** Simpósio Cister Hoje e Amanhã, São José do Rio Pardo-SP, 25 a 30 de julho de 1999.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica.** Tradução: Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- GARGANO, Guido I. **Do nascer ao pôr-do-sol:** iniciação à liturgia das Horas e à Lectio Divina. Tradução: Sérgio Raupp. São Paulo: Paulinas, 1995.
- GRÜN, Anselm. **No ritmo dos monges;** convivência com o tempo um bem valioso. 3. ed. Tradução: Fredrico Stein. São Paulo: Paulinas, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Orar e Trabalhar,** 6 ed. Tradução: Carlos A. Pereira. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Bento de Núrsia:** sua mensagem hoje. Tradução: Inês Antonia Lohbauer. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2006.
- GRAF, Dom Tomaz. **Vida Beneditina.** Rio de Janeiro: Empresa ABC Ltda, 1937.

- GRÉGORIE, P. Chr. **Orval au fil des siècles, Deuxième partie:** Épanouissement, destruction, relèvement, Bélgica, Éditions Abbaye d'Orval, 1992. 2 v.
- GUIGO II, o cartuxo et.al. **Lectio Divina:** ontem e hoje. 2. ed. Juiz de Fora-MG: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.
- GOUREVITCH, A. J. **Les catégories de La culture médiévale.** Paris: Gallimard, 1983.
- GILSON, Etiénne. **A filosofia Medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GILBERT, Paul. **Introdução à Teologia Medieval.** Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.
- GOODELL, Henry H. “**The influence of the monks in agriculture**”. Discurso pronunciado diante do Massachusetts State Board of Agriculture, 23/08/1901. In: The Goodell Papers University of Massachusetts.
- GIMPEL, Jean. **The Medieval Machine: The Industrial Revolution of the middle ages,** New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A revolução industrial na Idade Média.** Madrid, 1978.
- GAILLARDIN, G. **Les Trappistes au L'Ordre de Citeaux au XIX siècle, Histoire de La Trappe.** Paris, 1844.
- GUISARD FILHO, Félix. A Trapa de Maristela. In: **Notícia Bibliográfica e Histórica**, n.132, out./dez. 1988.
- GRINGS, Dom Dadeus. **Dialética da Vida Consagrada.** Aparecida-SP: Santuário, 1994.
- GRANATO, Lourenço. **O arroz.** São Paulo: Typografia Levi, 1914.
- GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura.** Tradução: Luís Carlos Borges e Marcos Marcionilo. São Paulo: edições Loyola, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. 11. ed. DP&A, 2006.
- HOBSBAWN, Eric J.; RANGER, Terence O. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.
- HUTTON, Patrick H. **The art of memory. Journal of the history of ideas**, n. 3, july/sep. 1987. 68 v.

HERWEGEN, Dom Ildefonso. **Sentido e Espírito da Regra de São Bento.** Tradução: monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1953.

HERRERA, P. Lorenzo. **Historia de La Orden de Cister**, t.IV. Burgos-Espanha: Monasterio de Las Huegas, 1971.

**HISTOIRE DES TRAPPISTES du Val-Sante-Marie**, Namur, F.J. Doux-fils, Imprimeur-Livraire, 1841.

HUYSEN, Andréas. **Seduzido pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOORNAET, Eduardo et.alii (Org). **História da Igreja no Brasil**, t.II/2. 3. ed. São Paulo, Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1983.

ISMAEL, J. C. Thomas Merton; **o apóstolo da compaixão.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Sinopse Estatística do município de Tremembé, subsídios para o estudo da evolução política, alguns resultados estatísticos – 1945, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [s.d.].

JOHNSON, Dom Martinho. **Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo.** Instituto Histórico e Geográfico de S.Paulo, 1977.

JEAUNEAU, Édouard. **A filosofia Medieval.** Tradução: João Afonso dos Santos. Lisboa-Portugal: Edições 70, [s.d.].

JONGMANS, J. A reforma da congregação beneditina do Brasil (1890-1910). In: **A vida religiosa no Brasil:** enfoques históricos, São Paulo: Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. **A restauração da congregação beneditina do Brasil:** o papel de Dom Gerard Von Calon (1895-1907). Tradução: Madyr Salles Penteado, memória apresentada para obtenção de grau de licenciado em História da Igreja dos tempos modernos na Universidade Católica de Louvain em 1972.

KALA, Thomas. **Meditações sobre os ícones.** Tradução: Bárbara Theoto Lambert, São Paulo: Paulus, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patricia Mass, Carlos A. Pereira. Revisão da tradução César Benjamin, Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

KEATING, Thomas. **Intimidade com Deus.** Tradução: Barbara T. Lambert. São Paulo: Paulus, 1999.

- \_\_\_\_\_. **Frutos e dons do Espírito.** Tradução: Claudete C. Chad. São Paulo: Santuário, 2010.
- KERVINGANT, M. T. **Des moniales face a La Révolution Française;** aux origines des cisterciennes – Trappistines, Paris, Beauchesne, 1989.
- KRUGER, Kristina. **The New Ordens of the 12th century.** The cisercians. In: Monasteries and Monastic Ordens: 2000 year Christian Art and culture, Edited by Ralf Toman, H.F. Ullmann, 2008.
- KRAILSHEIMER, A. J. **Arman Jean de Rancé; abbot of la Trappe.** His influence in the cloister and the wold, Oxford: clarendan Press, 1974.
- \_\_\_\_\_. **La Reforme de Rancé:** La Trappe comme modèle. In: Naissance et fonctionnement des réseaux monastique et canoniaux. Actes du premier colloque internacional du C.E.R.C.O.M. Saint Etienne, 16-18 septembre 1985. Publications Université Jean Monnet: Saint Etienne, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Rancé and the Trappist legacy.** Michigan (USA), Kalamazoo, 1985.
- KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem:** a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LAS BÁRCENAS, Alberto Gomez de. **Devoción mariana de La Orden Cisterciense. Cistercium,** XVI (1964).
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einandi,** 1. Memória – História, 1984. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_. **L'Imaginaire Médiéval:** essais, Paris: Galimard, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Memória e História.** Campinas-SP: Unicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A civilização do Ocidente Medieval.** Lisboa: Estampa, 1983. 2 v.
- \_\_\_\_\_. **Os intelectuais na Idade Média.** 3. ed. Tradução: Maria Júlia, revisão técnica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista.** O Globo, sábado, 05/04/2014.
- LEITE, Aureliano. **Subsídios para a História da Civilização Paulista.** São Paulo: Saraiva , 1954.
- LOUF, Andre. **Exégese scientifique ou “Lectio” monastique.** Collectanea Cisterciensia 22 (1960): 225-247.
- LEKAI, Louis J. **I Cisterensi; ideali e realtà, traduzione dal texte inglese:** Suor Emanuela Strola dell'Abbazia Trappista di Vitorchiano, revisione: Curran Laurene

Michael e Goffredo Viti, aggiornamenti bibliografici: Goffredo Viti, Ferenze-Itália: Emmesse Grafic, 1989.

\_\_\_\_\_. **Los cistercienses**; ideales y realidad. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

\_\_\_\_\_. **The rise of the Cistercian Strict Observance in Seventeenth Century France**. Washington: The Catholic University of America Press, 1968.

LA TORRE, Juan Maria de. **Guilherme de Saint-Thierry**; um formador de creyentes. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1993.

LUDDY, A. **San Bernardo**. El siglo XII de La Europa Cristiana, Madrid: 1963.

LECLERCQ, Jean. **Objetivo de los fundadores de La Orden de Cister**. Cistercium XXII (1970): 164-195, 284-298.

\_\_\_\_\_. Les intentions des fondateurs de L' Ordre Cistercien. In: **Collectanea Cisterciensia**, t.30 (1968): 233-271.

LIMONGI, J. Papaterra. **O trabalhador nacional**; relatório de uma visita ao estabelecimento agrícola dos Trappistas em Tremembé, Departamento Estadual do Trabalho (seccção de informações). São Paulo: Typ. Brasil de Rothschild & C., 1916. Avulso n. 5.

LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. A Trappa de Tremembé. In: **Revista do Brasil**, n. 28, abril de 1918.

\_\_\_\_\_. **A barca de Gleyre**, 1.t., São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Urupês**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro; história de uma ideologia**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

LAJOLO, Marisa. "Jeca Tatu em três tempos". In: SCWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LECLERCQ, Jean. **Predicare nel medievo**, Milano: Jaca Book, 2001.

\_\_\_\_\_. "Introduction à quelques études sur St. Bernard". Collectanea Cisterciensia, XXXVI, 1974.

\_\_\_\_\_. **Bernard de Clairvaux**. Paris: Declée, 1989.

\_\_\_\_\_. **S. Bernardo e o Espírito Cisterciense**. Tradução da edição italiana por Tarcísio do Nascimento Teixeira, Composição e impressão Gráfica A cidade de São João. São João da Boa Vista-SP, [s.d.].

- \_\_\_\_\_. La joie dans de Rancé. In: **Collectanea Cisterciensia**, III (1963): 206-215.
- LIMA, Roberto Guião de Souza (Org.). **Fazenda Três Poços:** do café à Universidade. Volta Redonda-RJ: FOA, 2007.
- LEFÉVRE, J. A. La véritable Carta Caritatis. In: **Collectanea Ordinis Cisterciensium Reformatorum**, t.16 (1954): 5-29.
- LUNA, D. Joaquim G. **Os monges Beneditinos no Brasil; esboço histórico.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.
- LATREILLE, A. **L'Eglise Catholique et La Révolution**, t.I: 1775-1799, et t.II: 1800-1815, Paris, 1970.
- LONG, Roberto G. O Vale do Médio Paraíba. **Revista Brasileira de Geografia**, ano XV, n. 3, jul. /set.1953.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens.** Tradução de Rubens Figueiredo et.alii. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MALUF, M. **Ruídos da memória.** São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARÍAS, Aguilera, J. **Uma vida presente.** Memórias, I, Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- MERTON, Thomas. **Encontro com Cristo na Trapa.** Tradução: Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo. Campo do Tenente-PR, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Vida contemplativa em La Trapa.** Adaptado por las comunidades Trapenses da América Latina, Argentina, Monasterio Ntra Sra de los Angees, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **A montanha dos sete patamares.** Tradução: José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Mérito, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Águas de Siloé.** Tradução: Oscar Mendes. Belo Horizonte-MG: Itatiaia, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **Amor e Vida.** Tradução: Margarida Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A vida silenciosa.** Tradução: religiosas da Companhia da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1960.
- \_\_\_\_\_. **Merton na Intimidade:** sua vida em seus diários, (editores, Patrick Hart e Jonathan Montaldo). Tradução: Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Fisus, 2001.
- MEDELLÍN. II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio.** 7. ed. Petrópoles: 1980.

- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina**, II/1. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2000.
- MUNDÓ, A. “**Las reglas monásticas latinas Del siglo VI y La Lectio Divina**. Studia Monastica 9 (1967).
- MASOLIVER, Alejandro. **Historia Del monacato Cristiano**. Madrid: Ediciones Encuentro, 1994. 3 v.
- \_\_\_\_\_. **San Bernardo**; El hombre de La Iglesia Del siglo XII, Madrid, 1990.
- \_\_\_\_\_. Roberto, Alberico y Estevan Hardina: les origines de Cister. In: **Studia Monastica**, t. 26 (1984): 275-307.
- MATUS, T. **Alle origini di Camaldoli**; San Romualdo e cinque fratelli, Camaldoli: Camaldoli, 1996.
- MURRAY, Bruno. **As Ordens Monásticas e Religiosas**. Tradução: Pilar Delvaulx. Portugal: Publicações Europa-América, 1986.
- MARTELET, Bernardo. **Dom Chautard**; abbé de Sept-Fons, nouvelle édition, Paris: Médiaspaul, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Itinéraire spirituel de Dom Chautard**. Abbé de Sept-Fons: Éditions Saint-Paul, 1967.
- MARCONDES, José Vicente de Freitas. **As colônias agrícolas e os italianos no Vale do Paraíba**. Revista de Problemas Brasileiros, ano XVIII, n. 195, jan. 1981.
- MÜLLER, Nice Lecocq. **O fato urbano na Bacia do Rio Paraíba**. São Paulo: IBGE, 1969.
- MENDES, Carlos. A importância da cultura do arroz; a mecanização e o cultivo intensivo com o auxílio da irrigação. In: **O Vale do Parahyba; aspectos agrícolas**. São Paulo, Editado pela Directoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio, 1940.
- MORGADO, Duarte Nuno. **Arquitectura, espiritualidad, estética, Teología**. Paulus, 2013.
- MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: Reflexões provisórias. **Revista de Ciência Humana**. Florianópolis: EDUFSC, n.30, out. 2001.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, 1993.
- NORTON, B. **Identity and language learning**: gender, ethnicity and educational change, London: Pearson Education, 2000.

- NOUWEN, Henri J. M. **The Genesee Diary:** report from a Trappist Monastery, New York: Imago Books, 1981.
- NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: **A Nova História.** Lisboa: Edições 70.
- NADA ANTEPOR AO AMOR DE CRISTO.** Diretório Espiritual dos Monges e Monjas da Congregação Brasileira da Ordem Cisterciense. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.
- OS CISTERCIENSES:** documentos primitivos, introdução e bibliografia Ir. François de Place, Tradução brasileira Irineu Guimarães. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1997.
- O'CONNOR, John B. **Monasticism and civilization.** New York: PJ Kennedy & Sons, 1921.
- OLIVEIRA, Bernardo. **Sol en La noche:** misterio y mística Cristiana desde uma experiência monástica, Burgos-Espanha: Editorial Monte Cramelo, 2001.
- PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra.** São Paulo: Loyola, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. **A arte no cristianismo:** fundamento, linguagem, espaço. São Paulo: Paulus, 2010.
- PEIFFER, C. J. **Espiritualidad Monastica.** Traducido por M. Ballamo, Zamora-Espanha: Ediciones Monte Casino, 1976.
- PUEBLA, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina,** documento final. 2. ed. Vozes, 1979.
- PINT, Mère Virginia. *La Branche Féminine. Collectanea Cisterciensia*, 1981: 401-406. 43 v.
- PRADO, Dom Lorenço de Almeida. **São Bento, o eterno no tempo.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1994.
- PAPA BENTO XVI. **Discurso ao mundo da cultura.** College des Bernardins, Paris: 12/09/2008.
- PASCUAL, Augusto. **O compromisso cristão do monge.** Tradução: Mosteiro da Virgem. Petrópolis: COIMBRA, 1994.
- PADRÓN, Héctor Jorge. **El sentido de lo cotidiano em La experiência del monacato medieval.** Cuadernos Monásticos, Buenos Aires, 165 (2008): 181-202.
- PAULO VI. **Carta Apóstolica "Pacis Nuntius",** 24/10/1964.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média.** Tradução: Carlos Montenegro Miguel. Portugal: Publicações Europa-América, [s.d.].

PAPINI, Giovanni. **A vida de Santo Agostinho.** Tradução: Godofredo Rangel. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

PANIKKAR, Raimon. **Elogio de La sencillez;** El arquétipo universal del monje. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993.

PENCO, G. "San Bernardo, El último de los Padres Monásticos". In: **Cuadernos Monásticos 94 (1990).**

**POR UM CARTUJO.** Maestro Bruno; Padre de monjes, Madrid: Editorial Católico, BAC, 1980.

PASIN, José Luiz. A revolução sócio-econômica do Vale do Paraíba num período de trezentos anos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, 1974. LXXXI v.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba:** ontem e hoje: Valley yesterday, and today. Rio de Janeiro: AC& M – Assessoria de Comunicação e Marketing, 1988.

\_\_\_\_\_. Formação História e cultural do Vale do Paraíba. In: **Jornal O Lince**, Aparecida-SP, 20/06/2010.

ROCHA, Mateus Ramalho. **O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (1590-1990).** Rio de Janeiro: Studio HMF, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François (et. al.). Campinas-SP: Unicamp, 2007.

ROBERTS, Augustín. **Vida Monástica; elementos básicos.** Tradução: monjas Beneditinas do Mosteiro da Virgem. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.

REVISTA Jesus Vive. **Entrevista com Dom Bernardo Bonowitz**, [s.d.].

RIVAS, Fernando. La ratio studiorum y La teología monástica. **Cuadernos Monásticos**, Buenos Aires: 164 (2008): 11-32.

ROPS, HENRI-Daniel. **A Igreja dos tempos bárbaros.** São Paulo: Quadrante, 1991. 2 v.

**REGRA DO MESTRE.** Tradução: mosteiro de Nossa Senhora das Graças, Impresso em off-set pelas monjas Beneditinas do Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora-MG, [s.d.].

RAYMOND, P. Giuseppe. **Orden Cisterciense, Edicion y traducción por los monasteries cistercienses de Chile.** Chile: Imprenta Salesianas, 1998.

ROCHA, Dom Paulo et.alii. **400 anos do Mosteiro de São Bento da Bahia.** São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1982.

RICHÉ, Pierre. **Vida de São Bernardo.** Tradução: Attilio Cancion. São Paulo: Loyola, 1991.

ROBERT, Augustin. Presencia Cisterciense em América Latina. In: **Cuadernos Monásticos:** Flórida-Argentina, n. 52-53, 1980: 11-19.

ROGIER, L. J.; BERTIER, G. de Sauvigny. Século das Luzes, Revoluções, Restaurações (1715-1848). In: **Nova História da Igreja.** Tradução: Leonardo P. Smeele. Petrópolis: Vozes, 1971. IV v.

ROCHA, Fr. Mateus. **Projeto de vida radical.** Petrópolis: Vozes, 1977.

RAYMOND, M. **Incienso Quemado;** La saga de Citeaux (Epoca Americana), Segunda Edicion. Traducción al español por Felipe Ximenez de Sandoval, Madrid: Stvdium Ediciones, 1950.

RODRIGUES, Júlio. **Dom Duarte Leopoldo e Silva,** Arcebispo de São Paulo. São Paulo: Instituto D.Anna, 1929.

SENDLER, Egon. **L'icona; immagine dell'invisible.** Roma: Paoline, 1984.

\_\_\_\_\_. **Icônes byzantines de Le Mère de Dieu,** 1992.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodem world.** Edinburg: University Press, 1996.

SILVA, Francisco F. da. **A profissão dos conselhos evangélicos.** São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, José Pereira da. O centenário da chegada dos primeiros monges Trapistas no Brasil (1904-2004). In: Redes: **Revista Capixaba de Filosofia e Teologia.** Vitória-ES, n. 2, jan./jun. 2004.

**SPIRITUALITÉ CISTERCIENNE;** histoire et doctrine, Paris: Beauchene Éditeur, 1998.

SANTOS, Pe. Luís Alberto Ruas. **Vacare Deo, soli Deo, o que significam para nós hoje?** Simpósio Citser Hoje e Amanhã, São José do Rio do Rio Pardo-SP, 25 a 30 de julho de 1999.

STANLEY, D. Sugerencias para un enfoque de la lectio divina. **Cuadernos monásticos** 38 (1976).

SIMON, A. Teología Monástica: La recepción y el debate em torno a um concepto innovador (I) y (II).In: **Studia Monastic** 44 (2002), 313-371 45 (2003), 189-233.

SANTOS, Pe. Luís Alberto Ruas. **Os cistercienses; uma espiritualidade abrangente e criativa.** Itatinga-SP: Abadia de Nossa Senhora da Assunção de Hardehausen, 1988.

\_\_\_\_\_. **Um monge que se impôs a seu tempo:** pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi do Mosteiro de São Bento, 2001.

SANTO ATANÁSIO. **Vida e conduta de Santo Antanásio.** Tradução: Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHUSTER, Cardeal A. Ildefonso. **História de São Bento e de seu tempo.** Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1994.

SOARES, José Carlos de Macedo. "Fontes da Igreja Católica no Brasil". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, jul./set. 1953-54. 220 v.

SÃO BASÍLIO MAGNO. **As Regras Monásticas.** Tradução: Ir. Hidegardis Pasch e Ir. Helena Nagem Assad. Petrópolis: Vozes, 1983.

SÃO PEDRO DAMIÃO. **A vida de São Romualdo.** Tradução: Dom Estêvão Pierantoni. Edições Camáldoli, 1988.

**SÃO BERNARDO DE CLARAVAL e os Cistercienses.** Homenagem dos Mosteiros Cistercienses do Brasil no Novo Centenário de São Bernardo (1090-1990), [s.l.], 1990.

STORK, Dom Estevam. **Sermões Cistercienses.** Campinas-SP: Millennium, 2004.

SAYAD, A. **A imigração ou o paradoxo das alteridades.** São Paulo: EDUSP, 1998.

**SAINT JOSEPH'S ABBEY a brief History**, [s.l., s.d.].

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado:** cultura da memória queimada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOUZA, Ney (Org.). **Catolicismo em São Paulo;** 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004). São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHMITT, Pe. José Francisco. **Dehonianos no sul do Brasil:** 100 anos de presença e missão (1903-2003). São Paulo: Centro Dehoniano de Comunicação, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Conventinho de Taubaté:** História dos Dehonianos no Vale do Paraíba (1919-1997). São Paulo: Centro Dehoniano de Comunicação, 1997.

TAUNAY, Afonso de E. **Historia Antiga da Abadia de São Paulo**, [s.l.], 1927.

- THOMAS, Robert. **Mystiques Cisterciens**. Paris: Edt. O.E.I.L. Col. Pain de Citeaux, Nouvelle série.
- TREMÉMBÉ. In: **Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. São Paulo, 1912.
- USPENSKIJ, Leonid. **La teologia dell'icona; storia e iconografia**, Milano: La Casa di Matriona, 1995.
- UN TRAPPISTE DE SEPT-FONS**. La Trappe; origine, esprit, organisation actuelle de La reforme de l' abbé de Rancé, Paris: Librairie Ambroise Bray, 1870.
- UN MOINE**. Dom Jean-Baptiste Chautard; abbé de Sept-Fons, Dompierre-sur-Besbre, Abbaye de Sept-Fons, 1938.
- VARAZZE, acopo. **Legenda Aurea**: Vida dos Santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VAZ, Robert-Serrou-Pierre. **La Trapa**: lugar de silêncio, de oración y de paz. Madrid: Studium, 1961.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. **O livro dos fragmentos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- VANDENBROUCKE, F. La lectio divina Del siglo XI al XIX. **Cuadernos Monásticos** 73 (1985).
- VERGER, J. **As Universidades na Idade Média**. São Paulo: Unesp, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru-SP: EDUC, 1999.
- VAUTHIER, A.C. Breychia. **Citeaux précurseur de l' organisation internationale, em Mélanges Saint-Bernard**. Dijon, 1953.
- VAN BATH, B. H. Slecher. **História agrária da Europa Ocidental (500-1850)**. Tradução do original neerlandês por L. Crespo Fabião. Lisboa: Presença, 1984.
- VICENTE, Lampérez y Romca. **Historia de La arquitectura cristiniana Española em La Edad Media**, según el estudio de los elementos y los monumentos. Madrid, 1909. II v.
- VAUCHEZ, A. **La spiritualité du Moyen Age Occidental**. Paris: PUF, 1975.
- VAN DAMME, Jean-Baptiste. **Os três fundadores de Cister**. Tradução promonuscripto do mosteiro Trapista de Santa Maria de Marana-tha, Portugal: Abadia de Nossa Senhora da Assunção de Hardehausen, Italinga-SP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Les trois fondateurs de Citeaux, Chambarand.** 1966. (Pain de Citeaux, 29).

WOODS Jr., Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**, 3. ed. Tradução: Élcio Carillo, revisão de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**; a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.

## ANEXOS

### A – O Mosteiro de Maristella

22

O MOSTEIRO DE MARISTELLA

*sa*

Refletindo sobre a nova vida em Cristo, São Paulo diz a todos que são filhos: “Honra teu pai e tua mãe – e este é o primeiro mandamento que vem acompanhado de uma promessa – a fim de que sejas feliz e tenhas longa vida sobre a terra” (Ef 6,2-3). Toda esta peregrinação que estamos fazendo nestes dias pode ser considerada como a nossa obediência a este mandamento e nossa esperança de conseguir a realização desta promessa.

Ontem, em Aparecida, honramos nossa mãe, Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Não seria possível prestar mais honra a ela do que prestamos, quando consagramos toda a nossa vida a ela, tanto como indivíduos, quanto como comunidade. Colocamos tudo em suas mãos; fizemos dela a despenseira de todos os nossos bens. Fica agora a critério dela determinar o uso de nossos talentos, a canalização de nossas energias, a aplicação dos méritos de nossas orações e boas obras.

Declaramos também que é dela que aguardamos a força de que precisamos para manter-nos perseverantes, a intercessão da qual necessitamos para tornar-nos agradáveis a Deus, o amor que é indispensável para cumprir a nossa missão contemplativa na Igreja. Afirmamos que é nela, mãe do belo amor, em quem repousamos a nossa confiança. Portanto, acho que Nossa Senhora não pode

encontrar nenhum motivo de queixa. Foi devidamente honrada. E quem sabe se ela, rainha da humildade, ainda não está meditando em seu coração, dizendo: quem sou eu para que os meus filhos trapistas tenham vindo de tão longe para me visitar?

Hoje, antes de retomar o caminho rumo ao mosteiro, queremos honrar o nosso pai – o mosteiro de Maristella – primeiro mosteiro trapista em terras brasileiras. Nós nos sentimos honrados por poder participar nas celebrações do centenário da fundação desta comunidade. Temos uma boa noção dos labores e sacrifícios e contribuições destes trapistas pioneiros que vieram da França para São Paulo, instruídos como somos pela erudição e entusiasmo de nosso amigo, Prof. José Pereira. Então, estamos aqui para acrescentar nossa homenagem e gratidão às de tantas outras pessoas este ano, à coragem e generosidade destes fundadores, cujos restos mortais temos conosco, pela graça de Deus, em nosso cemitério. Intuímos, sem poder compreender, que toda a história do mosteiro de Maristella era necessária para o nascimento de nosso mosteiro de Novo Mundo, que esta comunidade exerceu uma paternidade misteriosa na geração da nossa, que nós somos a posteridade daqueles homens heróicos que penavam e rezavam e aparentemente fracassaram na hora da sua volta à Europa. Mas não fracassaram. Deixaram a boa semente da vocação trapista no solo de São Paulo, e, pela providência de Deus (e quem sabe, de algum passarinho), esta semente foi trazida ao Paraná e lá brotou: vinte e cinco vezes agora, e, quem sabe no futuro, sessenta, ou até cem vezes?

Honramos – e agora desejamos o cumprimento da promessa: “a fim de que sejas feliz e tenhas vida longa sobre a terra”. Este é o nosso pedido comunitário. Cada um de nós, nestes últimos meses, tem passado tempo em oração e meditação, pensando na graça que a gente queria pedir a Nossa Senhora em sua casa de Aparecida. Existe ao mesmo tempo um desejo comunitário, do qual São Paulo nos lembra agora – de viver feliz e renovar a nossa vida, prorrogar a nossa vida pela entrada e incorporação de novos irmãos. Desejamos viver na alegria da fidelidade e numa fidelidade alegre – uma vida monástica séria e graciosa, grave e leve, santa e humana. E desejamos que este projeto em que estamos empenhados atualmente não pare conosco, mas vá, vá, vá para a frente, vá embora. Pensamos nos primeiros cistercienses que possuíam esta alegria da fidelidade e cuja única preocupação era ver assegurada a continuidade desta forma tão especial de vida cristã – continuidade na forma de novas vocações, continuidade esta feita realidade pela entrada em Cister de São Bernardo e seus trinta companheiros.

Há um paradoxo profundo relativo à fecundidade humana que é o seguinte: para gerar filhos, é preciso olhar primeiro não para frente, mas para trás. Muitas vezes um casal permanece estéril por muito tempo, porque o marido e a mulher ainda não se reconciliaram com seus próprios pais. Vivem brigados, um com o pai dele, outra com a mãe dela, e mesmo assim, nutrem uma esperança sem fundo de poder dar vida a uma nova geração. Mas a vida é um rio, e quando há uma represa entre pais e filhos adul-

tos, não é de se esperar, que estes filhos iriam estender o fluxo deste rio para a próxima geração. Para poder dar a vida, temos primeiro que recebê-la plenamente... E não apenas física, mas afetiva e interpessoalmente. O marido tem que estar em paz com seus pais para virar pai, a esposa com seus pais para sentir em seu ventre o pontapé da nova vida que proclama que ela será mãe.

Ei-nos aqui, Mãe Aparecida e Pai Maristella. Queremos o que vocês querem. Vós quereis ser avós – este é o bem-aventurado destino de todos os pais, e nós queremos ser pais – de uma multidão (para falar extravagantemente) tão grande como as estrelas do céu ou os grãos da areia na praia do mar. Viemos para pedir vossa bênção, pois sabemos que a bênção dos pais é a fecundidade dos filhos. Abençoados pela Santa Mãe de Deus e por nossos antepassados trapistas (que ainda vivem – todos vivem em Deus), podemos voltar à casa em paz. E a vós nós bendizemos também:

“Que vejas os filhos de vossos filhos, todos os dias de vossa vida. Paz sobre Israel”. Amém.

*Missa na Basílica de Bom Jesus - Tremembé/SP*

*23 de Novembro de 2004*

BONOWITZ, Dom Bernardo. **Na presença de seu povo reunido.** Juiz de Fora: Subiaco, 2006, p. 115-119.

**ANEXO B - Trappistes de Sept-Fons au Brésil, *La Semaine Religieuse du Diocèse de Moulins.***

12<sup>e</sup> année      Samedi 10 Décembre 1904      N° 6

# LA SEMAINE RELIGIEUSE

DU

## DIOCÈSE DE MOULINS

---

**SOMMAIRE :**

Lettre de S. Em. le Cardinal Merry del Val à Monseigneur l'Évêque.

CHRONIQUE DIOCÉSAINE : Adoration du Saint-Sacrement. — Cathédrale. — Confrérie de Notre-Dame du Travail. — Trappistes de Sept-Fons au Brésil. — La Congrégation des Rites. — Œuvre de Saint-François de Sales.

CHRONIQUE GÉNÉRALE : Le Congrès marial. — L'Exposition mariale. — Diocèses voisins : Nevers, Bourges. — Judicieuses réflexions d'un journaliste libre-penseur. — Expulsion de Religieuses. — Bons exemples à suivre. — Dernière heure.

**CHRONIQUE DIOCÉSAINE**

*Trappistes de Sept-Fons au Brésil.* — Dans son numéro du 20 août, la *Semaine* annonçait le départ pour le Brésil, sous la conduite du R. P. Nivard, de quatorze pères et frères Trappistes de l'Abbaye de Sept-Fons.

M. le Supérieur du Grand Séminaire vient de recevoir du P. Nivard une longue et intéressante lettre qu'il veut bien nous communiquer et dont nous sommes heureux de publier de larges extraits :

« Grâce à Dieu, nous avons eu une heureuse traversée. Partis de Sept-Fons le 17 août, de Bordeaux le 19, nous arrivions le 12 septembre à Rio de Janeiro. Nous étions seuls passagers sur le *Bosphore*. Le même jour, partait de Bordeaux un autre navire, le *Magellan*, avec 6 ou 700 passagers.

Ce dernier est arrivé à Rio les premiers jours de septembre, il est vrai, mais quelle tranquillité pour nous. Nous avions des cabines de première, étions 2 par cabine, alors qu'on est quelquefois 6 ou 7 dans la même. Nous prenions nos repas seuls, les officiers du bord dans la même salle, mais après nous. Durant toute la traversée, nous avons fait en commun nos pieux exercices : oraisons, lectures, offices... Les prêtres, (nous étions 4), ont pu célébrer chaque jour. C'était en quelque sorte un petit monastère ambulant.

Deux dimanches, à 9 heures, nous avons eu la grand'messe sur le pont, et, s'il vous plaît, grand'messe chantée avec nos livres liturgiques et accompagnement d'harmonium. Le commandant (protestant) s'y tenait avec la piété d'un religieux. Le docteur du bord, encore jeune et élevé par une mère très pieuse, était à ses côtés. Ils ont été l'un et l'autre, pendant tout le voyage, on ne peut plus charmants, ainsi que les autres officiers et tout l'équipage.

Chaque soir, nous chantions le *Salve* sur le pont, l'*Ave maris stella*, etc... — Notre navire s'est arrêté seulement à Pasajes (Espagne), à Porto et à Lisbonne (Portugal). De Lisbonne, nous sommes allés droit sur Rio de Janeiro. — A Pasajes, c'était un dimanche, nous avons dit notre messe chez les Pères Dominicains français qui ont quitté Biarritz, il y a quelques temps. Ils nous ont reçus avec une cordialité sans égale.

A Porto, nous sommes restés sur le navire. Il n'était pas prudent de pénétrer en ville. De même à Lisbonne.

Entre Pasajes et Lisbonne, nous avons vu des marsouins, des mouettes, des exocets... Les marsouins sont des gros poissons d'un à deux mètres, ayant une forte arête sur le dos. Il paraît que la vue d'un navire les met en gaieté. Ils arrivent par bandes et font par deux, trois ou quatre, des bonds d'un mètre au-dessus de l'eau. Ils suivent ainsi le bateau pendant quelque temps, luttant avec lui de vitesse, mais en vain ; quand ils se voient

## — 88 —

distancés, ils bondissent à nouveau comme des gamins qui veulent se faire voir et disparaissent. Mais d'autres bandes les remplacent à la grande joie des passagers que le moindre spectacle de ce genre distrait et amuse en la solitude de l'Océan. — Les mouettes, également, rôdent autour du navire et lui font escorte.

Les *mouettes* sont des oiseaux qui tiennent du pigeon, de l'épervier et du canard : du pigeon par la forme de leur corps, de l'épervier par leurs ailes et leur vol; du canard parce qu'ils sont aquatiques. Il y en a dans tous les ports des bandes innombrables. Un de ces oiseaux, fatigué sans doute, est venu s'abattre un jour sur une des bâches du navire ; un mousse étant parvenu à la saisir, nous avons pu le contempler à l'aise. Le lendemain, je demandai au mousse s'il l'avait trouvé bon, il me répondit : Oh ! je l'ai jeté à la mer, il était trop coriace.

On voit aussi souvent à quelques pas du navire des poissons volants, appelés *exocets*, qui voltigent en troupe, s'élèvent parfois de plusieurs mètres au-dessus de l'eau, parcourant dans l'air des espaces de 100 à 200 mètres, et replongent au bout d'une minute dans l'élément liquide. C'est merveille de voir ces myriades de singuliers poissons voler à l'aide de leurs grandes nageoires, dont les écailles projettent autant de paillettes argentées sur l'Océan. — Parfois aussi, à la tombée de la nuit, notre navire qui mesurait environ 120 mètres de long, laissait derrière lui un long sillage de feu. C'est ce qu'on appelle les phosphorescences de la mer. C'est vraiment merveilleux. Les flots sont d'argent, semés de paillettes éblouissantes. Sur les flancs du navire et partout où l'onde est agitée par le passage du géant, se produit le ravissant phénomène.

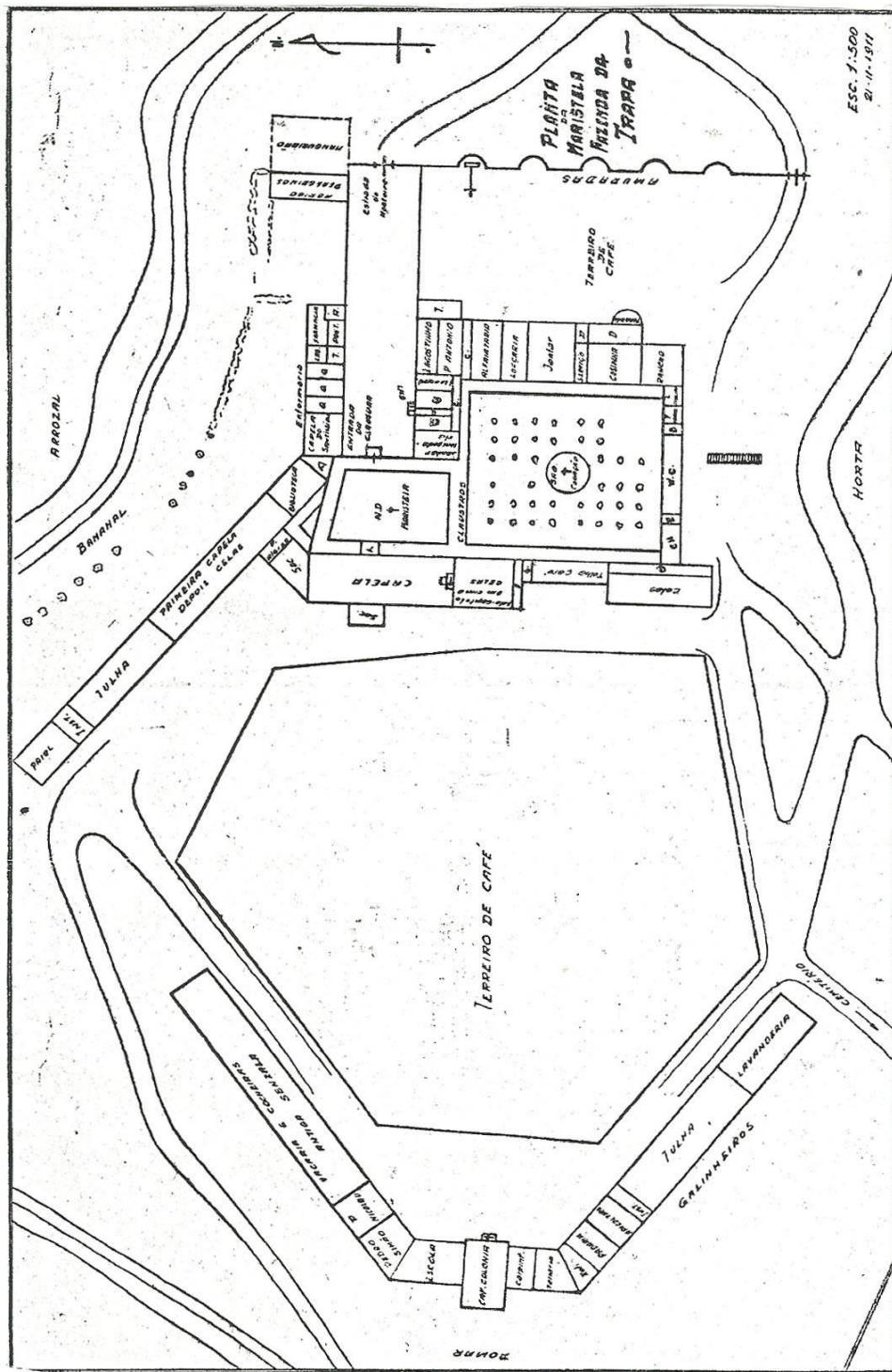
En arrivant à Lisbonne, on aperçoit le lit du Tage qui forme une vaste rade de 16 kilomètres de long sur 8 de large. La ville, bâtie sur plusieurs collines très abruptes, étale, le long de la rive droite, ses blanches et coquettes maisons, ses 70 belles églises et ses superbes monuments. Ici, c'est la basilique patriarcale de Sainte Marie Majeure, dont on attribue la fondation à l'empereur Constantin. Là, le château de Cuitra, résidence du roi de Portugal ; plus loin, la superbe église de Sainte Marie de Béthléem, ainsi que son cloître, bâti en 1500, sur l'emplacement de la petite chapelle où Vasco de Gama et 6 hardis navigateurs passèrent en prière la nuit qui précéda leur départ pour la découverte des Indes. Lisbonne a environ 300.000 habitants.

Entre Lisbonne et Rio, c'est-à-dire en face de Pernambuco et Bahia (ex-capitale du Brésil), nous avons aperçu, même très près du bateau, des baleines et des souffleurs. Ces derniers sont plus petits que les baleines et ne lancent, après avoir absorbé d'autres poissons, (car vous n'ignorez pas que les gros mangent les petits), qu'un jet d'eau, tandis que les baleines laissent échapper comme deux jets d'eau. C'est admirable de voir cela. Je n'ai pas vu de requins mais plusieurs d'entre nous en ont vu.

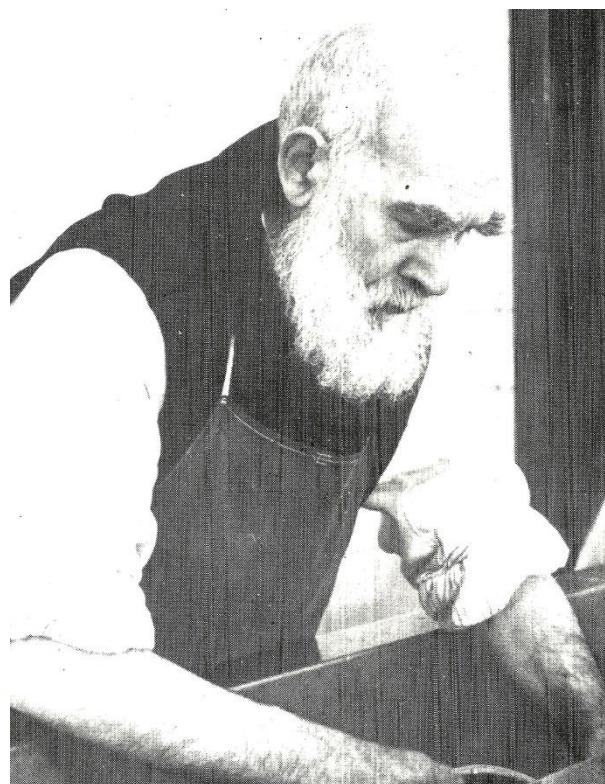
Enfin, le 12 septembre, vers 7 heures du matin, nous entrions dans la baie de Rio.

Nous publierons dans notre prochain numéro la fin de cette intéressante lettre.

### ANEXO C - Planta do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela

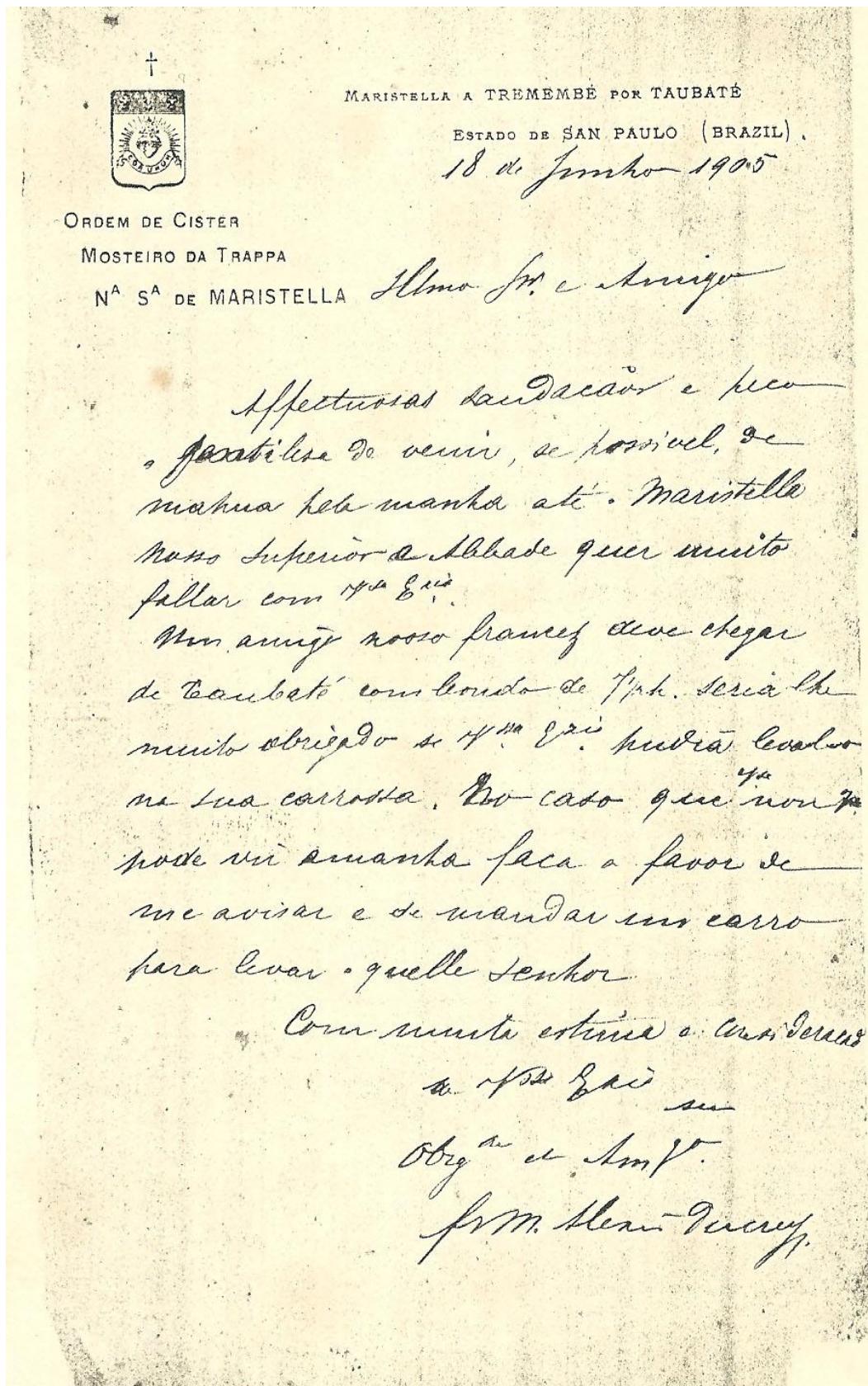


Planta do Mosteiro Nossa Senhora de Maristela de 21.11.1911. Fonte: arquivo da Abadia de Nostre Dame de Sept-Fons

**ANEXO D - Padre Emmanuel Retumba e irmão Luiz Afonso.**

À esquerda, padre Emmanuel Retumba, primeiro monge brasileiro a fazer profissão monástica solene no Brasil, no mosteiro Nossa Senhora Novo Mundo. Falecido em 29 de janeiro de 2014, no mosteiro de Port du Salut na França. À direita, irmão Luiz Afonso, nascido em Portugal. Ingressou no mosteiro de Maristela em 1926, transferido ao mosteiro de Orval em 1928. Falecido em 1986. Foi o último monge do mosteiro Maristela a falecer.

**ANEXO E - Carta do Padre Alex Ducrey a um amigo de Tremembé.**



Carta do Padre Alex Ducrey a um amigo de Tremembé, de 18 de junho de 1905.

**ANEXO F – Hino de Tremembé****HINO DE TREMEMBÉ**

Autores: Hélio de Souza Moraes/ Odair Ribeiro das Neves Filho

Do belo pôr-do-sol da Mantiqueira  
Manuel Costa Cabral se encantou  
Da mata imaginou uma bandeira  
E a nossa Tremembé ele fundou...

Oh! Tremembé dos Trapistas  
Tua história nos conduz  
A um passado de conquistas  
Terra do Senhor Bom Jesus...

Tens campos se cobriram de dourado  
Nas mãos que semearam arrozais  
A ordem dos Trapistas no passado  
Semente que não morrerá jamais...  
Estr.

Um nobre rio tens beijando os pés  
Murmurando feito mil madrigais  
Em tributo a ti, minha Tremembé  
Passarinhos gorjeiam em corais...

Estr.

Tuas igrejas de sinos tangentes  
De sonoros chamamentos de paz.  
O labor e a fé de tua gente  
Te engrandece e muito orgulho nos traz...  
Estr.

(O Hino de Tremembé, Lei Municipal n. 2.825 de 21 de novembro de 2.002, faz referência aos Trapistas).

## **ANEXO G - Constitución *In suprema del Papa Alejandro***

### **Constitución *In suprema del Papa Alejandro VII, 19 de abril de 1666.* (Extractos)**

*Traducción tomada, con pequeños retoques, de L. HERRERA: Historia de la Orden de Císter, Vol. VI. Las Huelgas, Burgos, 1995. pp. 400-429*

Artículo 12: “los visitadores provinciales de la Común Observancia (...) serán nombrados no sólo de entre los monjes ‘experimentados’ de la Común Observancia, sino también, si lo juzgare conveniente, de entre los monjes de la Estrecha Observancia o de la Abstinencia, de los que podrá aconsejarse y ayudarse para poner por obra la presente reforma.”

Artículo 31: “[a los postulantes] los recibirán los visitadores provinciales y el maestro de novicios; y si, examinados se les reconoce idóneos, se les dará el hábito y se les probará, educándoseles en la Común Observancia, de modo que, a excepción de la abstinencia de carnes, sepan que an de observar de por vida todos los capítulos de la Santa Regla tal como aquí se exponen.”

Artículo 35: “En adelante, no se elegirá como Abad General de la Orden cisterciense a quien no sea de modo expreso profeso de la Orden, y la elección que no se ajuste a esta norma será de hecho nula, y los que hicieron tal elección, quedarán sin más privados para siempre de voz activa y pasiva (...) Se evitarán en las elecciones las intrigas y envidias, y según los cánones se harán por escrutinio entre los que de las dos Observancias gozan de voz pasiva, a no ser que haya algún impedimento.”

Artículo 39: “Para que en adelante se viva bajo una Regla, en una caridad y con costumbres semejantes en todas partes, y para que todos los religiosos de ambos sexos de la Orden sepan en qué consiste la Estrecha Observancia, (excepción hecha de la abstinencia de carnes), hágase una breve y clara compilación y puesta en vigor, de todas las constituciones apostólicas y estatutos que no estén revocados por un uso en contrario o por alguna otra razón (...)”

Artículo 40: ... “Por lo cual por *motu proprio*, con conocimiento cierto y madura deliberación y con la plenitud de la potestad Apostólica, aprobamos y ratificamos el tenor de los precedentes artículos de reforma en todo y por todo, y les añadimos vigor perpetuo e inviolable y en toda la Orden cisterciense, tanto en el reino de Francia como en los otros reinos y provincias; mandamos que todos los religiosos sean de la Común o de la Estrecha Observancia, los observen firme e inviolablemente, bajo las penas señaladas en la Regla.”

Artículo 47: “...no pretendemos causar ningún perjuicio a los monasterios de monjes reformados y de la Estrecha Observancia que hay en el reino de Francia (...) Nuestro deseo es que la Estrecha Observancia fomente su laudable modo de vida, y para su conservación e incremento le dedicamos graciosa y favorablemente una parte de nuestro oficio pastoral. Por tanto, advertimos y exhortamos vivamente al abad de Císter y a los cuatro primeros abades, y en virtud de santa obediencia les mandamos, no sólo proteger a la Estrecha Observancia y autorizarla con solícita caridad, sino también procurar con todas sus fuerzas difundirla y propagarla, para que, con la bendición del Señor, produzca cada día frutos más abundantes en la Iglesia militante.”

## **ANEXO H - Declaración sobre la vida cisterciense.**

### **Declaración sobre la vida cisterciense**

#### **Capítulo General 1969**

Como monjes cistercienses, deseamos sinceramente volver a interpretar para nuestro tiempo las tradiciones que nuestros Padres nos legaron, ya que nos encontramos ante una diversidad de tendencias que caracteriza la presente situación de la Orden. Y a veces se podría incluso temer que alguna de estas tendencias lleguen a ser un obstáculo para la renovación y sana evolución de la Orden.

Por otra parte, cuando aparecieron estas dificultades al principio de este Capítulo de «*aggiornamento*», sentimos una profunda comunión en la experiencia vivencial de los valores espirituales que nos son comunes. Por eso estamos convencidos de que los trabajos de este Capítulo serán tanto más constructivos cuanto más nos esforcemos en desarrollar esta comunión y la confianza mutua que ella nos inspira.

Y lo haremos reconociendo lo que realmente nos une en el Espíritu y no pretendiendo imponer la unidad mediante una legislación que determinara las observancias en sus mínimos detalles. Estos, en efecto pueden ser reglamentados por cada comunidad, atendiendo a la necesidades locales y en conformidad con las directrices del Capítulo General, manteniendo siempre nuestra orientación puramente contemplativa.

Estamos persuadidos de que las mejores leyes son las que nacen al compás de la vida y la interpretan. Nosotros queremos reconocer esta vida, ante todo, en la experiencia concreta de nuestra vocación cisterciense.

Nuestro deseo es hacer más explícito el contenido de esta experiencia de la que todos nosotros participamos. Pensamos que de esta manera promoveremos lo mejor posible los valores que la inspiran. Por eso estamos obligados a hacer la declaración siguiente acerca de nuestro género de vida.

Siguiendo a los primeros Padres de la Orden, vemos en la Regla de San Benito la interpretación concreta del Evangelio para nosotros. Impregnada del sentimiento de la trascendencia divina nuestra vida está enteramente orientada hacia la experiencia del Dios vivo.

Llamados por Dios, le respondemos buscándole verdaderamente en el seguimiento de Cristo, por la humildad y la obediencia. Purificado el corazón por su Palabra, por las vigilias, los ayunos y por una incesante conversión de vida, nos preparamos para recibir del Espíritu el don de la oración pura y continua.

Esta búsqueda de Dios anima toda nuestra jornada, que se distribuye entre el Opus Dei, la Lectio divina y el trabajo manual. La tónica general de nuestra vida cisterciense es la sencillez y la austerioridad, verdaderamente pobre y penitente, «en el gozo del Espíritu Santo».

Mediante la hospitalidad puede la comunidad compartir con los demás el fruto de su contemplación y de su trabajo.

Pretendemos vivir buscando a Dios bajo una Regla y un Abad, en una comunidad de caridad plenamente responsable, en la que nos incardinamos por la estabilidad. La comunidad vive en un clima de silencio y de separación del mundo que favorece y expresa su apertura a Dios en la contemplación, a ejemplo de María, «que guardaba y consideraba en su corazón los misterios».

A través de nuestra vida entera deseamos responsabilizarnos con la misión que la Iglesia nos confía: «dar claramente testimonio de la mansión que espera todo hombre en los cielos y mantener vivo en medio de la familia humana el deseo de esta mansión . . . rindiendo testimonio a la majestad y al amor de Dios y también a la fraternidad de todos los hombres en Cristo». [www.ocso.org](http://www.ocso.org)

ANEXO I - Produtos produzidos pelos Trapistas no Mosteiro Nossa Senhora de Maristela.

